

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

Gabriela DeLuca

**“Você só tatua?”
A trajetória profissional no campo da tatuagem**

**Porto Alegre
2015**

Gabriela DeLuca

**“Você só tatua?”
A trajetória profissional no campo da tatuagem**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Sidinei Rocha de Oliveira

**Porto Alegre
2015**

CIP - Catalogação na Publicação

DeLuca, Gabriela

"Você só tatua?": A trajetória profissional no campo da tatuagem / Gabriela DeLuca. -- 2015.
187 f.

Orientador: Sidinei Rocha de Oliveira.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Interacionismo Simbólico. 2. Tatuagem. 3. Carreira. 4. Narrativa. 5. Profissão. I. Rocha de Oliveira, Sidinei, orient. II. Título.

Gabriela DeLuca

**“Você só tatua?”
A trajetória profissional no campo da tatuagem**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Sidinei Rocha de Oliveira

Conceito final:
Aprovada em: de de 2015

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Lúcia Barbosa de Oliveira

Prof. Dr. Luz Alex Silva Saraiva

Profa. Dra. Neusa Rolita Cavedon

Orientador: Prof. Dr. Sidinei Rocha de Oliveira

AGRADECIMENTOS

Se eu pudesse, agradeceria ao mundo todo. Fazendo isso, no entanto, corro o risco de deixar muita gente de fora – e ser prolixa.

Acima de tudo: ao meu pai e à minha mãe. Quem conhece sabe que não há palavras que descrevam seu apoio incondicional às filhas. Gratidão.

Ao meu companheiro, Anderson, que com paciência, amor e inteligência é um verdadeiro parceiro, caminhando ao meu lado e dialogando a vida, com tanta delicadeza.

Ao meu orientador e amigo, Sidinei, que me permitiu abrir as asas e voar, de modo que eu pudesse traçar meu próprio caminho.

A professoras e professores que, sem saber, me servem como exemplos a seguir, em especial à Professora Neusa Rolita Cavedon, uma pesquisadora sublime e artista revelada, ao Professor Luiz Alex Silva Saraiva, sincero crítico e construtor de ideias e à Professora Lúcia Barbosa de Oliveira, que dedicou tempo e reflexão a este trabalho.

À minha parceira de mesas intelectuais e boêmias, Carol, que me instigou e ajudou a ver o que eu não via.

A um dos presentes mais caros que o mestrado me deu, o grupo de amigas que serviu para transformar as lágrimas em sorrisos, a solidão em jantares e a ansiedade em paz. Obrigada às minhas amigas já mestres: Sá, Daya, Ceci e Fê.

Às pessoas que fizeram parte dessa jornada, que talvez sem saber também me orientaram, em especial à Sil, Camilla e Pedro.

Ao GINEIT, grupo de pesquisa com pessoas tão sinceras e parceiras, principalmente no momento de desespero, bem conhecido por quem passa por uma dissertação. Em especial, agradeço à Dani, Bibi, Vanessa, Aline, Camila, Val, Lisi e Sid.

Ao CNPq e à Escola de Administração que contribuíram estruturalmente e institucionalmente para este trabalho.

Ao incrível grupo de bibliotecárias da Escola de Administração, que sempre me receberam com tanta prontidão para pedidos de material bibliográfico e de ajuda.

À equipe técnica da Escola, em especial Dejanira e Gustavo, que servem de exemplo com o bom humor e hospitalidade em meio às tempestades.

Ao Heráclito e toda a sua equipe, que tornaram-se amig@s, além da Nicole e Marcel, que me indicaram para entrar nesse mundo encantador.

RESUMO

A temática “tatuagens” tem sido explorada em diferentes campos do conhecimento, a partir de diferentes quadros teóricos e metodológicos, porém deixando a atividade “tatuar”, seja como ofício, ocupação ou profissão, aparentemente negligenciada. Nesse sentido, a partir de uma imersão de 19 meses em um estúdio de tatuagens em Porto Alegre, sul do Brasil, o trabalho de quem tatua emergiu como um campo empírico rico para observar e analisar atividades aparentemente desviantes, já que, apesar de uma parcela da sociedade não perceber o “tatuar” como profissão, as pessoas que tatuam têm clareza sobre seu *status* profissional. Nesse cenário as fronteiras da Administração e da Gestão de Pessoas emergiram e salientaram a importância em compreender, mais especificamente, como essas pessoas desempenham e desenvolvem suas vivências nessa atividade, orientadas, ou não, por uma vontade em serem reconhecidas pelos(as) outros(as) como profissionais. Por isso, o conceito central observado não foi o de Profissão, mas sim o de Carreira. Entendendo-a como uma ponte analítica entre indivíduo e instituição, a partir de Everett Hughes, sociólogo da Escola de Chicago, é através da compreensão da carreira das pessoas que tatuam que foi possível compreender como elas vivem, entendem e lidam com uma profissão, aparentemente, em formação. Assim, o problema de pesquisa apontado é o seguinte: **como a pessoa que tatua vivencia sua carreira?** Esse problema contempla a busca por compreender como a pessoa vive e narra sua carreira, focando nos elementos de sua ocupação, compreendida como ainda não objetivamente institucionalizada, mas subjetivamente estabelecida, explorando os *status* e papéis sociais que elas vivem, os pontos de inflexão que negociam e os elementos que as fazem entender sua ocupação como profissão. Assim, a carreira, ainda que contemple todos aspectos da vida, será enfocada analiticamente no aspecto profissional, pois a especificidade analítica é voltada à atividade laboral de quem fala. Isto se deve à inserção deste trabalho na área de Gestão de Pessoas da Administração, apontando como interesse a compreensão de carreiras e profissões aparentemente diferentes do *status quo*, de modo que possa gerar reflexões e inspirações para a área. Para responde-la, realizei uma pesquisa de caráter qualitativo e exploratório, orientada pelo método de História de Vida, contemplando Narrativas, as quais foram utilizadas tanto para a coleta como para a análise e apresentação da trajetória. Além delas, também foram utilizadas como fontes de informação as visitas a campo, convenções, pesquisas bibliográficas específicas e redes sociais e de notícias na internet. Como resultados, parece que a pessoa que tatua vivencia sua carreira entendendo sua ocupação como profissão, determinando elementos, ao longo do percurso de vida, que comprovam a sua atividade como profissional; que há etapas pelas quais deve passar, bem como *status*, papéis e instituições; que passa por conflitos e dilemas frequentes durante a carreira e por um mercado de trabalho característico, que podem influenciar, também, na forma em *zig zag* que ela acaba se delineando. Em suma, parece formar-se uma “carreira padrão”, devido à repetição de algumas faixas temporais e vivências. Por fim, são apresentadas perspectivas de pesquisa futuras.

Palavras-chave: Interacionismo Simbólico, Carreira, Narrativas, Tatuagem.

ABSTRACT

The topic “tattoo” have been explored in different fields of knowledge, from different theoretical and methodological frameworks, yet the activity of “tattooing”, either as craft, occupation or profession, have been, apparently, neglected. In this sense, from a immersion of 19 months at a tattoo studio in Porto Alegre, southern Brazil, the work of “tattooists” emerged as a rich empirical field to observe and analyze apparently deviant activities, since, although a portion of society realize the “tattooing” as a profession, the “tattooists” or “tattoo artists” have clarity about their professional status. In this scenario, the borders of Administration and Human Resources Management emerged and stressed the importance in understanding, more specifically, how these people play and develop their experience in this activity, oriented or not by a desire to be recognized by others as professionals. Therefore, the central concept is not Professions, but Careers. Understanding it as an analytical bridge between individual and institution, by Everett Hughes, a sociologist at the Chicago School, is through understanding the career of “tattooists” that is possible to understand they live, comprehend and deal with a profession, apparently, not established. Thus, the research problem identified is the following: **how the people who tattoos experiences their career?** This issue includes the search for understanding how a person lives and narrates his/her career, focusing on elements of the occupation, understood as not yet institutionalized objectively, but subjectively established, exploring the status and social roles which he/she lives, the turning points that are negotiated and the elements that make them understand their occupation as a profession. Thus, career, still covering all aspects of life, is analytically focused on professional aspects. This is due to the inclusion of this work in the field of Management and Personnel Management, pointing to interest the understanding of seemingly different careers and occupations of the status quo, so that it can generate ideas and inspirations for the area. To answer it, I conducted a qualitative and exploratory research, guided by the method of Life History, contemplating Narratives, which were used both for the collection and for the analysis and presentation of the path. Besides them, were also used as sources of information visits to the field, conventions, specific literature searches, readings and social networking and news on the Internet. As a result, it seems that the person who experiences the Tattoo Career understands the occupation as a profession, determining elements along the path of life, proving the activity as a professional one; that there are steps that must pass as well as status, roles and institutions; that passing by conflicts and dilemmas during the career and in a characteristic labor market, which may influence, too, in the form of *zig zag* the path ends up outlining. In short, it seems to form a “standard career” due to repetition of some temporal tracks and experiences. Finally, future research perspectives are presented.

Key words: Symbolic Interactionism, Career, Narratives, Tattoo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Quadro resumo do percurso de desenvolvimento da pesquisa.....	31
Figura 2 Estúdio por dentro: a recepção, a porta vermelha da sala de Heráclito e o aquário, ao fundo.....	33
Figura 3 Heráclito tatuando	36
Figura 4 Representação gráfica da contemplação do passado e do futuro pelo sujeito.....	89
Figura 5 Representação gráfica da trajetória da ocupação	100
Figura 6 Representação gráfica da trajetória de quem tatua.....	103
Figura 7 Representação gráfica da trajetória de quem tatua, salientando <i>status</i> , cargos, papéis e instituições	104
Figura 8 Representação gráfica dos fatores de influência nos pontos de inflexão	126
Figura 9 Rosto de um guerreiro Maori	160
Figura 10 Tatuagem de <i>suikoden</i>	161
Figura 11 Apresentação do Cap. Costentenus	162

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Pessoas entrevistadas	34
Quadro 2 Lista de convenções visitadas.....	35

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO.....	6
ABSTRACT	7
EPIGRAFE DE UM TATUADOR.....	13
1 INTRODUÇÃO: DE ONDE PARTIMOS	20
2 PERCURSO METODOLÓGICO	26
2.1 DA COLETA DE INFORMAÇÕES: ENTREVISTAS NARRATIVAS, OBSERVAÇÃO E PESQUISA.....	27
2.2 DA ANÁLISE: A ANÁLISE NARRATIVA.....	29
2.3 DA APRESENTAÇÃO: A NARRATIVA DA NARRATIVA DA NARRATIVA.....	29
3 DO CAMPO: BREVE APRESENTAÇÃO CONTEXTUAL.....	32
4 QUADRO TEÓRICO.....	37
4.1 AS PECULIARIDADES URBANAS.....	37
4.2 O INTERACIONISMO SIMBÓLICO	39
4.3 PROFISSÃO EM PROCESSO	41
4.4 A POSSIBILIDADE DO DESVIO	46
4.5 CARREIRAS.....	51
5 A NARRATIVA HISTÓRICA DE QUEM PRATICA TATUAGEM.....	58
5.1 A NARRATIVA DO TRABALHO NO TEMPO-ESPAÇO	58
5.1.1 Os últimos 20 anos	62
5.1.2 O mercado de trabalho hoje.....	69
5.2 A NARRATIVA DA CARREIRA DE QUEM TATUA.....	71
5.2.1 Engatinhando: os primeiros passos.....	71
5.2.2 Arriscar: vamos riscar?.....	74
5.2.3 Tá decidido, é ISSO que eu quero.	79
5.2.4 E agora? Agora, o negócio é negócio!.....	83
5.2.5 A maturidade da experiência	85
6 COMO QUEM TATUA VIVENCIA SUA CARREIRA PROFISSIONAL?	87
6.1 A CARREIRA PROFISSIONAL DE QUEM TATUA: ASPECTOS OBJETIVOS E SUBJETIVOS.....	88

6.1.1	O cenário espaço-temporal	91
6.1.2	Os <i>status</i> reconhecidos pela “família”	102
6.1.2.1	Tatuador(a)	105
6.1.2.2	(Tatuador(a)) Iniciante.....	105
6.1.2.3	Aprendiz	106
6.1.2.4	(Tatuador(a)) Informal.....	107
6.1.2.5	Tatuador(a) comercial.....	108
6.1.2.6	Tatuador(a) artista.....	109
6.1.2.7	Tatuador(a) mestre.....	109
6.1.3	As instituições pelas quais a pessoa passa	111
6.1.3.1	A família da tatuagem.....	111
6.1.3.2	A convenção	113
6.1.3.3	O estúdio.....	115
6.1.3.4	O mercado da tatuagem e o governo	116
6.1.3.5	A escola ou <i>workshop</i>	117
6.1.4	Os papéis sociais subjetivos	121
6.1.4.1	A criança desenhista	121
6.1.4.2	Amador(a).....	122
6.1.4.3	Tatuador(a) artesã(o)	122
6.1.4.4	Tatuador(a) empresário(a)	123
6.1.4.5	Tatuador(a) Ativista.....	124
6.1.4.6	Professor(a).....	124
6.1.4.7	Aluno(a).....	125
6.2	OS PONTOS DE INFLEXÃO: DILEMAS E CONFLITOS	125
6.2.1	O dilema da opção da ocupação	127
6.2.2	O conflito entre amadorismo e profissão.....	127
6.2.3	Conflitos e dilemas de “meio” percurso	128
6.2.4	Conflito maduro: agora é possível escolher	128
6.3	OS ELEMENTOS QUE FAZEM COMPREENDER A OCUPAÇÃO COMO PROFISSÃO.....	130
6.3.1.1	A experiência.....	133
6.3.1.2	A aprendizagem.....	134
6.3.1.3	O <i>portfolio</i>	135
6.3.1.4	A especialização da técnica da tatuagem.....	136

6.3.1.5	As premiações.....	136
6.3.1.6	A associação	137
6.3.1.7	A regulamentação sanitária	137
6.3.1.8	O reconhecimento como arte	138
7	CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	140
8	CONSIDERAÇÕES PARA O FUTURO.....	144
	REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	148
	APÊNDICE A - A ATIVIDADE DE TATUAR ONTEM E HOJE: UM APROFUNDAMENTO HISTÓRICO	156
	PRIMÓRDIOS.....	156
	A (RE)DESCOBERTA DA TATUAGEM E DA PESSOA QUE TATUA	158
	REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA: TRAÇO FINO DA MUDANÇA.....	163
	TEMPOS ATUAIS NO BRASIL.....	167
	APÊNDICE B – “VOCÊ SÓ ESTUDA?”: UMA CRÔNICA SOBRE O PERCURSO DA DISSERTAÇÃO.....	176
	APÊNDICE C – ROTEIRO PRIMEIRA ENTREVISTA.....	185
	APÊNDICE D – ROTEIRO SEGUNDA ENTREVISTA	186
	APÊNDICE E – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM ÁREA ADMINISTRATIVA.....	187

EPIGRAFE DE UM TATUADOR

e-pi-gra-fe

(grego epigrafê, -és, inscrição, título)

substantivo feminino

1. *Título, palavra ou frase que serve de tema a um assunto.*

2. *Inscrição.*

e-pi-gra-far - Conjugar

(epígrafe + -ar)

verbo transitivo

Pôr epígrafe em. = INSCREVER

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

A primeira vez que ouvi falar no Heráclito pensei diretamente no filósofo – e o vínculo é feito também por outras pessoas. O paradoxo que residia aí era instigante: Heráclito¹, o mesmo nome do filósofo que apresenta o mundo como “fluindo”, com a analogia do movimento constante de um rio, é o nome de um tatuador, que lida com um produto aparentemente estático, fixo e inscrito na pele. Com o tempo de convivência, o movimento de Heráclito foi esclarecido:

Eu queria fazer algo que marcasse, que tivesse um pouco mais de importância que um quadro. Um quadro fica na parede, às vezes a pessoa compra um quadro e depois nem olha mais. Não tem um destaque. Já na pele a pessoa todo dia vai lembrar, vai olhar pr’aquilo, as pessoas vão olhar, vão dizer “que bonita essa arte”. Um quadro meu, um quadro que eu fiz a pessoa não vai tá passeando na Europa com o meu quadro. Não vai levar ele debaixo do braço. Já a tatuagem tá na pele, tá conseguindo espalhar arte pra tudo que é lugar. (...). Da arte ir mais longe ainda. A tua arte, muito mais longe.

A reflexão exposta por Heráclito quanto ao próprio trabalho remonta ao momento em que ele optou por este caminho em detrimento do outro: ser artista. Mas veja bem: Heráclito é um artista. Aparentemente, tanto ele quanto as pessoas a sua volta o reconhecem assim – “O cara é foda”, diz um colega de trabalho, uma frase repetida ao longo dos quase dois anos que o acompanhei. Heráclito fez 34 anos em 2014, dos quais 14 foram dedicados à tatuagem. Com um estúdio nacionalmente reconhecido, conquistou prêmios em convenções e um *portfolio* repleto de trabalhos realistas, modalidade considerada rebuscada, além de ter formado uma

¹ Para maior aprofundamento sobre a filosofia de Heráclito recomendo o livro de Jonathan Barnes, “Os filósofos Pré Socráticos”, com capítulo dedicado ao filósofo de Éfeso e análise de seus fragmentos, bem como o capítulo de Ajit Nayak, “Heraclitus”, em um livro dedicado à Filosofia do Processo nos Estudos Organizacionais.

equipe também reconhecida. Por “sorte”, como ele diz, o mercado mudou muito nesse tempo também, transformando a tatuagem e quem trabalha com ela em menos marginalizada ou estigmatizada, em comparação com 20 ou 15 anos atrás, quando o mercado era mais fechado internamente e mal visto, externamente.

Heráclito atribui algumas motivações para a escolha pela tatuagem ao passado. Por um lado, a infância recordada é repleta de desenhos, praticados em casa, em grande parte em função de sua avó, que dominava a técnica. Com ela, Heráclito aprendeu a desenhar e a pintar: “eu pintava óleo e acrílico”, diz ele, sobre uma prática que desempenha desde os seis anos de idade. Além da avó, e já mais velho, o pai também surge como um instigador para este caminho, parecendo ser uma figura crucial: “meu pai me deu apoio, meu pai me apoiou nessa história. Ele que falou ‘olha, porque tu não tatua?’”.

A reflexão sobre a prática da tatuagem aconteceu ainda na adolescência, quando comprou os primeiros materiais e passou a tatuar amigos(as) em sua casa ou na casa deles(as). Era uma época em que, por ainda ser uma indústria pequena e um mercado restrito, havia peles disponibilizadas por pessoas “cobaias”, que, até pela pouca informação, não tinham tanto discernimento para julgar um bom e um mal trabalho.

Ao que parece, Heráclito sempre teve o esmero em suas atividades pela busca de fazer o melhor, fosse o que fosse. Esta postura pode tê-lo suportado nos momentos de dilemas e conflitos, que fazem a pessoa questionar suas escolhas e suas capacidades, resumido na figura do medo. Heráclito não parece ter passado por dificuldades em ultrapassá-lo. Já tendo um objetivo claro, a busca por desenvolver o melhor trabalho possível esteve sempre presente. É interessante notar isto quando ele relata a experiência como empacotador de supermercado, antes de optar pela carreira na tatuagem, descrevendo o modo com que observava e refletia sobre o trabalho, para fazer com que o(a) cliente saísse o mais satisfeito(a) e depressa – afinal, “é esse seu objetivo!”.

O que acontece, quando tu entra [trabalhando no supermercado], tu não recebe um treinamento. Tem que empacotar, é isso. Só que, automaticamente, pelo teu raciocínio só, o que tu tem que fazer? Tem que separar os alimentos... garrafas, ou qualquer coisa. A sacola tem que ter uma base, pra pessoa carregar bem – não dá pra jogar. E daí eu pensava: o que eu tenho que fazer HOJE? Bom, HOJE eu sou um empacotador, então eu tenho que ganhar tempo pra ter mais clareza, mais agilidade pra pegar a sacola, empacotar melhor, pra terminar e a pessoa pegar a sacola, bonitinho. A pessoa vai olhar e pensar, “bá”. E além disso, tinha que fazer rápido. Porque se tu fizer ágil e certo, tu vai poder ficar ali, olhando, ou então... que nem aquele mané, já fazia errado, já recebe crítica. Aí o cliente olha, a pessoa te olha atravessado. É diferente da pessoa te olhar e pensar “bá, esse cara é

bom nisso, e olha como ele é rápido e ágil”. Tu já recebe uma energia positiva. Um momento simples que tu tá recebendo uma energia positiva. Tu sabe que a pessoa vai te olhar diferente, vai pensar que tu é diferenciado.

Essa maneira de refletir sobre o trabalho e desenvolver técnicas, por conta própria, se refletiu na tatuagem. Sem internet e com a indústria fechada, era preciso buscar informação e locais onde se praticasse a técnica, de modo a observar o trabalho de outros(as). Primeiramente, a compra de revistas, que eram os meios pelos quais se disseminava os trabalhos feitos – eram sua fonte de aprendizado. Heráclito fala deste período:

Eu comprava revista e tu conseguia ver trabalho, conseguia usar referência dali. Porque tu via tatuagem muito bonita e pensava “bá, como essa pessoa fez isso? Não tem curso, não tem nada. Se ela fez eu consigo fazer”. Daí tu tinha que correr atrás pra fazer o que a pessoa fez. Pegava o rosto: ah, o cara fez esse rosto assim, sombreou desse jeito. E aí eu vou fazer o rosto e tentar fazer como o cara fez. Aí tu faz e pensa “ah eu fiz essa aqui, gostei, mas ah, posso ajeitar isso, ajustar aqui. Na próxima ajustar”. Daí ajustava. Até chegar numa técnica. Aí tu faz tantas vezes no mês... o colorido, tantas vezes o amarelo, o vermelho, o azul, que tu... guarda como um arquivo.

Esse processo de observação do trabalho alheio se repete até hoje. No entanto, observar o trabalho presencialmente parece ser mais efetivo que pela revista – ou internet, hoje. Por isso, tanto as visitas à loja quanto às convenções se tornam momentos cruciais de formação de aprendizado e de relacionamentos, principalmente no início dessa trajetória. Assim, a loja em que comprou material pela primeira vez se tornou sua fonte de aprendizado e futuro local de trabalho.

Heráclito teve as primeiras orientações “teóricas”, ou seja, de um “como” com uma explicação quanto à técnica, nas relações dentro da loja em que comprava material. As primeiras visitas à loja, que também era um estúdio de tatuagem, foram para visitar e conhecer o local, que era bem comentado no campo. Depois, tornou-se o local onde fazia a compra de material: “eu já conhecia ele [Verani] nessa época, admirava ele. O cara tatua muito. Eu tinha o endereço dele e um dia fui conhecer o estúdio né. Vou ali conhecer e tal. Aí fui uma ou duas vezes e comecei a comprar material ali”.

Começou tatuando em casa. Antes tinha revistas que facilitavam. Começou a visitar a loja, até que foi chamado para trabalhar lá. O tatuador responsável por esse lugar é encarado pelo Hera como uma referência. Um mestre, correto. O Hera, por sua vez, decidiu fazer esse trabalho, de tatuar, pela arte mesmo. Ia fazer Odonto, depois artes plásticas. Mas nada aconteceu ou o motivou suficiente para que perseguisse estes caminhos. Começou na tatuagem porque um amigo sugeriu. Sempre gostou de pintar – na verdade,

seu estilo de tatuagem é realmente parecido com uma pintura. A diferença, segundo ele, é que quadro fica em casa, diferente da pele. Com a tatuagem, a pessoa desfila na rua com a tua obra. [Excerto de Diário de Campo].

Já tendo em mente que era por este caminho que seguiria, após o declínio nas três tentativas no vestibular por Odontologia, a opção foi por buscar uma vaga em um estúdio já reconhecido. Sendo recusado neste, buscou um espaço junto à estética de uma tia. Neste momento, Heráclito já tinha trabalhos circulando no mercado, fosse na pele ou em fotografias. Depois de alguns meses nesta situação, ele recebeu uma ligação o convidando para trabalhar como atendente no estúdio que já havia procurado, para substituir as férias de quem estava contratado – tornava-se um aprendiz.

Aí um certo dia a secretária de lá [estúdio em que viria a trabalhar], sempre com um movimentão, a gurria se perdeu ali daí eu perguntei “quem sabe um dia eu dou uma mão como auxiliar... Só pra atender, cara, eu troco por experiência, não te cobro nada. Pelo aprendizado”. Daí ele “ah legal”. E eu já tava tatuando em casa nessa época. E acho que ele gostou da atitude do guri né, se oferecer a fazer qualquer coisa pra ficar com ele. Daí ele pegou meu telefone e me ligou no verão, oferecendo, e eu, “sim”.

Solteiro e sem filhos, o trabalho neste estúdio foi o período no qual Heráclito pôde fazer seus estudos. Desde a manhã até a noite, estudava desenho e tatuava, sempre reforçando a seriedade com que tratava seu trabalho. Os 10 anos em que ficou no estúdio serviram para o desenvolvimento da técnica, a disseminação de seu trabalho e nome e a formação de um amplo grupo de relacionamentos. No entanto, um acontecimento na vida pessoal o fez parar e refletir sobre o futuro novamente, motivando-o a tomar outros rumos:

Ah, isso foi o principal [a ex-mulher ter engravidado]. Um filho... a responsabilidade é muito maior né, as contas são maiores. Então eu senti a necessidade de ampliar o negócio. De trabalhar por conta e treinar mais uma equipe pra trabalhar comigo e de uma certa forma, além de gerar emprego, gera lucro também pra mim né. Eu não trabalho sozinho.

A decisão pela saída do estúdio que o acolheu não desestabilizou os laços que fez ali, como o(a) leitor(a) poderia erroneamente pressupor. Na verdade, houve outras tentativas de saída antes da definitiva:

Tentei umas três vezes sair de lá [do antigo estúdio]. Tava com muitos clientes, queria sair assim, sabe? Falei pra ele [dono do estúdio], ele deu o maior apoio, todas as vezes. Se hoje dá uma merda aqui eu peço pra voltar, não acho que será um problema. Eu saí tri limpo com ele assim. Tentei mais de uma vez sair.

Heráclito já estava em um nível de técnica que julgava passível de autonomia – ele já era um tatuador-artesão. Com sua saída, optou por ser, também, um tatuador-empresário, estabelecendo um estúdio com seu nome, em uma sala comercial no centro de Porto Alegre. Com ele, o Itamar, o Juliano e a Keka dariam vida à primeira formação da equipe – e ainda o acompanham, até hoje. Depois de um período nesta sala e a partir do aumento do movimento do estúdio, Heráclito opta, com o apoio da equipe, em mudar o estúdio para um sobrado no bairro Cidade Baixa, conhecido pela vida alternativa e boêmia na cidade – e é onde está hoje.

O seu processo de trabalho tem esmero. Ao observá-lo, pude presenciar um ritual de preparação, atenção e cuidado com os seus instrumentos de trabalho, a partir do que é demandado pelo(a) cliente:

Heráclito conversou com o cliente sobre como seria. E começou a colocar as tintas em uma vasilha com divisões para cada cor. Cada cor era procurada na gaveta, sacudida e despejada. Olhava a tatuagem, a cor, escolhia, sacudia e despejava. Foram diversas cores. O mesmo processo. Depois, testou a máquina umas sete vezes, ajustou até finalmente ficar satisfeito. Logo de início ele parece muito metódico, muito cuidadoso. [Excerto de Diário de Campo].

A responsabilidade de ter um negócio traz os bônus que Heráclito buscou: formar uma equipe com princípios com os quais acredita e a possibilidade de aumentar os rendimentos para sustentar a família. No entanto, também carrega seus ônus. Quando se é dono, há outras preocupações além do próprio trabalho, incluindo o trabalho dos outros: “ele [Heráclito] preza por um trabalho bem feito. “Tem que ser assim”, diz ele, e ressalta que os(as) outros(as) tatuadores(as) também, porque é o nome dele que tá em jogo” [Excerto Diário de Campo].

O foco no trabalho, ainda assim, permaneceu, mais nos últimos dois anos, morando em uma nova casa, estreitando as relações com o filho, após sua separação, e buscando mais pessoas para formarem uma equipe de alto reconhecimento. Assim, passou a desenvolver mais o trabalho da tatuagem, mas agora, a partir de práticas cotidianas traçadas de acordo com seu julgamento. Aos poucos, foi estabelecendo uma equipe complementar, no sentido de especialidades de trabalho: maori, escrita, *old school*, *new school*, pontilhismo, entre outras. Hoje, Heráclito tem um estúdio com uma equipe que contempla onze pessoas que buscam melhorar mais e mais seu trabalho – como um reflexo da mentalidade dele – e que também tornam-se parte da família de seu estúdio, chamando-se, mutuamente, de “tio” e “tia”, devido ao hábito do Heráclito em chamar as pessoas próximas dessa forma. O Tio Hera, no entanto,

tem se envolvido em processos administrativos que reduzem seu tempo para dedicar aos estudos, principalmente à busca pela arte.

Heráclito: Hoje eu não tenho tempo pra desenhar. Não tem tempo.

Gabriela: Mas tu sente falta?

Heráclito: Ná, na real... É que se eu não tivesse aqui... Por exemplo, se tu não tivesse aqui, com horário marcado, eu não estaria desenhando. Porque? Eu estaria dormindo, estaria fazendo... estaria na minha casa arrumando alguma coisa.. estaria saindo pra comprar os estojos... Alguma coisa eu ia fazer... Menos.. O desenho. A não ser que eu tivesse alguma coisa na tarde assim. [Heráclito]

O relato sobre o pouco tempo para dedicar ao desenho foi em Agosto de 2014. Para nossa conversa, com horário marcado, ele ficou desenhando enquanto trocávamos ideias – cena que se repetiu em outra entrevista formal. Sem saber que estava sendo gravado, devido a um pedido anterior feito por ele, Heráclito contou sobre sua vida e seus desafios atuais – entre os quais, ultrapassar a timidez com câmeras e grandes públicos. Na verdade, 2014 foi um ano de profundas mudanças, tangibilizadas na nova reforma do estúdio, que ganhou novas cores e decoração, mas subjetivamente percebidas no entendimento do Heráclito sobre o próprio trabalho e sobre a própria vida.

Hoje, Heráclito passa por desafios físicos, decorrentes de uma recente tendinite na mão direita. O vislumbre de um obstáculo destes para o trabalho faz questionar a real necessidade de regulamentação desse trabalho, que possibilitasse um auxílio governamental no caso de um desfecho trágico devido ao adoecimento, como a impossibilidade de voltar a tatuar. Além disso, buscando retomar os estudos de desenho e a reflexão criativa, que possibilite inspirações de trabalho, Heráclito tem feito viagens regulares, para isso.

Agora eu tenho uma certeza que eu preciso disso [viagens]. Há um tempo atrás eu não notava essa falta. Meu objetivo era... era focar... Acho que com o tempo mesmo... Agora eu noto, que eu preciso descansar um pouco mais, entendeu? Pra voltar pra tatuar, ter umas ideias... Porque muitas ideias acabam indo no automático. Pra sair um pouco mais tu tem que buscar novas técnicas. Às vezes só no relaxar tu já consegue pensar, sem pensar em contas, no cotidiano..

Com tudo isso, é difícil vislumbrar quais serão os próximos passos, mas talvez envolvam uma prática mais recorrente de *workshops*, os quais tem sido convidado para ministrar no último ano. Segundo ele, “eu seria um professor”. Na verdade, ele já tem sido, nestes *workshops* e nas próprias relações de mestre e aprendiz que se estabelecem em seu

estúdio, sendo encarado como fonte de referência e de instrução. Segundo seu ponto de vista, no entanto, essas funções não são de mestre, mas de um professor – se puder ser rotulado. Um “mestre”, para Heráclito, vai além do desenvolvimento de um trabalho perfeito:

Pra mim, um mestre é uma coisa muito além de ser um tatuador, de ser um artista. Um mestre é algo muito mais. Além de ser um exemplo de pessoa, ele é tudo o que engloba, entendeu. Além de ser um bom pintor, ele é uma pessoa de caráter. Isso pra mim é um mestre, é um exemplo a seguir.

Este foi o percurso de carreira de Heráclito até o momento presente. Seus dilemas e conflitos atuais são mais difíceis de serem percebidos, tanto por mim, quanto pelo próprio Heráclito. Por isso, o resumo atual que pode ser feito acerca de seu momento de vida é de amadurecimento de carreira, entendida em sua completude interacionista, fazendo-o refletir sobre sua história e seu futuro. É possível que este trabalho o tenha instigado a pensar. E é possível que este trabalho também o ajude. De qualquer modo, é um prazer conhecer o Heráclito.

1 INTRODUÇÃO: DE ONDE PARTIMOS

A pressa é um dos vícios de nossos dias. Quando a gente resolve apressar alguma coisa é porque não se interessa mais por ela e quer mudar de atividade. Eu quero chegar lá devagarinho.
Robert Pirsig

O tema “tatuagens”, compreendido como aquele que abrange o produto, o consumo e a pessoa que trabalha na criação de uma tatuagem, tem sido explorado em diferentes áreas do conhecimento, principalmente aprofundando vínculos conceituais com consumo, arte e desvio. No entanto, na área de Administração, poucos trabalhos relacionados ao tema foram encontrados, seja com a temática do consumo quanto pela da atividade de produção da tatuagem – o “tatuar”². Neste sentido, esse trabalho nasceu da imersão em um estúdio de tatuagens e dos diversos questionamentos que emergiram desse contato e dos quais não obtive³ respostas, relacionados às questões de profissão e carreira: Como a ocupação da pessoa que tatua pode ser compreendida como profissão? Como essa pessoa passa do artesanato de um ofício para a legitimidade de uma profissão? Passa de *outsider* para *insider*⁴? A formação técnica, por exemplo, de *outsiders* é institucionalizada? Como poderia ser? Quando a institucionalização de uma ocupação realmente importa? Como acontece o percurso profissional (objetivo e subjetivo) da pessoa que tatua? Quais as estratégias de reconhecimento profissional? Quais as motivações e dificuldades de inserção neste mercado de trabalho? Como se dá o desenvolvimento da carreira desses(as) trabalhadores(as)? Como acontece o progresso técnico da atividade? Quais as contingências externas para o crescimento da profissão? Estas questões desafiaram minha mente, com a recorrente lembrança de quando um tatuador do estúdio visitado falou, com inquietação, da recorrência

² Usarei o termo “tatuar” entre aspas para designar o nome da atividade da pessoa que tatua. As aspas se devem a falta de um nome objetivo para a atividade.

³ Apesar de reconhecer que este trabalho só foi possível pela colaboração de tantas outras pessoas, optei pelo uso da primeira pessoa do singular devido à utilização de dados colhidos em campo, decorrentes de observação participante, baseada em preceitos etnográficos. Como não poderia apresentá-los na primeira pessoa do plural, optei por escrever toda a dissertação da mesma forma: no singular, em primeira pessoa. Além disso, baseada no Interacionismo Simbólico, decorrente, também, do pensamento pragmatista, estou suportada pela justificativa dessa teoria para a forma de escrita deliberada (COULON, 1995).

⁴ Os termos *outsider* e *insider* são provenientes da obra de Becker (2008), sociólogo da Escola de Chicago, a respeito da sociologia do desvio e teoria da rotulação. Mantive os termos em inglês devido à sua facilidade de entendimento e compromisso com o autor. O primeiro, *outsider*, relaciona-se às(aos) desviantes e o segundo, *insider*, às(aos) estabelecidas(os), em um jogo cultural de interações. Estes conceitos serão esclarecidos no capítulo de Quadro Teórico (Capítulo 4).

em ser questionado se “só” tatuava ou se tinha outro trabalho: “Poxa, meu trabalho é tatuar!”. Embora breve, a exclamação guarda uma reflexão importante: apesar daquele(a) que pergunta não a ver como tal, aquele tatuador tinha claro que o “tatuar” era sua profissão. Foi este momento que me mostrou o “tatuar” como um campo rico para compreender as formas pelas quais a pessoa que tatua vivencia essa carreira em uma ocupação ainda pouco pesquisada e que, aparentemente, está em processo de institucionalização.

A partir daí, leituras voltadas ao tema de tatuagens, de profissões e de desvio foram realizadas. Esta investigação me levou a um entendimento sobre a carreira desta ocupação, em sentido histórico, a partir de documentos secundários⁵, conduzindo ao pensamento do Interacionismo Simbólico da Escola de Chicago e, anterior a este, o filósofo e sociólogo Georg Simmel que, refletindo sobre as formas de sociação, questionou e analisou como a sociedade é possível na modernidade (SIMMEL, 1910). De minha inquietação e a partir da busca pelas teorias advindas de Georg Simmel, deparei-me com o sociólogo de Chicago Everett Hughes. Em seu trabalho “*Men and their work*” (1958), Hughes aponta que as ocupações tendem a buscar o *status* de profissão, que é caracterizada pelas noções de licença e mandato, sendo o primeiro a autorização legal de exercer determinada função e o segundo, a obrigação legal de exercer essa função. Segundo Dubar (2005), a profissão se torna, assim, um meio de socialização, na qual se desenvolve uma filosofia, uma visão de mundo compartilhada com códigos informais de ação, de seleção, de interesses e de linguagem comum.

Nesse cenário, as fronteiras da Administração e da Gestão de Pessoas emergiram e salientaram a importância em compreender, mais especificamente, como essas pessoas desempenham e desenvolvem suas vivências nessa ocupação, orientadas, ou não, por uma vontade em serem reconhecidas pelos(as) outros(as) como profissionais. Por isso, o conceito central observado não seria o de Profissão, mas o de Carreira. Entendendo-a como uma ponte analítica entre indivíduo e instituição a partir de Hughes (1958), é por meio da compreensão da carreira das pessoas que tatuam que poderei entender como elas vivem, entendem e lidam com uma profissão, aparentemente, em formação.

A temática de carreira ainda está em desenvolvimento teórico, permeada por chamadas de trabalhos interdisciplinares (ARTHUR, 2008; CHUDZIKOWSKI; MAYRHOFER, 2011; KHAPOVA; ARTHUR, 2011; LAWRENCE, 2011), de modo a enriquecer e estabelecer seu quadro teórico e metodológico. O conceito de carreira utilizado

⁵ A retomada histórica desta ocupação e sua criação está aprofundada no Apêndice A deste trabalho. A quem interessar, a sua leitura completa, antes do Capítulo 5, enriquecerá o entendimento.

neste trabalho envolve todos os aspectos da trajetória de vida da pessoa, para além do seu emprego ou ocupação, sendo “a sequência de papéis e *status* e cargos vividos pelo indivíduo” (HUGHES, 1937, p. 404), pois, mesmo fora de uma estrutura burocrática, as pessoas terão uma carreira (HUGHES, 2003) – ou seja, mesmo sem empregos formais. Objetivamente, a carreira é a “série de *status* e cargos claramente definidos” (HUGHES, 1937, p. 409), sendo os *status* as categorias sociais já aceitas (HUGHES, 1937), as quais carregam uma combinação padronizada de obrigações e privilégios (HUGHES, 1958). Subjetivamente, é a “perspectiva dinâmica pela qual a pessoa concebe sua vida como um conjunto e interpreta o significado de suas diversas características, das ações e das coisas que lhe ocorrem” (HUGHES, 1937, pp. 409-410), através dos papéis sociais que carrega. A carreira é, portanto, essa combinação processual entre aspectos objetivos e subjetivos pelos quais a pessoa passa e a partir dos quais interpreta e concebe a própria identidade, separados apenas didaticamente. Por vezes, sendo uma pessoa que transita em diversos grupos, os diferentes *status* e papéis sociais em que se encontra podem gerar situações de dilema (HUGHES, 1958) ou conflito (HUGHES, 1937). Estes momentos são analiticamente relevantes, pois possibilitam, a quem observa, colher e analisar as concepções subjetivas da pessoa, bem como esclarecer os *status* objetivos que permeiam sua vida. Por isso, em uma análise de carreira, além da retrospectiva e perspectiva futura que a pessoa contempla, sugere-se analisar e compreender sua trajetória percebendo os momentos em que os aspectos objetivos e subjetivos se tornam díspares.

Com isso, a carreira pode ser a noção que possibilita o vislumbre da profissão, pois é “a soma total dessas disposições e orientações, que fornece a chave da distribuição dos profissionais entre os diversos caminhos da carreira e os diversos tipos de prática” (HUGHES, 1958, p.159). É nesse sentido que, apesar da amplitude daquilo que a carreira contempla, focarei a análise nos aspectos, objetivos e subjetivos, vinculados à ocupação das pessoas – neste caso, o “tatuar”. Ao contrário de ser limitante, a análise vai além, compreendendo tal profissão como “em formação”, a qual expressa de maneira mais saliente os modos pelos quais influencia e é influenciada pela pessoa, por uma relação recíproca entre ação social e estrutura social (HUGHES, 1958).

Paralelo a este entendimento, há uma aproximação teórica ao conceito de *outsider* (“desviante”) de Howard S. Becker. O conceito de desviante é ambíguo porque é relacional: a pessoa rotulada como tal, devido à infração de regras formais ou informais de determinado grupo (*insider*), poderá também rotular aqueles(as) que a rotulam de desviantes, pois ele(ela) terá suas próprias regras que serão transgredidas pelos(as) outros(as). Por isso, Becker (2008) esclarece que não é o ato em si que é desviante, mas como ele é percebido na relação que se

estabelece. Nesse sentido, quando se olha para uma pessoa, podemos rotulá-la por ser desviante por diversas ações, como, cometer um crime, usar drogas, ter uma vida desregrada ou exercer uma profissão diferente daquelas mais estabelecidas. Pensando nisso, trazer a discussão de desvio à atividade de tatuar pode ajudar a ampliar o entendimento do que pode ser uma profissão, para além dos critérios formais existentes para institucionalizá-la. Além disso, a obra de Becker (2008) contempla noções de “carreira desviante”, carregando uma explícita influência de Everett Hughes em seu pensamento – compreensível posto que o último foi seu orientador de mestrado.

Com isso em mente, as pessoas que tatuam parecem ser um campo rico para observar tais fenômenos – carreira, profissão e desvio. Ao longo de sua história, as pessoas que tatuam foram rotuladas, assim como as tatuadas, de desviantes, marginais, criminosas, rebeldes e selvagens. Somado a isso, o relato apresentado inicialmente demonstra que pelo menos uma parcela da sociedade ainda enxerga a atividade como uma ocupação não profissional. Os trabalhos existentes com a temática tatuagens exploram a história da prática no mundo ocidental (DEMELLO, 2000; GILBERT, 2000; OLIVEIRA, 2012) e no Brasil (MARQUES, 1997; RAMOS, 2001; PEREZ, 2003, LEITÃO; ECKERT, 2004); o consumo de tatuagens (FERREIRA, 2004; ARAUJO, 2005, RODRIGUES, 2006; FLORES, 2007); o vínculo entre tatuagem e desvio (DEMELLO, 2000); e entre tatuagem e arte (KOSUT, 2006) – todos de áreas da Sociologia e Antropologia, salvo o trabalho de Silva e Saraiva (2014), na Administração, a respeito de práticas dentro dos estúdios. Nesse apanhado, poucos tratam do vínculo pessoa que tatua e sua ocupação, sendo quatro os que merecem destaque, quais sejam os de Maroto (2011), Ferreira (2012), Oliveira (2012) e Rolle (2013). Dessa forma, estes trabalhos foram utilizados como fontes de informação, apesar de ainda haver uma lacuna que possibilitasse a observação e compreensão da carreira de quem tatua de modo mais profundo e abrangente.

Com estas aproximações teóricas e empíricas, o problema de pesquisa apontado é o seguinte: **como a pessoa que tatua vivencia sua carreira?** Esse problema contempla a busca por compreender como a pessoa vive e narra sua carreira, focando nos elementos de sua ocupação, compreendida como ainda não objetivamente institucionalizada, mas subjetivamente estabelecida. Inserida no campo de pesquisa, meu questionamento é como a pessoa que tatua, envolvida com a atividade de tatuar, rotulada como desviante, percorre sua trajetória profissional, narra tal trajetória e a articula para ser reconhecida, ou não, como uma profissão institucionalizada. Assim, a carreira, ainda que contemple todos aspectos da vida, será enfocada analiticamente no aspecto profissional, ou seja, a “carreira profissional” ou

“trajetória profissional”, pois a especificidade analítica é voltada à atividade laboral de quem fala. Isto se deve à inserção deste trabalho na área de Gestão de Pessoas da Administração, apontando como interesse a compreensão de carreiras e profissões aparentemente diferentes do *status quo*, de modo que possa gerar reflexões e inspirações para a área.

Para respondê-la e orientar a pesquisa, foi traçado como objetivo geral do trabalho **compreender o modo pelo qual a pessoa que tatua vivencia sua ocupação ao longo de sua carreira**. Neste sentido, os objetivos específicos são:

1. Analisar e apresentar a carreira profissional de quem tatua, contemplando os *status* e papéis sociais vividos e concebidos.
2. Apontar e analisar os momentos de conflito e dilema, enfocando para as influências recíprocas entre a pessoa e a instituição, e suas consequências.
3. Compreender e descrever os elementos que fazem conceber sua atividade como uma profissão.

Para atingir tais objetivos e responder à pergunta norteadora, realizei uma pesquisa de caráter qualitativo e exploratório, orientada pelo método de História de Vida (DENZIN, 1984; QUEIROZ, 1988; BECKER, 1997; CLOSS; ANTONELLO, 2011), contemplando Narrativas (RIESSMAN, 2000; 2005; DENZIN, 2001; CZARNIAWSKA, 2005; FLICK, 2009). As Narrativas foram utilizadas tanto para a coleta como para a análise e apresentação da trajetória. Além delas, também foram utilizadas como fontes de informação as visitas à campo, convenções, pesquisas bibliográficas específicas e redes sociais e de notícias na internet.

Por tudo isso, a história central deste trabalho é a de Heráclito, uma introdução temática do assunto e do conteúdo deste trabalho. Conhecendo Heráclito, é possível iniciar a leitura deste trabalho, com esta breve introdução, na qual busquei traçar os principais elementos da pesquisa e de sua trajetória. Agora, apresentarei o próprio trabalho como uma narrativa, desenrolando sua história da melhor forma que eu poderia para quem a lê. Por isso, inicio com a apresentação do método utilizado, ainda que ele não tenha sido o primeiro a ser definido, finalizando-o com os elementos gerais dos espaços e pessoas com as quais tive contato. A opção pelo método ao início vem de inspiração em trabalhos da Escola de Chicago, além de acreditar que, sabendo o modo pelo qual se deu a pesquisa, a pessoa que lê se comprometerá com a leitura. A partir desse compartilhamento do processo e do campo, apresento a orientação conceitual teórica de carreiras, bem como de profissão e desvio.

Esclarecidos tais conceitos, apresento a trajetória profissional de quem tatua, de modo descritivo. Esta história se inicia com uma breve narrativa da “carreira ocupacional” da atividade de tatuar, focando em Porto Alegre. Em seguida, a trajetória individual é desenrolada, de modo a demonstrar a possibilidade de visão de muitas vidas em uma. Em seguida, os dados empíricos e narrativas são retomados à luz dos objetivos específicos deste trabalho e de seu objetivo geral. Por fim, apresento as reflexões teóricas e metodológicas que emergiram deste trabalho e uma agenda de trabalhos futuros.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Não há um colhedor de histórias, como um colhedor de cogumelos: ele ou ela ouve seletivamente, lembra de forma fragmentada, e reconta de uma forma que se encaixe em seu propósito.⁶
Barbara Czarniawska

Esta é uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e que teve início em maio de 2013. A pesquisa qualitativa está mais preocupada com o “como” o campo acontece, descrevendo a história dos eventos: como começou? O que aconteceu? E depois? (BECKER, 2007). Os métodos qualitativos, como Etnografia e História de Vida, são influenciados por uma perspectiva antropológica (BARLEY, 1989; BECKER, 1997), permitindo uma análise aprofundada da sociedade, com métodos que buscam “os padrões cruciais, não as variáveis cruciais”⁷ (ABBOTT, 1997, p.1168). Por meio de tais métodos, seria possível compreender como os membros sociais construíam suas vidas (BARLEY, 1989). Somado à concepção qualitativa e ao método de História de Vida, foi tomada a visão metodológica interpretativa, tal qual os seguidores da *verstehen* diltheyniana, a qual preconiza a busca pelo entendimento do ponto de vista do sujeito para a análise humana e, portanto, social (HERVA, 1988).

A História de Vida compreendida como um método (DENZIN, 1984; SILVA *et al*, 2007, CLOSS; ANTONELLO, 2011) contempla uma gama de possibilidades de técnicas de coleta, análise e interpretação dos dados condizentes com seus princípios. Neste trabalho, a técnica de coleta e análise é a Narrativa (RIESSMAN, 2000; 2005). Assim, uma análise narrativa foi feita da carreira de quem tatua, utilizando como base diferentes narrativas de vida, que rodeiam a de Heráclito, além das coletas de observação participante (no estúdio e nas convenções) e de dados secundários de outras fontes, como bibliografia específica, redes sociais e internet.

A História de Vida é “um relato de um narrador sobre sua existência ao longo do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu” (QUEIROZ, 1988, p. 20). Com ela, podemos nos comprometer com a realidade e

⁶ Tradução livre e editada da seguinte citação: “that stories are produced (concocted, fabricated), sold (told, circulated), and consumed (listened to, read, interpreted) – often all in the same performance. Nor is a story collector, in this case a researcher, a mushroom picker: he or she listens selectively, remembers fragmentarily, and re-counts in a way that suits his or her purpose” (CZARNIAWSKA, 2005, p. 45).

⁷ Tradução livre de “what are the crucial actual patterns, not what are the crucial variables” (ABBOTT, 1997, p. 1168).

com a busca do olhar do sujeito (BECKER, 1997), tão importante para os entendimentos das subjetividades (HUGHES, 1958) e dos significados dados por determinado grupo (GEERTZ, 2008).

A Narrativa aparece nesse interim como o formato que aproxima sociedade, biografia e história (RIESSMAN, 2000), o que a torna coerente com a percepção de Everett Hughes quanto às carreiras serem “a ponte analítica” entre indivíduos e instituições (HUGHES, 1958). Riessman (2000, p. 5) coloca que “o que nós chamamos de “problemas pessoais” estão localizado em um tempo e espaço específicos, e as narrativas sobre eles são trabalhos de história, por serem sobre indivíduos, espaços sociais que habitam e as sociedades em que vivem⁸”. A Narrativa é uma relação de eventos, a qual faz sentido para quem esta contando-a – e, em análise, deve ser interpretada da mesma forma, por quem pesquisa.

2.1 DA COLETA DE INFORMAÇÕES: ENTREVISTAS NARRATIVAS, OBSERVAÇÃO E PESQUISA

A principal fonte de coleta de dados foram as Entrevistas Narrativas (formais), realizadas com o próprio Heráclito (ao todo foram três entrevistas formais com ele) e com pessoas de sua convivência e/ou relevantes para a indústria da tatuagem na região – que totalizaram 10 pessoas, as quais consentiram a utilização das informações coletadas e apresentadas, bem como escolheram os nomes com os quais gostariam que fosse apresentado no trabalho. Por isso, algumas pessoas têm seus nomes verdadeiros e outras, fictícios. Todo material foi transcrito, de modo a permitir uma análise temática e estrutural (RIESSMAN, 2000; 2005). A Narrativa é uma história que não se limita à organização cronológica ou de sentido objetivo: ela segue o fluxo de quem a conta, seus significados e sua importância. Com ela, se reconhece a intencionalidade do(a) interlocutor(a) em organizar e expor fatos deliberadamente. Nesse sentido, tanto Czarniawska (2005) como Bruner (1991, p. 8) ressaltam a impossibilidade de “colher” histórias dadas:

Narrativas não existem em algum lugar do mundo, esperando pacientemente e eternamente para serem vistas num texto. O ato de construir uma narrativa,

⁸ Tradução livre de “what we call “personal troubles” are located in particular times and places, and individuals’ narratives about their troubles are Works of history, as much as they are about individuals, the social spaces they inhabit, and the societies they live on” (RIESSMAN, 2000, p.5).

mais além, é consideravelmente mais que “selecionar” eventos da vida real, pela memória, ou de fantasias, e colocá-los em alguma ordem apropriada. Os eventos, eles mesmos, precisam ser reconstituídos pela luz da narrativa como um todo.⁹

As narrativas biográficas são uma ótima forma de investigar mudanças objetivas e subjetivas durante uma carreira (DOMECKA e MROZOWICKI, 2005). Sua principal característica é deixar o(a) entrevistado(a) livre para contar sua história de vida. As narrativas não são comprometidas com uma “realidade verificável”, mas sim com os significados dados por quem conta a história (BRUNER, 1991), pois por meio da narrativa a pessoa dá sentido a sua vida (DOMECKA; MROZOWICKI, 2005) e constroi sua realidade (BRUNER, 1991). Para análise das carreiras tal qual proposta aqui, as Narrativas parecem ser a escolha coerente, por permitirem a inclusão da subjetividade (aspectos subjetivos da carreira), a pluralidade de verdades (a carreira como singular ao indivíduo ou organização) e a compreensão dos elementos significativos da vida (em frequência representados pelos pontos de inflexão da vida). Devido ao caráter fluido dessa pesquisa, Becker (2007) recomenda a realização de entrevistas espaçadas entre si, o que possibilita a inclusão ou retirada de variáveis analíticas, durante a análise – o que foi feito, ao longo dos cinco meses dedicados às entrevistas formais.

Devido à assunção de reconstruções e “invenções” nas histórias, Czarniawska (2005) recomenda acompanhar também a pessoa entrevistada no seu dia-a-dia, como uma Observação Participante (MALINOWSKY, 1978; CAVEDON, 2008; FLICK, 2009). É necessário haver a pesquisa espaço-temporal, posto que sua comparação situa o fenômeno também no espaço e no tempo (MILLS, 1959). Por isso, como apoio às entrevistas, utilizei dados secundários e primários, provenientes de pesquisa bibliográfica, acompanhamento em redes sociais e observação participante. Os dados secundários foram colhidos em: literatura, documentários, artigos midiáticos e *internet*. Como dados primários, utilizei as vivências em campo, orientada pela técnica de Observação Participante (MALINOWSKY, 1978; CAVEDON, 2008; FLICK, 2009), fosse no estúdio de tatuagens visitado desde de maio de 2013 até novembro de 2014, situado na cidade de Porto Alegre, acompanhando sua rotina e interações física e virtualmente pela página no Facebook¹⁰, fosse acompanhando as convenções regionais e nacionais de tatuagens, resultando em sete eventos visitados

⁹ Tradução livre de “For narratives do not exist, as it were, in some real world, waiting there patiently and eternally to be veridically mirrored in a text. The act of constructing a narrative, moreover, is considerably more than “selecting” events either from real life, from memory, or from fantasy and then placing them in an appropriate order. The events themselves need to re-constituted in the light of the overall narrative” (Bruner, 1991, p. 8).

¹⁰ O Estúdio visitado possui uma página institucional na Rede Social Facebook. Esta página foi observada durante toda pesquisa.

(pessoalmente e de modo virtual), totalizando um registro em 41 Diários de Campo (MALINOWSKY, 1978), nos quais busquei narrar com acuidade os acontecimentos vividos (CAVEDON, 2008). Durante as visitas físicas foram realizadas entrevistas informais com tatuadores(as), consumidores(as), bem como registros em imagens fixas e em movimento. Estas observações foram as fontes das primeiras ideias de pesquisa, bem como delimitadoras dos possíveis quadros teóricos a serem utilizados.

2.2 DA ANÁLISE: A ANÁLISE NARRATIVA

A análise narrativa toma a história como seu objeto, iluminando as ações individuais e coletivas de um determinado tempo e espaço (RIESSMAN, 2000). A análise proposta por Riessman (2005) encaixa-se ao quadro teórico utilizado, bem como ao objeto de pesquisa, posto que assume a pluralidade de verdades, os vínculos entre esferas individuais e coletivas e a análise de disciplinas que incluem profissões (RIESSMAN, 2000). Para tanto, Riessman (2005) aponta quatro tipos possíveis de análise: temática, estrutural, dialógica e visual.

Optei pelas análises temáticas e estruturais, tomando a primeira ao início do processo de análise, de modo a formular as primeiras categorias temáticas. Como ferramenta de auxílio, utilizei o *software* de análise qualitativa NVivo 10, no qual incluí todas as transcrições de entrevistas, de diários de campo e reformulei notas e *insights* metodológicos, na aba “memos”. Para uma melhor organização da história, utilizei pontos de inflexão da vida como pontos de referência de análise e de “etapas” de carreira, suportada pela indicação de Riessman (2000) de que deve-se olhar para os *turning points*, ou “pontos de virada”, das histórias. O *software* facilitou a organização dos dados temáticos, ainda que o movimento tenha sido de idas e vindas aos conteúdos empíricos, teóricos e analíticos, até formar-se a narrativa final, lembrando que a autora alerta que as decisões de corte da transcrição também são influenciadas pelo quadro teórico que está sendo usado (RIESSMAN, 2000).

2.3 DA APRESENTAÇÃO: A NARRATIVA DA NARRATIVA DA NARRATIVA

Bruner (1991) aponta dez características de narrativas, reiterando que, apesar de não serem novas, devem ser lembradas. A *diacronicidade temporal* lembra que não há uma sequência cronológica de eventos: a narrativa é permeada por idas e vindas, de acordo com o tempo do sujeito. Os *detalhes* devem ser lembrados, pois eles podem estar imbricados a significados maiores de vida. As *intenções* das ações de quem fala, que está inserido(a) em um contexto (suas crenças, ideologias, teorias, desejos) – ainda que as intenções não sejam, necessariamente, os resultados das histórias. Uma *composição hermenêutica* deve ser vislumbrada, posto que pode haver uma diferença entre o que se pretendia expressar e o que se deu significado, acontecendo de modo intuitivo (e não empírico) a respeito daquilo que o sujeito queria significar, compondo a construção e compreensão. Todos eles foram considerados na formulação da narrativa narrada – e interpretada – aqui.

Assim como em Zaccareli e Godoy (2012), a análise estrutural das narrativas possibilitou o desenho de uma carreira “ideal”, no sentido de não encontrada na realidade, mas desenhada como recurso metodológico de compreensão, a partir dos onze relatos. As aspas salientam que a pretensão não é determinar uma carreira correta nesta ocupação, mas uma carreira abstrata, não encontrada na realidade, que contempla as similaridades e peculiaridades de cada uma relatada. Para enfatizar a possibilidade de universalizar uma análise a partir de uma História de Vida (DENZIN, 1984), a narrativa de Heráclito já foi apresentada na Epígrafe e, no Capítulo 5, é apresentada uma carreira de quem tatua, para a qual utilizei a de Heráclito como espinha dorsal e as demais como caracterizações e complementos a esta.

De modo geral, o método sofreu modificações ao longo do trabalho, desde a formulação do projeto de dissertação até sua finalização. Acreditando que quadro visuais resumo podem facilitar a compreensão, o apresentado abaixo tem a pretensão de representar o desenvolvimento técnico deste trabalho.

Figura 1 - Quadro resumo do percurso de desenvolvimento da pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora.

O momento do Projeto de Dissertação, no círculo branco em cima e à esquerda, é apontado como de experimentação, com definições epistemológicas, teóricas e metodológicas amplas, já com o campo de pesquisa definido – ocorreu, primordialmente, no primeiro ano de pesquisa, em 2013. Dele, com as contribuições da banca de projeto, em fevereiro de 2014, e das reflexões que ela suscitou, ocorreu o desenvolvimento da dissertação, que está ao centro e contempla um processo recursivo entre Definições de escopo, Campo e Esboço Analítico, representados pelos círculos em cinza, abaixo. Nesse período, que refere-se ao segundo ano de pesquisa, 2014, definições de escopo teórico-metodológico e coletas empíricas ocorreram de modo imbricado, atreladas, mais ao final do processo, ao esboço analítico que passou a ser considerado. Assim, os movimentos foram de idas e vindas entre estas três esferas de desenvolvimento (representadas na parte inferior da imagem), lapidando cada uma delas, a partir das recorrentes reflexões teórico-metodológicas. Tendo este panorama arranjado, a escrita final passou a ser feita, representada pelo círculo cinza escura à direita e em cima da figura, agora orientada aos seus objetivos de trabalho e com retornos pontuais ao campo, teoria ou método para preenchimento de lacunas na narrativa.

3 DO CAMPO: BREVE APRESENTAÇÃO CONTEXTUAL

Na paixão, o sujeito apaixonado não possui o objeto amado, mas é possuído por ele.
Jorge Larrosa

Ao que parece, o envolvimento com o campo e com as pessoas nele inscreveu-se em mim tal qual a tinta na pele. Foram 19 meses de inserção com o grupo, em um estúdio de tatuagens localizado no bairro Cidade Baixa. Nele, foi possível estabelecer relações com as outras pessoas que trabalham lá, as quais são hoje cinco tatuadores, duas tatuadoras, um *body piercer*¹¹, um aprendiz de tatuagem e uma gerente administrativa, além de um tatuador intercambista. Cada uma das pessoas tem uma especialidade de técnica, inclusive entre quem tatua: maori, realismo, oriental, *old school*, *new school*, pontilhismo, escrita, para citar alguns tipos de desenho de tatuagem. Ao longo da inserção neste estúdio, que se iniciou no dia 9 de maio de 2013 e seguiu até novembro de 2014, o número de pessoas trabalhando lá variou, o que dificulta a apresentação de todas elas. Além das pessoas, a estrutura física do estúdio também variou neste período, passando por duas reformas que incluíram mudanças estéticas, ainda que o visual retrô se mantivesse em todas elas. O estúdio tem um espaço de recepção com um grande sofá, que permite haver interações entre quem trabalha, quem visita e quem é cliente do estúdio. Por estar estabelecido em um antigo sobrado, o estúdio é separado em seis salas, localizadas nos dois andares da casa, o que permite que os espaços de trabalho sejam bastante privados. A sala do Heráclito, em especial, é possível observar da sala da recepção, através de um aquário com vidros transparentes na parede. A maior parte de quem visita o estúdio para diante do aquário e observa o trabalho de quem está na sala. Além disso, todo o espaço é decorado com quadros, esculturas e premiações (de convenções), em sua maioria produtos de quem trabalha lá.

Dos relatos dos diários de campo, o que chama a atenção é a preocupação quanto à estética e a delicadeza do trabalho – estranhamentos para mim, pois imaginava algo mais “sujo”, o que logo eu descobriria como uma ingênua pré noção. Além disso, o barulho das máquinas, presente o todo tempo, e irritante nas primeiras visitas, torna-se parte do cenário e imperceptível a medida em que se insere neste mundo.

¹¹ Responsável pela colocação de jóias, *piercings* e modificações corporais mais invasivas.

Figura 2 - Estúdio por dentro: a recepção, a porta vermelha da sala de Heráclito e o aquário, ao fundo



Fonte: Fotografada pela autora.

O discurso vigente neste estúdio é de que há diferenças entre os tipos de tatuagem e que, ali, prezam pelo trabalho como arte, além do trabalho sério, relativo a horários de atendimento, formas de atendimento, limpeza e regularidades legais. Nenhum(a) dos(as) tatuadores(as), nem o *body piercer*, passou por algum tipo de formação institucionalizada para suas atividades. Todos(as) tiveram uma formação tipo mestre-aprendiz, na qual foi constatada a tentativa permanente de, quando na busca do(a) mestre, procurar e convencer quem consideravam referência em “arte” na época.

As formas de comprovação de qualificação que surgiram foram, além do *portfolio* e do estúdio no qual a pessoa que tatua se formou, os certificados de prêmios em convenções da área. No local, há por toda parte expostos trabalhos, fotografias de pessoas tatuadas “referência” (artistas, conhecidas no mundo da tatuagem e celebridades), fotografias de trabalhos realizados (tatuagens, quadros, esculturas) e os certificados de prêmios em convenções. Há constante atualização de *portfolio* também nas redes sociais, o que se mostrou o principal canal de comunicação e vitrine para os(as) clientes.

Nas visitas, clientes também ressaltaram o quanto é preciso criar um certo relacionamento com a pessoa que tatua – como se fosse um momento íntimo a ser

compartilhado com alguém. Realmente, são toques e proximidades, por longos períodos, quando não por alguns dias ou meses. Ou anos. Ao fim da primeira tatuagem que presenciei, a finalização também foi a mesma das outras que eu veria: limpeza, organização e preparação, quando havia, para o próximo cliente.

As relações que se estabelecem nesse campo também chamam a atenção. Além de mim, outras pessoas visitavam o estúdio para dar um “oi” e bater papo. Com o tempo, a importância dessas relações vai ficando clara, o que pode ser expresso institucionalmente, por assim dizer, nas convenções, as quais viriam a se transformar no segundo campo de observação deste trabalho. A partir destas relações foram realizadas entrevistas narrativas com algumas destas pessoas, dentro e fora do estúdio, no período entre junho e novembro de 2014, servindo de insumos para a construção da narrativa da história de vida única e da construção do cenário contextual, que contempla passado e presente do mercado de trabalho desta ocupação.

As pessoas entrevistadas incluem tatuadores(as), *body piercers*, quem trabalha no administrativo do estúdio e quem se envolve com lutas políticas pela profissionalização tanto de quem trabalha com tatuagem, como quem trabalha com *piercing*.

Quadro 1 - Pessoas entrevistadas

Nome (Escolhido pela pessoa)	“Cargo” atual	Idade	Formação	Entrada na ocupação	Ano em que conheceu Heráclito
Heráclito	Tatuador	34 anos	Segundo Grau	2000	-
Itamar	<i>Body Piercer</i>	36 anos	Enfermagem – Interrompida	1997	2000
Stefani	Tatuadora	25 anos	Artes – em andamento	2011	2011
Felipe Pedroso (Felipe)	Tatuador	33 anos	Cursos técnicos em desenho e tatuagem	2003	2010
Maria	Gerente de Estúdio	34 anos	<i>Design</i> – Interrompido	2010	2010
Juliano Torres (Juliano)	Tatuador	29 anos	Primeiro Grau	2003	2010
Guilherme	Aprendiz	24 anos	Segundo Grau	2008	2008
Keka	Tatuadora	34 anos	Segundo Grau	2010	2000
Daniel Toledo	Tatuador	33 anos	Segundo Grau	1997	2000

(Toledo)					
Bruno	Tatuador	41 anos	Segundo Grau	1989	1999
Ronaldo Sampaio (Snoopy)	<i>Body Piercer</i>	39 anos	Cursos técnicos para procedimentos em <i>body piercing</i>	1997	(aprox.) 2004

Fonte: Elaborado pela autora.

As entrevistas realizadas com o Heráclito totalizaram três formais, somadas às diversas conversas informais. Além das duas primeiras¹², a terceira serviu para esclarecimentos quanto a dúvidas que surgiram das demais entrevistas, observações e análises. Na verdade, o desenvolvimento do trabalho a partir de outubro de 2014 foi de idas e vindas entre análise de dados e coleta de dados complementares. Com o restante, foram realizadas uma entrevista formal com cada, além das diversas informais e observações. Todas as entrevistas gravadas foram autorizadas, com devido aceite formal por cada pessoa entrevistada.

Quanto às convenções, foram visitadas quatro por mim ao longo do período, além das três que acompanhei via Facebook e entrevistas informais no estúdio. Estes eventos serviram para perceber a transformação dessa ocupação como mais institucionalizada e conhecida, além da clareza quanto à importância das relações e destas para o aprendizado e formação de quem tatua.

Quadro 2 - Lista de convenções visitadas

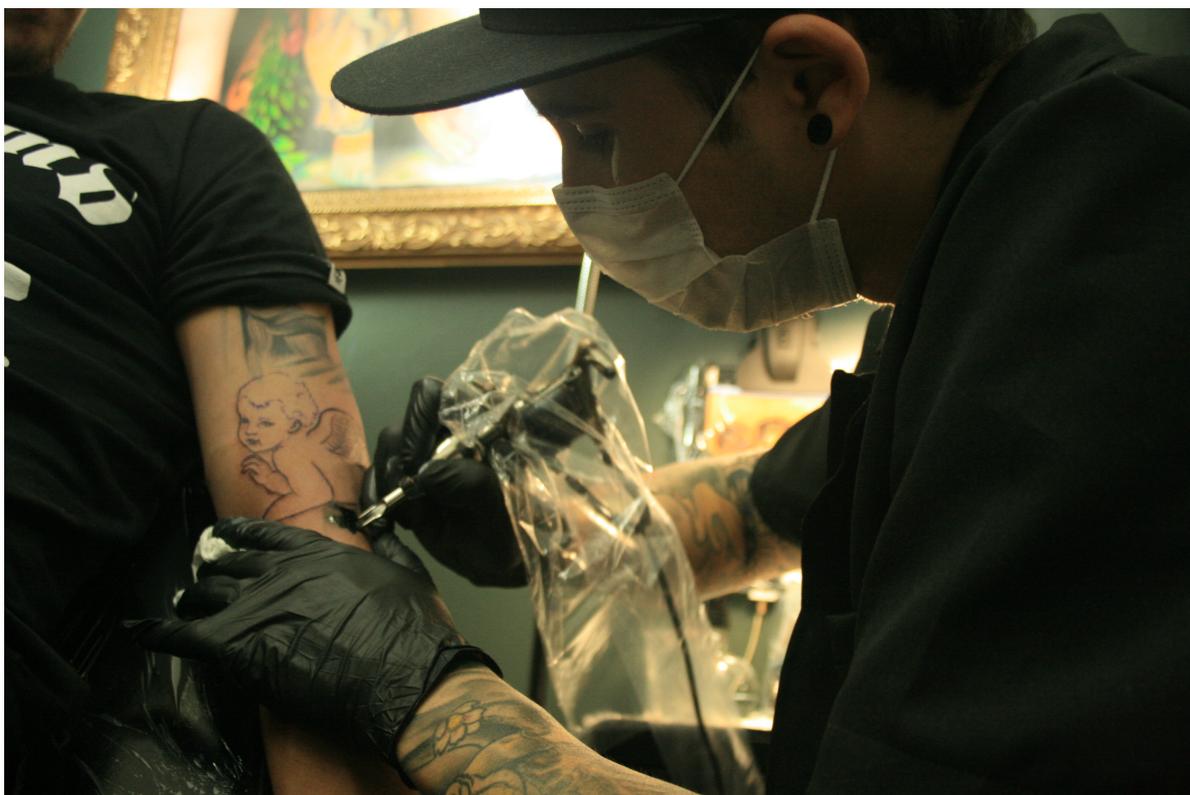
Nome do evento	Cidade	Período	Modo de acompanhamento
III Expo Tattoo RS	Porto Alegre	out/13	Presencial
I Tramandaí Tattoo Fest	Tramandaí	fev/14	Presencial
Tattoo Show RS	Porto Alegre	abr/14	Presencial
Expotchettoo	Gramado	nov/14	Presencial
I Convenção de tatuagem de Joinville	Joinville	nov/13	Online
III Tattoo Week São Paulo	São Paulo	jul/13	Online
IV Tattoo Week São Paulo	São Paulo	jul/14	Online

Fonte: Elaborado pela autora.

¹² Foram feitas duas entrevistas caracterizadas como “primeira” devido à impossibilidade de coleta na primeira cronológica, já que não pude gravar a entrevista devido à timidez de Heráclito. Assim, conversamos sem o gravador e, na segunda, com o gravador. Mais detalhes estão no Apêndice B, além dos roteiros orientadores utilizados, nos Apêndices C, D e E.

Por fim, o olhar. Este parece resumir tudo que foi ouvido, falado, tocado e, evidentemente, visto neste campo. Ao que parece, tudo precisa ser “olhado”: pinturas, esculturas e fotografias, premiações, os grandes espelhos, o esmero decorativo, as roupas, os cabelos e, claro, as tatuagens. A partir de um trabalho visual antropológico realizado no estúdio (DELUCA; CAVEDON, 2014), foi possível perceber o quanto o olhar é presente e importante. A prática do trabalho, do “tatuado”, têm no olhar sua principal ferramenta, tanto para sua produção, como estudo, reprodução e publicação. Além disso, meu próprio olhar, como pesquisadora, também o foi, transformando-se ao longo do processo. O olhar compenetrado, focado, encantador, unido ao toque da pele e ao ouvido amigo, fazem do trabalho dessas pessoas um emaranhado de sentidos arranjados pela técnica da inscrição. Por fim, trabalhar com as narrativas, que também aceitam a condição de transformação da interpretação, pela “narrativa da narrativa da narrativa” reforça as pluralidades do olhar de quem lê este trabalho.

Figura 3 - Heráclito tatuando



Fonte: Fotografada pela autora.

4 QUADRO TEÓRICO

Mas o que é preciso para, de fato, se mover? Penso que, para que exista uma mudança real de posição e de lugar, é preciso perceber o pequeno, o quase invisível de nossa realidade externa e interna. É pelos detalhes que enxergamos a trama maior, é na soma das sutilezas que a vida se desenrola, são as subjetividades que determinam um destino. É preciso desacontecer um pouco para ser capaz de alcançar a delicadeza dos dias.
Eliane Brum

Os primeiros contatos com o campo, realizados com preceitos etnográficos, permitiram que emergissem possibilidades teóricas a partir de suas peculiaridades. Unido a isso, as aproximações com a temática de “carreiras” direcionou a reflexão para autores(as) que unissem ela a grupos aparentemente marginalizados ou que ocupassem atividades não institucionalizadas. Este raciocínio encontrou resguardo nas teorias (e metodologias, como dito anteriormente) da chamada Escola de Chicago, também conhecida como berço do Interacionismo Simbólico. A partir de lentes interacionistas (BLUMER, 1969; ABBOTT, 1993; 1997) é possível unir as peculiaridades do contexto urbano das metrópoles (SIMMEL, 1971; VELHO, 1989; 2003; 2006), dos grupos desviantes que as habitam (BECKER, 2008; VELHO, 1972) e das profissões e das carreiras (HUGHES, 1937; 1958, 2003; BECKER *et al*, 1961). Resumidamente, este é o cenário teórico que será utilizado neste trabalho.

Primeiramente, faz-se necessário esclarecer as lentes interacionistas de modo que a teoria não seja interpretada a partir de uma epistemologia incompatível, precedidas de um contexto social urbano. Com isso, é possível esclarecer o quadro teórico das carreiras e profissões, base principal do trabalho, a partir de uma contextualização urbana. Para isso, antecipa-se às carreiras um breve esclarecimento quanto ao “desvio”, conceito inevitavelmente vinculado às atividades não estabelecidas.

4.1 AS PECULIARIDADES URBANAS

Em seu trabalho “A metrópole e a vida mental”, de 1902, Simmel (1971) já chamava atenção para estudos nos grandes centros urbanos e, ao comparar a vida metropolitana com aquela que chama “tradicional”, colocava que “a grande cidade (...) caracterizar-se-ia, sobretudo, pela grande quantidade e diversidade de estímulos” (VELHO, 2005, p. 255). Nesse sentido, é relevante estudar as cidades porque é nelas que o fenômeno da modernidade irá melhor se mostrar:

A distância e a reserva que a calculabilidade e a indiferença produzem na vida cidadina são, simultaneamente, a possibilidade de garantia de uma liberdade individual inimaginável em outros contextos. Nesse sentido, a grande cidade reproduz a ambiguidade típica da vida sob o signo do dinheiro. Cria tanto a possibilidade da individualidade como os obstáculos para que ela se realize (SOUZA, 2005, p. 18).

Na vida complexa urbana, diferentes mundos se cruzam, seja por fronteiras étnicas, sociológicas ou culturais (VELHO, 2005, p. 257). Os limites entre norma, conformismo e transgressão constantemente são colocados em xeque nesse cenário, fazendo com que todas as noções de normalidade e desvio tenham um caráter eminentemente instável e dinâmico. “Esta multiplicidade de experiências e papéis sublinha a precariedade de qualquer tentativa excessivamente fixista na construção dos mapas socioculturais” (VELHO, 2005, p. 261). As pessoas estão constantemente indo e vindo nestes diferentes mundos, tornando suas caracterizações também dinâmicas.

Tendo isso em mente, é a partir de um olhar simmeliano – e interacionista – que é possível notar aspectos e fenômenos que poderiam ser ignorados por um ponto de vista mais durkheimiano (WOLFF, 1958), o qual olha para a sociedade como uma grande estrutura organizada, funcional e padronizada, na qual são fatos superiores os de maior frequência e inferiores os de menor (DURKHEIM, 2004). Ao contrário, para Georg Simmel, nada é pequeno demais, insignificante demais: tudo merece uma atenção metafísica, pois ele compreende a ciência empírica com uma especial atenção para as coisas transitórias (ÖELZE, 2005). O autor considerava ocorrências percebidas como diferentes, ou que passam despercebidas, como “objetos” ricos para estudo.

A teoria da ação, na sua estrutura, não pode entender o homem que sofre na sociedade, o pessimista retraído, se ele não supera o seu estado de passividade e de sofrimento e reaparece como homem ativo no mundo. Simmel leva em conta o pessimismo e o sofrimento como fatos sociais. Ele considera a alienação um fenômeno social central na diferenciação social

crescente e numa economia monetária avançada (RAMMSTEDT; DAHME, 2005, p. 206).

É preciso considerar esta base para justificar a consideração pela atividade de tatuar: uma ocupação ainda não institucionalizada pelo Ministério do Trabalho brasileiro como profissão e, por isso, fora do “centro profissional”, assim como uma prática, seja em tatuar como em ser tatuado(a), que surge no Ocidente estigmatizada e ainda carrega sombras destes rótulos passados. Ainda, é preciso negar a ideia de desvio como “anomia”, tal qual lentes durkheimianas fariam, considerando-o uma “doença social”, anormal, inferior, em contra posição a um “tipo normal” (DURKHEIM, 2004, p. 80). O olhar interacionista, também baseado em Simmel, o considera, ao contrário, como parte da sociedade. Somente com isto é possível explorar diferentes atividades, não somente ocupacionais, mas organizacionais. Para este trabalho, utilizarei a base interacionista para abordar profissões, carreiras e desvio, munida da complementaridade teórica de Georg Simmel e Gilberto Velho, ao longo da análise.

4.2 O INTERACIONISMO SIMBÓLICO

O Interacionismo Simbólico, tendo como premissa o entendimento de que pessoa e sociedade são unidades inseparáveis e interdependentes, é ainda pouco utilizado nas pesquisas dentro da Administração (MENDONÇA, 2002). Essa corrente não pretende extrair conclusões generalizáveis, mas prover conhecimentos a despeito do mundo social.

Esta é uma posição epistemológica que rejeita a ideia de que o mundo social pode ser representado em termos de relações determinísticas, em favor de uma visão de que o conhecimento, o entendimento e as explicações das relações sociais devem levar em conta como a ordem social é elaborada pelos seres humanos de modo que elas são significativas para eles. (MENDONÇA, 2002, p.7).

O nascimento do Interacionismo Simbólico, atribuído filosoficamente a Herbert Mead e teoricamente a Herbert Blumer, não é uma corrente determinista, ainda que seu primeiro nome tenha sido *behaviorismo*. Em sua compreensão, “os seres humanos são atores sociais interpretando seus papéis e orientando suas ações de modo que tenham significado para eles” (MENDONÇA, 2002, p. 8). Devido à possibilidade de múltiplas interpretações, difere de um

aparente positivismo, posto que não é possível prever ou determinar o que é verdadeiro *per se*. Os significados emergem da interação social e, passando pelo processo interpretativo, estabelecem-se e modificam-se constantemente, o que faz da noção de “em relação a” central – ou seja, sua perspectiva contextual.

Para os(as) interacionistas, há uma relação interdependente entre sociedade e pessoa, o que traz as noções de fato social e *self*. O *self* é uma característica interior à pessoa, em contraposição ao papel social que ela detém a partir da visão das outras (BARLEY, 1989). Já o fato social como objeto de estudo demanda a complementaridade “localizado”, apontada por Abbott (1997). O autor chamou de “fatos sociais localizados”¹³ (ABBOTT, 1997, p. 1152) os objetos de estudo dessa base epistemológica, porque, para serem analisados, estes fatos devem ser entendidos em um tempo e espaço específicos, esclarecendo a perspectiva contextualista da Escola de Chicago e que deverá ser lembrada para as noções de desvio como de carreira.

Dessa forma, os interacionistas contemplam as contingências do contexto e sua complexidade, no qual a estrutura social seria um amontoado de estabilidades temporais num processo em fluxo e recíproco, que influenciam e são influenciadas pelas pessoas. Assim, o mundo social é formado por pessoas que tanto agem como são agidas nesse contexto (ABBOTT, 1997). Essa noção é fundamental para não confundir o “formalismo alemão” (BARLEY, 1989) que influencia estes(as) sociólogos(as), baseado em Georg Simmel, com um formalismo estático.

Assim como a sociedade, a organização também é um complexo contexto cultural, formado por um emaranhado de significações singulares (VASCONCELOS; MASCARENHAS; PROTIL, 2004), dentro das quais as pessoas exercem papéis sociais e *status*, interagindo entre si em busca de sentido. Dada a complexidade de seu cenário, a Gestão de Pessoas tem como desafio compreender e gerir indivíduos e grupos, posto que seu papel é sistematizar componentes políticos, sociais e comportamentais que orientam a ação e a decisão no contexto organizacional, guiados a um mesmo norte organizacional, afinal

Os trabalhos que partem dos princípios deste paradigma [Interacionismo Simbólico] de pesquisa abordam temas como as dificuldades dos indivíduos em conciliar papéis sociais diferentes e contraditórios, que exigem ao mesmo tempo posturas, éticas, vocabulário e posicionamentos opostos, e as contradições que dificultam a comunicação, impedindo então a criação de um sentido comum para a ação organizacional (VASCONCELOS; MASCARENHAS; PROTIL, 2004, p.3).

¹³ Tradução livre de “social facts are located” (ABBOTT, 1997, p.1152).

Tais dificuldades podem ser ainda maiores quando da compreensão de uma carreira. Para os(as) interacionistas, a sociedade é um processo que interage e muda na interação social entre pessoas e entre estas e as instituições. Nesse sentido, a carreira seria um processo temporal com grande dependência contextual, influenciada por outros fatores, sendo em parte homogênea temporalmente e, em outra, heterogênea (ABBOTT, 1997). Com isso, longe de anular as peculiaridades da vida, o interacionismo as aceita e as demanda, com a pretensão de melhor compreensão a partir da coexistência das diferenças.

[O Interacionismo Simbólico] Privilegia, nesse nível, as diferenças de origem, *background*, trajetória, experiência social, em geral. Enfatiza, por conseguinte, a individualidade dos fenômenos. Neste sentido todos os processos internos da diferenciação de uma sociedade são relevantes. (...) nesta perspectiva o conflito coloca-se como possibilidade permanente, desde que há interesses e valores diferentes e, muitas vezes, antagônicos. (...) o confronto é uma possibilidade dentro do complexo jogo de negociação da realidade, e sempre é difícil prever ou antecipar em que domínios ele poderá ocorrer (VELHO, 2006, p. 51).

Nesse sentido, a organização também passa a ser compreendida como “instituições em processo”, tal qual a sociedade. Assim, as profissões, entendidas como organizações, seriam, diferente da perspectiva funcionalista de homogeneidade, organizações heterogêneas e dinâmicas, que estão “acontecendo” (BUCHER; STRAUSS, 1961). Para sua compreensão, portanto, é preciso considerar outras organizações e pessoas com as quais interage.

Por fim, assim como uma profissão não poderia ser compreendida em si, mas em interação com outras, a trajetória de vida da pessoa também se dá em um complexo emaranhado de outras trajetórias e organizações. Isto reside não somente em Everett Hughes, mas nos(as) sociólogos(as) da Escola de Chicago e seus(suas) seguidores(as), pois “tiveram o grande mérito de vincular estreitamente o universo do trabalho aos mecanismos da socialização” (DUBAR, 2005, p.186). Assim, o Interacionismo Simbólico é uma lente teórica que permite ver o diferente em uma sociedade urbana complexa, bem como aceita e observa as influências recíprocas entre pessoas e instituições – que contemplam profissões, desvio e carreiras.

4.3 PROFISSÃO EM PROCESSO

Se há um consenso quanto ao conceito “profissão” é o de que não há consenso quanto a ele (VIEIRA, 2009). Ainda que a escolha para este trabalho tenha sido deliberada na visão interacionista, faz-se necessário apresentar, brevemente, a transformação dos estudos voltados às profissões e o aprofundamento da perspectiva adotada. Para uma análise mais detalhada, recomendo os trabalhos de Dubar (2005) e Angelin (2010).

A noção de profissão surge a partir das corporações de ofício, na Idade Média, um tipo de organização corporativa que assumia uma forma de ofício juramentado. Com o surgimento das universidades, no final deste período, estabelece-se a distinção entre profissão (ensinadas nas universidades) e ofício (artes mecânicas). Apesar da distinção, ambas nasceram das corporações mencionadas, nas quais os membros compartilhavam laços morais e regulamentações de *status* (DUBAR, 2005). Ainda que seja possível fazer uma diferenciação entre ofício e profissão, sendo a segunda uma consequência da modernidade, na qual há uma livre escolha individual de formação e profissão, ainda hoje ela adquire “uma dimensão comunitária estruturante de todo o sistema social” (DUBAR, 2005, p. 169) e toma características como fonte de identidade pessoal, comunidade de ordem espiritual e moral, assim como as associações e corporações de operários.

Já na modernidade e a partir da crise de 1929, há o interesse do governo americano em compreender a evolução da sociedade, privilegiando como objeto de estudo as parcelas privilegiadas da sociedade em detrimento das excluídas – por isso, o interesse pelas associações profissionais aumenta. Com este ponto de vista surge a obra *The Profession*, de Carr-Saunders e Wilson, publicada em 1933 (ABBOTT, 1988). A obra analisa a evolução do trabalho e dos empregos em termos de profissionalização, baseada na especialização dos serviços, na qual demarcavam os qualificados dos não qualificados e implantação de uma formação específica, adquirindo uma cultura profissional – tudo baseado em “conhecimento” profissional. Eles entenderam as profissões como corpos de *experts* organizados, os quais aplicavam conhecimentos específicos em casos específicos. Com esta visão, passa-se a entender as profissões com um *status* superior aos ofícios, pois elas teriam, além de um saber prático, um saber científico (DUBAR, 2005), dentro de grupos com sistemas de instrução e treinamento, atrelados a códigos de comportamento e ética (ABBOTT, 1988). Estas foram as propriedades que viriam a se tornar a essência das definições posteriores sobre profissões, sendo a amplamente conhecida como: profissão emerge quando uma quantidade definida de pessoas começa a praticar uma técnica definida fundamentada em uma formação especializada (DUBAR, 2005). Em contrapartida a esta definição, surge um questionamento:

a emergência de uma profissão se dá de modo natural e instrumental, como parece ser nesta definição, como se a “profissão” tomasse forma e corpo por si mesma, ou se dá a partir do esforço e interação entre pessoas, como em ação coletiva¹⁴?

Na perspectiva funcionalista das profissões, há três dimensões na relação entre um(a) profissional e o(a) cliente: uma ciência aplicada fundada em teoria e prática; a especificidade funcional, na qual repousa especialização técnica; e um interesse imparcial do profissional. Assim, a institucionalização das profissões surge de um equilíbrio entre a necessidade do cliente e do profissional; e, também, da legitimação desse papel (DUBAR, 2005), com um enfoque no *status* a partir do conhecimento (VENUTO, 1999). Resumidamente, a abordagem funcionalista se distingue das demais “por uma dupla afirmação: de um lado os profissionais formam comunidades unidas em torno dos mesmos valores e da mesma ‘ética de serviço’, de outro lado seu *status* profissional apoia-se em um saber ‘científico’ e não somente prático” (DUBAR, 2005, p.175). Enfim, embasa-se na ideia de que, para ser profissão, precisa corresponder a uma série de critérios e atributos específicos, além de parecer formar um grupo homogêneo. As teorias funcionalistas receberam muitas críticas, como as de apenas hierarquizar critérios arbitrários e as de não considerarem aspectos históricos e culturais em sua análise (ANGELIN, 2010).

Na sequência de sua exposição sobre a temática de profissões, Dubar (2007) traz Everett Hughes como analista primordial na perspectiva interacionista de profissões, para quem o termo “profissional” implica mais um juízo de valor e prestígio. Mesmo considerando a profissão como um meio de socialização, não é possível reduzi-la a uma visão funcionalista, posto que inclui a subjetividade e a relatividade. Assim, ainda que tenha contemplado profissões reconhecidamente institucionalizadas, como da medicina (BECKER *et al*, 1961), os(as) interacionistas também contemplaram outras ocupações, como “usuários(as) de maconha” (BECKER, 2008), “músicos(as) de jazz” (BECKER, 2008), os “músicos(as) de dança” (BECKER, 1951), vagabundos¹⁵ (ANDERSON, 1923), dançarinos(as) (CRESSEY, 1932), para citar alguns. Os(as) interacionistas, portanto, privilegiam os aspectos processuais das transformações relativas às profissões, e não sua institucionalização, além de considerarem as circunstâncias temporais e espaciais desse processo, tendo como principal contrapartida a consideração dos aspectos individuais e subjetivos neste processo.

¹⁴ O termo “ação coletiva” é bem explorado na obra de Becker (1977), “Uma Teoria da Ação Coletiva”. Ainda que não seja detalhada aqui, “ação coletiva” contempla a ideia de influência e necessidade de relações recíprocas para o desenvolvimento (ou desenrolar) social.

¹⁵ Tradução livre de “hobos” (ANDERSON, 1923).

Everett Hughes inicia seu livro *Men and their work* (1958) já colocando que muitas ocupações têm buscado o *status* de profissão. Para ser uma “profissão”, Hughes (1958) introduz duas noções essenciais: diploma e mandato. O primeiro é a autorização legal de exercer determinada função; o segundo é a obrigação legal de exercer determinada função, sendo este fundamental para diferenciar uma ocupação de uma profissão. Enquanto a licença, ou diploma, é uma permissão legal para fazer determinada coisa, o mandato vai além para ditar regras legais, morais e intelectuais naquela atividade e grupo – que podem ir para além da profissão e atingir a sociedade como um todo. Ora, diz Hughes (1958, p. 79) “quando a presunção de um grupo para um mandato amplo deste tipo é explícita ou implicitamente concedida como legítima, uma profissão veio a existir”¹⁶. Providos(as) de diploma e mandato, os(as) profissionais possuem dois atributos essenciais: o saber condenável, das funções sagradas; e as instituições destinadas a proteger o diploma e manter o mandato. Hughes (1958) faz a ressalva, enfim, que estas noções de licença e mandato não têm a pretensão de serem delimitadoras: elas introduzem a discussão a respeito das profissões e da divisão moral do trabalho.

Por fim, Hughes (1958) define a profissão e carreira como meios de socialização, ou seja, é pela profissão que a pessoa desenvolve uma filosofia, uma visão de mundo compartilhada, na qual o grupo gera um código informal, regras de seleção, interesses e linguagem comum, o que também gera um grupo de discriminações – o que justifica a dificuldade de inserção daqueles que não correspondem ao estereótipo criado como “correto” internamente. Entender a profissão como um meio de compartilhamento de visões de mundo não significa entender o grupo como homogêneo.

A profissão seria, portanto, tanto um meio de iniciação, quanto de conversão e de socialização, em uma cultura ou grupo. Hughes (1958) traz três mecanismos de socialização: a passagem através do espelho, que seria um processo de aproximação e desencantamento com a profissão; a instalação da dualidade, entre o modelo ideal e o modelo prático (neste, constituir um grupo de referência na profissão é um mecanismo para gestão dessa dualidade); e, por fim, o ajuste da concepção de si, que a tomada de consciência de si com as chances de carreira naquele campo. Assim, aliada à profissão, a carreira seria “a soma total dessas disposições e orientações, que fornece a chave da distribuição dos profissionais entre os diversos caminhos da carreira e os diversos tipos de prática” (HUGHES, 1958, p. 159).

¹⁶ Tradução livre de “When the presumption of a group to a broad mandate of this kind is explicitly or implicitly granted as legitimate, a profession has come into being” (HUGHES, 1958, p. 79).

Além disso, as profissões deveriam ser compreendidas como em interação a outras. Abbott (1988) aponta que deveriam ser analisadas as inter relações de competição entre as profissões, entendendo as profissões como um sistema interdependente. Sua definição de profissão é que “profissões são uma ocupação exclusiva de grupos aplicando algum conhecimento abstrato em um caso particular”¹⁷ (ABBOTT, 1988, p. 8). Longe de seguirem leis padronizadas de formação, elas são diferentes entre si devido à influência dos indivíduos. Mostrando a diferença entre médicos em geral e psiquiatras, Abbott (1988) mostra como as profissões podem nascer e se desenvolver de formas diferentes. Além disso, mostra como uma está relacionada às outras, em termos até de competição, fora e dentro do grupo profissional. O contexto, o tempo, as profissões, os indivíduos: tudo está relacionado ao desenvolvimento de uma profissão (ABBOTT, 1988). Por isso, os autor procura as narrativas individuais dos(as) envolvidos(as) no processo, percebendo que não há uma carreira, ou sequência, única de pessoas para a profissionalização de uma ocupação – mas várias. Seu argumento reside na ideia de que a história das profissões são mais histórias de conflitos que de harmonias, criticando o entendimento de “padrão”, que retira das análises as pessoas envolvidas, ignorando

quem estava fazendo o que, para quem, e como, concentrando apenas nas associações, licenças, códigos de ética. De fato, não somente perderam os conteúdos das atividades profissionais, como também o contexto no qual essas atividades aconteciam (ABBOTT, 1988, p.2).

Pensando nisso, Abbott (1988) coloca o principal vínculo analítico entre profissão e atividade (*profession and work*) – vínculo este que chamará de jurisdição. Analisar o desenvolvimento profissional é analisar como esse vínculo é criado, quem o apoia formal e informalmente, e as interações com outras profissões, explorado por Ferreira (2012) com tatuadores(as).

A partir do trabalho de Bucher e Strauss (1961) intitulado “Profissões em Processo”¹⁸ é possível compreender melhor o que esse conceito significa, bem como as possíveis contribuições dele para este trabalho, para o entendimento de carreiras e para a Gestão de Pessoas. Em contraponto à visão funcionalista das profissões como organizações homogêneas e estáticas, essa visão processual de base interacionista as compreende “em processo”, como

¹⁷ Tradução livre de “professions are exclusive occupational groups applying somewhat abstract knowledge to particular cases” (ABBOTT, 1988, p.8).

¹⁸ Tradução livre de “Professions in Process”, título da referência bibliográfica utilizada: BUCHER, R.; STRAUSS, A. Professions in process. American Journal of Sociology. Chicago: The University of Chicago Press, Vol. 66, No.4, 1961, pp.325-334

grupos heterogêneos e segmentados, dentro dos quais cada segmento, sim, seria relativamente homogêneo, com nome e objetivos comuns. Ainda que haja homogeneidade, a diferença entre os segmentos dentro de cada profissão, bem como a interação competitiva entre profissões é o que possibilita as transformações e mudanças dentro das próprias organizações – o que os autores chamaram de “viradas da profissão”¹⁹. De certa forma, é um entendimento similar ao dado à pessoas, a partir da perspectiva de carreiras, qual seja: a pessoa, heterogênea em si, faz tanto emergirem conflitos (que incluem os aspectos subjetivos), como dilemas (que são apenas os objetivos) em sua vida (HUGHES, 1937; 1958). Da mesma forma, a profissão também pode sofrer dos aspectos contraditórios internos a si mesma, bem como à interação com os externos. Entender a profissão como processo pode trazer algumas implicações de compreensão, dentro das quais destaco as de carreiras, socialização e recrutamento (BUCHER; STRAUSS, 1961).

Quanto às carreiras, Bucher e Strauss (1961) apontam que passa-se a entender os espaços sociais pelos quais a pessoa transita como “segmentos”. Dessa forma, dentro de uma mesma profissão a pessoa pode transitar por diferentes segmentos, entendendo-os de formas distintas. À socialização, inclui a noção de conflito e heterogeneidade, o que influencia os processos de socialização, principalmente dos(as) jovens. Enfim, quanto ao recrutamento, ele vai variar dentro de uma mesma profissão. Dessa forma, a pessoa se vê diante de diferentes requisitos de qualificação para desempenhar atividades de um mesmo diploma (BUCHER; STRAUSS, 1961).

Com tudo isso, a noção de profissão utilizada neste trabalho é a interacionista. Resumidamente, compreende-se que a profissão detém um *status* superior ao da ocupação (HUGHES, 1958), entendida como ação coletiva (BECKER, 1977) e em interação a outras (ABBOTT, 1988) e dentro de si mesma, pelas interações sociais. A profissão é um processo dinâmico e fluido (BUCHER; STRAUSS, 1961), heterogêneo e em constante mudança, devido às interações que a interseccionam.

4.4 A POSSIBILIDADE DO DESVIO

¹⁹ Tradução livre de “professions shifts” (BUCHER e STRAUSS, 1961, p.325).

As noções de diploma e mandato permitem o estudo de diferentes profissões a partir de categorias gerais (HEATH, 1984), como dito anteriormente. Especificamente quanto ao submundo e subculturas²⁰

As noções de licença e mandato poderiam ser aplicadas ao estudo do submundo e do desvio social em geral (...). As pessoas do submundo têm uma licença considerável para desviar-se das normas comuns de conduta; na verdade, elas obtêm a sua vida, ajudando as pessoas respeitáveis a escapar dessas normas. Mas a licença do submundo nunca é bastante reconhecida. (...). Sua licença, no entanto, está periodicamente em um estado lamentável, e não parece haver nenhuma garantia de que ela não será a qualquer momento atacada. Por outro lado, parece nunca permanentemente para ser retirada (HUGHES, 1958, pp. 86-87).²¹

Com isso, a perspectiva interacionista permite, antes de qualquer coisa, trazer as ocupações de desviantes para estudos teóricos e empíricos. Assim, aceitando o “desvio”, é possível direcionar a atenção às ocupações e carreiras não institucionalizadas. O entendimento do que é desvio é embasado na obra “*Outsiders*” (2008), de Howard Becker, que inicia questionando o que seria realmente um crime: afinal, quem define o que é crime? Pensando nisso, o autor discorre sobre duas atividades que poderiam ser rotuladas de “criminosas”, mas que ele irá chamar de *outsiders* (ou desviantes).

Apesar de, a princípio, poder ser confundido com um conceito funcionalista, posto que pressuporia um centro harmônico do qual desviam alguns elementos – anômicos – não o é. O desvio entendido pela Teoria da Rotulação é ambíguo por si só e, por isso, não poderia haver a pretensão de se buscar as causas dele (como uma investigação funcionalista), mas a compreensão da construção desse rótulo como um fenômeno emergente de interações sociais (LIMA, 2001). Essa concepção sobre o fenômeno do desvio “privilegia o papel da ação coletiva, cujas regras são impostas por um processo social que define coletivamente certas formas de comportamento como tipos de problemas” (LIMA, 2001, p. 192).

²⁰ Os termos “submundo” e “subculturas” são usados nas obras dos(as) interacionistas para tratar de grupos “desviantes” ou de minorias (BECKER, 2008; BARLEY, 1989; HUGHES, 1958). Nesse sentido, o termo replicado neste trabalho tem a intenção de ser fiel ao pensamento interacionista, que se preocupa em, constantemente, reiterar a não reprodução de qualquer tipo de pré-noção, preconceitos ou exclusões sociais. Para além disso, tais estudos tem a intenção contrária a esta.

²¹ Tradução livre de “The notions of licence and mandate could be applied to study of the underworld and of social deviation in general (...).The people of the underworld have a considerable licence to deviate from ordinary norms of conduct; in fact, they get their living by helping respectable people escape these norms. But the licence of the underworld is never quite admitted. (...). Their licence, however, is periodically in a parlous state, and there seems to be no guarantee that it will not at any moment be attacked. On the other hand, it seems never permanently to be withdrawn (HUGHES, 1958, pp. 86-87).

Becker (2008, p. 17) conceitua desviante como “aquele que desvia das regras do grupo”, sejam elas jurídicas, civis, morais, profissionais, religiosas. Mas será isso que elas teriam em comum? Ou seria o fato de deter um rótulo, e a experiência de vivê-lo? Desta reflexão, o autor finaliza seu conceito como “o desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso: o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal” (BECKER, 2008, p. 22). O desvio é, então, uma ação coletiva, pois as pessoas agem atentas às reações das outras, rotulando-se reciprocamente.

Ao se considerar o desvio uma forma de atividade coletiva, a ser investigada, em todas as suas facetas, como qualquer outra atividade coletiva, vemos que o objeto de nosso estudo não é um ato isolado cuja origem devemos descobrir. Em vez disso, o ato que alegadamente ocorreu, quando ocorreu, tem lugar numa rede complexa de atos envolvendo outros, e assume parte dessa complexidade por causa da maneira como diferentes pessoas e grupos o definem. (BECKER, 2008, p. 189).

Becker (2008) salienta a ambiguidade do rótulo e a impossibilidade de considerar algo ou alguém desviante *per se*: o sujeito não é desviante pelo ato em si, ou por quem ele é, em si, mas a partir da interação que se estabelece com a outra pessoa – que pode ser de um grupo de regras diferentes. Por isso, o rótulo varia: quem é desviante diante de determinado grupo ou período, pode não ser em outros. Para além disso, dentro do próprio grupo podem haver diferentes regras e, portanto, diferentes rotulações. Assim, apesar de existirem aqueles(as) que quebram as regras, ou seja, são *outsiders* considerados(as) pela sociedade estabelecida, eles(elas) mesmos(as) poderiam encarar os(as) estabelecidos(as) que o julgam como *outsiders*. A relatividade do conceito, aparentemente sem sentido, demarca uma perspectiva antropológica dessa sociologia, que virá a enriquecer, também, os entendimentos sobre carreiras. Para estudar o desvio, portanto, “devemos adotar o ponto de vista de pelo menos um dos grupos envolvidos, seja o daqueles que são tratados como desviantes, seja o daqueles que rotulam os outros como tais” (BECKER, 2008, p. 175). Dado o interesse no aspecto subjetivo da carreira das pessoas que tatuam e como elas vivenciam suas carreiras, será o ponto de vista delas o buscado e apresentado neste trabalho.

Segundo Becker (2008, p. 35), “uma concepção útil no desenvolvimento de modelos sequenciais de vários tipos de comportamento desviante é o de carreira”. O autor chamará tais carreiras de desviantes, ainda que colegas de Chicago já tivessem cunhado o conceito, entendendo que “para se ter uma carreira desviante é preciso estar socializado em grupos de

subcultura”²² (BARLEY, 1989, p. 44), diferindo sutilmente uma da outra. Ambas, no entanto, recorrem na análise à percepção de típicos estágios pelos quais os indivíduos passavam, formada por *turning points* (ou pontos de virada) que faziam com que o(a) desviante seguisse ou não por aquele caminho. Becker (2008) aprofunda seu desenvolvimento colocando que o primeiro passo na maioria das carreiras desviantes é o acometimento de um ato não apropriado. Ficar em tal trajetória pode ser devido às regras do grupo que participa serem mais salientes para si do que a dos outros, chamados aqui “estabelecidos”. Com isso, “o indivíduo aprende, em suma, a participar de uma subcultura organizada em torno da atividade desviante particular” (BECKER, 2008, p.41). É válido ressaltar que a exposição de uma carreira geral de desviantes não tem a pretensão de ser universal.

Nos *status* que a pessoa carrega existem traços principais e auxiliares (HUGHES, 1958), ou seja, se a pessoa tem um traço principal desviante, todo o mais vai ser interpretado como tal (BECKER, 2008). O passo final da carreira desviante seria o ingresso num grupo desviante organizado. O grupo organizado, com mecanismos próprios de justificar suas ações e o estabelecimento de regras próprias, faz com que aquele que entra dificilmente saia.

A dificuldade de saída dessas carreiras ditas desviantes pode ser demonstrada nos trabalhos de Meisenhelder (1977) e Boylstein e Maggard (2013), os quais tratam das carreiras de pessoas que cometem crimes – do ponto de vista da legalidade. Estes estudos mostram que as carreiras de desviantes apresentam um caminho em *zig zag*, entrando e saindo da esfera criminosa, seja objetivamente ou subjetivamente (MEISENHELDER, 1977; BOYLSTEIN; MAGGARD, 2013). Ao que parece, nestas carreiras, “mais que um movimentação contínua e ascendente, as trajetórias de carreira no mundo social desviante parecem ter uma natureza de “zig zag”²³ (BOYLSTEIN; MAGGARD, 2013, p. 53). A reflexão que esse apontamento emerge contribui às aparentes pré-noções de linearidade e ascensão que são vinculadas à carreira. Além de Becker (2008) não demonstrar isso, Hughes (2003) ou os sociólogos de Chicago (BARLEY, 1989) também não o fizeram.

Becker (2008) apresenta duas carreiras em sua obra que apresentam caracterizações ricas para a análise das pessoas que tatuam: de usuários(as) de maconha e de músicos(as) de jazz. Na primeira, Becker (2008, p. 72) apresenta as fases de carreira:

²² Tradução livre de “to have a deviant career was thus tantamount to being socialized into the ways of a subculture” (BARLEY, 1989, p. 44)

²³ Tradução livre de “rather than a continual upward mobility, career pathways in deviant social worlds tend to take on a “zig-zag” nature” (BOYLSTEIN; MAGGARD, 2013, p. 53).

o primeiro estágio é representado pelo iniciante, a pessoa que fuma maconha pela primeira vez; o segundo, pelo usuário ocasional, cujo consumo é esporádico e depende de fatores fortuitos; e o terceiro, pelo usuário regular, para quem fumar se torna uma rotina sistemática, em geral diária.

O noviço irá entrar em grupos já usuários para aprender a técnica do fumo. O segundo passo é aprender a perceber os efeitos da maconha e, em seguida, aprender a gostar deles. Essas experiências acontecem, via de regra, com pessoas mais experientes no uso, que ensinam e incentivam a prática. Por fim, depois de se tornar usuário, a pessoa precisa aprender a lidar com o controle social, posto que existem regras de dominação que irão impedir fornecimento, venda, compra e uso da droga – em grande medida por lutas de poder.

Na segunda ocupação, de músicos(as), aparece também a divisão intra grupo, devido a pressões externas do público e da família – o que demonstra suas influências nas decisões de vida. Ainda que seja uma atividade aceita, seu estilo de vida pode ser considerado desviante pelos espaços e horários em que acontece. Nessa carreira, a pessoa tem a possibilidade de ser um(a) músico(a) “artista” ou “comercial”: no primeiro, a vontade de se expressar como artista; no segundo, reconhecem que forças externas podem pressionar para tocar outra coisa, para ganharem dinheiro, optando por perder reconhecimento interno, para obter prestígio do outro lado e ganhar mais dinheiro (BECKER, 2008). Com isso, e trazendo as noções sobre carreira de Hughes (1937), essas pessoas aparentam uma relação antagônica entre os aspectos objetivos [a demanda do “comercial” pelo público] e os subjetivos [a vontade de expressão artística pelo(a) músico(a)] – o que será conceituado como um conflito (HUGHES, 1937). Além da visão e cobrança dos(as) clientes, existe a família – outro grupo em fronteira, entendido mais como estabelecido que desviante.

A família, portanto, como uma instituição que exige do músico que ele se comporte convencionalmente, cria-lhe problemas de pressões, lealdades e auto-imagens conflitantes. Sua resposta a esses problemas tem um efeito decisivo sobre a duração e a direção de sua carreira (BECKER, 2008, p. 128).

No caso dos(as) músicos(as), por ser sua fonte de renda, precisarão se submeter a algumas regras e, especificamente, formar círculos de contatos dos quais emergem possibilidades de empregos. Assim, “a carreira bem sucedida pode ser vista como uma série desses passos, cada qual uma sequência de apadrinhamento, desempenho satisfatório e estabelecimento de relações a cada novo nível” (BECKER, 2008, p. 117).

Com tudo isso, e dado o campo de estudo deste trabalho, o tema “desvio” parece ser relevante para compreender os modos pelos quais as pessoas que atuam vivenciam sua carreira profissional, já que carregam um histórico claramente desviante – e estigmatizante (DEMELLO, 2000). Além disso, a compreensão de carreiras desviantes (BECKER, 2008) ajuda a compreender o próprio conceito de carreira e suas lacunas, de modo a enriquecer o trabalho, principalmente em suas considerações finais.

4.5 CARREIRAS

Embora apresente estudos desde o início do século XX, a temática de carreiras não parece estar consolidada. Como conceito amplo disciplinarmente, permite a reflexão e uso a partir de diferentes perspectivas epistemológicas. Na Administração, é na área de Gestão de Pessoas que ela é mais trabalhada. Na área de Gestão de Pessoas, os estudos tomaram corpo a partir da década de 1980, com a proliferação de instrumentos, cursos e técnicas para o planejamento de carreiras nas empresas e o desenvolvimento profissional das pessoas. No entanto, a maior parte dos trabalhos gerenciais estão vinculados a entendimentos de carreira como baseada em âncoras (SCHEIN, 1996), carreira proteana (HALL, 1996) ou carreira sem fronteiras (ARTHUR; ROUSSEAU, 1994). Todas estas mantêm uma dicotomia entre indivíduo e organização, na qual o primeiro fica, via de regra, subordinado aos pressupostos impostos pelas organizações, seja de requisitos de qualificação, seja de perspectivas de futuro – e sempre vinculadas ao emprego (DELUCA; ROCHA-DE-OLIVEIRA; CHIESA, 2014; SULLIVAN; BARUCH, 2009).

Em Dubar (2007), assim como na própria obra de Hughes (1958), as “carreiras”, assim como as “profissões”, são apontadas como meios de socialização, sendo as primeiras que demarcam a passagem de um indivíduo dentro de um grupo profissional. Na verdade, Dubar (2005) expõe que o pensamento da Escola de Chicago permitiu uma articulação entre a trajetória provável (ou seja, um sistema de expectativas legítimas) e o sistema ocupacional (ou seja, o sistema de oportunidades). Assim, profissão e carreira se tornam parte do processo de socialização e formação da identidade de si (DUBAR, 2007). Para além das análises tendenciosamente psicológicas, que focam o indivíduo separado da organização – ou vice versa – a carreira pode ser uma ponte analítica justamente pela interação entre estas duas esferas. É esta a perspectiva interacionista, posto que contempla diferentes elementos de análise micro (pessoa)

e macro²⁴ (contexto e organizações) (BARLEY, 1989), para além de desenvolver fórmulas, sejam empíricas, teóricas ou históricas (ABBOTT, 1997). Além das organizações empresariais, esta concepção também permite compreender as relações da pessoa com sua ocupação (ou profissão) e com os grupos com os quais interage, como já foi apresentado anteriormente. A intenção desta análise, portanto, não é ignorar as necessidades gerenciais quanto à carreira, mas dar um passo anterior para refletir sobre sua compreensão para além das organizações, de modo que se possa retornar a seu interior e propor perspectivas de gestão em práticas diferentes.

Everett C. Hughes é apontado como a fonte primordial de influência da perspectiva interacionista da Escola de Chicago quanto ao conceito de carreira (BARLEY, 1989) e um dos fundadores do campo de investigação de carreiras (MOORE; GUNZ; HALL, 2007). A Escola foi influenciada tanto pelo formalismo alemão de Georg Simmel, que compreendia fatos sociais como esquemas de regras que variam no tempo e no espaço, como pelo pragmatismo americano de John Dewey e George Herbert Mead, que buscavam compreender como os atores sociais lidam com os problemas que eles encaram (BARLEY, 1989). Foi com esta síntese que aqueles(as) sociólogos(as) passaram a pesquisar a cidade de Chicago, principalmente a partir dos anos 1920. Desde sua fundação, diversos estudos se desenvolveram, dentre eles os de Everett Hughes (1937, 1958, 2003), sendo este o primeiro a colocar a carreira realmente como um conceito (MOORE; GUNZ; HALL, 2007).

Hughes e seus estudantes se aproximaram dos estudos sobre trabalho por uma via etnográfica. Ainda assim, cada indivíduo também contribuiu para formulação do quadro teórico geral. Esse quadro era composto por uma constelação de conceitos que eram entendidos como imbricados: papel, self, identidade, instituição e, mais importante para o presente propósito, carreira. (BARLEY, 1989, p. 44-45).²⁵

Em Hughes (1937; 1958; 2003; 2005), uma visão diacrônica o permite contemplar uma perspectiva objetiva e outra, subjetiva, na carreira do indivíduo. Se de um lado temos um “senso comum” que trata carreira como uma série de empregos²⁶, de outro apresenta-se a noção da Escola de Chicago, a qual vê o trabalho, ou profissão, como um dos, dentre outros,

²⁴ Os termos “macro” e “micro” são utilizados em fidelidade ao autor (BARLEY, 1989) e não têm cunho estrutural, mas contextual.

²⁵ Tradução livre de “Hughes and his students approached the study of work as a thoroughly ethnographic affair. Yet, each individual ethnography also contributed in piece meal fashion to the formulation of a theoretical framework. This framework was composed of a constellation of concepts that were understood to be closely entwined: role, self, identity, institution, and most important for present purposes, career” (BARLEY, 1989, pp. 44-45).

²⁶ Tradução livre de “jobs” (BARLEY, 1989).

elementos da carreira. Ou seja, a pessoa perpassa, ao longo de sua carreira, por diferentes papéis e *status* sociais, os quais também contemplam o campo ocupacional. Assim, a carreira é uma sequência ligada a outros elementos além dos laços estabelecidos em uma organização formal (BARLEY, 1989), pois “nem tudo na vida de um homem é trabalho, e nem tudo em sua vida é singular” (HUGHES, 1958, p.164). Por não vincularem a carreira diretamente a uma profissão ou a qualquer esfera da divisão social do trabalho, estes(as) sociólogos(as) permitiram-se analisar carreiras de imigrantes, criminosos(as), músicos(as), dentre outras.

Com tudo isso e considerando as chamadas por interdisciplinaridade nas discussões de carreira (ARTHUR; HALL; LAWRENCE, 1989; KHAPOVA; ARTHUR, 2010; SULLIVAN; BARUCH, 2009; ARTHUR, 2008), as críticas à visão dicotômica estabelecidas entre indivíduo e instituição e entre processo e estrutura (MOORE; GUNZ; HALL, 2007) e a possibilidade de investigação de ocupações diferentes das estabelecidas (BECKER, 2008; ANDERSON, 1923; CRESSEY, 1932), este trabalho buscou uma teoria que considerasse estas peculiaridades. Por isso, a perspectiva interacionista de Everett Hughes, que pode ser vinculada a preceitos antropológicos, filosóficos e psicologistas, parece ser uma oportunidade para discutir carreiras de um modo mais completo e unívoco.

O conceito de carreira, portanto, é “a sequência de papéis e *status* e empregos vividos pelo indivíduo²⁷” (HUGHES, 1937, p. 404), o qual entende a vida da pessoa como um todo, sendo o trabalho uma de suas facetas (HUGHES, 1958). No entendimento de Hughes (2003), todos(as) têm uma carreira, independente de estarem ou não inseridos(as) em uma estrutura burocrática de empregos. Na verdade, mesmo os que o fazem percorrem um caminho tortuoso, permeado por contingências e irregularidade – por mais invisíveis que pareçam (BARLEY, 1989).

A carreira, como uma sequência de papéis e *status*, contempla, de um lado, a concepção que a pessoa faz de si, e os espaços sociais fixos pelos quais passa, de outro (BARLEY, 1989). Estas são as perspectivas subjetiva e objetiva, respectivamente, da carreira. Dada uma sociedade mais estável e tradicional, a última pode prevalecer; numa sociedade mais livre, a pessoa terá também mais liberdade subjetiva de ação. Assim, para Hughes (1937), a carreira contempla, objetivamente, a série de *status* e cargos pelos quais a pessoa passa e, subjetivamente, a concepção dinâmica que a pessoa faz de sua vida – e a interpreta. É devido à interação entre as duas noções, e à singularidade de uma pessoa, que, independente se ela traçou ou não um objetivo para sua vida, dificilmente ela permanecerá a mesmo, posto

²⁷ Tradução livre de “the person’s sequence of role and realized status and office” (HUGHES, 1937, p. 404).

que a pessoa revisa sua trajetória e a reinterpreta (HUGHES, 1937). Para fins de esclarecimento, trazemos o exemplo de Becker (2008) ao apresentar as trajetórias de carreira de usuários(as) de maconha. Nela, a pessoa pode ter um *status* de desviante e, até, de criminoso(a). Por outro lado, subjetivamente ou, inclusive, objetivamente dentro do seu grupo, não é rotulado(a) como tal – não carrega tal *status* (BECKER, 2008). Por fim, pode vir a existir um conflito entre o papel social peculiar à pessoa e o cargo o qual ela está em determinado momento (HUGHES, 1937; 1958).

Os *status* são categorias sociais já aceitas (HUGHES, 1937), ou seja, categorias que carregam uma combinação padronizada de obrigações e privilégios (HUGHES, 1958). Sua clareza de análise é possível com os momentos ritualísticos de passagem entre um *status* e outro, nos quais o indivíduo deixa de deter um papel social por completo e vive primordialmente o *status* que lhe é conferido (HUGHES, 1937). A passagem não marca só a mudança do *status*, ou seja, a mudança de toda combinação de obrigações e privilégios padronizados que a pessoa passa a carregar (HUGHES, 2005); marca também a mudança do entendimento que tem de si, já que “um *status* é uma passagem de mudança em como o sujeito se apresenta para os outros, em muitos aspectos, uma mudança para com os parceiros interacionais”²⁸ (BARLEY, 1989, p. 50). Hughes (2005, p. 166) questiona o quanto ritos se tornam, com o tempo, obrigações mais funcionais que cheias de significado, colocando que, independente da resposta, isso mostra que “na medida em que os ritos são praticados, não há tentativa de negar a realidade do ciclo de vida humano, nem das contingências e mudanças de *status* que ocorrem nele, e não há pretensão de que os ritmos de temperamento, culpa, tristeza e mágoa não ocorram”.

O *status* é uma forma elementar de cargo, o qual Hughes (1937) define como um grupo de obrigações e privilégios padrão sob os quais a pessoa se submete em determinada situação. O crescimento de um grupo de cargos pode dar nascimento, por sua vez, a uma instituição. Ou seja, a instituição pode ser identificada, nesse sentido, como uma série de papéis individuais e singulares: é a interação livre entre pessoa e instituição.

Já o papel social é a concepção que a pessoa tem de si, em relação às outras – o que o torna um produto social (HUGHES, 1937), posto que emerge de um processo contínuo de interação. Assim, se papéis se referem às interações, sendo dinâmicos, e identidade, é a determinação naquele momento do *self* da pessoa, que o estabiliza ao deparar-se com tal

²⁸ Tradução livre de “a status passage invokes a change in how one presents oneself to others, a change in how one is treated by others, and in many instances, a change in one’s interactional partners” (BARLEY, 1989, p. 50).

papel. São as identidades que ajudam a pessoa “fazer sentido” em sua vida. Ou seja, papel está “fora” da pessoa e identidade, “dentro”. É neste ponto que *status*, papel, *self* e identidade se vinculam às perspectivas objetiva e subjetiva (BARLEY, 1989). O papel social, enfim, não está livre dos *status* que permeiam a vida do indivíduo. Na verdade, seria o aspecto dinâmico do *status*, posto que o último é estabelecido.

Devido ao trânsito da pessoa por diferentes grupos e instituições (SIMMEL, 1971, VELHO, 2003), ela pode passar por conflitos (HUGHES, 1937) e/ou por dilemas (HUGHES, 1958). Os conflitos acontecem quando os aspectos subjetivos e objetivos entram em contradição, fazendo com que a pessoa se depare com um estrangulamento de si. Por isso, a consequência tende a ser uma decisão por um ou por outro. Já o dilema seria a contradição entre aspectos objetivos, como, por exemplo, um “médico negro” (HUGHES, 1958). De um lado, a pessoa detém um *status* de minorias marginalizadas e, de outro, um *status* profissional central e reconhecido – lembrando que este exemplo é dado por Hughes em meados do século passado. As consequências, no dilema, tendem a ser reorganizações estruturais em instituições e processos de negociação da própria pessoa, variando a liberdade de ação de acordo com o tipo de sociedade na qual a pessoa está inserida.

Assim como Velho (2003) estabelece uma diferença entre a sociedade que chama de tradicional daquela que chama de complexa, Hughes (1937) também as diferencia para demonstrar as peculiaridades entre as carreiras das pessoas inseridas em cada uma. Segundo Hughes (1937), em uma sociedade mais livre, ou complexa, a pessoa consegue direcionar sua vida também livremente, sendo influenciada pelos *status* e cargos, mas também podendo criar novos *status* e cargos-padrão perante a sociedade. Por outro lado, em uma sociedade tradicional – ou mais estável que a sociedade complexa moderno-contemporânea – as perspectivas de carreira já são estabelecidas e a pessoa sabe, *a priori*, por quais *status* irá passar (HUGHES, 1937) – o que poderia ser estendido às organizações.

A contemplação dessa relação entre aspectos objetivos e subjetivos, possibilita, agora, o esclarecimento quanto à interação recursiva entre pessoa e instituição. Como esclarecido acima, *status*, papel, *self* e identidade fazem do ser psicológico um ser social. Estes, por sua vez, estão contemplados e são transformados ao longo da carreira, sendo assim influenciados tanto pelos aspectos objetivos como subjetivos deste ser. Dessa forma, apesar da carreira só poder ser vivida por uma pessoa, ela não é realizada apenas por uma. As pessoas até podem achar que fazem suas escolhas, mas serão, em algum grau, limitadas pelas possibilidades do contexto. Neste sentido, Barley (1989) coloca que não são as pessoas que fazem a carreira, mas a carreira que faz a pessoa. Como elemento histórico, a carreira pode também ficar

independente, como uma carreira padrão²⁹, porém somente quando um número considerável de pessoas tenha percorrido o mesmo caminho. Tendo uma carreira padrão como referência, bem como outras contingências, sociais ou não, a pessoa as utiliza para traçar seu próprio caminho. É, assim, que a carreira é influenciada por atributos das coletividades (HUGHES, 1937).

Ainda assim, por ser uma carreira estabelecida objetivamente, ela é parcialmente mais estável que a de uma pessoa singular. Isso é considerado pois, dentro de uma organização, quanto mais burocrática, maior a possibilidade em se determinar uma carreira padrão para os indivíduos, ainda que, mesmo assim, apresente irregularidades (HUGHES, 2003). Esta ressalva é pontuada devido à diferença entre sociedades mais “estáveis” e as mais “livres”, tal qual Hughes (1937) aponta, para também diferenciar as possibilidades de escolhas menos ou mais “livres” das pessoas – e, neste entendimento, das instituições.

Em suma, parece existir uma relação recursiva entre pessoa e instituições, ou seja, as pessoas dependem das instituições, mas as instituições também dependem das pessoas, na qual a carreira se torna elemento intermediário. Assim, o estudo de carreira é o acesso empírico para a relação entre ação social e estrutura social. Como apresentado por Hughes (1958), uma profissão, por exemplo, tem uma sequência permeada por interações, e se transforma ao longo do tempo, orientada por uma projeto coletivo, e sofrendo de contingências externas que incluem avanços de carreiras individuais.

Com tudo isso, para Hughes (2003), a responsabilidade de quem estuda carreiras é

Descobrir essas regularidade, para encontrar a ordem que for para um curso na vida das pessoas a medida que elas crescem e aprendem; quando escolhem, são escolhidas, rejeitam ou são rejeitadas pelas circunstâncias; a medida que puxam ou dão energia, habilidade e conhecimento; a medida que se tornam devotas e profundamente orientadas pelo trabalho ou, ao contrário, ficam entediadas, frustradas e, talvez, pulam de um tipo de trabalho para outro, ou de todos os tipos de trabalho que existem. (HUGHES, 2003, p. 131).³⁰

No estudo de carreiras nos vemos entre a dialética da regularidade e repetição de um lado, e o sentido “único” de outro, dialética esta que faz parte do próprio estudo da sociedade, que é continuamente mutável e carrega a individualidade da pessoa – com sua história, sua

²⁹ Tradução livre de “career line” (BARLEY, 1989, p. 51).

³⁰ Tradução livre de “To discover those regularities, to find whatever order there may be in the course run by the lives of people as they grow and learn; as they choose, are chosen, rejected or knocked about by circumstances; as they wax or wane in energy, skill and wisdom; as they become more devoted and deeply rooted in their work, or, on the contrary, are bored, frustrated and perhaps flee from one kind of work to another, or from all work” (HUGHES, 2003, p. 131).

biografia, sua prole (HUGHES, 2003). Assim, a pessoa tem uma carreira que é influenciada por essas diferentes dimensões, e ela deve ser compreendida como alguém que está em um determinado tempo e espaço. Por isso, sua carreira não será exclusivamente determinada por suas habilidades – ainda que seja singular.

Apesar de parecer, o estudo de carreiras – a perspectiva em movimento de que as pessoas orientam suas vidas com referência a uma ordem social, e os típicos estágios de um emprego – pode revelar a natureza da “constituição do trabalho” na sociedade. Instituições nada mais são que formas nas quais o comportamento coletivo e a ação coletiva acontecem. No curso de uma carreira a pessoa encontra seu lugar dentro dessas formas, carregando sua vida com referência a outras pessoas e interpretando a própria vida com essa referência. (HUGHES, 1937, p. 413).³¹

Com tudo isso, a carreira deve ser compreendida como um todo singular à pessoa (HUGHES, 1937), mas em interação, influenciada e influenciando instituições (HUGHES, 1958). Além disso, ela também muda de acordo com o tipo de sociedade em que a pessoa está inserida (HUGHES, 1937) ou grupo (BECKER, 2008; BARLEY, 1989). De modo didático, a carreira pode ser compreendida como aquilo que contempla aspectos objetivos e subjetivos da pessoas (HUGHES, 1937; 1958; 2003) e que podem entrar em conflito (HUGHES, 1937) ou dilema (HUGHES, 1958). Com este panorama conceitual, a pretensão primordial é fortalecer a ideia interacional, relacional e contextual dos conceitos interacionistas (ABBOTT, 1997; BARLEY, 1989), bem como o quadro teórico a ser trabalhado nos dados empíricos. Além disso, é válido ressaltar que não haverá a pretensão de buscar uma carreira padrão, mas uma carreira da pessoa que tatua, contemplando as diversas nuances possíveis, a partir de diferentes histórias, próxima a uma “carreira ideal”.

³¹ Tradução livre de “However that may be, a study of careers – of the moving perspective in which persons orient themselves with reference to the social order, and of the typical sequences and concatenations of office – may be expected to reveal the nature and “working constitution” of a society. Institutions are but the forms in which the collective behavior and collective action of people go on. In the course of a career the person finds his place within these forms, carries on this active life with reference to other people, and interprets the meaning of the one life he has to live” (HUGHES, 1937, p. 413).

5 A NARRATIVA HISTÓRICA DE QUEM PRÁTICA TATUAGEM

*Tu é um álbum de fotografias, tu é teu álbum, tu é
a tua história. Tem uma história, eu sou um livro...
Eu tô escrevendo um livro, só que em mim.
É uma história viva.
Itamar.*

A história de vida contada no início deste trabalho é a de Heráclito. Baseada nos preceitos da história de vida que, ao contar uma, fala de muitas, e também nas entrevistas realizadas com outras dez pessoas, a história a ser contada nesta seção contempla a de muitos(as). Neste sentido, pretendo apresentar a carreira de quem tatua considerando as diversas nuances que surgiram das entrevistas, observações e leituras, em busca de uma “carreira padrão” (HUGHES, 1937). Esta ação não contrapõe o método: toda a coleta foi feita com base no método de História de Vida e de Narrativas. A peculiaridade aqui é de que a compreensão desta carreira será mais enriquecedora se considerar nuances que Heráclito pode não ter vivido em sua vida, mas as outras vidas que interseccionam a dele viveram.

Apresentar uma vida é apresentar uma história. Dadas não somente as intersecções pessoais entre estas vidas, mas também as espaço-temporais, cabe apresentar o cenário no qual estes(as) personagens transitaram e transitam. Por isso, apresentar uma carreira, seja no sentido estrito ou no sentido profissional, envolve apresentar o mercado de trabalho no qual estas pessoas estiveram inseridas. Nesse sentido, cabe contextualizar a trajetória a partir do cenário espaço-temporal pesquisado e relatado: a Porto Alegre dos últimos 20 anos. Com isso, é possível adentrar as vidas e ressaltar os pontos de escolhas, dilemas, conflitos e inflexões.

5.1 A NARRATIVA DO TRABALHO NO TEMPO-ESPAÇO

*Hoje em dia é considerado arte. Antes não era.
Itamar.*

A tatuagem aparece no Ocidente com maior exposição a partir das navegações, especialmente com a expedição do Capitão James Cook, para as ilhas do Pacífico

(MARQUES, 1997; DEMELLO, 2000; FERREIRA, 2004; LEITÃO, 2004). Depois de sua inserção na Europa, a tatuagem viajou às Américas junto com suas tripulações, além de encontrar nelas próprias suas formas de tatuagem – cenário repetido em todo o mundo. Com isso, cidades capitais e portuárias parecem ter sido terrenos férteis para essa atividade. Em Nova Iorque, tatuadores(as) já se intitulavam professores(as) no final do século XIX, no sentido de profissionais, inclusive com cartões de apresentação – ainda que a verdadeira divulgação acontecesse pelo corpo: na pele e no boca a boca (DEMELLO, 2000).

Marinheiros(as) são figuras conhecidas pelas tatuagens. A bordo dos navios era comum a presença de alguém que tatuasse. Apesar da proliferação do início do século XX, entre as décadas seguintes houve sua proibição em terras americanas, devido aos cuidados higiênicos (MARQUES, 1997). No Brasil, a formação de um grupo de profissionais se dá primeiro por meio de viajantes, que acompanhavam embarcações estrangeiras (LEITÃO, 2004), do crime ou da vida marginal, para logo depois se estabelecer ao redor de Lucky Tattoo (MARQUES, 1997). Aqui, os primeiros estúdios se estabeleceram em cidades portuárias – Santos, Rio de Janeiro, Florianópolis e Porto Alegre.

Deste sua “descoberta”, a percepção quanto à prática sofreu alterações, de um entendimento como pagã, selvagem, marginal e artística, nos dias atuais. No Brasil, ela nasce sob a figura de um tatuador dinamarquês, Lucky, que vem ao Brasil e se estabelece no ano de 1959, em Santos. A partir da década de 1970, com o uso da tatuagem por surfistas brasileiros(as), a prática começa a ser difundida, até se estabilizar na década de 1990. É por volta deste período que ela vem à Porto Alegre, com quatro principais figuras: Frank, Edu, Lagarto e Verani. Estes quatro tatuadores são considerados pioneiros na cidade, todos com estúdios ainda em atividade, sendo os dois primeiros da “primeira geração” e os outros, da “segunda geração”, como relatou Toledo. As histórias contempladas, tomadas aqui como uma carreira única, rodeiam a história de Verani, o qual foi o tatuador orientador de Heráclito. No entanto, ressalto a importância dos outros, e de tantos(as) outros(as) que podem não ser apresentados de modo fiel à sua importância histórica, devido às limitações de tempo e espaço deste trabalho.

A formação dessa indústria e desse mercado de trabalho foi similar a algumas partes do mundo, ainda que tenha suas peculiaridades, seja no Brasil, seja em Porto Alegre. Como esclarece o Bruno, no final dos anos 1980, em Porto Alegre ainda havia poucos tatuadores, que eram conhecidos entre si, pessoalmente. Nessa época, o mercado da tatuagem aparece como muito mais fechado, do qual só fazia parte quem tinha coragem:

Tinha muita gente que queria [fazer tatuagem], mas não tinha coragem. Porque era foda, na época que eu comecei era foda mesmo. Pra conseguir um desenho era foda, era meio que tráfico assim, quem tem a melhor folhinha [carimbo para tatuar]... E os cara enfiavam a faca mesmo, bá, uma folha de desenho... 50 conto. Bizarro. [Toledo]

O fato do mercado ser fechado é atribuído a alguns elementos: poucas pessoas tinham coragem de iniciar a prática devido à forte estigmatização da época, os meios de comunicação não eram tão acessíveis, como agora, com a internet, o que limitava o acesso à informação, fosse por clientes, fosse por quem tatua, o acesso aos recursos e instrumentos também era restrito, com pouca importação, havendo a prática de fabricação caseira de máquinas e tintas, além de uma desconfiança e alta competição entre as próprias pessoas que tatuavam. Como relatou o Felipe, as pessoas escondiam o lixo dos estúdios de modo que outras não pudessem conhecer o material que estava sendo usado.

No início os caras não jogavam nem as tintas fora, no lixo, com medo que alguém fosse olhar pra ver qual a tinta, se importou.. Pro mercado não se expandir, entendeu? [Felipe]

Antes era muito fechado, os cara não faziam questão nenhuma de te tratar bem, não precisava né. Tu saia dali, entrava outro. [Toledo]

Além da restrição ao material, existia a restrição à informação. Sem internet, o único acesso era pelos relacionamentos pessoais diretos ou revistas, encontradas em lojas especializadas:

Em 95, 1995, teve um lançamento de uma revista de tatuagem nacional. Então, antigamente, pra tu ter um acesso a alguma revista importada, tu tinha que entrar em fila, não tinha.. tipo.. internet, não existia na época. Não existia Google, tu não conseguia comprar equipamento. [Bruno]

Em suma, o mercado de trabalho e de consumo era fechado e, para entrar, era preciso “realmente” querer e conhecer alguém, já que todos(as) se conheciam dentro da indústria, de um modo ou de outro. Ao que parece, a abertura dela, junto à abertura de mercado, influenciaria a maior regulamentação e controle, inclusive por quem pretendia consumir a tatuagem:

Eu acho que antigamente o pessoal, pela falta de informação, não era tão responsável, artisticamente... Cirurgicamente né, por assim dizer. Hoje em

dia eu acho que a galera se sente mais na obrigação, porque tem mais informação, o cliente tem mais informação. Hoje em dia qualquer pessoa que entra num estúdio e olha pra um lugar ela sabe onde tá entrando. Não é aquela coisa ‘ah, é o que tem, é o único que eu conheço’. Não. [Stefani]

A restrição ao material e à informação também limitava as possibilidades de aprendizado, o que era refletido nos poucos níveis de diferenciação de capacidades internas. Era uma época em que as diferentes qualidades dos trabalhos não eram como hoje, fosse pela motivação de quem tatuasse, fosse de quem era tatuado(a). Assim, os recursos disponíveis, instrumentos e peles, eram restritos, já que as pessoas “cobaias” não tinham acesso à informação e os utensílios eram inferiores, como as tintas, que eram “batizadas”, ou seja, misturadas com água.

Esse contexto aparenta um grupo de trabalho menor e mais homogêneo, mas mais competitivo que o atual. Aparentemente, o pensamento de comunidade era menos desenvolvido que o observado durante a pesquisa. Ainda assim, já se formavam os laços fortes que caracterizam, até hoje, este campo, que chamarei de “família”, com o intuito de descrever de maneira mais forte que DeMello (2000) o fez, chamando de “comunidade”.

Tatuava com máquina caseira, que eu fazia, com 14 anos... Eu simplesmente peguei e tatuava os camaradas né. Não cobrava nada, mas treinava neles [amigos]. E ainda que fosse marginalizado era uma coisa muito cara. E muitas vezes esse pessoal com essa idade, eu tatuava a maioria menor de idade. Então ficava tudo entre família. Era uma situação precária. Hoje em dia, meu contabilista é onde a gente se reúne. Na época, a gente ia pra lá ouvir música e ficar se tatuando. Foi como eu te disse: é tudo uma bola de neve, uma coisa vai levando à outra. [Bruno]

Falando de outro tatuador, o Bruno contou como os laços eram poucos, mas estreitos, chamando as relações, claramente, entre pai e filho: “ele [o outro tatuador] chegou a trabalhar com o Lucky, só que não tatuando. Porque naquela época o cara não passava nada pra ele. Porque naquela época era de pai pra filho” [Bruno].

A transformação do mercado, aparentemente mais acessível, parece ter levado, ao longo das duas últimas décadas, a um pensamento mais colaborativo que competitivo entre as pessoas que tatuam. O reconhecimento ao passado, no entanto, é preminente, com constantes ressalvas que “se não fossem eles, não estaríamos aqui”. O Toledo ainda continua, dizendo que foi devido a estes primeiros tatuadores, quatro homens, especialmente, que o mercado em Porto Alegre se expandiu. Para isso, o Edu aparece como uma figura importante na imagem da tatuagem na cidade, responsável pela desmistificação dela, tornando “coisa de elite”.

Ainda, estes mais antigos, que viveram o período anterior ao “boom de 2000”, caracterizam a diferença pelo interesse por dinheiro, que não existia naquela época.

Hoje em dia os tatuadores entram querendo dinheiro. Isso que dá uma diferença pra hoje e pr’aquela época lá. Naquela época a gente queria tatuar. Não interessava se tinha dinheiro, tu queria tatuar. Hoje em dia figura entra no mercado já pensando no dinheiro. Por isso que a maioria não dá certo. Eles não tão afim de desenhar na pele, de tatuar na pele. Eles tão afim do depois da tatuagem, de receber o dinheiro. E aí.. Bom, esses não vão longe, ou se vão, vão a passos de tartaruga. [Bruno]

Parece haver uma resistência ao processo atual de entrada, que é demonstrado como muito mais facilitado: “naquela época, era ou tu gosta ou não. Tinha muita dificuldade, se tu continua por insistência, chegava um ponto que o mercado te aceita e te adota. Hoje em dia é muito simples de tu fazer isso. Compra, tatua, ah, não gostei, saio” [Bruno]. Essas atitudes de pouco comprometimento são mal vistas pelo mercado e dificilmente alguém que sai poderá retornar facilmente, já que a reputação é crucial para manter-se e crescer no meio.

Com tudo isso, pretendi contextualizar, brevemente³², o cenário passado da indústria da tatuagem e seu mercado. Mais estigmatizada no passado, a tatuagem detinha um mercado e indústria fechadas, com poucas pessoas tatuando e sendo tatuadas. Por isso, a coragem para seguir precisava ser maior que hoje. Além disso, o pouco acesso à informação também dificultava a entrada e o aprendizado, ressaltando características competitivas entre estas pessoas, por um lado, mas também reforçando os laços entre elas, por outro, iniciando uma “família”. As mudanças que ocorreram, já sinalizadas neste contexto, tornam-se salientes nos últimos 20 anos da cidade de Porto Alegre e, também, do Brasil e mundo.

5.1.1 Os últimos 20 anos

*Ramificou o troço de uma maneira muito forte assim. Então... Isso foi por que os cara meteram a cara...
Toledo*

³² O histórico detalhado do cenário, principalmente antes da década de 1990, está contemplado no Apêndice A deste trabalho.

A partir dos anos de 1990, o cenário passa a mudar de maneira mais rápida e, portanto, perceptível, além de ser estes últimos 20 anos que as pessoas com quem convivi realmente vivenciaram. Ainda que exista uma reportagem feita pelo Fantástico, de 1978, sobre tatuagem³³, o receio quanto à técnica é perceptível, além do estranhamento ao processo, sem luvas. O Snoopy comentou deste vídeo, dizendo que nesta época, da “chinela”, se batia com um chinelo no desenho para parar de sangrar. Era uma época de pouquíssima – pra não dizer nenhuma – regulamentação. Aos poucos, algumas regras foram criadas, fossem formais, pelo governo, fossem informais, pelo próprio grupo. Em 1992 surge a primeira regulamentação da prática no Brasil, muito devido ao trabalho de Ana Velho (MARQUES, 1997), tatuadora carioca, que parece ter tido um papel publicitário no Rio de Janeiro, o mesmo que o Edu teve em Porto Alegre, estabelecendo estúdios bonitos, em regiões de elite das cidades. No entanto, até hoje o trabalho em si, de tatuador(a) (ou de *body piercer*), não existe legalmente, o que limita estas pessoas ao acesso de benefícios previdenciários, financeiros e fiscais.

Dos deveres, é preciso responder e estar de acordo com novas regras de regulamentação dos espaços de tatuagem, feitas pela ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), além do pagamento de impostos sobre o material de tatuagem, que é regulamentado, e sobre as máquinas de cartão de crédito – pra não citar as outras despesas. Com tudo isso, existe uma luta, feita por parte das pessoas que tatuam, os(as) tatuadores(as) ativistas, mais envolvidas com aspectos políticos, no sentido estrito da palavra, em busca de uma regulamentação e reconhecimento da prática.

A emergência da indústria de materiais especiais para a tatuagem parece ter influenciado profundamente o campo, inclusive nos modos de aprendizado. Um processo bastante presente neste campo é a troca de conhecimento mútuo, que pode acontecer dentro do estúdio, nas convenções, nas relações pessoais ou encontros casuais entre amigos(as). Se hoje já existem *workshops* e escolas de tatuagem, antigamente as trocas de conhecimento permaneciam próximas às relações mestre-aprendiz, baseadas, fundamentalmente, na observação presencial – inclusive de revistas. Assim, a diferença nessa aprendizagem é também atribuída às diferenças quanto ao acesso à material da época:

Tu comprava a máquina e dali pra frente era contigo, tu não tinha noção de ligar a máquina. Pra tu conseguir uma fonte, por exemplo, em 1995, tu não conseguia. A máquina ia ligar numa voltagem x... Porque não existia isso. Porque os que existiam, ou era fora do país, ou era muito caro. O que tu consegue hoje por 200 reais era 1000 reais antes. Comprar agulha já soldada e esterilizada? Nem pensar, tu ia conseguir tudo separado, tu ia ter que

³³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NDXpxC58NGw>. Acesso em: 10 de dezembro de 2014.

soldar, ia montar na haste, pra usar, e isso se.. Tu tinha que ir atrás de um aço, ou corda de guitarra, ou agulha 12 de costura. Tirava o cromo dela, soldava e depois usava. E ainda tinha que usar no mesmo dia se não oxidava. Era um material de péssima qualidade. Tinha um trabalho todo, um estresse. Mas naquela época quem fazia tudo isso pra tatuar era porque gostava. Hoje em dia o público chega, compra uma caixinha de agulha tipo isso aqui [me mostrou a caixa cheia de agulhas] e simplesmente... É muito mais simples. [Bruno]

Essa indústria emergente passa a sofrer regulamentações, seja com as máquinas, com as tintas, ou quaisquer outros instrumentos utilizados. O Juliano diz que, apesar de “lá fora” (Europa e Estados Unidos) ser permitido o uso de qualquer tinta e máquina, no Brasil é somente possível utilizar aquelas que são regulamentadas. Ao contrário do que parece, isso não é bem visto pelas pessoas que trabalham com os materiais, já que, segundo as pessoas entrevistadas, as melhores marcas não estão regulamentadas no Brasil. A Keka alerta que, apesar de elas serem melhores que as regulamentadas e serem permitidas pelos maiores laboratórios da Europa, não são no Brasil, provavelmente porque não estiveram dispostas a pagar o alto custo cobrado para se ter a regulamentação brasileira.

Da regulamentação, são perceptíveis as transformações, seja em relação à saúde, como em relação ao trabalho. As questões sanitárias, no entanto, parecem mais estabelecidas, o que é compreensível, já que “na parte da higiene tu não pode ter pecado nenhum. (...). Porque na parte do desenho, tu tem como remediar e tudo, mas envolvendo uma coisa de saúde, não” [Felipe].

Tu tem que ter alvará. Então tu tem que montar tudo com eles [governo], então o que eu preciso pra ter um alvará da saúde. Aí eles te passam todas medidas aí entra em contato e diz tá aqui, feito. E eles vêm aqui fazer a vistoria. É bem mais ligado com saúde. [Maria]

A regulamentação surge de modo paradoxal e questionador, diante deste cenário. Isto porque, ainda que nos últimos anos tenham ocorrido regulamentações, a profissão, em si, ainda não existe.

Olha que loucura: como você não tem uma atividade regulamentada e a ANVISA obriga você a trabalhar com material regulamentado? Como assim? (...). A gente ajuda a economia mas não tem nenhum retorno. [Snoopy]

Eu acho que tem que ser usado um material adequado, mas ao mesmo tempo a gente tem a obrigação de usar o material adequado, a gente tem a obrigação de ter assepsia e não é profissão! Né? Eu não posso me aposentar como tatuadora porque não existe “ser tatuadora”, né. Então é uma coisa bem... complicada mesmo. [Stefani]

Hoje a gente tem vários materiais regulamentados pela ANVISA, pra supostamente dizer “ó, esse aqui é um material bom pra tatuagem”, sendo que a própria.. o próprio ofício né, a própria profissão tatuador não existe. Então tem uma coisa regulamentada pra uma coisa que não existe. [Bruno]

Essa falta de regulamentação facilita a permanência de pessoas tatuando de modo informal, ou em desacordo com normas formais e informais que se estabeleceram dentro do mercado, como utilizar materiais de qualidade, ter seriedade e responsabilidade no trabalho e buscar a qualidade acima do retorno financeiro. Como alertou o Snoopy, exemplificando com São Paulo, “a cada 100 estúdios, 1 tem documentação. E aqui [em Porto Alegre] também a mesma coisa. A vigilância pegou pesado ano passado aqui. Eu tava aqui. Porque eles foram ver a cada 10 estúdios, dois tinham documentação”.

A preocupação com a regulamentação da atividade aparece junto ao envelhecimento da primeira geração citada. Na verdade, o mercado, hoje, contempla estruturas familiares, as quais dependem dos rendimentos da prática. A Stefani expõe sua preocupação com a não regulamentação, pois é uma ocupação que existe, da as pessoas que tatuam e suas famílias dependem e, como qualquer outra, pode causar acidentes de trabalho e adoecimentos, que podem interromper a carreira profissional na tatuagem. Acontecendo isso, as pessoas que tatuam não têm, hoje, auxílios governamentais, como outras ocupações reconhecidas. Emerge a dúvida: como agir nesses casos? Como agir em caso de uma lesão na mão? Para além disso, como agir quando a idade não permitir a continuidade da atividade, já que não é possível aposentar-se? Se antes, como uma ocupação “jovem”, não haviam tais preocupações, hoje parece estar emergindo uma reflexão quanto ao futuro.

Tipo, sei lá, se eu quebro a mão eu não posso me encostar. Se eu tenho qualquer doença, não vou poder trabalhar, tô ralada, não tenho carteira assinada, não tenho nada. Se tu paga INSS, tu paga como autônomo que tu vai ter que pagar um valor absurdo pra um ou dois salários pra te aposentar, que nem é o valor que tu paga. E tu ainda vai ter que trabalhar muito pra ganhar. Tu não tem uma coisa fixa né. Então eu acho que isso que é meio desvalorizado. [Stefani]

Atualmente, é estimado que existem 400 mil pessoas trabalhando com tatuagem, diretamente, no Brasil, segundo Bruno. O tamanho real desse campo é difícil de descobrir, devido ao grande número de estabelecimentos ainda não regulamentados e à falta de possibilidade de documentação legal e institucional a seu respeito, como número de pessoas empregadas. Nesse sentido, existe um projeto de lei, em andamento, em busca da regulamentação legal dessa ocupação. Para seu controle, a ideia, segundo o Snoopy,

envolvido com o projeto, seria formar conselhos éticos, parecidos com os da medicina, para tornar a ocupação uma profissão, já que a tentativa anterior, de formar um sindicato, não parece ter sido sustentada. Segundo o Bruno, por volta de 2003 surgiu um sindicato, o Sindicato Brasileiro de Tatuagem, que nasceu com a intenção de regulamentar a profissão. No entanto, o sindicato envolveu-se mais com as questões de regulamentação material e das discussões quanto ao Ato Médico, da época. Por isso, um novo formato de associação foi pensado, espelhado no praticado pelo conselho médico:

E pra colocar na carteira de trabalho é um problema. Tem um PL 2104/07 que escrevi junto com o conselho federal de medicina e tá na câmara desde 2007 e regulamenta a atividade tatuagem e *piercing*. Assim como o médico não tem regulamentação da profissão, tem da atividade médica. Por isso tem o CRM. São conselhos éticos que punem os profissionais que saem da faixa. Mas nada instituído profissional. [Snoopy]

E talvez se fosse uma coisa mais, que tivesse mais profissionalismo, de ser profissão, de ter sindicato, talvez tirasse um pouco essa visão das pessoas sabe. *Tattoo* ainda é uma coisa, como profissão, muito nova. [Stefani]

De fato, como a Stefani ressaltou, caso fosse regulamentada, poderia ter mais controle. Nesse sentido, o Snoopy alertou que, havendo tal regulamentação, somente fariam parte os estúdios devidamente cadastrados e regulares.

Tá dentro de uma loja legalizada ele já pode se associar. Só não vou aceitar se ela não tiver documentação de onde ela trabalha. Porque se não faço isso, ele abre uma coisa no fundo da casa dele e quer ser associado. Não dá. A ideia é organizar. Porque tá desordenado. [Snoopy]

Além das questões de vinculadas à regulamentação e expostas acima – indústria, vigilância sanitária, o trabalho e a associação – houve transformações culturais no campo, que são claramente observadas nas convenções, nos últimos 10 anos e com a popularização da internet (e, posteriormente, das redes sociais). O chamado “*boom* de 2000”, que, por algum motivo, catalisou a disseminação e desmistificação da prática, abriu o mercado para clientes, praticantes e simpatizantes.

Em 2000, mais ou menos, deu um *boom* tão grande em matéria de tatuagem, uma coisa que, o que tinha no mercado não supria o que o pessoal queria. Entendeu? Então era muita gente procurando e pouca demanda de serviço, entendeu? Não tinha gente pra fazer. Então começou a gerar muita gente que começou a entrar no mercado. Muita gente também começou a falar assim “bá, fui despedido” (...). Hoje em dia vou dizer que até é mais fácil de conseguir um emprego, na época não tinha. Era muita gente desocupada. Então o cara de repente tava no serviço, ia pra rua, pegava o fundo de

garantia, comprava um kitzinho e “ah, vou começar a tatuar”. Porque tinha demanda pra isso. [Bruno]

É recorrente a ideia entre as pessoas entrevistadas de que antes do ano 2000 se podia “contar nos dedos” o número de estúdios em Porto Alegre. Hoje, ainda que não seja um número oficial, estipula-se em 20 mil estúdios – formais e informais em Porto Alegre. A partir dos anos 2000, também parece que ampliaram-se as convenções. Antes, bastante fechadas, faziam parte de um “submundo” somente conhecido por estava dentro da “família”.

E hoje a convenção tá mais acessível também. Antes era bem *underground*. Agora já tá mais.. Vai a galera de família. Porque antes tinha preconceito (...) pra certas pessoas. Então dava uma galera mais sinistra. Hoje ainda dá uma galera mais sinistra, mas dá mais gente de família. Se torna mais acessível a convenção hoje. [Juliano]

Hoje, pessoas estranhas à “família” vão à convenção, por pura curiosidade, em busca de informação e alguém que se encaixe na tatuagem sonhada. Ainda assim, no entanto, há uma vontade para que fosse mais aberta e mais conhecida:

Então seria muito legal se tivesse mais visão. Porque a gente olha “ah, o pessoal da *tattoo* tem convenção todo ano, em todas cidades, nas principais cidades”, e eu sei das convenções porque eu tatuo, porque eu tô no meio. Quem sabe das convenções sabe porque tá no meio, porque gosta. Sei lá, minha vó não faz ideia que tem convenção pelo Brasil inteiro. Todo ano, aliás, quando eu falo que tem convenção, ela fala “ah que legal, de tatuagem!”. [Stefani]

As convenções podem ser fonte de reconhecimento objetivo, com as premiações, mas podem também ser mal vistas, principalmente pelas pessoas mais velhas no mercado – que provavelmente já tem esse reconhecimento.

Ah, eu parei de ir, meio que enjoiei, uma correria, todo mundo em pé... cheio pra caralho. Chega uma idade que tu tá cansado, saturado. Convenção é legal e não é, dar bem a real. Tu cansa. [Itamar]

Conta se tu ganha o prêmio, com certeza. Mas ainda é bem relativo. Conheço tatuador que tem agenda cheia, conceito foda e não participa de convenção (...). Mas é certo: tu entra e olha a parede cheia de premiações tu se sente mais seguro né. [Felipe]

De fato, é um evento cansativo, que demanda energia física, psicológica e emocional, e o exponho por conhecimento de causa, pois visitei três presencialmente que fiquei um dia

em cada. Há, ainda, quem faça a ressalva da diferença em ver no papel, ou na internet, um trabalho feito ou sendo feito, e vendo presencialmente. Por isso, como o acesso aos estúdios ainda é restrito, principalmente para iniciantes, as convenções continuam sendo uma alternativa de entrada e aprendizado:

A internet ajudou, mas uma coisa é ver foto outra coisa é ver na pele né. Convenção é diferente... Lembrei agora de quando eu voltei a tatuar... quando eu quis voltar, eu fui em São Paulo numa convenção, olhar os caras, comprar material novo, fui ver cena, fui ver como funcionava assim. então tem mais isso. Em cada convenção deve nascer vários tatuadores novos. [Felipe]

Convenção é bom, na minha opinião, pra ti te informar, papear com a galera, pra ti aprender com outros tatuadores, pra ti mostrar o teu trabalho, entendeu. Isso é o principal. (...). Claro, se conversar, perguntar qual o pigmento, como ele aplica, quando... vale. Mas olhar já ajuda. [Juliano]

Com isso, nas convenções já aparecem a força dos relacionamentos construídos nesse meio, e que será aprofundado em seguida. Já à internet é atribuída grande parte desta disseminação, abertura e “boom”. Sem ter um veículo de comunicação predominante, responsável por editar a informação, as pessoas puderam buscar com suas mãos a informação que desejavam. Além disso, as pessoas que tatuam também puderam trocar experiências, aprendizados e técnicas com todo o mundo, o que também catalisou a maior qualidade da tatuagem.

Não tinha face [Facebook] naquela época, nem Orkut. Era no boca a boca. Mandava cartas pra revista, pra publicação. Tinha que comprar revista entendeu? Eu comprava revista e tu conseguia ver trabalho, conseguia usar referencia dali. [Heráclito]

É bem provável que a emergência da tatuagem como arte, nos últimos cinco anos, tenha ocorrido, entre outros aspectos, pela disseminação do uso cotidiano da internet e das redes sociais por quem as consome e produz. Apesar de já deter um rótulo artístico dentro da “comunidade” da tatuagem há anos, foi com a possibilidade de comunicação externa ao grupo que a tatuagem passou a ter esse reconhecimento externos, ganhando um *status* de arte. Ela aparece com esse rótulo já internamente, há anos, mas é percebida, de maneira mais objetiva, há pouco tempo.

No início dos anos 1990, portanto, a regulamentação pode ser caracterizada como inexistente. No entanto, ainda que hoje se possa perceber pontos de regulamentação, estes

pontos estão mais ligados aos “deveres” desses(as) trabalhadores(as) que de seus direitos, por meio da indústria fornecedora, que hoje já é bem estabelecida; por meio das regras de higienização; por meio do sindicato ou da associação; e por meio das ações em busca da regulamentação da atividade em si. A ocupação, mesmo que “em vias de” tornar-se uma profissão, ainda limita o trabalho e suas possíveis consequências.

5.1.2 O mercado de trabalho hoje

Tem uma ascensão.. não tem nomes. É do teu tempo... é que tu aplicar uma cor numa área desse tamanho (pequeno) é uma dificuldade. Mas uma extensão de um trabalho grande, é outra dificuldade. Então primeiro é numa área pequena e depois numa área grande.
Felipe

Parece que o mercado de trabalho pode ser caracterizado, tal qual as profissões (BUCHER e STRAUSS, 1961), como heterogêneo. Existe tanto uma divisão entre mais velhos(as) e mais novos(as), como entre os tipos de trabalho e técnicas desenvolvidas por cada pessoa, principalmente entre “comercial” e “artística”.

Tem esse abismo ainda entre tatuadores, entre pessoas. Porque tem gente com essa mentalidade [tatuagem como comercial] e agora, cada vez mais, esses novos tatuadores tão encarando tatuagem como arte e como estilo de vida. [Maria]

Desdenham [a tatuagem comercial]... Mas sei lá.. tem procura pra isso também né. Se não fizer, umas pessoas iam ficar sem o que querem. Não me incomoda, mas sei que a grande massa de tatuador incomoda. [Felipe]

Essa divisão, no entanto, não resulta em divisões objetivas, com cargos estabelecidos. As diferenças acontecem mais por desenvolvimento ou troca do tipo de trabalho, do que de diferenças financeiras ou de “nome” de cargo, mas de reconhecimento por ser “bom” ou “ruim”:

Só que assim... em todo ramo de trabalho, os bons pagam pelos maus. Tu é uma ótima profissional, só que tem 10 cara trabalhando que não tão nem aí, às vezes nem se formam (...). Na real, nós, bons, somos minoria. [Itamar]

Então existe várias ervas daninhas no nosso meio que vendem kit de tatuagem pra qualquer um, entre outras coisas, entendeu? Então é isso que acaba, sabe, colocando o mercado um pouco pra baixo. Porque uma pessoa que se predispõe pra tatuar, ele tem um material bom na mão. Então pro tatuador profissional fazer a cobertura depois é muito mais difícil. Porque ele tá com um material bom fazendo bosta. [Snoopy]

Essa divisão se torna mais clara quando o Snoopy descreve uma nova atividade que surge: modificadores(as). Ao falar dessa atividade, inicia contando que, ainda que o mercado esteja melhor, mais regulamentado e mais responsável, estão surgindo novos procedimentos que ainda não se sabe suas consequências, como o E Bowl, pigmentação no olho.

Então isso não é um procedimento feito nem por perfuradores, nem por tatuadores. É um procedimento confeccionado por modificadores. (...). Tem todo um repúdio nosso, toda uma colaboração com o próprio deputado, com a própria medicina, pra desmistificar, pra deixar claro que essas pessoas não nos representam, e vice versa. Então, na realidade, tá acontecendo uma divisão entre piercers profissionais, tatuadores e modificadores. [Snoopy]

A desconfiança em relação a essa nova atividade poderia ser comparada à desconfiança para com a tatuagem ou *piercing*, há 50 anos. A contracultura da qual fazia parte (e faz) a tatuagem em relação à sociedade mais estabelecida, existe também dentro do grupo:

Então dentro do grupo existe um grupo contra a cultura, vamos colocar assim, que a gente acaba se afastando. Como eu te falei, não tem parâmetro seguro, por que não tem formação acadêmica nem técnica pra se fazer isso. Então é um lado minoria. A pessoa hoje em dia entra num estúdio de tatuagem pra buscar uma tatuagem ou *piercing*. Não esse tipo de mudança. [Snoopy]

Em suma, o mercado de trabalho, que parece homogêneo, principalmente para quem o observa “de fora”, pode ser caracterizado como heterogêneo, principalmente pelos relatos das pessoas que estão “dentro” dele. As diferenças residem tanto nos objetivos de cada pessoa, de ativista à empresário(a), como no tipo de especialidade de desenho ou nível de qualidade técnica, de aprendiz a mestre.

Com tudo isso, foi apresentado o contexto dos últimos 20 anos, o qual foi vivido pelas pessoas entrevistadas, principalmente pelos processos e tentativas de regulamentação e transformação dos instrumentos, o papel dessas pessoas e mudança dele nas convenções e a importância da internet nesse ínterim. A próxima sub seção é dedicada à carreira individual, a

qual é apresentada de modo amplo, buscando contemplar todas as nuances testemunhadas. Nesta história, o contexto emergirá e, por vezes, ficará mais claro.

5.2 A NARRATIVA DA CARREIRA DE QUEM TATUA

A carreira profissional individual tem, em cada narrativa, sua própria singularidade – do mesmo modo que a história da tatuagem também o tem, quando narrada por pessoas diferentes, em diferentes momentos. Essas diferenças, ao contrário de serem problemáticas, enriquecem o entendimento da carreira, trazendo preenchimentos a lacunas cronológicas ou temáticas no percurso de vida. Nesse sentido, a narrativa de quem tatua apresentada, a partir deste ponto, será exposta como se fosse individual e cronologicamente coerente, ainda que tenha sido formulada com base em diversos relatos e em diversos movimentos de idas e vindas temporais, espaciais e memoriais.

5.2.1 Engatinhando: os primeiros passos

O início da carreira de quem tatua já pode ser entendido na infância. Isto porque a opção pela tatuagem é permeada por diferentes elementos, os quais são lembrados pessoas, e que podem abranger: a memória da infância com o desenho, a adolescência experimentando diferentes planos para o desenho e o apoio de alguém muito próximo(a), em geral um(a) familiar.

É desde a infância que a pessoa experimenta “fazer desenho”. Heráclito aparece como alguém que realmente desenvolveu uma técnica de desenho desde a infância, com sua avó. Próximo a isto, todas as pessoas entrevistadas e que tatuam lembram da infância com o desenho presente em seu cotidiano, como amantes dele e das pinturas:

Meu pai é publicitário e sempre esteve envolvido com arte. Então desde criança eu sempre tive noção do que era pintura, do que era escultura. Ele me convidava pra modelar as coisas. [Felipe]

Na verdade eu fiquei sabendo esses tempos que uma amiga da minha mãe tem um desenho meu de quando eu tinha quatro anos, um tanque de guerra.

Te contei isso? Não? Como meu pai era do exército, eu gostava de desenhar um monte de coisinha assim. Desenho de piá assim. (...). Eu gostava de desenhar. [Juliano]

Eu comecei meio sem querer, não sei. Quando eu tinha 11 anos eu já me desenhava. Pegava as canetinhas.. e eu nunca tinha visto tatuagem. Pegava canetinha e ficava me desenhando. Bá, curtia muito. A partir dali, quando eu via uma tatuagem eu pirava. [Toledo]

Estas primeiras memórias da infância relacionadas ao trabalho que a pessoa desempenha podem ser compreendidas como parte do processo de “fazer sentido” sobre seu estado atual (VELHO, 2006). Assim, ser uma pessoa que tatua hoje, mesmo com uma trajetória repleta de momentos de decisão e perseverança, só faz sentido a partir das memórias que são selecionadas para contar uma história coerente com o presente.

Da vivência do desenho na infância, alguns(as) passaram por um momento de experimentação dele em diferentes superfícies, ao longo da adolescência. É um momento de amorismo, que existe como preliminar a um reconhecimento dessa atividade como uma verdadeira possibilidade de futuro:

Não lembro o que... o que aconteceu. Eu lembro de desenhar no meu braço e daquilo me hipnotizar. E eu ficava fazendo... Eu pintava meu braço inteiro e ia pra escola. Meus colega piravam. E eu cobrava um real pra fazer uma tatuagem. Mas fazia de caneta né. Ganhava uma grana na escola de fazer tatuagem na escola. Na época cinco reais na mão de um piá era muita grana né. Pô, fazia umas cinco seis *tattoo* de manhã, depois mais de tarde, tirava quase dez reais no dia, já dava pra alugar uma fita de vídeo game, comprar um cigarro... fazer qualquer coisa. Eu tinha minha independência quando era piá, pra não precisar ficar pedindo dinheiro pra mãe. Daí eu fazia isso daí. Eu vivia com estojo, pra cima e pra baixo. E a arte foi uma coisa que me auxiliou a não trilhar um caminho errado. [Toledo]

Eu gostava de desenhar, minha classe era toda desenhada. (...). Eu pegava uma canetinha e desenhava na pele das pinta. [Juliano]

A ideia de experimentar a tatuagem é o que ajuda a colocar o primeiro pé nesta carreira – ainda que não tenha transposto a barreira da coragem (BECKER, 2008). Para isso, o apoio de alguém, normalmente um(a) familiar, parece fundamental, já que “raramente o jovem tem, *a priori*, como objectivo de vida, tornar-se tatuador” (FERREIRA, 2012, p. 85). A presença e influência de uma pessoa próxima está presente em todos os relatos, sendo esta mais importante que qualquer perspectiva mercadológica ou financeira da época em que a decisão foi tomada:

Na verdade as coisas vão se somando né... depois eu fui me tatuar... na segunda vez.. e eu me pilhei e puxei uma conversa e comentei com meu pai. E meu pai já sabia que eu tinha interesse na *street art*, mas ele pensava que tatuagem já tinha um mercado formado. E *street* não tinha como ter perspectiva do que poderia virar. Porque hoje em dia tem artistas que vieram daí e ganham grana legal. Mas na época não né. Daí ele foi lá e comprou um material de tatuagem pra mim [falou sorrindo]. Eu tinha 15. [Felipe]

Daí... minha mãe comprou o *kit* e aí meu pai ficou puto né, mas aí eu falei pra ele que eu nunca ia me tatuar. E ele acreditou – até eu acreditei na época. Daí minha mãe abriu um estudinho pra mim do lado da estética que ela trabalha, e meu pai chegou e eu tava tatuando o braço. [Juliano]

Minha mãe me apoiou, minha família não. No começo foi bem difícil. Mas minha mãe apoiou e foi o que eu precisava. Ela foi bem tranquila, me ajudou bastante, dentro do que ela pôde. [Toledo]

É válido lembrar, neste ponto, o processo de (re)significação que a pessoa passa. É possível que possa não ter havido tanto incentivo como é lembrado hoje, mas, pelo estado e apoio atual, a memória tende a (re)significá-lo, de modo que faça sentido. Por isso, não é possível afirmar que houve ou não o apoio, mas que ele é importante para fazer com que estas pessoas reconheçam a si mesmas como trabalhadoras desta ocupação. Os pontos de não apoio possíveis podem ser vistos no relato de uma atual “novata” na tatuagem, ao relatar o processo de escolha no momento da inscrição no vestibular:

Ela [a mãe] começou a me incentivar mais a, de repente, aprender a tatuar. (...). Acho que talvez eu não teria tido a segurança de enfiar a cara, de repente se todo mundo não tivesse... Porque meus avós, no começo, sei lá, queriam que eu fizesse medicina, direito. Muito menos Artes. Que dirá tatuagem. Então durante a adolescência o apoio da minha mãe foi fundamental. [Stefani]

Mesmo que haja o apoio da mãe, não há o apoio do avô e da avó. Aqui, aparece também a intersecção entre o campo individual de interesses e o campo familiar (VELHO, 2003). A família influencia as decisões de carreiras, não somente nesta primeira decisão, durante a adolescência, mas também na vivência ocupacional (BECKER, 2008), para decisões entre uma ou outra especialidade, por exemplo, e uma ou outra intenção, como “comercial” e “arte”. O apoio da família ou de uma pessoa próxima ajuda a transpor a barreira decisiva (BECKER, 2008) para seguir em frente. Com isso, parece que, um momento de dilema (HUGHES, 1958), no qual a pessoa precisa escolher entre um e outro *status* futuro, o apoio de alguém é fundamental para dar sequência em uma carreira profissional de uma ocupação não

estabelecida – bem como a falta de apoio pode resultar na desistência, como mostrou Becker (2008) com os(as) músicos(as) de jazz.

Com o experimento do desenho e com o apoio de alguém, ultrapassar o obstáculo de entrada nessa carreira parece ser lembrado como mais fácil, ainda que para a entrada efetiva seja preciso coragem – o mesmo elemento que permeia as carreiras desviantes exploradas por Becker (2008) – sendo que o tempo de superação desse medo pode variar.

Pressão tem pra tudo. Pressão pra dizer que sou péssimo profissional. Se tu ceder a ela, tu tá fodido. Alguém diz “bá, vai ficar horrível”, “ah eu não vou fazer”. Se for ceder, tu tá fodida. [Itamar]

Porque de repente o medo de começar a tatuar era muito grande, de errar e tal. E eu fiquei uns dois anos nessas, só desenhando e vendo. Tatuando, sei lá, uma vez um amigo que outro, e com medo mortal. No estúdio mesmo... eu até tinha uma máquina, mas eu tinha medo de usar [risos]. Eu tinha medo de, sei lá, fazer uma cagada absurda em alguém e acabar com a vida da pessoa. Tinha aquela mentalidade de “meu Deus, isso não vai ser possível cobrir nem nada assim”. Acho que me faltou muita coragem nesse sentido. [Stefani]

Em resumo, até a adolescência há vivências não vinculadas diretamente à tatuagem, ainda que pareçam, hoje, direcionar para essa atividade. São momentos lembrados com a prática do desenho, bem como as primeiras tatuagens feitas em amigos(as), ainda “amadoras”. Nesse período, o apoio da família é fundamental, tanto para pensar na perspectiva no mercado da tatuagem, como para transpor a barreira do medo e realmente optar por essa ocupação. No entanto, ainda é preciso ir além para iniciar um momento amador na prática: é preciso ultrapassar a barreira do medo, comprar uma máquina, arrumar o quarto e tatuar.

5.2.2 Arriscar: vamos riscar?

Há vinte anos, e ainda hoje, tornar-se um(a) tatuador(a) não inclui estudar para o vestibular e entrar em uma faculdade, na qual se dedicará, pelo menos, quatro anos de estudo. Esse contexto pode aparentar uma facilidade de entrada e permanência na ocupação, bem como uma negligência quanto ao desenvolvimento técnico do trabalho. Na verdade, o “tatuar” requer anos de preparação para que a pessoa sinta-se “profissional”, além de, recorrentemente, ser apontada como uma atividade que requer estudo contínuo.

Tendo atravessado a barreira do medo, a pessoa precisa colocar a mão na massa. Antes, isto significava uma fase de amadorismo, na qual a pessoa tatuava sozinha, recebendo instruções de como fazer apenas no momento da compra de material. Ainda que atualmente esse cenário tenha mudado (muito em função da internet), é a experiência vivida por estas pessoas, que reforçam a importância da prática da tatuagem, que faz isto marcar o início dessa trajetória profissional, seja sob o nome de “amador(a)”, “iniciante” ou “aluno(a)”.

Para tornar-se tatuador(a), a prática da atividade é central em todos momentos da trajetória, ainda que uma orientação técnica, ou teórica, também o seja. Antigamente, essa orientação acontecia nas lojas, quando a pessoa ia comprar material – o “kit”. Hoje, com a internet, a compra de material acontece virtualmente, fazendo com aqueles(as) que pretendem iniciar nesta carreira partam de outros pontos: convenções, relações pessoais, *workshops*, cursos ou formação orientada dentro dos estúdios. Mesmo que estes últimos possam acelerar este primeiro período, de amadorismo, ainda existem pessoas que seguem o padrão antigo. Nele, a pessoa vivencia o amadorismo no sentido literal da palavra: faz por amar, sem intenções utilitárias naquela escolha: é uma amador(a), anterior ao artesanato (SENNETT, 2009). A vontade de começar não permite a espera.

Tu vai chegar num ponto de tatuar que tu vai sentir necessidade de trocar de máquina [a partir do exemplo em que iniciou com uma máquina montada por ele mesmo, a partir de um aparelho de barbear]. Mas mesmo assim, tu vai começar a tatuar. [Bruno]

Para que se inicie, a necessidade primordial é ter uma pele disponível para o treinamento. Na verdade, a disponibilidade da pele humana é relatada como mais fácil nos tempos mais antigos que agora, já que a conectividade global faz com que o público tenha mais discernimento para julgar uma tatuagem. Assim, “não tem mais tanta gente disposta a ser cobaia”, como Heráclito diz, o que pode explicar o advento de cursos e *workshops*. Assim, não passar mais pela fase de amadorismo pode ser tanto por uma escolha individual, como por uma mudança no mercado.

De qualquer modo, o amadorismo contempla dois modos de aprendizado: um teórico, que acontece na loja de compra de material; e um prático, que acontece, via de regra, no quarto da pessoa, tatuando amigos(as). As idas à loja para compra de material possibilitam a troca de informações e expressão de dúvidas, normalmente com o(a) dono(a) do estabelecimento, que também tatua. Essa vivência é apresentada com relevância, devido a essas trocas informais, à possibilidade de observar o trabalho feito na loja e à construção das

primeiras relações dentro da “família” - uma relação entre comprador(a)-vendedor(a) e orientando(a)-orientador(a).

Depois da escolha pelo local como sua fonte de materiais, a pessoa passa a utilizá-lo como troca de informações, orientações e relações:

Quando eu fui lá comprar os materiais, ele [tatuador referência] me ensinou um pouco o soldar de agulha, se usa aço, se usa aquilo... e me ensinou na hora ali. E sempre melhorando... por causa do estudo. (...) É o tempo todo. [Juliano]

Eu frequentava sempre lá [a loja]. Lá sempre foi um lugar onde se vendia materiais. Então passava o dia todo, carinha ia lá comprar material e era eu lá, praticamente uma funcionária. Então tu começa a conhecer muita gente. [Keka]

Aprendi praticando. A primeira vez que vi um cara montando uma máquina de *tattoo* já fiquei olhando. Observei ele, eu sou bem observador, eu fico olhando: se tu fizer alguma coisa na minha frente que me chamar a atenção, eu aprendo olhando. Dirigir aprendi olhando. Ai... comecei. Comprei a máquina, montei e comecei a tatuar. As primeiras ficaram ruins... depois eu fui pegando. Lógico, com o passar do tempo, quando eu ia comprar material eu pegava as dicas com os tatuadores, “o meu, que que eu uso pra tal coisa, que que eu faço”, e me instruía. [Toledo]

Ir no estúdio, visitar, comprar, conversar, perguntar e, principalmente, observar. Estar entre as pessoas que já sabiam tatuar e perguntar, sem vergonha, é visto como um artifício que pode dar certo – unido ao esforço – é um meio de instrução, como diz Toledo. A visita ao estúdio era fundamental tanto para aprender a técnica como conhecer pessoas. Na sequência, o local de compra de material vem a se tornar o local da primeira experiência tatuando dentro de um estúdio:

Depois de uns dois anos tatuando meus amigos, tatuando em casa.. eu fui no estúdio onde eu comprei meu primeiro material. E os cara “não, vem trabalhar aí”. Ai fiquei dois anos lá. [Felipe]

A observação pelo olhar tem papel fundamental, seja na loja, no estúdio, na convenção, no curso ou na prática individual. Mesmo tatuando sem a presença de alguém, a pessoa reflete sobre o que faz, avalia os erros percebidos, a qualidade do trabalho e utiliza a memória para retomar estes aprendizados nos trabalhos seguintes. A fotografia é sempre presente no final do trabalho, seja para montagem de *portfolio*, seja para reconhecer o desenvolvimento da própria técnica.

Claro, se conversar, perguntar qual o pigmento, como ele aplica, quando... vale. Mas só olhar já ajuda. [Juliano]

Assim, a prática do aprendizado acontece dentro de um círculo íntimo, espacial e relacional.

Daí comecei a tatuar na casa da galera, na casa da galera, ia de maletinha. [Juliano]

Gabriela: E como tu começou daí a tatuar efetivamente?

Keka: Eu ainda era casada, foi em casa. Nós tínhamos um estúdio em casa. Não que funcionasse, mas nós tínhamos um espaço separado em casa, porque ele também tatuava. E... eu chamava amigos... e trampava... os amigos [falou como se fosse óbvio]. [Keka]

Daí com 15 anos eu comprei meu material e comecei a tatuar. Eu tinha emprego numa fábrica de alarme, trabalhei três meses, consegui o dinheiro do equipamento, comprei e já saí fora pra tatuar. Porque era o meu foco. Inconscientemente... acabou sendo sem querer, mas foi bom porque na época que eu comecei eu tinha disponibilidade de tempo por ser guri, não ter aquela responsabilidade de ter que trabalhar mesmo. Então eu pude encarar a *tattoo*. Eu estudava e fazia isso no tempo livre, ia na casa das pessoas. Isso faz... foi em 1997, acho. Faz tempo... [Toledo]

Então hoje vou tatuar uma amiga da minha namorada e vou na casa dela, com o meu material. Comprei há um mês mais ou menos. [Guilherme]

Ao que parece, a inserção nessa atividade é facilitada pelo apoio de pessoas próximas àquela que pretende tatuar, seja para compra de materiais, espaço de trabalho ou pelas disponíveis. A continuidade nesta trajetória de inserção e aprendizagem é interrompida por um conflito (HUGHES, 1937) que a pessoa vivencia: ela já sabe que não é mais uma amadora, subjetivamente, mas também sabe que não é uma profissional – não é reconhecida como tal, objetivamente. Como Hughes (1937) aponta, o resultado de um conflito pode ser uma mudança radical na trajetória, sendo necessário, independentemente, tomar uma decisão. Quem opta por dar continuidade à prática, percebe, então, que é preciso entrar na “família”, de corpo e alma.

A “família” é uma nomenclatura que aponte, para além da “comunidade da tatuagem”, dada por DeMello (2000). O que percebo é a utilização de caracterização e tratamento familiar, com relações de “pai pra filho”, de “entre irmãos(ãs)”, de “mãe do estúdio”. A importância e força das relações pessoais nessa ocupação é um pilar de sustentação, tal qual a família, e merece este reconhecimento.

Os caras te abraçam. Tu vai pra um lugar assim, tu é tatuador, eles já te tratam diferente – no meio dos tatuadores. Eles já te tratam como se fosse um deles. Indiferente de tu tá num Estados Unidos, na Europa, na China.. Eles já te tratam diferente. Não é quase “ah, o cara é médico”. Médico, tudo bem, os cara se protegem... Mas é mais uma questão de.. não diria ética né, porque nos esquema de tatuagem tem muita coisa que não tem ética né. Mas... é quase como se fosse um... um... uma família, uma grande família. O pessoal se adota, entendeu. [Bruno]

Não que hoje em dia a gente não tenha chefe na real. Ele [Heráclito], por exemplo, não é meu cheefe, ele é meu *brother*, fazemos uma parceria. Não posso considerar ele um chefe. A gente é muito amigo né, é diferente o esquema, não é “ele me conheceu ontem e me contratou”. [Itamar].

Todo mundo tá sempre [se ajudando]... Então um supre o outro. Por exemplo, eu pego uma referência evolutiva no Hera, e ele pega comigo, e pega com outro.. Então é um... É uma rede assim, e um vai erguendo o outro. [Toledo]

Ele [falando de um tatuador “antigo”] pegou a fase do Lucky, e chegou a trabalhar com o Lucky, só que não tatuando. Porque naquela época o cara não passava nada pra ele. Porque naquela época era [realmente] de pai pra filho. [Bruno]

Esse “ser da família” não é apenas estar entre iguais, é viver uma relação de verdadeira confiança, como um cliente me relatou uma vez: “é uma relação de empatia, de confiança. Ele pode fazer o que quiser em mim”. Com isso, a “família da tatuagem” é formada por quem tatua, por quem consome e por quem simpatiza. Além disso, com o tempo é possível, até, identificar quem é do meio, pela atitude e, previsivelmente, um corpo tatuado. Foi o caso de um tatuador que conheci em um aeroporto, como relatei em um diário:

Na volta para o Brasil acabei me deparando com um tatuador, de Caxias, na espera da conexão em Lisboa. Quando olhei pra ele no aeroporto sabia que ele era tatuador. Ele tinha tatuagens, mas tinha algo na energia, no jeito, na postura... Ofereci minha água para ele, pois vi que ele tentou comprar uma na máquina, mas já estava sem. Ofereci e puxei papo. Falamos das pessoas em comum primeiro e eu comecei a perguntar da vida dele. Ele disse que foi para Barcelona no casamento de outro tatuador e ficou dois meses no estúdio dele, tatuando – ele que marcou todas as sessões. [Excerto Diário de Campo]

Como uma pessoa que tatua, para fazer parte dessa família, não basta ficar dentro do quarto tatuando apenas amigos(as). É preciso ativar a rede de relacionamentos já formada e buscar um lugar dentro de um estúdio. Para isso, a pessoa percebe-se como já capaz de tatuar, mas ainda não uma tatuadora: não é reconhecida pelos(as) outros(as) tatuadores(as) como tal, não detém o “selo” de um estúdio, não participa de convenções – ou seja, permanece em um conflito (HUGHES, 1937). Agora chegou a hora de decidir: ou vai, ou racha.

5.2.3 Tá decidido, é ISSO que eu quero

Tomada a decisão por continuar nessa ocupação, a pessoa tem diversas opções: abrir um estúdio próprio, buscar uma vaga de aprendiz, uma vaga de iniciante ou aproximar-se da “família” e construir relações pessoais que poderão indicá-lo(a), no futuro, para um trabalho. Estas opções ficaram evidenciadas nos diferentes relatos de vivências. No processo de escolha, parecem existir dois elementos que circundam a possibilidade de optar por uma ou outra: o foco no desenvolvimento do trabalho, acima do dinheiro; e muita observação da prática. A clareza quanto ao dinheiro é salientada quando expresso que “quem entra por dinheiro, não dura”:

O erro do pessoal é começar por causa de dinheiro. Eu não comecei por causa de dinheiro. Aí que tá, isso tem uma grande diferença, tu ser bom no que tu faz. Eu não comecei por causa de dinheiro. [Itamar]

Nunca pensei assim “bá vou procurar uma profissão que gere grana”. Não, era algo que eu queria fazer, mesmo que eu não ganhasse tanta grana, mas ia tomar grande parte do meu tempo. Eu não queria vender meu tempo... Mais vale comprar meu tempo do que vender pros outros. [Felipe]

No último ano que eu tava completamente apavorada pensando o que que eu ia fazer da minha vida, pensando que eu tinha que fazer uma faculdade que fosse ganhar bem, pra eu me estabilizar, pra eu ter dinheiro. E eu decidi o contrário [muitos risos]. Decidi fazer uma coisa que eu ia começar não ganhando nada, que eu ia ter que me dedicar até mais, porque o tempo que a gente se dedica pra fazer uma coisa direito, o estudo que a gente dedica pra fazer um desenho que as fala “ah, desenho é simples, tu senta e desenha”, não! Tem estudo, tem que estudar muito. [Stefani]

Gabriela: E como foi a decisão de voltar [para a prática da tatuagem, depois de anos no setor de varejo]?

Guilherme: Bá, foi difícil. Foi difícil com relação à grana. Porque eu tava acostumado a ganhar um salário alto e vim pra cá e diminuiu o triplo. Foi foda. Na real o único porém pra mim é em relação à grana. É bem difícil. [Guilherme]

Com isso, quem pretende optar por ser aprendiz pode ver-se diante de limites impostos pelo campo. A maioria precisa fazer uso de outros artifícios, como permanecer mais tempo como “amador(a)” ou construindo mais relações, entrando em um estúdio só depois, já como “iniciante”, ou seja, um(a) tatuador(a) ainda não estabelecido(a), mas que já não demanda

atenção dos(as) mais experientes nos trabalhos realizados dentro do estúdio. E que pode ter um rendimento mais elevado.

Nos dias de hoje, o advento de cursos e *workshops* permite que a pessoa já entre como iniciante, com menos tempo de prática. No caso do Heráclito, a formação já havia tido uma base no desenho forte na infância, mas o estúdio em que trabalhou foi fundamental para desenvolver a técnica da tatuagem, e não do desenho, já com foco em realismo. Independente das relações de aprendizado, seja mestre-aprendiz, como a que Heráclito vivenciou, ou como aluno-professor, como as dos cursos atuais, o aprendizado só passa a ser verdadeiramente reconhecido, ainda nos dias de hoje, com tempo de estúdio – e, se mais reconhecido o próprio estúdio, também melhor.

Gabriela: E pra iniciar uma carreira, tu precisa entrar em um estúdio, não?

Bruno: O ideal é que sim. O ideal seria entrar num estúdio e ter uma paciência. Que a maioria do pessoal não tem. Então... vou te dizer, a maioria do pessoal quer comprar material, quer fazer duas ou três tatuagens e amanhã tá cobrando. [Bruno]

Pode haver, inclusive, movimentos de retorno nestas trajetórias. Uma pessoa que já é considerada tatuadora, pode optar por voltar a uma fase de “iniciante”, em busca de mais aprendizado, em um estúdio diferente, que considera melhor para suas intenções técnicas, como em um *zig zag* peculiar a esta carreira, de um *status* para outro. Reconhecer estas lacunas de conhecimento e buscar um lugar são bem vistos:

Daí eu falei pra ele [Heráclito]: “olha, eu não me importo de começar do zero aqui contigo”. Daí eu acho que ele gostou bastante disso né, porque ele nem queria pegar ninguém, mas ele disse “bom, se tu tá assim por evoluir né, eu vou te dar uma oportunidade”. E daí eu comecei daqui do zero. E até pensei bá é complicado, porque tu começa a ganhar menos né, vai regredir muita coisa, mas ao mesmo tempo eu acho que se é pra ti evoluir, vale a pena. [Stefani]

Além da busca por aprendizado acima do dinheiro, é preciso foco neste aprendizado e o objetivo claro de desenvolver a técnica da tatuagem e uma especialidade de desenho. Segundo Heráclito, “a gente não consegue fazer mil coisas ao mesmo tempo na vida. Primeiro tu vai ser bom na *tattoo*, tu não consegue ser bom em dez coisas. Não. O cara é massa na *tattoo*, mas ele é melhor nisso aqui. Porque se ele for bom em tudo, ele não ser MUITO bom em nada”.

O desenvolvimento é o cara ir se firmando num estilo, fazer uma linha. Não que eles não saibam fazer tudo, mas tem uma que faz melhor. (...). Quando acha o tipo de desenho, tu aprofunda. Mas até achar.. como todo trabalho, a prática leva a perfeição. Tu ter persistência pra aprender novas técnicas, aprender a utilizar o material que ti é disponível de uma maneira adequada. Tu tá fazendo uma tentativa né, tu tem o acerto e o erro né? E tem que tentar, não dá pra desistir. (...). O segredo da tatuagem.. claro, tem que ter talento, facilidade pra desenho.. mas... é um meio diferente. [Maria]

Aprendiz ou aluno(a), a fase de “iniciante” é a que parece inevitável – seja hoje, seja antigamente. Nesta, a pessoa desempenha a atividade de tatuar supervisionada, mas com menor demanda do estúdio, ao contrário do(a) aprendiz.

As passagens de um “tipo” de tatuador(a) para outro são suaves e graduais, o que dificulta fazer uma divisão estrutural. No entanto, alguns elementos, como uma agenda mais movimentada, um preço mais alto pelo trabalho, o número “curtidas” de fotografia no Facebook, convites para participar de *workshops* e convenções, podem servir como sinais de que a pessoa passou de um estágio a outro, seja neste, de iniciante para tatuador(a), seja deste último para de “artista”, por exemplo, como apresentarei em seguida.

De qualquer modo, é nesta fase que a pessoa tem a oportunidade de realmente desenvolver a técnica com base e observação de pessoas mais experientes. Ao que parece, a formação efetiva acontece no estúdio, com uma analogia à residência médica, para facilitar a compreensão. Ainda que a pessoa tenha feito cursos, graduação em Artes, *workshops*, etc.: é preciso passar e viver um estúdio, seja próprio ou de outra pessoa.

O espaço do estúdio é fundamental para as trocas cotidianas e a observação, “Eles sempre entram e saem para ver as tatuagens que os outros estão fazendo” [Excerto de diário de Campo] e constantemente avaliam os trabalhos reciprocamente. As pessoas sabem da relevância que o estúdio em que estão faz e por isso também buscam maiores desafios:

Daí depois, quando eu tinha mais condições, e até ele me ajudou, e daí depois quando rolou de tramar lá ele me chamou. Mas fui eu que procurei.. como aqui. E foi ele porque eu tinha mais acesso a ele, porque já tinha comprado com ele... porque era uma referencia. E é até hoje. Em alguns aspectos, claro. [Felipe]

Melhor ainda quando trabalham na mesma sala ou no mesmo ambiente, pois, segundo um relato, “assim um podia ver o trabalho do outro, aprender” [Excerto de Diário de Campo].

Tu não vai crescer profissionalmente se tu trabalhar num lugar ruim. Não adianta tu crescer e o lugar não, o lugar ser uma bosta. [Itamar]

Gabriela: E conviver com pessoas boas, ajuda?

Juliano: Ah, com certeza, óbvio. Porque troca informação, se não tu vai estagnar né. Se tá num estúdio que só tem cara ruim, não tem como evoluir. [Juliano]

O lugar que eu trabalho hoje eu acho muito foda porque a galera se atualiza o tempo inteiro. Então eu não sinto a necessidade de “bá, vou ter que sair daqui pra conseguir algo melhor pra mim”. Então eu achei um lugar que mesmo que eu tô estagnado ali, eu tô evoluindo, porque a galera evolui. Todo mundo tá sempre.. Então um supre o outro. Por exemplo, eu pego uma referência evolutiva no Heráclito, e ele pega comigo, e pega com outro.. Então um... é uma rede assim, e um vai erguendo o outro. [Toledo]

Além do estúdio, as convenções ressurgem com papel fundamental, ao encontro do exposto contextualmente, como conhecimento complementar ao do estúdio e de novas técnicas e pessoas.

E os novos tatuadores também aproveitam pra conhecer, o trabalho do fulano, então é uma chance pra ele se aproximar, ter um contato. Acho que o legal é ser aberta ao público, pra ter acesso à cultura da tatuagem. [Maria]

A internet ajudou, mas uma coisa é ver foto outra coisa é ver na pele né. Convenção é diferente... lembrei agora de quando eu voltei a tatuar... Quando eu quis voltar, eu fui em São Paulo numa convenção, olhar os caras, comprar material novo, fui ver cena, fui ver como funcionava assim. Então tem mais isso. Em cada convenção devem nascer vários tatuadores novos. [Felipe]

Eu acho massa porque eu vejo muito tatuador e tipo tem muito tatuador que é bem... Tu consegue chegar e trocar uma ideia. E acho legal porque tu conhece o trabalho de outras pessoas, e é massa pra outros porque é divulgação, porque vai uma galera, tem ido muita gente em convenção. Porque daí lá é bom pro estúdio e também pras pinta que tão lá e conhecem o trabalho de outros tatuadores. Nessa última teve gente que veio de Santa Catarina e de São Paulo e da grande Porto Alegre. Então tu conhece trabalhos que tu não tinha visto antes. [Guilherme]

É o melhor evento que tem pra o que sou apaixonado. E é legal porque vejo amigos de longa data. Que por questão de trabalho não vejo tanto. E fora a oportunidade de evoluir bastante, porque sempre tem alguém com uma técnica nova e o cara sempre absorve. Mas bá, convenção eu gosto muito. [Toledo]

Desta formação, a pessoa pode se deparar ou não com um dilema (HUGHES, 1958) ou um conflito (HUGHES, 1937), dependendo de suas aspirações ocupacionais e pessoais. Um dilema entre status de “tatuador(a)”, como ser “informal”, “comercial”, “artesã(o)” e um conflito entre papéis sociais que vislumbra para si, e os *status*, que se contrapõem, como ser

um(a) “provedor(a)” ou permanecer em uma ocupação que, no início, pode remunerar muito pouco ou nada.

É a ideia de “estagnação” faz com que, mesmo que a pessoa permaneça nessa esfera de desenvolvimento, permaneça buscando melhorar sua técnica. Isso reflete-se na forma que o mercado se organiza, em uma divisão mais horizontal de cargos, que se diferenciam pelo tipo de tatuador(a) que é: informal, comercial ou artesã(o). No entanto, ainda é possível ultrapassar outra fronteira, na busca por um campo de possibilidades mais amplo e de maior reconhecimento: tornar-se empresário(a), artista, mestre ou professor(a).

Se tá num estúdio que só tem cara ruim, não tem como evoluir. [Juliano]

Gabriela: O que te fez mudar?

Toledo: A busca de evoluir artisticamente. Quando eu me sinto trancado eu pulo fora. Quando eu vejo que aquilo tá me atrasando eu saio fora. Então o meu estúdio tava me atrasando porque eu ficava muito na obrigação do administrativo, então eu não tinha tempo pra estudar um trampo, hoje não vou atender ninguém. Eu tinha aquela obrigação. Então pra eu evoluir artisticamente... eu procurei trabalhar com outros estúdios pra absorver com outros profissionais. [Toledo]

Depois de todo um período de forte desenvolvimento e foco, no qual se buscou aprimorar uma especialidade, ultrapassar as fases de amadorismo e iniciante e deter um *status* considerado mais elevado, pode emergir novos questionamentos, em consequência desta estagnação. Ao contrário de ocupações mais convencionais, optar por *status* diferentes dos padrões pode ser considerado um retrocesso. Nestas carreiras, não é o que parece. Além do exemplo da Stefani e do Guilherme, os movimentos de carreira, devido ao aspecto horizontal do mercado de trabalho, parecem ser escolhas sobre objetivos de vida, influenciados pelo contexto e pelas pessoas ao redor. Encarar a ocupação como um negócio, no entanto, é o que faz entender que ainda falamos desta carreira.

5.2.4 E agora? Agora, o negócio é negócio!

A decisão por “seguir” faz a pessoa encarar a ocupação verdadeiramente como um negócio. Assim, as atividades vislumbradas vão, para além de tatuar, trabalhar com negócios, arte ou formação na área. A influência da vida pessoal nesta decisão permanece. Não somente

para Heráclito, mas nas outras narrativas, ela também reaparece em momentos em que o dinheiro se torna um problema – ou um incentivo para dar um passo diferente.

Foi imediato. Quando ela engravidou, nem cogitei continuar [como aprendiz]. Preciso de grana pra não faltar. Sempre quis voltar [para a tatuagem], mas o comércio te prende. Tu não tem tempo pra nada. [Guilherme]

Aí... abri meu estúdio, durante o meu casamento. Me separei e fechei o estúdio e vim pra Porto Alegre. [Toledo]

Depois da loja [comércio] eu acho que eu fui... eu fiquei um tempo parada cuidando da minha filha... Daí eu fui pro estúdio, botar *piercing*. Daí foi lá, botando *piercing*, que eu comecei a tatuar. [Keka]

O caso de Guilherme demonstra a carreira em *zig zag* (BOYLSTEIN; MAGGARD, 2013). Quando tinha 18 anos, tornou-se aprendiz de um tatuador, o qual pagava para que lhe ensinasse dentro de seu estúdio. Meses depois, sua namorada da época engravidou e ele precisou buscar um trabalho que o pagasse melhor – sabia que, na tatuagem, o início é pouco remunerado. Seis anos depois, em 2014, Guilherme resolveu voltar para o campo e, apesar do menor rendimento, entendeu que a maior estabilidade com a filha o possibilitaria continuar seguindo seu sonho.

A opção por abrir um estúdio surge como uma possibilidade de caminho, mas não é a única. Nesse campo, não é necessário abrir um negócio para “subir na hierarquia”, pois é possível desenvolver-se e reconhecer-se como “melhor” trabalhando no mesmo estúdio por anos – já que não há uma “hierarquia vertical” de cargos.

Mas mesmo num estúdio ela [a pessoa que tatua] cresce. Ela consegue crescer quando consegue executar seu trabalho bem feito, fazer com que ele se sobressaia acima dos trabalhos dos demais. Não só naquele espaço, mas no estilo de desenho. Um exemplo é o Juliano. Ele é referência nos maori pretos. Ele é referência porque ele cria. Ele tem uma facilidade pra criar... então ele conseguiu construir o nome dele em cima disso. Já outros se contentam em fazer um trabalho bem feito e isso, “fiz, não preciso de mais nada”. [Maria]

Além disso, algumas pessoas nem pensam na possibilidade de ter um negócio empresarial, dado o contexto que vivem no momento. Por isso, para algumas pessoas essa opção não é cogitada, já que a intenção é focar na técnica de trabalho ou há autoconhecimento de que ainda não é o momento. Isto se deve, em um sentido, às diferentes responsabilidades

que se acumulam quando a pessoa se torna “empresária”, como envolvimento com atividades administrativas e burocráticas.

Eu não sou uma tatuadora que quer ter um estúdio. Eu não tenho essa vontade. Que eu acho que eu tenho que evoluir muito muito muito como tatuadora pra ter [um estúdio]... Eu não teria uma loja onde eu não soubesse fazer tudo, entende. Tipo... Eu acho estranho um tatuador ter um estúdio e não ser um tatuador completo assim, sabe. Não mandar bem em tudo [nas técnicas de tatuagem] pra ter sua própria loja. E eu acho que tem que ser assim. Então eu não tenho essa... Eu não fico sonhando em ter minha loja.
[Keka]

Assim, “ter um estúdio” não parece ser um nível elevado dentro desta ocupação. Na verdade, o que parece é haver um cargo apenas (*office*, de Everett Hughes) – “tatuador(a)” – e diversas nuances, no sentido de desenvolvimento profissional horizontal. É possível compreender isto quando Heráclito conta do processo de saída do estúdio em que trabalhava e da possibilidade de voltar a ele, caso “tudo der errado”. Outra possibilidade de desenvolvimento são os intercâmbios feitos entre estúdios, desde os realizados na mesma cidade até entre países. Ainda, outra possibilidade é a de tornar-se professor(a) ou mestre, o que acompanha, também, a maturidade na carreira.

Este é o período em que a maior parte das pessoas entrevistadas estavam no momento das entrevistas, além de ser o período considerado mais longo, como uma continuidade do primeiro, mas mais “profissional”. Permanecer nesta carreira e nela envelhecer começa a gerar reflexões para além do campo, a partir de retomadas sobre seu passado e expectativas quanto ao seu futuro.

5.2.5 A maturidade da experiência

No desenvolvimento desta carreira, é possível perceber a possibilidade de uma reflexão subjetiva, de um conflito, no qual a pessoa interpreta a realidade que está vivendo de uma maneira negativa. Esta “etapa” seria a vivida atualmente por Heráclito e, portanto, é difícil de descrevê-la ou interpretá-la. Ainda assim, é possível perceber reflexões profundas quanto ao futuro, bem como o desempenho de outras atividades, principalmente de ministrar cursos.

Uma reflexão extrema sobre a própria vida e carreira profissional também pode direcionar para questionamentos quanto às decisões e encaminhamentos de vida. Isto acontece, ou pode acontecer, quando se atinge um nível de reconhecimento objetivo no qual não há preparo para enfrentar.

Depressão mesmo. Teve um tatuador, de outro estúdio, ele pirou, pirou, e se matou. Porque ele achava que as pessoas se aproximavam dele pra conseguir trabalho, pra ganhar desconto... E tem [gente que procura por interesse], como toda área, tem. Acho que é uma baita responsabilidade também né, tu criar um desenho, tu ter uma boa concepção e a noção de responsabilidade dobra na hora que tu vai aplicar na pele. Porque é a expectativa de uma pessoa que não sabe, que tá jogando toda uma expectativa em cima de ti por uma coisa que vai ficar marcada no corpo dela. E tu tem que alcançar aquele resultado que ela espera. Ou superar ele. Porque a cobrança vem de ti e vem do cliente. E se o cliente não gosta? Não tem o que fazer. [Maria]

As histórias de depressão também ouvi de maneira informal, em conversas dentro e fora do estúdio. No entanto, não percebi efetivamente isto no período de convivência com o estúdio. Percebi, sim, uma reflexão sobre a situação atual de vida, de um modo em que a mudança parece inevitável. Estes seriam casos extremos, tal qual descritos por Becker (2008), nos quais a pessoa depara-se com um conflito tão profundo que, para evitar uma decisão, abandona a carreira.

Com isso, as reflexões que observei pareceram dúvidas gerais sobre o futuro, inclusive por Heráclito, que tem feito viagens recorrentes para fora da cidade. No último semestre de 2014, Heráclito percebeu que precisava de mais tempo dedicado à arte, desenho e pintura, para continuar desenvolvendo seu trabalho. A opção pelas viagens surgiu como casualidade, mas emergiu como fonte de autoconhecimento. Heráclito percebeu que é preciso o tempo livre para criar arte, para desenvolver uma técnica. Agora, ele pretende desenvolver a aquarela, também em tela e os convites para realizar *workshops* parecem o incentivar a isso.

Com tudo isso, a pretensão foi em descrever uma trajetória profissional no campo da tatuagem. Nela, diversos aspectos emergiram, como tipos diferentes de cargos, instituições pelas quais a pessoa passa, influencia e é influenciada, momentos de inflamação e consequente decisão de vida e a concepção sobre a própria vida. Todos eles fazem parte de uma análise mais incisiva, que demanda maiores vínculos teóricos e estruturas com objetivos didáticos, para a compreensão global dessa carreira. É a isto que o próximo capítulo é dedicado.

6 COMO QUEM TATUA VIVENCIA SUA CARREIRA PROFISSIONAL?

*Porque ao mesmo tempo que é artístico, eu não tô fazendo um quadro e pintando na rua. Tu tá tatuando uma pessoa: é um procedimento quase médico e ao mesmo tempo artístico. E não é levado a sério – acho que não é muito levado a sério. Sei lá. Se tu diz que tu é tatuador as pessoas te perguntam tá e.. tu não tem uma profissão? Como se tu fizesse isso por hobby!
Stefani.*

A resposta ao objetivo deste trabalho é uma “forma dada ao viver que se desenvolveu”, como bem expôs Simmel (2011, p. 65) ao tratar da *verstehen*³⁴ histórica. Essa “forma”, ou seja, a compreensão global dessa unidade histórica, apresentada de maneira descritiva anteriormente e exposta aqui, analiticamente, tem como objetivo contrapor os três objetivos específicos postulados inicialmente, aos quais estão atreladas as contribuições teóricas deste trabalho. De início, é apresentada a trajetória profissional de quem tatua. Para isso, retomo o contexto espaço-temporal e coletivo, trazendo informações de outros trabalhos teórico-empíricos já realizados. Em seguida, é apresentada a trajetória profissional individual de quem tatua, com uma breve retomada de seus pontos principais, ressaltando os *status*, papéis sociais e instituições centrais neste caminho (HUGHES, 1958). Em seguida, a mesma trajetória é considerada, ressaltando agora os pontos de inflexão (RIESSMAN, 2000, 2005), permeados por conflitos (HUGHES, 1937) e dilemas (HUGHES, 1958), conforme pressupõe o segundo objetivo específico deste trabalho. Depois, aponto os elementos que fazem com que a pessoa que tatua compreenda a própria ocupação como uma efetiva profissão, ao longo destas trajetórias. Com tudo isso, é possível seguir às considerações gerais desse trabalho, que circunda o objetivo central desta pesquisa, por meio de uma suma que considera os principais aspectos destas trajetórias, com vistas a compreender como a pessoa que tatua vivencia a sua profissão ao longo de sua carreira. Todas estas descrições e análises são acompanhadas por representações gráficas que têm como objetivo esclarecer o entendimento destas unidades de compreensão.

³⁴ Faço uma explanação mais detalhada quanto à *verstehen* simmeliana no Apêndice B, bem como retomo seu conceito no capítulo conclusivo deste trabalho. Independente disto, é válido ressaltar o fato de que não traduzirei a *verstehen* para “compreensão”, palavra que a traduz literalmente. Assim como Abel (1948) não traduziu *verstehen* para o termo que seria equivalente para o inglês, *understanding*, também não o farei aqui, pois “entendimento” ou “compreensão” poderiam ser interpretados de formas diversas à pretendida pelo autor.

Antes da continuidade analítica dessa história, ressalto o caráter didático-compreensivo de todas as categorizações e separações que seguem, com vistas a compreender como quem tatua vivencia sua carreira profissional. Na realidade, o desenrolar dessa história pode demonstrar o de muitas outras e pretende mostrar-se tal qual um rio, que constantemente muda seus conteúdos, nunca sendo o mesmo, mas mantém uma forma, o que lhe dá uma aparência fixa, permitindo enxergá-lo e compreendê-lo. Ou seja, a forma do rio – e da carreira – está cristalizada³⁵. Nesse sentido, ainda que o entendimento seja da carreira como um todo, não passível de separações, entendo que “precisamos de formas reconhecíveis, coisas dotadas de permanência” para ver, interpretar e representar, já que “nossos próprios pensamentos, a maneira como entendemos o mundo que nos cerca e as outras pessoas, são afetados pela necessidade de esquematização” (ROCHA, 1996, p. 37).

6.1 A CARREIRA PROFISSIONAL DE QUEM TATUA: ASPECTOS OBJETIVOS E SUBJETIVOS

Tem tatuador, que ele é somente tatuador. Se tu fizer uma tatuagem, abrir uma loja, tu é tatuadora. Mas não quer dizer que tu é artista. Não quer dizer que tu lida com arte. Tu faz estampas na pele, é diferente. Então tem varias qualificações. (...). Tem o tatuador artista, que trabalha com a arte dele em si. E tem o tatuador que faz bem feito, mas só reproduz. E isso não quer dizer que é assim, mas é como eu qualifico. Porque tem vários tipos de tatuador, e nenhum é melhor que o outro. Cada um tá fazendo as suas escolhas.
Toledo

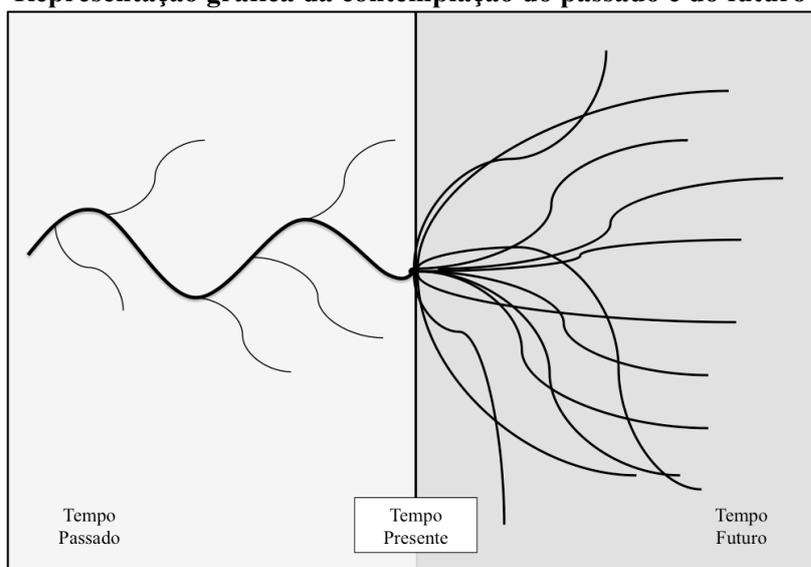
Ainda que Hughes (1937) não pressuponha linearidade nas carreiras, e que as chamadas carreiras desviantes aparentarem um *zig zag* (BOYLSTEIN; MAGGARD, 2013), passando, recorrentemente, por rótulos de desvio (BECKER, 2008), parece que todas as aproximações teóricas à carreira, sob a perspectiva interacionista, entendem-na como uma série de acontecimentos, eventos e vivências relacionados entre si – não, necessariamente, por relações de causalidade, mas de reciprocidade, nas quais um mesmo evento é causa e

³⁵ Esta é uma analogia ao quadro teórico de Georg Simmel e suas formas e conteúdos. Expus brevemente seu pensamento no quadro teórico deste trabalho, e mais no Apêndice B. No entanto, ressalto que sua compreensão exige a leitura de, pelo menos, seu trabalho intitulado “Questões fundamentais de sociologia” (2006).

consequência (SIMMEL, 2011). O formato de uma série histórica e cronológica, visível quando a pessoa a narra, é possível por ser referente a fenômenos passados. A título de exemplo, cabe dizer que Heráclito, em certos momentos, relembra sua pretensão em ser dentista que, após três tentativas no vestibular, desistiu. Em outros, especificamente nas últimas conversas que tivemos, ele lembra a vontade da época em ser artista de quadros e, pelo pouco reconhecimento e vislumbre de retorno financeiro, optou pela tatuagem. A diferença da lembrança (vontade de ser “dentista” e “artista”) demonstra as (re)significações do passado no presente. Como diz Gabriel García Márquez, “a vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para conta-la”³⁶.

Por outro lado, quando a pessoa é questionada sobre o futuro, parece deparar-se com uma miscelânea de possibilidades. A série de eventos é clara ao contemplar o passado, de modo a dar coerência para seu estado atual, ainda que veja outras possibilidades consideradas; e é confusa ao contemplar o futuro.

Figura 4 - Representação gráfica da contemplação do passado e do futuro pelo sujeito



Fonte: Elaborada pela autora.

A linha mais escura, situada no “tempo passado”, à esquerda da figura, representa esta memória que faz sentido ao estado presente, mesmo que a pessoa vislumbre as possibilidades que não foram vividas – representadas pelas linhas soltas, mais fracas, também em “tempo passado”. A partir do “tempo presente”, a pessoa vislumbra as diversas possibilidades futuras, em “tempo futuro”, à direita, das quais decidirá por uma e a (re)significará, ao longo do percurso, tal qual fez anteriormente e faz hoje.

³⁶ Epígrafe de sua autobiografia, “Viver para contar”.

Com um olhar mais ampliado, a carreira parece ser um emaranhado de dualidades, no sentido de interações recíprocas que formam uma unidade, que contemplam coletivos e individualidades, campos e relações, intersecções e laços, círculos e linhas. Com isto quero dizer que, ao que parece, a pessoa contempla instituições, grupos e outros indivíduos, como “círculos”, como também se relaciona diretamente com eles, como em “linhas”, os considerando, em sua completude, para a avaliação sobre a própria vida e para a tomada de decisão – próximo à noção de projeto, de Gilberto Velho (2003, p. 46).

Os projetos individuais sempre interagem com outros centros de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo são complexos e os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos diferentes, até contraditórios.

Segundo Velho (2003), diferentes autores, como Max Weber e Georg Simmel apontaram que houve uma transformação no Ocidente, a partir do Renascimento, na qual a modernidade ocidental fica associada ao desenvolvimento de uma ideologia do individualismo. As ideologias da igualdade e da singularidade aparecem, especificamente, a partir do século XVIII, como expressões de um *ethos* moderno. É para lidar com isso que a pessoa traça “projetos”, entendido como “a conduta organizada para atingir finalidades específicas” (VELHO, 2003, p. 40). Por interagirem em diferentes campos de possibilidades, que são os espaços pelos quais a pessoa transida, formula e implementa os projetos, eles podem ser diversos, como busquei representar na imagem no “tempo futuro”, e, até, contraditórios. Nesse sentido, vai ao encontro do entendimento de Hughes (1937), de que as carreiras dificilmente permanecem inalteradas, em relação às expectativas vislumbradas.

Com isso, é preciso admitir que a pessoa está inserida em um tempo-espaco social. Esta localização precisa ser considerada, já que ela influenciará nos julgamentos dessa pessoa e em suas decisões, além de fazer parte de uma análise interacionista (ABBOTT, 1997). É por isso que está inserida uma breve história da tatuagem, no Apêndice A deste trabalho, bem como dos últimos 20 anos do mercado de consumo e trabalho da tatuagem em Porto Alegre, na narrativa histórica anterior. Estas histórias fazem parte de uma cultura inscrita nestas pessoas e não pode deixar de ser considerada para analisar suas carreiras individuais – e de modo mais saliente para este trabalho, que pretende pela análise de uma, compreender muitas. Por tudo isso, a “carreira da ocupação” precisou ser analisada, dentro de um “cenário espaço-temporal”.

6.1.1 O cenário espaço-temporal

*É difícil.. tu visualizar a cena que tu vive né.
Analisar uma coisa que já aconteceu assim... isso é
fácil. Fácil não, mas tu tem uma amplitude de
visão muito maior do que quando é uma coisa
contemporânea. Por vários motivos, um deles é
que não é uma coisa estática, é uma coisa em
movimento.
Felipe*

Os momentos cruciais na história da tatuagem podem ser resumidos a partir de revoluções técnicas: as navegações, que permitiram ao Capitão James Cook “descobri-las” para o ocidente e, em sequência, da criação do tatuógrafo – máquina elétrica de tatuar. Esta máquina permitiu que o trabalho pudesse ser reproduzido de forma mais verossímil a um modelo de desenho, bem como de forma mais rápida, impulsionando a concepção de profissionalização. Além disso, atualmente existem tecnologias para retirar a tatuagem, seja de forma definitiva (com o laser), como temporária (com a maquiagem), transformando também o trabalho de quem tatua, que pode ser percebido como mais efêmero. A tatuagem transformou seu significado espiritual, social ou político, para se incluir noções puramente estéticas. Por outro lado, a tecnologia permitiu aos(as) tatuadores(as) melhores ferramentas para desenvolverem seu trabalho como arte.

Como foi para o consumo, de forma a massificar a produção pela reprodutibilidade, a invenção do tatuógrafo também permitiu a percepção da atividade como profissional. A qualidade do desenho precisava acompanhar as novas tecnologias (OLIVEIRA, 2012), demarcadas, em meados do século XX, por um limite (literal): a possibilidade de traços mais finos no desenho e mais opções de cores (MARQUES, 1997). É neste período que, mesmo ainda à margem, o mercado se abre para o “negócio” de tatuagens (OLIVEIRA, 2012), desenvolvendo uma indústria fornecedora própria.

A formação desta indústria pode ser considerada outra “revolução tecnológica”. Ainda que em outros países, como Estados Unidos, tenha se estabelecido já em meados do século passado, no Brasil ela começou a se desenvolver nos anos de 1980 e 1990, sendo a partir dos anos 2000 seu real estabelecimento, inclusive com regulamentações governamentais e pagamento de impostos específicos. Se antes estas pessoas fabricavam seus próprios

instrumentos de trabalho, passam a comprá-los. A indústria da tatuagem passa a movimentar milhares e milhares de dólares, com convenções regionais e mundiais, distribuindo prêmios milionários a quem se saísse melhor. Além dos eventos, empresas de fabricação de equipamentos, cursos, ajuda para dúvidas etc., toda uma rede de fornecedores e parcerias se forma (MARQUES, 1997).

Com a transformação dos instrumentos, transforma-se também a técnica, bem como os modos de transmissão de conhecimento. Já existem cursos e até vídeos na internet que ensinam, ainda que a forma mais tradicional de aprendizagem permaneça por meio da relação mestre e aprendiz – a mais recorrente e valorizada (OLIVEIRA, 2012). São necessários anos de observação para atingir certo nível de qualidade.

Assim, apesar de pouca informação sobre os verdadeiros modos de sua realização em tempos remotos, percebi a importância da Revolução Industrial para a técnica, bem como a mistura do conhecimento “primitivo” com o ocidental, possibilitando novas formas de criação. Neste sentido, reside na transmissão desse conhecimento o “segredo” para manutenção e aprimoramento (ou profissionalização) do campo.

Em Porto Alegre, a diferença da indústria fornecedora, expressa pelo antigo varejo, ilustra a diferença entre estes momentos:

Antigamente só três lugares vendiam material. Um era muito bom, mas era muito caro. Era tudo importado, de extrema qualidade. Esse não existe mais, que é o Frank. Ele não tinha um acervo grande, mas era tudo de qualidade. Depois veio o Verani e o Luis, e eles abriram a Tattoo Company. Cada um tinha o seu estúdio, mas eles eram sócios em alguns aspectos. Não sócios, mas parceiros. E depois disso eles abriram um mercado pra o que tem hoje em Porto Alegre de venda de material. Foram esses três que deram a abertura pra venda de materiais. [Toledo]

Na década de 1970, há o esforço em regularizar as questões sanitárias vinculadas ao trabalho de tatuar no contexto americano. Lyle Tuttle foi uma figura importante nos EUA, por representar uma das primeiras pessoas a se preocupar e procurar órgãos governamentais para regularizar seu estúdio, ainda na década de 1950 (DEMELLO, 2000). Além dele, Don Ed Hardy também esforçou-se, publicando em 1982 a revista Tattoo Time para diminuir a negatividade a respeito da tatuagem. Hardy e outros tatuadores(as) dessa época tinham conhecimento artístico, antes da tatuagem, percebendo que poderiam utilizar estes conhecimentos, bem como seus círculos de relações, para transformar a imagem da tatuagem (DEMELLO, 2000). Neste contexto (americano), o novo grupo de artistas passou a vir

carregado de conhecimento de artes, pintura, escultura e fotografia, com desejo em transformar a tatuagem (DEMELLO, 2000).

A tatuagem passa a se estabelecer como transação econômica, realizada em estúdios, com ambientes clínicos e higienizados. A formação de associações de tatuadores(as), bem como convenções e concursos nacionais e internacionais se amplia. Galerias de arte e museus também as exibem, ainda que sob um discurso antropológico e histórico (FERREIRA, 2004).

Atualmente, viradas mais rápidas e mais efêmeras têm acontecido, como o desenvolvimento de tecnologias para remoção de tatuagens, e de tintas mais fáceis de serem removidas (SUPERINTESSANTE, 2009) ou veganas (MYCOOL, 2012). Além disso, a técnica do(a) artista pode ser, hoje, substituída por uma máquina. Chris Eckert (HYPENESS, 2014) criou a Auto Ink, uma máquina que faz a tatuagem sem a presença de uma pessoa a inscrevendo. Ao que parece, assim como a partir da Revolução Industrial as pessoas viram seu trabalho sendo feito por máquinas, as pessoas que tatuam também poderão ter que criar subterfúgios para diferenciarem uma produção industrializada de uma feita artesanalmente.

As duas últimas viradas percebidas, principalmente pelo contato em campo, foram a internet e o que chamarei de “Escolas Técnicas”. A internet aparece como catalisadora das relações e trocas de conhecimento, além da disseminação do conceito da tatuagem como arte. As “Escolas Técnicas”, que aparecem em emergência, sob a forma de *workshops* em convenções e escolas com cursos específicos, como a Lado B³⁷, demonstram a demanda por um tipo de conhecimento técnico que já não é encontrado informalmente. Esta emergência também demonstra um caminho direcionado à institucionalização, tal qual Hughes (1958) apontaria, com um possível diploma e possibilidade de formação técnica reconhecida objetivamente – intra comunidade e fora dela – ou seja, mandato.

A internet, redes sociais e convenções são considerados os principais locais para publicidade e reconhecimento. O *boom* de 2000 é atribuído, em parte, à internet, que facilitou a desmistificação e visibilidade dos trabalhos. Entre a comunidade da tatuagem, ela é vista como uma aliada, facilitadora de disseminação, publicidade e trocas de conhecimento e competição (OLIVEIRA, 2012). A internet permite uma interação maior dentro da comunidade, permitindo a participação de pessoas que não estão tão imersas a ponto de ir a convenções, mas também nem tão distantes do campo (DEMELLO, 2000).

O meio midiático colabora para acessibilidade e disseminação. No novo contexto, “a legitimação social da tatuagem tem-se verificado associada à legitimação da profissão de

³⁷ Escola de Tatuagem, ou “Escola de Arte para Tatuadores” como se autodenomina, situada em São Paulo (<http://ladobestudio.com/site/>).

tatuador e ao reconhecimento da tatuagem como potencial meio de expressão artística” (OLIVEIRA, 2012, p. 7). Atualmente, programas como *Miami Ink*, *reality show* que se passa dentro de estúdio de tatuagens em Miami, ou propagandas que incluem atores ou celebridades tatuadas, também colaboraram (OLIVEIRA, 2012), ganhando versões nas cidades de Nova Iorque, Los Angeles, Madrid e Rio de Janeiro. Além deste, outros programas surgiram como “Epic Ink” e “Inked”, no mesmo formato que o primeiro; “Ink Master” e “Best Ink”, como uma competição entre pessoas que tatuam; e o “Bad Ink” e “Tatuagens Terríveis”, ambos sobre tatuagens mal feitas; além do site *Tattoodo*³⁸, criado pelo protagonista do *Miami Ink* e que propõe uma rede de interação direta entre cliente e tatuador(a), ao redor do mundo. No Brasil, há o programa “Tattoo Brasil”, no qual pessoas ficam confinadas em uma casa, tatuando diferentes temáticas, além de aparições em programas de temáticas diversas e com pessoas convidadas entrevistadas. Além deles, o acompanhamento das redes sociais durante a pesquisa revelou um esforço pelas mídias virtuais juvenis em desmistificar a tatuagem, em especial o site *Catraca Livre*, que publicou mais de 20 *posts*³⁹ relacionados a não estigmatização da tatuagem, para citar apenas um meio.

DeMello (2000) também traz a importância da mídia em geral, e também das mídias específicas, que disseminam discursos entre a comunidade de tatuadores(as). Resumidamente, o que se percebe é uma transformação da descoberta da tatuagem pelas personagens ou personalidades públicas, para posterior utilização e consumo da prática. É válido ressaltar, no entanto, que, até este momento, não é claro qual a posição da “tatuagem” na sociedade. Se Oliveira (2012) as coloca como claramente menos estigmatizadas, ainda questiono como tal, utilizando o mesmo recurso que a autora utilizou: a disseminação midiática. Oliveira (2012) coloca que por meio de programas como *Miami Ink*, a tatuagem está livre, ou quase, de estigmas. No entanto, lembro outro recurso visual, o filme “A garota com a tatuagem de dragão”, direção de David Fincher (2011), baseado no romance de mesmo nome, do sueco Stieg Larsson, que retrata uma mulher que vive no mundo subterrâneo da internet e que tem uma tatuagem no corpo. Seu retrato é, no mínimo, marginal – para citar apenas um.

As pessoas entrevistadas, ainda que variem de opiniões, demonstraram, na maior parte, um otimismo na percepção quanto à tatuagem, atribuindo às mídias parte dessa transformação. Maria citou um grande canal de televisão brasileiro que, segundo ela, tem mostrado mais a tatuagem em sua programação, de maneira não marginalizada:

³⁸ Disponível em < <http://www.tattoodo.com> >. Acesso em: 07 de janeiro de 2015.

³⁹ Palavra que nomeia as postagens de um blog ou site de notícias na internet.

Como eles introduziram a tatuagem em edições de programas recentes, de televisão. Acho que ano passado deve ter passado cinco vezes na [programa matinal e diário do canal]. E na novela... o mordomo era um guri bonito, todo tatuado, e ele era do bem, trabalhador. Então eles começaram a dar outros personagens... o cara não é mais só o marginal. Então a própria mídia tá dando um toque diferente. [Maria]

Das mídias jornalísticas, que incluem revistas especializadas ou não do tema, foi percebido por DeMello (2000) o esforço discursivo em esclarecer as diferenças entre a nova forma de tatuagem e a antiga. Nesse sentido, há toda uma construção hierárquica da comunidade da tatuagem, segundo DeMello (2000), desde as “tatuagens de prisão” até as reconhecidamente “artísticas”. A autora percebeu uma diferenciação voluntária da mídia em expor os(as) “antigos(as) marinheiros(as) e motoqueiros(as)”, que costumavam se tatuar, e os(as) profissionais formados(as) de hoje (DEMELLO, 2000).

A diferença hierárquica vertical, no entanto, parece acontecer apenas nestes casos extremos de irregularidades com as práticas estabelecidas informalmente no campo. Em geral, o que parece haver é uma divisão horizontal, como será aprofundada na seção seguinte, e como expressa por Toledo: “Porque tem vários tipos de tatuador, e nenhum é melhor que o outro” [Excerto de entrevista]. Aqui, cabe apontar que o histórico do mercado de trabalho aparece similar no Brasil e em outros contextos. Há tanto uma divisão interna de qualificação, que permite que não haja diferenças verticais de funções ou cargos, mas horizontais, bem como a importância do que DeMello (2000) chamou de “comunidade”, e eu chamarei, no contexto portoalegrense, de “família”.

O processo de formação da comunidade é resumido de forma clara por DeMello (2000, viii), logo ao início de seu (pequeno tesouro) livro sobre tatuagens nos Estados Unidos, quando ainda relata como passou a estudar o campo:

Para ser bem sucedido como um tatuador é preciso, primeiro, ser aprendiz de um mais antigo, mais experiente e, de preferência, bem conhecido tatuador, ou, ao menos, que tenha alcançado o “rótulo” de artista. Por isso quem “conhece” é tão importante nessa comunidade, e por causa dos tatuadores não serem fáceis de compartilhar segredos (ou fama) com novos tatuadores, ter um pé dentro da comunidade é um processo difícil. “Entusiastas” ou “fãs” também fazem contatos iniciais através de nomes – nome do tatuador que fez algum trabalho específico. Tanto os novos tatuadores como os novos tatuados têm dificuldades em fazer novos contatos, amigos ou ter o próprio nome na comunidade⁴⁰.

⁴⁰ Tradução livre de “To become successful, new tattooists must usually first apprentice with an older, more experienced and preferably well-known tattooist, or at least must achieve the “sponsorship” of a well-known tattooist, artist. Because who one knows is so important in this community, and because tattooists are not eager to share secrets (or fame) with new tattooists, finding someone to help get one’s foot in the community is a

Neste extrato, está resumido muito do que foi exposto na narrativa história. A formação do(a) tatuador, em uma relação de mestre/aprendiz; a questão do nome e reconhecimento do(a) tatuador(a); e, destes laços, a criação de uma “comunidade”, que envolve tatuadores(as), tatuados(as) e simpatizantes. Desta formação, DeMello (2000) descreve o campo como não homogêneo, hierarquizado (com base em premiações e reconhecimentos) e com uma forte suspeita sobre *outsiders*. Assim, ao chamá-lo “comunidade da tatuagem”, faz a ressalva de que não deve ser entendido como não estratificado, ou como um extrato homogêneo de grupo.

Das convenções e associações, Oliveira (2012) explora o caso de Portugal. Criada em 2010, a Associação Cultural Tatuagem e *Body Art* tem como objetivo a consciência coletiva sobre sua arte. Junto à Associação, a Convenção forma um par institucional de normas. Por ser internacional, ajudou a trazer e exportar a tatuagem e diminuir desavenças entre tatuadores(as). A participação nestes eventos se tornou “obrigatória” por parte dos(as) tatuadores(as), apesar de que muitos(as) não participam porque não passam pela etapa de seleção (o que não deixa de ser uma forma de delimitar o que é e o que não é de qualidade). Por fim, é uma forma de reconhecimento e um recurso de valorização de *portfolio*. Por não dar lucros, os motivos de organização e participação de tais convenções demonstram o esforço em profissionalizar – consciência coletiva, identidade profissional, abertura e institucionalização, visibilidade de seu mundo (OLIVEIRA, 2012).

De modo geral, as convenções podem expressar tanto o sentido comunitário, de união entre estas pessoas, como de hostilidade e desconfiança, como um campo hierarquizado (DEMELLO, 2000). De qualquer forma, as convenções têm papel crucial para a formação do(a) tatuador(a) (e de seu currículo), bem como dos relacionamentos intra grupo, que aparecem como fundamentais para a transição na divisão interna do mercado de trabalho. Isto porque, neste campo, as formas legítimas de reconhecimento são os prêmios conseguidos nestes eventos – e não uma formação curricular como normalmente ocorre em campos já estabelecidos – e o reconhecimento entre pares, como pretendi apresentar no Capítulo 5. Como dito, são pontos de legitimidade e tentativa de formalização e institucionalização do campo, como no caso da *The National Tattoo Association*, nos EUA, que aproveita os eventos anuais para distribuir manuais de conduta, regras e regulações para quem trabalha com

difficult process. “Enthusiasts” or “fans” also make their initial contacts in the community through names – the name of the artist who did one’s work. Both new tattooist and the newly tattooed, then, struggle to achieve contacts, friends, and a name in a community that appears, on the surface, to be solely defined by wearing tattoos” (DEMELLO, 2000, viii).

tatuagem (DEMELLO, 2000). Essa associação começou como *The National Tattoo Club of the World*, em 1974, pelo tatuador Eddie Funk. Hoje ainda provê certificado para membros, além de trazer uma aura de profissionalismo para o ramo (DEMELLO, 2000). Também nos EUA surgiu em 1992 a *Alliance of Professional Tattooists Inc.* que, ainda que tenha o intuito de legitimar a profissão, como a anterior, está mais focada em disseminar informação sobre questões de higiene, saúde e segurança, mantendo critérios profissionais. Além disso, elas aparecem como prova de maior disseminação e aceitação do trabalho:

E também pra trazer o mundo da tatuagem mais próximo do público. Eu vejo assim pelo menos. O que acontece: “ah, todo mundo marginal”. Mas tu chega numa convenção, a minha mãe foi uma: tu chega e tu vê família. Famílias inteiras, gente tatuada com filho, a criança como qualquer outra. E outras pessoas, “ah, tenho curiosidade de conhecer”, mas a pessoa se sente inibida de vir num estúdio de tatuagem, porque “eu não vou fazer, mas quero conhecer”. Mas num evento desses, que tu compra ingresso pra olhar, tu consegue apresentar esse mundo. [Maria]

O esforço pela legitimação também aparece no contexto mundial. O trabalho de Oliveira (2012) estuda o processo de transformação dessa ocupação em Portugal. A autora explora temas como desvio e estigma, bem como de profissões e arte, contrapostos ao artesanato. Reconhece ainda ser um processo em andamento, principalmente pelo fato de não ser reconhecida legalmente – assim como no Brasil. Dessa forma, as próprias pessoas envolvidas com a produção de tatuagens se organizam e adotam estratégias como “o processo de higienização e medicalização dos estúdios, a criação da *Associação Cultural Tatuagem e Body Art*, a realização anual do *Tattoo and Rock Festival* e o controle informal sobre o processo de aprendizagem” (OLIVEIRA, 2012, p. 40), de forma a manterem algum tipo de controle.

Assim, em virtude da demora na institucionalização e na regulamentação da profissão, a rede de tatuadores(as) passa a construir normas informais de regulação, a partir de convenções, associações e contatos diretos entre si (OLIVEIRA, 2012) – movimento também saliente no Brasil, e que se configura a um mandato (HUGHES, 1958), posto ser um conjunto de normas, mesmo informais, assimiladas e seguidas. Mesmo os perigos sanitários não são fiscalizados, o que traz o esforço do grupo em trazê-los para o seu meio, já que “mais do que um processo de higienização, houve uma “medicalização” da tatuagem, que inclui uma conjugação de saberes específicos vindos da área da medicina a esse campo” (OLIVEIRA, 2012, p. 22).

Para além disso, a partir da noção de jurisdição, Ferreira (2012) defende que se trata, na verdade, de uma profissão pouco institucionalizada, pois ainda depende de mecanismos informais para controle interno. No caso de Portugal, por exemplo, não existem organizações que certifiquem, por diplomas, o trabalho – conceito trabalhados por Hughes (1958) – ainda que haja esforço (e transformação) nesse sentido. No entanto, ressalto que este trabalho não tem como objetivo analisar a formação da profissão, mas da vivência da carreira profissional, sendo esta exposição relevante devido ao vínculo entre ambas.

A formação das associações aparece no Brasil, já no final dos anos 2000. Como o Snoopy expôs, primeiro houve a tentativa de levantar um sindicato, que não teve muitos(as) adeptos(as). Hoje, está se organizando o que ele chamou de “associação”, com a mudança do nome deliberada para que não lembre relações de trabalho convencionais (entre “patrão(oa)” e “trabalhador(a)”) e demonstre o objetivo de união e busca por melhores condições de trabalho – sejam sanitárias, laborais ou fiscais. Já houve algumas conquistas, segundo ele, como a aproximação no Ato Médico, e o estreitamento de relações com políticos, na busca de reconhecimento profissional. Na verdade, atualmente tramita um projeto de lei⁴¹ que busca institucionalizar a profissão, assinado pelo deputado João Paulo Cunha, de São Paulo, e ainda não teve resultado.

Demonstrando esse contexto dicotômico, entre cooperação e competitividade dentro desta comunidade, DeMello (2000) questiona: o que mantém esta comunidade, de alguma forma, unida? A partir da situação atual, que mantém pessoas conectadas, apesar de não serem do mesmo local ou sequer se conhecerem, a autora defende que a comunidade da tatuagem se forma por um compartilhamento de identidade, em encontros de convenção, consumindo produtos e marcas, revistas, *websites*, ou seja, muitas fontes discursivas da mesma comunidade – artifício de outros grupos também tidos como marginalizados (DEMELLO, 2000). Portanto, fazer parte dessa comunidade não significa, simplesmente, fazer ou ter uma tatuagem – mas absorver o discurso e replicá-lo em seu estilo de vida. Ainda que seja um discurso de um grupo, dentre vários, que existem no grande grupo, na grande família, na comunidade da tatuagem.

Antes, os(as) tatuadores(as) eram trabalhadores(as) sem formação – técnica ou artística. Eram tempos em que a tatuagem era, inclusive, colocada como de fácil aprendizado (diferente dos tempos atuais), como era exposto no discurso da *Milton Zeis School of Tattooing*, primeira escola de tatuagem dos Estados Unidos, nos anos 1950. Eram tempos em

⁴¹ Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/506415.pdf>. Acesso em: 10 de dezembro de 2014.

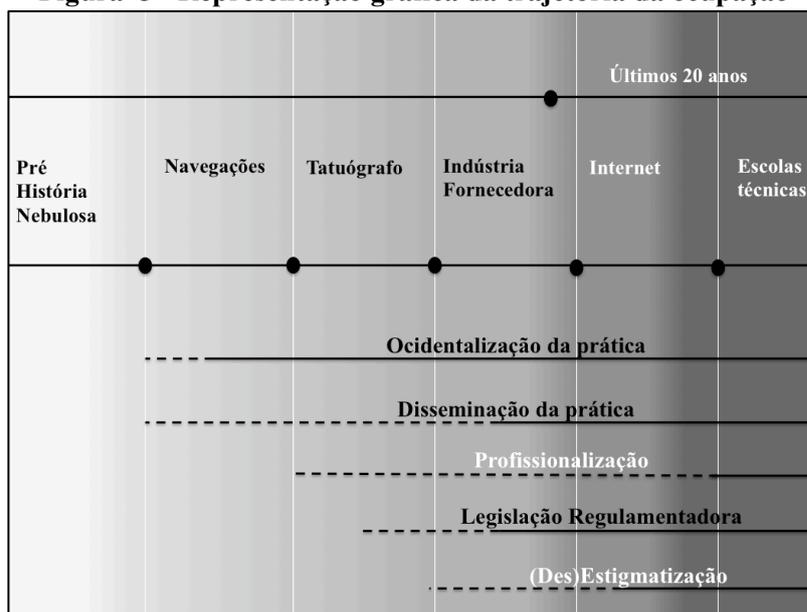
que estas pessoas aprendiam por cursos de correspondência e praticavam a técnica em familiares e conhecidos(as), somente. Aprendizes também pagavam tatuadores(as) mais experientes para lhes ensinarem ou, ainda, eram apadrinhados em uma relação de ofício, entre mestre e aprendiz, na qual o(a) aprendiz limparia o local, fazia os carimbos, limparia os materiais e fazia as agulhas por pouco ou nenhum dinheiro (DEMELLO, 2000, p. 52). A própria disseminação, pelo uso, com os novos desenhos e técnicas, mudou o contexto de mercado profissionalmente. A maior aceitação, principalmente a partir da década de 1970, também facilitou a entrada de pessoas “inexperientes” ou não apadrinhadas – o que pode ser mal visto por tatuadores(as) estabelecidos(as) (DEMELLO, 2000), ou seja, pessoas já reconhecidas no campo e com, pelo menos, um década de experiência nele.

DeMello (2000) traz que a forma de inserção do(a) profissional modificou ao longo do tempo. Se antes a relação era somente mestre/aprendiz, atualmente os(as) novatos(as) podem comprar uma máquina por correio e praticar em si ou em conhecidos(as). Além disso, alguns(mas) vêm de escolas de arte, ou seja, já sabem desenhar ao iniciar o ofício. Isso não tira, contudo, a mesma hostilidade vislumbrada por Oliveira (2012), que também é apontada por DeMello (2000), por parte dos(as) mais estabelecidos(as) no campo. Com tudo isso, e considerando as informações do campo, acredito ser necessária uma ressalva aqui.

Apesar da mudança nas formas de inserção e de formação destas pessoas, o que são perceptíveis não são as revoluções de processos, com mudanças extremas, mas são os acúmulos de experiências. O que quero dizer é que, apesar de haver escolas técnicas ou inserção de pessoas já com conhecimentos técnicos de desenho, ainda existem as relações mestre/aprendiz, como aconteceu com a Stefani e Heráclito, assim como de pagamento de uma pessoa mais experiente para ensinar, ou seja, uma aula particular, como aconteceu com Guilherme. Com isso, pretendo demarcar que, longe de serem mudanças que retiram as práticas mais antigas, parece haver um acúmulo delas, o que pode, também, ressaltar mais ainda as fronteiras dentro da comunidade – entre “praticantes tradicionais” e “praticantes inovadores”. Como exemplo, posso trazer a própria DeMello (2000), que aponta as pessoas mais antigas no meio como descrentes do fim da relação mestre-aprendiz. O que ocorre é que estas pessoas mantêm, na atualidade, os mesmos vínculos de formação de um século atrás, diferenciando-se, internamente, daquelas de “vanguarda”. Por isso, apesar da aparente mudança, a relação e troca de conhecimento ainda é forte na relação mestre-aprendiz, ainda que sua amplitude tenha aumentado, configurando um momento de transição característico, no qual processos, modos e hábitos antigos misturam-se com novos.

Com esta contextualização, é possível perceber transformações na carreira dessa ocupação, permeada por pontos de inflexão caracterizados, essencialmente, por mudanças tecnológicas que influenciaram diretamente a atividade, mas também pelo esforço de pessoas, afinal, a realidade é, em última instância, o indivíduo (SIMMEL, 1983). Nesta trajetória, é possível, também, perceber processo de transformação que, acontecendo em paralelo, estão relacionados à situação dos últimos 20 anos, a qual Heráclito vivenciou.

Figura 5 - Representação gráfica da trajetória da ocupação



Fonte: Elaborada pela autora.

A linha central, com círculos pretos que demarcam cada uma das faixas verticais temporais, pretende mostrar um linha histórica que inicia na “Pré História Nebulosa” e chega até as “Escolas Técnicas” atuais. Os nomes colocados na cor branca são referentes aos tempo e processo que ocorreram nos últimos 20 anos, como explicitado na linha acima, separada, para reforçar o foco no tempo das pessoas que foram entrevistadas. Os traços que se tornam linhas, na parte inferior da imagem, pretendem demonstrar os processos cumulativos neste mercado – como dito, não houve revoluções, mas acúmulo de práticas. Eles parecem iniciar em certos momentos e, desde então, não foram interrompidos. Todo o conteúdo deste quadro foi apresentado na Narrativa do trabalho no tempo e espaço, na seção 5.1 deste trabalho.

Enfim, a via da legitimação, objetiva e subjetiva, pode se dar pela chamada “(Des)Estigmatização”. O parênteses é presente, pois, ainda que seja perceptível o menor preconceito e estigma presente em relação a estas pessoas, ainda não foi eliminado. Como forma de transformação, outra via para legitimação é colocar a tatuagem como arte.

Porque tu vê que tá aumentando o número de *workshops*. Trazer um tatuador bom, com técnica de desenho e estilo e fazem pra essa gurizada que tem interesse em ver esse cara tatuando. Então tu vê que a tatuagem tá sendo encarada de uma maneira diferente. [Maria]

Este argumento “arte” aparece como um recurso em resposta a estigmas ainda vinculados à tatuagem, utilizado também no espaço americano (KOSUT, 2006; DEMELLO, 2000). É neste sentido que Oliveira (2012) percebe a emergência de novos(as) tatuadores(as), agora formados em universidades de artes e afins, buscando a ocupação com uma técnica certificada, gerando uma diferenciação hierárquica com assimilação de valores artísticos, “categorizando assim o bom tatuador tecnicamente e o artista da tatuagem criativo e inovador” (OLIVEIRA, 2012, p. 41). A arte de tatuar é tatuar bem, desenhar bem e treinar sempre, se aperfeiçoando. Para os(as) mais antigos(as), a pessoa que tatua realmente bem tatua com maestria e com técnica – somente assim será “artista” (OLIVEIRA, 2012). Por outro lado, não poderia ser reconhecida totalmente como arte porque tem a orientação do cliente, indissociável do corpo em que está (OLIVEIRA, 2012). Ainda assim, Kosut (2006) identificou no contexto americano que a tatuagem passa a ser, aos poucos, reconhecida como arte, trazida a exposições em galerias e museus como tal. Em Porto Alegre, a exposição da tatuagem como arte já acontece. No ano de 2014, foi realizada uma exposição da arte do tatuador Victor Otaviano⁴², organizado em parceria com o estúdio Edu Tattoo Blood Bazar, onde também aconteceu um *workshop* ministrado por Otaviano. A exposição trazia obras pintadas pelo tatuador, a partir de seu reconhecimento pela tatuagem.

Mas assim, como ainda, não vou dizer que é mal quisto no mercado, ou mal visto, como antigamente, por exemplo, na década de 90 tinha alto preconceito em cima disso. Em cima da tatuagem. Hoje em dia não tem mais tanto preconceito, claro, jogador de futebol, é atriz da globo, atriz lá fora.. cantor, todo mundo tem. Então se tornou comum. Mas basicamente não tem mais o tabu que existia antigamente. [Bruno]

O cliente disse que *tattoo* é como arte. Mas o trabalho do Heráclito que ele admira. A tatuagem é uma forma de arte, uma forma de diferenciar, mas é pela estética também. Trouxe uma referência e ele criou tudo. Disse que ele tem uma relação de GRATIDÃO com o Heráclito. [Excerto de Diário de Campo]

Os relatos otimistas, no entanto, são permeados por outros, um pouco pessimistas:

⁴² Victor Otaviano é um dos nomes brasileiros mais conhecidos, hoje, no mundo da tatuagem, e tem ajudado a catalisar o reconhecimento dela como arte, também no Brasil (informação de campo e das entrevistas).

A tatuagem e o *piercing* estão bem além disso, bem mais aceitos e descriminalizados... entre aspas, também. Então a nossa geração já tá ocupando cargos em diversas esferas então já tem essa cabeça de que existe tatuador profissional, perfurador profissional. Mas infelizmente a nossa geração não tá aceitando esse tipo de coisa nova. [Snoopy]

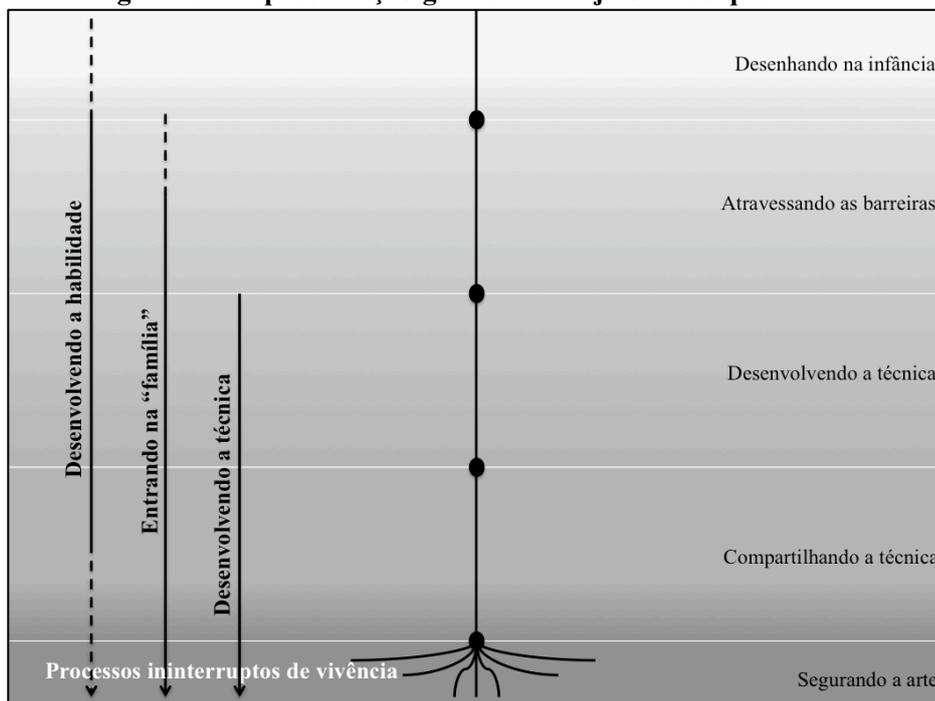
Assim, também não parece ter ocorrido uma revolução quanto à percepção sobre a tatuagem e quem trabalha com ela. O estigma ainda permanece, mesmo que em menor grau, se comparado a tempos anteriores. Levando este cenário em consideração, pretendi apresentar o contexto espaço-temporal em que estas pessoas vivem, também caracterizado por outros trabalhos e outros contextos que apresentam nuances de similaridades e de diferenças com os de Porto Alegre. Em suma, o mercado se transformou, acumulando mudanças e tendo, hoje, um conjunto de diferentes *status* internos e percepções sobre a prática e sobre a ocupação, além de suas organizações. Agora, é possível passar à análise das carreiras individuais, pois, dados os objetivos deste trabalho, uma apresentação descritiva desta trajetória não é o suficiente para responder à pergunta de como quem tatua vivencia sua profissão, que é uma ocupação não institucionalizada legalmente. Por isso, é preciso perceber quais os *status*, papéis sociais e instituições sustentam esse mercado de trabalho e ocupação, sejam explícitos, implícitos ou emergentes.

6.1.2 Os *status* reconhecidos pela “família”

*Pra mim, eu não fui migrando, mas eu tive que
passar por fases que me levariam pra onde eu
precisava.
Toledo*

A narrativa da carreira de quem tatua foi percebida como apresentando fases, como disse o Toledo, ou o que chamei de “faixas temporais”, as quais são separadas pelo pontos de inflexão percebidos como mais salientes nessa trajetória. Em cada uma destas “faixas temporais” é possível experienciar processos ininterruptos de vida profissional, que podem acumular-se ao longo dela – acontecendo com maior ou menor intensidade, dependendo da “faixa temporal” atual.

Figura 6 - Representação gráfica da trajetória de quem tatua



Fonte: Elaborada pela autora.

A linha central, com círculos pretos, pretende representar a trajetória de vida da pessoa que tatua, desde seu início, no topo da imagem, até os dias atuais, na parte inferior da imagem – na qual estão representadas as diversas possibilidades futuras. A pessoa que tatua apresenta pontos de inflexão (RIESSMAN, 2000; 2005), representados pelos círculos na linha central, os quais podem ser caracterizados, em suas intermediações, por um processo de vivência mais saliente na “faixa temporal” – nomeados à direita da imagem. Além disso, estes pontos tendem a iniciar outros processos, representados no lado esquerdo da figura, que têm mais saliência em determinados momentos, representados pelo traço contínuo, em contraposição ao traçado pontilhado, de menor relevância ou força naquele momento de vida. Estes são processos ininterruptos, a partir do seu início, como representado pelas flechas na parte inferior da imagem.

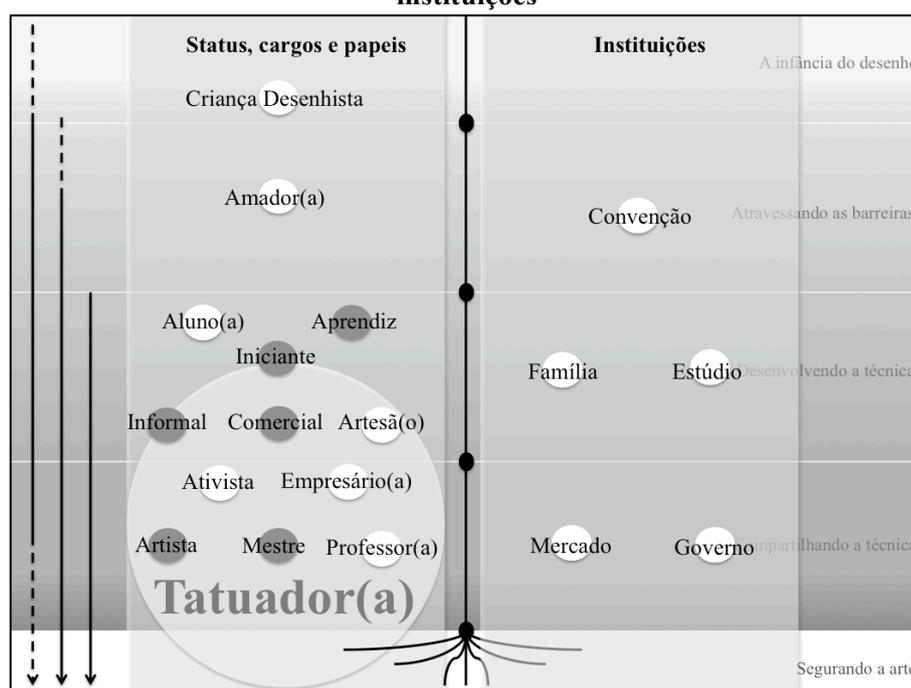
Quanto aos diferentes *status* e cargos (HUGHES, 1937; 1958), foram percebidos um conjunto deles, ressaltando que “cargos” não foram expressos pelas pessoas entrevistadas: “a gente é tatuador, ponto”.

Não tem uma qualificação, Gabi. A gente é tatuador, ponto. Só tem os iniciantes, como qualquer área, o cara tá começando, ele é um iniciante. Depois, ele é um tatuador. Mas não tem isso: “o cara é mestre”. A gente fala, “o cara é mestre”, mas não tem esse TÍTULO [falou com tom enfático]. Eu

falo “ah, meeeestre”, mas não é uma QUALIFICAÇÃO. Na nossa área não tem isso. Existe o cara conceituado, “bá, o cara cria conceitos”, ele faz uma coisa.. Dai nós tiramos ESSE cara pra mestre, mas não tem o TÍTULO. Que merda né? Tinha que ter uma coisa de especialização, eu acho. Ia peneirar bastante a área, ia melhorar bastante. [Toledo]

Ao ser questionado sobre “o que é um mestre”, o Toledo insiste que não há uma diferença dentro do campo. No entanto, foram percebidos *status*, ou seja, espaços sociais objetivos e reconhecidos (HUGHES, 1937), inclusive nas falas do Toledo, o que também resulta em uma divisão do mercado já descrita entre “comerciais” e “artistas”. Para apontar isso, uso como suporte, além dos dados empíricos, os trabalhos existentes e expostos aqui. Esmiúçar os dados, observar as conversas, as interações e as convenções, ao longo de quase dois anos, salientou cargos, instituições e papéis que, ainda que subentendidos, estão inscritos nas memórias, projetos e vivências presentes destas pessoas.

Figura 7 Representação gráfica da trajetória de quem tatua, salientando *status*, cargos, papéis e instituições



Fonte: Elaborada pela autora.

Todos estes “círculos” foram apresentados ao longo da trajetória narrada e pretendem representar os diferentes *status* no campo, os papéis sociais (ambos do lado esquerdo da figura) e as instituições (do lado direito da figura). O grande círculo “Tatuador(a)”, à esquerda e abaixo, pretende demonstrar que, nele, podem existir tipos diferentes, tanto de *status*, representados pelos círculos cinza escuro, como de papéis sociais, representados pelos

círculos cinza claro. Todos estes círculos, como representação gráfica, também estão colocados na posição de faixa temporal que tendem a aparecer. Por fim, à direita da figura estão as instituições observadas com as quais estas pessoas têm contato, localizadas, na figura, nas etapas em que tendem a surgir de modo mais saliente. É preciso explicá-los e justificar a rotulação apontada, o que será feito nesta subseção, para os *status* e cargos e, nas duas seguintes, para instituições e papéis sociais, respectivamente. E é isto que se segue agora, iniciando pelos *status*, para seguir aos papéis sociais e, enfim, às instituições.

Os *status*, portanto, são categorias sociais estabelecidas ou aceitas (HUGHES, 1937). Um conjunto de *status* pode formar, ou não, um “cargo”, ou seja, um grupo de obrigações e privilégios padrões que recaem sobre a pessoas em determinadas situações (HUGHES, 1937). É com base nesses entendimentos que serão apontados, de forma mais clara agora, *status* que emergiram na carreira da pessoa que tatua.

6.1.2.1 Tatuador(a)

Este parece ser mais um aspecto tanto subjetivo quanto objetivo: perceber-se como “tatuador(a)” faz parte de uma dinâmica social, mas também de uma autopercepção como tal. A pessoa tatuadora é aquela que faz tatuagem já dentro da “família”. Ao que parece, ser “tatuador(a)” depende do reconhecimento das outras pessoas da família por isso. Assim, há uma limitação feita entre “iniciante” ou “aprendiz” e “tatuador(a)”, que inclui desde informais até artistas.

6.1.2.2 (Tatuador(a)) Iniciante

A pessoa iniciante está entre o amadorismo e o profissionalismo. Ela está entrando na família, começando a formar relacionamentos e contatos, inclusive para futuros trabalhos. Essa pessoa diferencia-se de “Aprendiz” com um aparente caráter mais impessoal que o segundo. Entrar como iniciante demanda algumas ressalvas:

Hoje mesmo veio um pai com um guri de 15 anos pra fazer um curso. A gente dá curso pra iniciantes. Mas o cara tem 15 anos, tu vai tá lidando com máquina, com agulha, com a pele, com a segurança da pessoa, não... não deu o curso, entendeu? [Bruno]

Com relações não tão próximas com o(a) dono(a) do estúdio, quem detém o *status* de Iniciante precisa abdicar de benefícios estruturais e financeiros, com a intenção de firmar laços e desenvolver uma técnica.

Continuamos conversando do lado de fora [eu e a Stefani]. Ela contou que se não fosse o apoio dela [a namorada], não teria como, já que ela esta pagando as contas. Agora, pra ela tatuar, só com hora marcada no Hera e com ele acompanhando, pra dizer o que fazer e o que não fazer. Fora isso, ela disse que atende amigos em casa, e daí dá pra tirar algum dinheiro. Mas ela sempre reiterava que achava mais importante agora realmente aprender pra depois ganhar dinheiro. [Excerto Diário de Campo]

Eu não sei se sou aprendiz. É muito complicado isso. A gente brinca aqui que eu tô “em experiência”, que eu tô “estagiando”, mas.. eu não sei. Eu acho que dá pra dizer que é aprendiz, porque eu não deixo de tá aprendendo, mas eu acho que é um aprendiz com um pouco mais de experiência né, porque normalmente aprendiz chega sem dizer nada. [Stefani]

Nesse sentido, Stefani esclarece a diferença entre este *status* e o seguinte: iniciante é quem já está no estúdio tatuando, mas acompanhado(a). Já quem é Aprendiz desempenha outras atividades, praticando mais desenho no papel e aguardando por um espaço para “iniciar” a prática da tatuagem.

6.1.2.3 Aprendiz

Se de um lado é diferente de “Iniciante”, por outro é ainda um *status* de entrada na ocupação reconhecido e respeitado pela família. Além da pessoa que o ocupa demonstrar interesse pela prática, também é encarado como uma forma de aprendizado verdadeiro: lidar com todos os aspectos do estúdio em que é aprendiz faz a pessoa vivenciar um maior número e variedade de experiências:

E traço varia muito. E mexer nessas coisas [limpando os instrumentos] me ajuda a aprender muito sobre isso. Sei bastante coisa, sabia antes, mas agora sei mais. E antes ainda eu ficava na sala deles mesmo, mas agora o movimento tá começando a aumentar porque chega o verão e eu fico por aqui mesmo. Agora... eu tô vendo de ir tatuando o pessoal. (...) Aqui, eu vejo a galera tatuar direto, então isso se torna uma rotina pra mim, mesmo que eu não faça [tatuagem]. Eu vejo eles riscando, limpando, montando bancada.. então isso tudo virou uma rotina, eu não estranho nada. [Guilherme]

Guilherme, que é um Aprendiz, reconhece com isso a riqueza dessa vivência. Suas atividades envolvem organizar e limpar material, etiquetar, ajudar na recepção. Mesmo sendo atividades não vinculadas à tatuagem diretamente, o permite conviver com pessoas mais experientes, além de lhe proporcionar um tempo livre para treinar o desenho no papel. Heráclito vivenciou o *status* de Aprendiz e descreve também esta experiência:

E como tu é novo, tu não tem postura. Tu não sabe lidar com o público, tu não sabe nada. O que acontece? Tu acaba errando, errando, errando, errando, errando e tu começa a te enraizar porque tu errou uma vez e viu que a pessoa não gostou aí tu vai crescendo, crescendo, e tu vai evoluindo assim.
[Heráclito]

O *status* de Aprendiz pode não ser somente na entrada para a ocupação. Algumas pessoas já consideradas tatuadoras podem, na troca de estúdio, tornar-se novamente aprendiz. Isto porque o estúdio em que a pessoa está “abre portas”:

Apesar de estar ganhando menos, porque ficou de aprendiz, foi o jeito que ela [Stefani] arranhou. O Hera não iria aceitar alguém assim, do nada e ganhando. Ela preferiu ficar um tempo sem ganhar, mas realmente aprendendo. Segundo ela, essas quatro semanas no Hera ela aprendeu mais que nos dois anos no outro lugar. [Excerto Diário de Campo]

Nesse caso, evitando a estagnação, a pessoa, que pode já ser considerada “Tatuadora”, se vê como ainda iniciante ou que precisa estudar mais a técnica. Como já faz parte da família, a tendência é por buscar um espaço de Aprendiz (ou Iniciante), os quais são *status* já estabelecidos no campo e que dependem de contatos pessoais para sua inserção.

6.1.2.4 (Tatuador(a)) Informal

A pessoa “informal” é aquela que trabalha ou tem um estúdio que não pratica as regularidades sanitárias, governamentais ou de qualidade técnica, saliente nos relatos de Snoopy sobre os(as) modificadores(as). Apesar de não haver contato com um estúdio ou pessoa neste *status*, foram feitos depoimentos sobre elas, principalmente quando as pessoas entrevistadas faziam a divisão de mercado entre formais e informais. Este seria um grupo que não faria parte das associações, estando à margem desta ocupação.

6.1.2.5 Tatuador(a) comercial

Ainda que vistas de um modo diferente de quem busca uma qualidade técnica próxima à arte, as pessoas que carregam este *status* são reconhecidas como tatuadoras, diferente das “Informais”, porém com interesses diferentes dos outros *status* de “tatuador(a)”. O foco no rendimento, na tatuagem como um produto a ser criado em maior quantidade é o que diferencia este do “artista” ou “artesã(o)”. Apesar de haver “admiração” para com este *status*, e ninguém reconhecer-se nele, quando descrito aparece como algo que “precisa ser feito”, já que há demanda por isso. Neste caso, diferencia-se de Informal porque segue o mínimo de critérios higiênicos, técnicos e estruturais.

Tem estúdios que tu entra e o cara vende como se estivesse vendendo uma roupa. Cada vez menor, mas tem... era maior antes. Tá, que cor, borboleta? A venda era mais na hora... tem um tempo de aplicação assim... não ficar.. se importar com tempo de aplicação. Ah, vou fazer uma borboleta em 20 minutos porque depois tem outra. Mas é certo que isso também os caras [outros tatuadores] pegam bastante no pé. Desdenham... mas sei lá.. tem procura pra isso também né. Se não fizer, umas pessoas iam ficar sem o que querem. Não me incomoda, mas sei que a grande massa de tatuador incomoda. [Felipe]

O incômodo a que Felipe se refere é a divisão que se forma no campo, na qual “Artistas” desdenham “Comerciais”. O desconforto, no entanto, parece ser em relação à estagnação e ao dinheiro: quem permanece como “Comercial” é uma pessoa apenas interessada no dinheiro e pouco preocupada com o fato de estagnar na técnica – o que não é bem visto na família.

Trabalhar no centro é... é coisa comercial sabe? Por isso que eu enchi o saco, larguei fora. Passava naqueles balãozinho... borboletinha... sabe? Umas coisinha assim. Daí enchi o saco. [Keka]

O depoimento de Keka traz, também, a questão da localização do estúdio. Em Porto Alegre, parece haver uma divisão territorial entre o *status* do estúdio e o local onde ele se encontra. Via de regra, os estúdios do “centro”, ou seja, do bairro Centro, localizados perto dos terminais de ônibus e Trensurb que trazem pessoas da Grande Porto Alegre para a cidade, são apontados como estúdios comerciais. Os estúdios “artísticos” localizam-se em bairros tangentes ao centro, diferenciando-se de acordo com a proposta de marca do estúdio. A título de exemplo, estúdios no bairro Cidade Baixa, primordialmente boêmio, são considerados

jovens e alternativos. Estúdios em bairros de elite, como Moinhos de Vento e Petrópolis, pretendem atingir um público com maior poder aquisitivo e percepção artística.

6.1.2.6 Tatuador(a) artista

[Agora irá trabalhar] Somente [com] algo que eu consiga botar minha identidade em cima. (...) Porque o meu foco sempre foi o artístico. Não queria ser um tatuador. Eu quero ser um artista. Eu queria fazer desenho. Queria trabalhar com arte. E a tatuagem foi o que eu achei mais extremo dentro do que eu gostava. [Toledo]

Este *status* é o mais presente e mais reconhecido entre as pessoas com as quais tive contato, bem como nas convenções, diferenciando-se, claramente, do Comercial:

Tu como artista, tirando a parte técnica, tem que tá evoluindo, tem que tá aprendendo, tem que tá melhorando. E no momento que tu estagna, é.. eu acho que faz muito mal. Talvez até em qualquer profissão. [Stefani]

Acho que é uma busca pessoal, uma identificação mesmo. Acho que é o cenário mais recente. E acho que esse é o caminho mesmo, cada vez como artista mesmo. [Felipe]

Assim, a pessoa neste *status* está em busca de uma identidade própria na sua tatuagem, não necessariamente por *freehand*, mas por criações singulares e que sejam reconhecidas como um trabalho seu. O tempo na ocupação, os estúdios, o *portfolio* e, agora, o ministrar *workshops* são possibilidades de reconhecer se aquela pessoa pode ou não ser considerada artista. No entanto, acima disto, é o que a “família” reconhece.

6.1.2.7 Tatuador(a) mestre

Ser “mestre” envolve outros conhecimentos e práticas, além da tatuagem.

Se tu conseguir eliminar todas essas coisas, detalhes, vários errinhos, vai te tornar mais forte que os outros. Porque daí tu pode ser um tatuador muito bom, e pode ter outro melhor que eu mas ele tem tantos erros assim que eu sendo menos que ele, sabe, como trabalho, mas eu tenho tantas outras qualidades que vai me atrair muito mais público. É uma viagem isso! [Heráclito]

O reconhecimento do(a) Mestre se dá pelas relações alusivas à família, encarando a pessoa como acima em uma hierarquia afetiva e disciplinar, tal qual a família ocidental. Esse entendimento reflete-se nos modos de linguagem, que incluem termos como “pai” e “filho”.

Os depoimentos de quem vivenciou o período de aprendiz demonstram que é nas relações cotidianas que esse vínculo se estabelece com o(a) mestre, permitindo aprender detalhes técnicos e de postura, que não seriam aprendidos de outra forma:

Depois que entrei no lugar vi que era mesmo, o cara era muito correto. E ele tipo, “quando tá na tatuagem, dá o máximo de ti e tal, mas quando tu não conseguir, eu tô aqui pra te dar suporte”. [Felipe]

Porque às vezes uma coisinha que ele te diz, que é uma coisinha minúscula, faz toda a diferença no teu trabalho. Faz tooda a diferença, toda diferença. É que nem assim... sei lá. Se tu tá fazendo um desenho e alguém chegar pra ti e dizer desse lado tem sombra, bota sombra, é uma coisa óbvia, ridícula, e daí tu faz e pensa “meu deus, é outro desenho!”. Então por esses motivos eu topei afú e tô gostando, porque conhecimento é uma coisa que ninguém te tira. [Stefani]

E o respeito permanece, independente do tempo que passa:

O cara é tri conceituado [tatuador antigo no mercado]. Eu tenho uma baita admiração por ele. Ele não evoluiu a arte dele assim, mas pra mim ele é conceitual até hoje. Pelo o que ele é. O resto é cópia, tipo assim. ele foi o primeiro. Ele pode ainda tá na época dele, mas ele foi o primeiro. Podem vir melhores, mas eu respeito sempre o primeiro. [Toledo]

Ao que parece, “mestre” é um *status* que a pessoa, depois de conquista-lo, dificilmente o perde. Para isso, no entanto, o percurso é tortuoso, via de regra sendo adquirido depois de diversos pontos de inflexão – a partir dos quais muitos(as) desistem da trajetória ou estagnam como “Tatuador(a)”.

Com tudo isso, pretendi representar o que Hughes (1937) chamou de *status*, limitada a eles, de modo que não observei, neste campo, “cargos” – ou *offices*, no inglês do autor. Estes sete *status* foram percebidos como estabelecidos na família, já que não havia dúvida, dentro do campo, sobre eles, bem como eram recorrentemente citados e descritos. Como pudemos perceber, alguns não são “tatuadores(as)”, o que procurei representar com a falta dessa palavra no nome, ou utilizei parênteses, quando pode ser ou não percebido como já tatuador(a).

6.1.3 As instituições pelas quais a pessoa passa

As “instituições” são consideradas as formas pelas quais a ação coletiva⁴³ das pessoas continua (HUGHES, 1937) para além delas, sendo um resultado da interação social. Complementando isso, Hughes (1958) também colocaria que não somente as instituições são influenciadas pelas pessoas, mas as pessoas também o são, pelas instituições. A história de uma instituição pode ser em termos do crescimento de seus cargos, os quais tenham sido identificados a papéis sociais individuais vividos em um tempo histórico (HUGHES, 1937), repetidamente, até tornar-se um *status*, do qual seu conjunto extrai um cargo, que, por sua vez, de seu conjunto extrai-se uma instituição.

6.1.3.1 A família da tatuagem

Em termos de técnica, aprendi muito lá, aprendi muito aqui, aprendi muito sozinho. Mas se alguém me viesse perguntar o que fazer, eu diria isso, eu diria que é ter contato. Isso ajudar muito. E isso acontece... acontece em todas as ramificações da arte assim. [Felipe]

Existe um amplo grupo que foi denominado de “família da tatuagem”, um grupo com pessoas com afinidades de estilo de vida, que podem ou não fazer da tatuagem sua ocupação profissional. Ou seja, ser da família pode ser um(a) tatuador(a) – em qualquer um dos “*sub status*” apontados, ser um(a) tatuado ou ser simpatizante. Em comum, essas pessoas têm a tatuagem como um estilo de vida.

Fazer parte da família cria um ambiente de cumplicidade de reconhecimento, mesmo entre pessoas que não se conhecem, como aconteceu entre eu e o Felipe, no aeroporto de Lisboa. Esse acontecimento é interessante porque mostra como, de algum modo, eu mesma já fazia parte dessa “família” e já conseguia reconhecer seus integrantes. Na verdade, muitos dos relatos de diário de campo estão vinculados à percepção dos vínculos de tipo familiar entre estas pessoas e que, aos poucos, se estenderam a mim:

Cheguei como se fosse em casa. Heráclito na sala, planejando, sozinho. Pensando na próxima *tattoo*, procurando algumas referências no computador

⁴³ A ideia de “ação coletiva” é mais aprofundada por Becker (1977), ao analisar a arte como ação coletiva. Diz ele que “A arte é social no sentido de que ela é criada por redes de relações de pessoas que atuam juntas e propõe um quadro de referência no qual formas diferentes de ação coletiva (...) podem ser estudadas” (BECKER, 1977, p. 221).

da sala da recepção. Conversamos sobre a semana. Enquanto isso, ele não encontrou a referência que procurava e pediu que a Maria o ajudasse com isso. Nesse momento, me ofereceu um cigarro e fomos para a rua fumar. Conversamos sobre trivialidades da vida. [Excerto Diário de Campo]

Os papos na sala [de tatuagem] sempre acabam sendo de causos, histórias. Parece um meio que todos se conhecem. Todos passaram pelos mesmos tatuadores, tatuadoras, pelas mesmas pessoas. [Excerto Diário de Campo]

Além disso, os “cargos” que aparecem dentro da família, acabam sendo entendidos e vinculados a papéis sociais no mesmo sentido, como o cargo de ser mãe ou pai de um estúdio.

Tenho o cargo de ser mãe. Eles me ligam de madrugada, meia noite.. “o que tem amanhã de manhã?”. [Maria]

Enfim, a família expressa a importância do firmamento de relações nesse campo, inclusive para conseguir espaço como aprendiz:

O Dani tava na rua, meu ex marido tava na rua, encontrou o Heráclito.. daí o Hera perguntou “e a Keka que tá fazendo” “ah, a Keka tá parada” “ah pede pra ela conversar comigo então, pra ver se ela quer trabalhar comigo” daí eu fui lá e fechei. Faz três anos já. [Keka]

Daí eu sempre falava com o Felipe e ele fazia o que eu faço agora. E eu sempre pentelhava ele, quando rolar uma oportunidade, se tu conseguir me colocar, mesmo que seja fazendo esse tipo de trabalho... me chama. E daí ele tá. E daí um dia ele me ligou. E bá, foi bem na época que eu tava tri mal, trabalhando mal, o salário não era tão bom e nem a forma de... trabalhar não era legal. [Guilherme]

E.. quando eu comecei a sair com alguns tatuadores, fiz amizade com alguns, e eles começaram a tipo ver desenhos meus e me incentivar a aprender, ali eu comecei a ter mais vontade de.. comecei a conhecer mais o mundo assim da *tattoo*. Por outra visão. Uma visão assim mais.. não do jeito que parecia ser antes. Era uma coisa mais calma, mais limpa.. mais evoluída. [Stefani]

Por isso, fazer parte dessa família não significa que a pessoa trabalha com tatuagem ou deseje isso, mas a tendência é que as pessoas acabem, no mínimo, experimentando a prática – seja tatuando ou sendo tatuada. Por fim, a ideia de família também procura demonstrar a importância da “reputação”:

Isso também, por maior que seja hoje, ainda é um mercado pequeno. Se tu, por exemplo, queimar o filme no meio da tatuagem [na família], provavelmente, claro.. não vou dizer que não vai conseguir um outro lugar, mas vamos dizer que tu chegue aqui e apronte com a gente aqui. E bá vou sair fora. Sair fora.. tu vai pra outra loja provavelmente aquelas pessoas já vão tá sabendo o que tu já fez e provavelmente não vão te aceitar. É um

mercado que é literalmente pequeno. Não é um mercado tipo.. sempre tem convenção, tem o esquema de, digamos, ah, aprontou.. tá, tudo bem, pode ocorrer de tu pegar serviço num outro lugar, que comece a se estreitar mais, mas digamos aprontar no primeiro, aprontar no segundo.. aquilo ali vai ficar no teu currículo, é inevitável. É inevitável... e é como eu te falei, poucas lojas são grandes. Aí o que.. se tu te queimar com dois, três, vai lembrar.. e mesmo assim, tu vai fazer a tua tatuagem, mas ainda assim, tu já é descartado naturalmente do meio da *tattoo*. [Bruno]

Com tudo isso, parece que essa “família” é uma instituição pela qual a pessoa que tatua deverá entrar e não sair. Sua saída da família pode significar sua saída de todo o meio, inclusive a não aceitação em outros estúdios. É por isso que se desenha um mercado no qual os relacionamentos são essenciais, bem como a reputação que se conquista com eles.

6.1.3.2 A convenção

A convenção também surge como uma instituição pela qual a pessoa passa e da qual dependem e se sustentam os relacionamentos. Ela é considerada parte da carreira pela possibilidade de construção de relacionamentos, de aprendizagem e de reconhecimento objetivo, por meio das premiações (as últimas consideradas um dos elementos pelos quais a pessoa se utiliza, no item 6.3 deste capítulo). Na verdade, como aponta Felipe, o aproveitamento da convenção é o(a) profissional quem dá:

Quem se dedica à premiação.. se prepara pra isso.. mas não é só pra isso que serve não. Também serve pra tomar amplitude da qualidade do trabalho que tá acontecendo. Pra mim, cada um vai ter o seu aproveitamento. E serve pro grande público, porque quem vai não é só quem admira, tem muita pessoa que vai por curiosidade, ou gosta mas não acompanha... E pra isso também, acho legal. Dá pro público uma noção do que acontece, e pros tatuadores também, consegue conversar com uns caras legais, e também de ver tatuando... tem um lance de.. empolgação assim. Olha pra tudo que é lado e tem um trampo mais foda que outro. Acho que é mais isso que a premiação e já conversei com outros que tão nessa *vibe* também. Mais por isso que por competir. [Felipe]

Acho que as convenções servem... como um momento de confraternização entre os profissionais da área, pra reunir vários, de várias partes do país, do mundo, pra trocarem ideias, de ver o que tá acontecendo, como tá a evolução dos materiais. Porque agora, além da técnica, tem muito a qualidade do material, o material que tá sendo oferecido, tá melhorando. Todo o processo tá crescendo né. [Maria]

Particpei de algumas [convenções]. Mas o meu foco não é participar, (...) mas gosto de ir. É o melhor evento que tem pra o que sou apaixonado. E é

legal porque vejo amigos de longa data, que por questão de trabalho não vejo tanto. E fora a oportunidade de evoluir bastante, porque sempre tem alguém com uma técnica nova e o cara sempre absorve. Mas bá, convenção eu gosto muito. [Toledo]

Assim, a convenção parece ser um evento que todos(as) precisam participar, uma demanda que surge no início da trajetória, para estabelecer relacionamentos e observar técnicas, e que ressurgem já mais adiante, para, além de prêmio, sustentar os relacionamentos e trocar conhecimentos. De início, a convenção é um momento para aprender, firmar novas relações e conhecer gente para além do grupo conhecido do dia a dia. Quando mais velhos(as), e já tendo participado das competições, nas quais o foco institucional é o prêmio, o interesse em ir se torna em rever velhas amizades, ficar informado(a) e se divertir.

Na realidade eu não fui em muitas convenções. Fui em duas, esse ano fui, uns dois anos atrás fui. E eu acho massa porque eu vejo muito tatuador e tipo tem muito tatuador que é bem.. tu consegue chegar e trocar uma ideia. E acho legal porque tu conhece o trabalho de outras pessoas, e é massa pra outros porque é divulgação, porque vai uma galera, tem ido muita gente em convenção. Porque daí lá é bom pro estúdio e também pras pinta que tão lá e conhecem o trabalho de outros tatuadores. [Guilherme]

E os novos tatuadores também aproveitam pra conhecer, o trabalho do fulano, então é uma chance pra ele se aproximar, ter um contato. [Maria]

A vontade em conhecer os trabalhos também tem seu outro lado: o de mostrar seus próprios. Não somente o prêmio é uma vitrine para o trabalho: as pessoas aproveitam para mostrar seus trabalhos entre si, realizando a tatuagem naquele momento para se deixar olhar. Percebi isso quando, ao participar de uma delas, estava caminhando com o Heráclito pela feira e mais de uma pessoa nos parou para mostrar um trabalho. Em um dos casos, um tatuador trouxe uma menina com a bermuda levantada e a perna tatuada, claramente recém feita. Ele mostrou a tatuagem e o Heráclito ajoelhou-se para observá-la bem. Trocaram elogios e seguimos nosso caminho, que foi interrompido ainda duas vezes, por atitudes parecidas.

Como diz a Keka, ainda alguns vão para “ver o pessoal” e, outros(as), pelo prêmio:

Os guris vão muito pelo prêmio, pra concorrer. E eu não concorro ainda.. né... Pra mim é um evento social [risos]. Pra mim é festa. Ah, eu vejo todo mundo, uma galera, muita gente, às vezes que não vejo um tempão. Eu gosto. Adoro. É um clima diferente. [Keka]

O prêmio, no entanto, parece ser mais um elemento que os ajuda a argumentar sobre sua profissionalização, que uma instituição em si. Entendo-as como instâncias separadas, ainda que ocorridas no mesmo momento e espaço, a convenção, diferente da simples possibilidade de adquirir um prêmio, é uma oportunidade garantida de (re)estabelecer relações, expor técnicas e trocar conhecimentos.

6.1.3.3 O estúdio

A instituição “estúdio” inclui tanto o “selo” do estúdio como o tempo nele, ou neles. Hoje, se ainda não se dá peso à formação em Artes, por exemplo, se dá a qual estúdio a pessoa foi aprendiz, iniciante ou tatuador(a). É o estúdio, e as pessoas que trabalham nele, que ajudarão na formação técnica daquela pessoa:

Que que adianta, qualquer um pode comprar, mas o resto tu não compra, a técnica. [Felipe]

Felipe, em seu relato, conta que seu trabalho mudou muito ao longo dos anos, principalmente quando veio trabalhar com Heráclito: “minha *tattoo* mudou. A prática... aqui dentro meu trabalho mudou pra caramba, nos últimos três anos também”, como ele diz, assim como parece ter sido com a Keka:

Acho que evoluiu mais quando vim trabalhar com o Heráclito. Eu trabalhei [em outros lugares], e daí eu vim pro Hera. E... e porra, o Hera já tatuava bem pra caralho então... daí comecei a absorver mais as coisas. Depois que a gente veio pra cá [sobrado na Cidade Baixa] eu dividi a sala com ele ali embaixo. Eu e ele ali embaixo um tempão, uns dois anos. Então eu absorvia tudo o que eu podia. Ele tatuando e eu sempre em cima, sempre aprendendo, sempre perguntando. Daí o que acontece, começou a agregar um monte de gente na loja... e daí ... e assim tá sendo sempre, e eu tô sempre tentando absorver. Então eu tenho uma oportunidade pra absorver conhecimento. [Keka]

O estúdio, ao contrário da convenção, que possibilita um aprendizado observador e distante, permite que a pessoa aprenda e pratique, questionando pessoas mais experientes ao mesmo tempo. Por isso, estar em um estúdio considerado bom parece ser um privilégio, que facilitará o avanço da própria técnica.

Eu queria aqui [risos], teimosa. Eu já conhecia a galera, sempre admirei a galera, os profissionais daqui, eu acho, bá, eles são extremamente

competentes né, extremamente competentes, extremamente artistas também, não é só técnica, eles tem um cunho artístico forte. [Stefani]

Stefani ainda continua dizendo que não é um certificado que fará a diferença nessa carreira, mas a relação, o convívio em si:

Quando eu vim pra cá eu vim pelo estúdio, como eu conhecia o Tio [Heráclito] e o trabalho dele. E quando vim que eu soube do Toledo, o Douglas.. e cada um tem sua forma de tatuar. Então eu aprendi um pouquinho com cada um. [Guilherme]

Mas é aquela coisa assim, se tu entra num estúdio, e tu começa a aprender sei lá, tu fica um ano aprendendo, um mês aprendendo, e o cara não te dá certificado de nada, tu aprendeu igual. Se tu paga um cara que ele vai te dar um certificado, ele vai te dar, mas tu aprendeu tanto quanto a outra pessoa. [Stefani]

Sendo assim, o “estúdio” será uma instituição pela qual a pessoa passará, por menor que ele seja. O nome de estúdio formará parte do seu *portfolio*, como do conjunto de instituições que colaboram para as boas relações e aprendizado. Em suma, o estúdio é, atualmente, o espaço no qual os “cargos” se relacionam e se estabelecem, principalmente os *status* de “tatuador(a)” e “aprendiz”.

6.1.3.4 O mercado da tatuagem e o governo

Estas duas instituições, mercado e governo, foram colocadas lado a lado, devido ao seu caráter mais amplo de abrangência. Ambas instituições não interferem, diretamente, no tipo de profissional que a pessoa será. Na verdade, são instâncias que devem ser respeitadas informal e formalmente, tornando-se inevitáveis na trajetória: a primeira pelas regras de mandato da família e, a segunda, por questões legais a serem cumpridas.

O “mercado” aparece recorrentemente nos relatos, como transformando-se ao longo do tempo e, portanto, influenciando e mudando diretamente a forma de viver esta carreira. Apesar de ser uma instituição como as outras, não pode ser negligenciada. Suas transformações de percepção, tamanho e aceitação transformaram a vivência de uma carreira nesse campo, claras com os relatos do “boom de 2000”. Se antes era, por um lado, mais fechado, com menor acesso a profissionais e à informação, também disponibilizava mais oportunidades de treinamento, com “peles” disponíveis. Já hoje, se tem mais informação, o

que limita as possibilidades de prática, mas também aumenta seu nível técnico e impulsiona a emergência de escolas. Por fim, assim como Ramos (2001) apontou, a clientela têm papel fundamental na criação do produto, escolhendo local e tipo de desenho, o que também influencia em ser ou não uma criação artística individual. Por isso, o mercado aparece como influenciador nessa ocupação, mas também sendo influenciado, tal qual o governo.

Mais e mais regulamentado, o governo passa a ter um papel mais presente na vida dessas pessoas. A abertura do mercado também trouxe uma mudança para legalizações e regulamentações, tanto nos produtos e instrumentos utilizados, como nos processos de trabalho, vinculados à vigilância sanitária. Com isso, também emergem os questionamentos quanto à regulamentação, já que precisam cumprir com obrigações. Assim, o governo torna-se uma instituição inevitável para estas pessoas, e tende a ser mais presente, com a formação da associação de tatuadores(as) e *body piercers*, como apontou Snoopy.

6.1.3.5 A escola ou *workshop*

A resistência que parece haver em relação a uma institucionalização da aprendizagem se deve a dois motivos: “arte” não poderia ser ensinada; e há dificuldade em se “padronizar” um conhecimento como esse. Em um relato do diário de campo, exponho que “A única coisa que realmente me chamou a atenção foi quando ele [Heráclito] descreveu a forma diferente que ele tatua. Gesticulando as mãos, tentou descrever como era tatuar e desistiu “não tem como explicar””. O relato ajuda a compreender a resistência, que coloca a disposição para aprender como fundamental – e não “disposição” para ensinar – sendo o tempo de dedicação aos estudos o que importa, diferente de outras ocupações, que “onde você estudou” é crucial.

No estúdio, essa dedicação é expressa nos momentos em que não há cliente com hora marcada, nos quais as pessoas se dedicam a desenhar e pintar no papel, telas ou objetos:

Ela [Stefani] também falou como era importante pra quem pensa em entrar [nessa ocupação] em focar em um tipo de desenho – pra ficar realmente bom. Ela desenhava, enquanto falava, borboletas. Ela falou da importância da prática, que a questão nem é a pessoa ter talento, mas realmente se dedicar. “Tem que praticar”. O outro, Guilherme, desenhava uma daquelas bonecas russas, com rosto de caveira. [Excerto de Diário de Campo]

Durante o tempo de pesquisa, tive a sorte de encontrar um curso que estava sendo realizado para pessoas interessadas em aprender a tatuar. Era ainda metade de 2013 e eu ainda

não tinha contato com nenhuma organização do tipo. A pessoa que o estava ofertando comentou da dificuldade de encontrar pessoas qualificadas.

Falamos sobre a dificuldade de encontrar pessoas qualificadas. Que não há curso em Porto Alegre para isso, diferente de São Paulo. Ele [a pessoa que o estava ofertando] expressou a vontade de fazer um *workshop*, mas para quem já tatua. Iniciantes dão muito trabalho, segundo ele. [Excerto de Diário de Campo]

Desde lá, ou o cenário mudou, ou eu tive mais conhecimento dos eventos no campo. O número de *workshops* parece crescer, como confirmado nos relatos abaixo, o que também reforça a ideia dos *status* ainda emergentes de professor(a) e aluno(a):

Esses cursos são bons, sim. Pelo menos tu não fica se perdendo... Perdido tentando achar um caminho. Pelo menos tu já vai no caminho certo entendeu? Tu não fica pipocando. (...) É difícil de tu... ter muitos clientes agora. Treinando nas pessoas. Por isso que tem os cursos que te atalham. Porque começam a tatuar, começam a fazer o curso... E já sai bom. [Heráclito]

Porque tu vê que tá aumentando o numero de *workshops*. Trazer um tatuador bom, com técnica de desenho e estilo e fazem pra essa gurizada que tem interesse em ver esse cara tatuando. Então tu vê que a tatuagem tá sendo encarada de uma maneira diferente. [Maria]

Estes cursos, mais “objetivos”, são bem vistos, principalmente pelas pessoas que são novas no meio.

Não vejo problema em cursos de tatuagem. É aquela coisa que volto... certo que os mais tradicionais devem achar uma bosta né cara. Mas se fosse isso, a gente ia estar andando de carroça ainda, sei lá. Não ia tá usando luvas.. sei lá, não consigo ver isso. E não consigo achar “ah, todo mundo vai virar tatuador daí”. Não né... De repente o cara quer ser mecânico, ele não vai ter o tesão de ser tatuador sabe. Acho que não tem que ser uma coisa que tem que ser travada assim. [Felipe]

Um formato anterior a estes era um curso dentro dos estúdios, com tatuadores(as) já estabelecidos(as) e reconhecidos(as). Essa prática já acontecia nos anos de 1990 e no início da prática, no início do século passado.

O curso... ele ensinava a fazer o degrade, primeiramente com lápis, copia... No caso, uma das provas foi uma sereia que ele me deu, eu ia, traçava a sereia e depois eu ia sombreando ela olhando o desenho. Aí depois ele ensinou o traço, e aí ele ia me ensinar a fazer a pintura. Mas quando ele ia me ensinar a fazer a pintura, a minha namorada engravidou. [Guilherme]

Além dos cursos específicos de tatuagem, outros podem ser reconhecidos no meio como fontes de técnica para o trabalho, como cursos de arte e desenho:

Nenhum desses cursos de iniciação de *tattoo*, nem curso de... Até queria fazer um curso de pintura, agora, pintura a óleo. Mas daí seria pra me ajudar mais a saber, colorir, o lance né... pra ajudar na *tattoo*. Mas eu não fiz nenhum curso relacionado a tatuagem, ou a desenho. Até que ia ajudar pra caralho né. [Keka]

O Snoopy, no entanto, lembra da dificuldade de tais cursos realmente se tornarem reconhecidos:

Na realidade isso não é uma tendência. Eu trabalho com isso há 17 anos, então eu acabo me transformando, até por ser considerado pelos do meio e até pela comunidade médica como referência. Então, por exemplo, o Verani tem uma empresa de produtos, então ele acaba me convidando pra trabalhar assim. Mas isso fosse mesmo virar algo educacional, isso tem que entrar MEC, tem que entrar ministério da educação, ministério do trabalho, que eu acredito que em pouco tempo vai tá acontecendo. Jogo cinco anos pra isso acontecer. [Snoopy]

Cada um é cada um. Cada um compra material.. tipo, tu não pode mandar na vida de ninguém. É que nem tava falando antes de fazer uma faculdade. Não tem como. É uma coisa simples né. Porque se o cara não comprar de algum lugar, ele vai pegar o motorzinho de autorama e vai fazer a própria máquina. Não adianta. [Bruno]

Curso de tatuagem é uma coisa que não existe né. Porque se não é profissão não tem como dar um curso. Eu não posso... existem *workshops*, existem cursos... mas existe no sentido físico da coisa né. [Stefani]

Ao que parece, existe uma contradição de opiniões em relação aos cursos e *workshops*. Ainda que sejam bem vistos, principalmente quando ofertados por pessoas que entendem do assunto para pessoas que entendem do assunto, também são vistos com desconfiança, devido à dificuldade de ensinar “arte”.

Em suma, estes cursos, de tatuagem, parecem mais promissores para quem já sabe tatuar, para desenvolver a técnica. Aqui, parece que a fronteira anterior, que se dava na entrada da ocupação, foi transferida para a lapidação da técnica, em uma etapa mais avançada na cronologia da carreira:

Eu também trabalho numa escola de arte chamada Lado B, trabalho lá há cinco anos. É uma escola que não é voltada pra ensinar tatuagem pra quem não sabe desenhar, porque pra pessoa aprender tatuagem ela tem que desenhar uma vida inteira. Então a parte técnica e tecnologia é... então a pessoa tem que saber desenho. [Snoopy]

É que *workshop* não é *tattoo*, é pra quem já é tatuador pegar uns macetes que outro. Pra técnica. [Stefani]

Uma certa resistência, portanto, retorna ao vislumbrar a emergência de tais cursos, o que pode também ser em referência à regulamentação dos instrumentos de trabalho, que acabou limitando o acesso a materiais considerados de real qualidade.

Eu acho que quanto mais se regulamenta vai dificultar pro pessoal entrar no mercado.. mas acho que pra beneficiar em si, acho que não rola. Acho que nem eles teriam condição, tipo, ah, vamos fazer uma faculdade de tatuagem. Se fizer, o que eles vão dar? Aí vão pegar um carinha, o cara vai ficar lá seis anos fazendo faculdade, aprendendo uma porrada de coisa e aí não tem noção nenhuma de desenho. E aí na hora de pedir trabalho chega outro com uma puta noção de desenho. E aí? Um é mais artista que o outro? Eu acho que isso dificulta muito porque como já tem muita gente no mercado, como faz? E o pessoal que não fez e tá trabalhando? Ou se cadastraria esse pessoal... e se for fazer algo ele teria que fazer uma faculdade, ou um curso. [Bruno]

Stefani pondera que, apesar da cena ser esta, seria necessário haver uma escola para iniciantes, que provesse os conhecimentos básicos, inclusive médicos e sanitários. Ela recorrentemente salienta a importância do trabalho responsável e da saliente necessidade de reconhecê-lo como tal.

Eu não digo que precisaria ter uma faculdade, mas um curso técnico, que tu aprendesse o básico da *tattoo*, o básico do desenho, o básico da técnica, o básico da esterilização.. porque o resto é vivência né. Mas o curso técnico que fosse autenticado pelo governo, que fosse reconhecido, que tivesse todo um aparato eu acho que é o principal. Acho que é o que mais falta na *tattoo*. [Stefani]

Finalmente, também há um novo movimento em relação ao conhecimento: pessoas egressas de escolas de arte e *design* entrando no mercado de trabalho da tatuagem.

Tem uma galerinha que é formada em artes e tatua. É aquela coisa, a arte é muito ampla, é uma coisa do talento também. Tem gente que faz artes plásticas e na hora de tatuar, enfim... os quadros, as vezes não ficam... com destaque. Vai muito de... pessoa pra pessoa. [Heráclito]

Podendo ser um movimento visto com desconfiança, sua interferência no tipo de arte realizada no meio não pode ser esquecida. Tatuagens conceituais, assinadas e aquareladas, que apareceram, principalmente nas redes sociais, como moda entre jovens, se devem à entrada de pessoas com conhecimento de desenho profundo. Foram pessoas que, diferente de

um iniciante, que aprende a desenhar e a tatuar, entraram como iniciantes “alunos(as)”, buscando o conhecimento da tatuagem para aplicação.

Com tudo isso, o conhecimento quanto à técnica da tatuagem ainda é transmitida internamente no campo, fortemente influenciada pelos laços pessoais entre as pessoas interessadas ou pela comunicação virtual. A emergência de escolas, já acontecendo, aparece como um movimento inicial, mas que tende a se estabelecer, não só pelo interesse de quem quer aprender, mas de quem quer ensinar – pessoas que querem desempenhar atividades além das já existentes no campo, como “ser professor(a)”. Finalmente, as escolas poderão trazer uma diferenciação objetiva entre esses(as) trabalhadores(as), como desejou Toledo, em sua diferenciação entre iniciante, tatuador(a) e mestre.

6.1.4 Os papéis sociais subjetivos

Os papéis sociais são os aspectos subjetivos das carreiras, em contraponto aos objetivos, ou seja, *status* e cargos (HUGHES, 1937). Na verdade, os papéis sociais são compostos também pelas identidades das pessoas, mais singulares ainda. Eles são aquilo que a pessoa entende sobre si e, ainda que não possam ser considerados psicológicos, são, também, sociais, ou seja, aquilo que a pessoa entende de si perante as outras.

6.1.4.1 A criança desenhista

A criança desenhista surgiu em todos os relatos das pessoas entrevistadas formalmente. Apesar de não ser um *status*, parece ser um papel desempenhado e, principalmente, lembrado, como parte do conjunto da carreira profissional e, mais saliente, parte da argumentação sobre a coerência de sua trajetória.

Na realidade assim, desenhar eu desenho desde os seis sete anos, que eu adorava desenhar. [Guilherme]

Sempre desenhei, sempre gostei de arte, e sempre tive uma veia mais pra esse lado. [Stefani]

Seja por ressignificações ou não, a lembrança é ter vivido este papel e ter sido incentivada por algum(a) familiar. Nesse sentido, o momento pelo qual a pessoa vivenciou esse papel surge na narrativa como uma das “causas” para seguir no mundo da tatuagem. Por

fim, poderia se questionar porque incluir uma vivência de infância como papel dessa trajetória. Para responder a isso, basta retomar a noção de Hughes (1937) sobre carreiras e da amplitude de abrangência de seu conceito, que toma todos aspectos da vida. Sendo assim, mesmo em um momento que parece não estar vinculado à trajetória profissional, faz parte da vida da pessoa e, portanto, da trajetória de carreira. Somado a isso, a narrativa desta memória pode ser interpretada como significativa para o “fazer sentido” atual de seu espaço dentro da sociedade.

6.1.4.2 Amador(a)

Foi chamado “amador” o papel social vivenciado antes da “entrada” na ocupação. Este é o papel da pessoa que ainda não está em um estúdio, mas já tatua amigos e amigas. Também, é a pessoa que ainda não optou por seguir este caminho como ocupação profissional (e remunerada) para a vida. Antigamente, esse papel tendia a ser vivido por todas as pessoas que se tornariam tatuadoras. Atualmente, com o advento dos papéis de professor(a) e aluno(a), bem como a emergência das escolas, é possível que a pessoa entre como iniciante sem passar pelo amadorismo.

6.1.4.3 Tatuador(a) artesã(o)

Este papel é próximo ao *status* de tatuador(a) *stricto sensu* e ao de artista. O papel de tatuador(a) artesã(o) é aquele em que a pessoa não tem interesses em tornar-se artista, com criações próprias, ou mestre, mas de desenvolver uma técnica impecável, mesmo utilizando carimbos e trabalhando em um estúdio.

Não fico acompanhando, não vejo um padrão [de carreira]. Aqui no estúdio, o que eu percebo... é que o cara tatua um bom tempo, mas o contato direto com o cliente ele evolui. (...). Agora ter a firmeza de dizer é assim, se não for não vou fazer. Ter firmeza e passar segurança pro cliente, tipo, ah, o cara tá dizendo, vai ficar melhor, o cliente pensando né. E foi muita conversa pra isso, até conseguir. [Maria]

Mas nesse meio tempo eu comecei a trabalhar com *piercing* e aí, profissionalmente, quando eu comecei a trabalhar profissionalmente com *piercing*, aí eu já tinha 20. 19 pra 20. Mas aí profissionalmente. Porque antes eu não era né. Porque eu fiquei, assim, quatro anos, bem dizer, cinco anos só treinando, treinando em mim, até engrenar. Porque antes eu não sabia como

furar, não sabia agulha, não sabia joalheria, não sabia esterelizacao.. não sab.. eu era um leigo. Aí foi quando eu disse “posso fazer sozinho”, não preciso de mais ninguém me auxiliando. Claro, não quer dizer que até hoje eu não precise disso né, até hoje tem alguma coisa que o cara não sabe. [Itamar]

É a pessoa que faz a tatuagem em si mesma, como um fim em si mesmo, buscando a sua excelência, seja considerada “arte” ou “comercial”. O papel de artesã(o) é um dos mais fundamentais para fazer com que a pessoa compreenda a própria ocupação como uma profissão – técnica – que acaba por se mostrar pelo *status* de “tatuador(a)”.

6.1.4.4 Tatuador(a) empresário(a)

Empresário(a) é quem desempenha atividades de gestão e liderança, seja dentro de um estúdio, seja dentro de uma organização política, como associações, ou da indústria. Este rótulo não aparece de maneira objetiva, como um *status*, mas é percebido como um papel, já que as narrativas de quem se encontra nele estão permeadas pelas vantagens e desvantagens de fazer tatuagem e ter um negócio do qual outras pessoas também dependem.

Os empresários que tu vê nas convenções são vendedores de materiais. E acessórios. Que antes era feito por tatuadores. Mas agora eles entraram, até porque o tatuador não consegue ficar em cima só da venda de material. E aí eles ficam em cima disso. Eu me dou com vários, e tem muitos bons, assim como tem muito pilantra. Nessa ultima convenção agora... [Bruno]

Lidar com a galera e tal. Muda quando tu é dono. Quando tu não é.. o que tu tem que fazer como empregado... que é muitas vezes o que não acontece. As vezes preferem tá de papinho no face do que tá estudando desenho. Que que eu fazia? Eu fazia desenho. Quando tava todo mundo de papinho, arreganho e tal, e eu ali desenhando.eu desenhando, desenhando. Fui buscar meu objetivo. O que eles poderiam fazer agora também. Poderiam tá buscando um objetivo pra depois ficar mais tranquilo né. [Heráclito]

Nesse papel, construir um “nome”, aliado a uma boa reputação, também é fundamental para rodear-se de pessoas igualmente capazes e reconhecidas. Nesse sentido, a pessoa percebe que precisará desenvolver outras habilidades, além da tatuagem, para seguir neste papel. Por vezes, pode haver um conflito (HUGHES, 1937), no qual o papel subjetivo de “empresário(a)” entra em contradição com o *status* objetivo de “tatuador(a)”, por exemplo, já que exigem grande dedicação de tempo, para desenvolvimento de habilidades distintas.

6.1.4.5 Tatuador(a) Ativista

O papel de Ativista é daquela que pessoa que se envolve com assuntos “políticos” da categoria, buscando regulamentações legais, sanitárias e profissionais. Neste papel, a pessoa detém respeito do grupo e um amplo emaranhado de relacionamentos, também fora da “família”, em busca do reconhecimento, principalmente profissional, da atividade. O Snoopy é o que caracteriza da melhor forma este papel:

Porque assim: eu fui presidente, fui vice presidente, do SETAP que é o sindicato dos tatuadores de Brasília de 2006 a 2011 e desde 2011 eu tô com esse projeto da associação, [Snoopy]

Como pode ser o esperado, não é um grande número de pessoa que vive este papel. No entanto, ao que parece, tende a ser disseminado, também pelo contexto que se configura, de “inflamação” da necessidade de profissionalização, bem como maior reconhecimento externo, tanto da atividade, como de quem carrega no corpo uma tatuagem.

Além destes papeis, também percebi dois papeis sociais que parecem ser *status* emergentes, devido aos avanços quantitativos e qualitativos no “mercado”, principalmente relacionados ao surgimento dos *workshops* e cursos: professor(a) e aluno(a). Eles demonstram a ideia de Hughes (1937), quando um papel social, recorrentemente vivido e tornando-se um “papel histórico”, pode vir a transformar-se em um *status*, cargo e, até, instituição (HUGHES, 1937, p. 405).

6.1.4.6 Professor(a)

O papel de Professor(a) pôde ser visto sendo vivenciado por Heráclito. Ao retornar de um *workshop* em Tramandaí, cidade no litoral gaúcho, Heráclito relatou sua satisfação em ministrar um curso e em seu desejo em se tornar um professor, efetivamente. Na verdade, esse papel já é desempenhado, não somente nos momentos de curso, mas nas trocas cotidianas de orientação técnica, seja com iniciantes, seja com aprendizes. A diferença é que parece estar se desenhando um papel individual repetido, que tende a criar um *status*. Junto ao(à) “Aluno(a)” e à emergência de cursos e *workshops*, pode institucionalizar, ao menos, a formação dessas pessoas, vislumbrando um diploma (HUGHES, 1937, 1958).

6.1.4.7 Aluno(a)

Se há o primeiro, há o segundo. As pessoas que já entram fazendo *workshops* e cursos, ou pagando alguém para que lhes ensine, encurtando caminhos para construir relacionamentos, desenvolver uma técnica e um *portfolio* para buscar um espaço em um estúdio – ou abrir um próprio.

Ele [Heráclito] me disse que essa gurizada nova tá entrando com tudo, são muito bons. Perguntei a que ele atribuía isso.. disse que hoje é mais fácil, além do material ser melhor, eles tem cursos e *workshops* com tatuadores muito bons. Conseguem aprender com os melhores já no início. [Excerto Diário de Campo]

Ser “aluno(a)”, pode estar intrinsecamente compreendido tanto em aprendiz, amador(a) ou iniciante. A diferença, no entanto, é que este é um papel social que parece estar se firmando como um *status*, devido ao movimentos das novas pessoas interessadas na ocupação, bem como a emergência de instituições que suprem tal demanda.

Como Hughes (1937; 1958) apontou, os papéis sociais ajudam a pessoa a conceber a própria vida e o espaço na sociedade. Nesse sentido, vivenciando a carreira dentro do campo da tatuagem, a pessoa vivencia, através da memória – que pode ser ressignificada (VELHO, 2003) – um papel que lhe orienta a essa ocupação, desde a infância. Além desta, o papel de “amadora” torna-se o início da carreira ocupacional, na qual a pessoa experimenta a técnica, em um sentido mais amador – de amar – que artesanal (SENNETT, 2009). Já os papéis que ela vivencia sendo tatuadora, quais sejam “artesã”, “empresária” e “ativista”, são aqueles que, apesar de serem ditos, foram observados no campo, aparecendo claramente em cada uma, como o caso do Snoopy, um ativista. Esse papel ajuda a pessoa a fazer sentido em suas atividades, grupos de trabalho e sonhos. Por fim, os dois papéis de “professor(a)” e “aluno(a)” aparecem como emergentes *status*, posto que já surgem como rótulos compartilhados e compreendidos entre as pessoas.

6.2 OS PONTOS DE INFLEXÃO: DILEMAS E CONFLITOS

Durante a trajetória de vida e vivência destes diferentes *status*, papéis e instituições, a pessoa também se depara com pontos de inflexão, reconhecidos em suas narrativas (RIESSMAN, 2000; 2005). Os pontos de inflexão são cruciais, inclusive como recursos metodológicos de análise e clareza quanto a estes aspectos e aos elementos que fazem a pessoa conceber sua ocupação como profissão. Tais pontos de inflexão, caracterizados por processos de negociação que o indivíduo faz (VELHO, 2003; 2006), são permeados por conflitos (HUGHES, 1937) e dilemas (HUGHES, 1958). É a estes últimos que essa seção é dedicada.

Figura 8 Representação gráfica dos fatores de influência nos pontos de inflexão



Fonte: Elaborada pela autora.

A figura acima pretende demonstrar tais *crossroads*⁴⁴, os quais foram percebidos nas fronteiras entre as “faixas temporais” didaticamente separadas. Esta é a mesma figura da representação dos *status*, papéis sociais e instituições, porém, agora, com foco para estes pontos de inflexão, representados pelos círculos pretos na linha principal, mais à direita da

⁴⁴ “Crossroads” foi o termo que utilizamos (CHIESA; DELUCA; CAVEDON, 2014) para nomear tais momentos.

figura. Em cada um destes momentos, representados pelos círculos na linha e nomeados conforme rótulos à direita da figura, aparecem disparidades entre aspectos objetivos e subjetivos da vida, que resultam em uma decisão de vida, e que podem ser nomeados como dilemas (HUGHES, 1958) ou conflitos (HUGHES, 1937), os quais emergem e solucionam elementos de influência representados à esquerda da figura, com flechas apontando qual *crossroad* influenciam. Cada um destes pontos é exposto a seguir.

6.2.1 O dilema da opção da ocupação

Ao fim da adolescência, as pessoas tendem a passar pelo dilema entre as possibilidades objetivas de escolha profissional. Na carreira de quem tatua, não é diferente. O dilema enfrentado se torna mais acentuado pela, ainda presente, marginalidade da ocupação e da “família” da tatuagem.

Eu achava ainda meio absurdo, porque eu não via mulheres tatuando, e eu dizia que nada a ver, né, e que eu achava que era uma profissão meio vaga assim, não séria [ênfatisou o séria], né, não via pelo menos tatuadores com muita seriedade. [Stefani]

A opção por tentar a tatuagem como ocupação parece necessitar de alguns elementos de suporte, quais sejam: o apoio da família, ou de alguém bastante próximo(a), o acesso à loja e amigos(as) “cobaias”, assim como o acometimento de um ato apropriado, como apontou Becker (2008). O apoio de alguém próximo é fundamental para considerar uma opção de ocupação profissional. Além disso, é preciso ter algum tipo de contato com pessoas já do meio, que aconteciam, antes, através da loja, para compra de materiais e, hoje, nas convenções, por exemplo. Devido a não existência de cursos, era preciso ter pessoas dispostas e corajosas, à sua volta, para treinar e praticar uma técnica de principiante. Com tudo isso, caso a pessoa optasse por seguir, seria entrando no amadorismo.

6.2.2 O conflito entre amadorismo e profissão

Vivida a faixa temporal do amadorismo, é chegado o momento em que a pessoa precisa optar por sua identidade. Esse momento é entendido como conflito, pois, ainda que esteja praticando a tatuagem e possa ser visto(a) como já tatuador(a), a pessoa ainda não concebe a si mesma como uma tatuadora. Por isso, precisa entrar na ocupação e dedicar-se

exclusivamente a ela e ao desenvolvimento da técnica. Essa opção é permeada por uma “coragem”, também percebida por Becker (2008), sem a qual ninguém entra na atividade – principalmente antigamente – e sem ter o foco principal no dinheiro. Isto se deve porque o início deve ser demorado e a pessoa precisa demonstrar humildade frente às outras pessoas da família. Nesse sentido, já ter estabelecido relacionamentos no meio, bem como um *portfolio*, facilita a entrada, também na “família”, quando buscar uma vaga de “aprendiz” ou “iniciante” em algum estúdio já estabelecido.

6.2.3 Conflitos e dilemas de “meio” percurso

Quando a pessoa já enxerga que tem experiência, ela vislumbra a possibilidade de “estagnar” se continuar onde ela está, fazendo o que faz, convivendo com as pessoas que já convive. Além disso, podem surgir outros elementos que a fazem realmente pensar sobre seus rendimentos financeiros, como comprar uma casa, casar ou ter uma criança em vista.

Percebendo-se como capaz de desenvolver trabalhos próprios, uma arte própria, e escolher o tipo de trabalho, a pessoa pode escolher por dedicar o tempo àquilo que realmente lhe interessa:

Me dedico pra caralho pra fazer brincadeira na pele? Perco meus dias ali estudando pra fazer desenho, perder meu tempo pra suprir uma vontade de outro? Mas isso é uma opção minha. Tem outros que é ah, se eu não fizer outro vai fazer, mas eu não preciso fazer todas as tatuagens do mundo.
[Toledo]

Isto se deve ao conflito vivido entre o como a pessoa concebe a si, e à posição que ocupa naquele momento, bem como as outras pessoas a enxergam. Nesse sentido, a pessoa que tatua pode optar por seguir um caminho de maturidade artística e técnica.

6.2.4 Conflito maduro: agora é possível escolher

Na maturidade da experiência, a pessoa se vê mais ainda capaz de desempenhar o trabalho, mas passa a vislumbrar outras possibilidades, como ser “mestre”, “professor(a)” ou migrar realmente para a arte. Olhando para seu contexto, percebe todas as transformações externas que aconteceram, do mercado e da indústria, bem como as suas próprias: o reconhecimento de seu trabalho e do estúdio em que trabalha. No entanto, com a possibilidade

de conexão global, também passa a enxergar outros rumos, o que a faz colocar o próprio trabalho em dúvida: “sou realmente capaz?”, “para onde mais posso ir?”.

O desfecho desse conflito ainda não é claro. É possível que a pessoa opte por continuar onde está, tal qual a etapa anterior, desenvolvendo sua técnica e arte. É possível que siga para o campo da arte, trabalhando com quadros, esculturas e fotografia. É possível que siga para um intercâmbio. E é possível que abandone a ocupação. Tal qual qualquer momento presente, as possibilidades vislumbradas são múltiplas.

Todos estes elementos perpassam os conflitos e dilemas que a pessoa vivencia, os quais resultam em mudanças na vida individual e, ao longo do tempo, podem resultar em transformações nos *status*, cargos e instituições – como é o caso atual da emergência de “professores(as)” e “alunos(as)”, bem como instituições para oferta de cursos, tal qual as “escolas técnicas”. Além dos conflitos e dilemas, já contemplados por Hughes (1958; 2003), sugiro, ainda, os “questionamentos”, que seriam embates entre aspectos objetivos ou subjetivos do indivíduo em relação às instituições que passa, ou seja, externos a ele.

Nesse sentido, os pontos de inflexão observados, descritos e analisados, carregam dois aspectos que os permeiam: a profissão como um meio de iniciação, conversão e socialização (HUGHES, 1958); e a unicidade da “vida profissional” e da “vida pessoal” em uma carreira, tal qual Hughes (1937) também apontou. Do primeiro, Hughes (1958) parece já ter apontado para “viradas” na vida profissional, por meio do conceito de profissão, a qual, sendo um “meio de socialização”, leva a pessoa a viver uma aproximação com ela, uma dualidade entre o que idealizou e vivenciou e o ajuste da concepção de si dentro de determinada ocupação. Esta vivência parece ocorrer, de modo mais saliente, quando a pessoa que tatua decide “tatuá-la” definitivamente, no segundo ponto de inflexão discutido. Nele, ela já vivenciou as dualidades dos conflitos e dilemas e, concebendo a si como capaz de seguir nessa carreira, segue em frente.

Quanto ao último, a percepção de que elementos (didaticamente nomeados como) profissionais e pessoais se entrecruzam, influenciam e são influenciados, bem como geram e são gerados pelos pontos de inflexão, seus dilemas e conflitos, reforçam a ideia de que uma “carreira” não será “pessoal” ou “profissional”: uma carreira será tudo isso, pois, na vida vivida, todos estes elementos são fluidos e imbricados. Nesse sentido, “a soma dos *status* e cargos e papéis sociais”, como apontou Hughes (1937) pode, em certa medida, representar o que uma carreira é. No entanto, ainda permanece o apontamento quanto aos elementos do

futuro e suas diversas possibilidades – o que é aprofundado em “Considerações para futuro”, bem como no trabalho de DeLuca, Rocha de Oliveira e Chiesa (2014).

6.3 OS ELEMENTOS QUE FAZEM COMPREENDER A OCUPAÇÃO COMO PROFISSÃO

Nos últimos anos a tatuagem teve um boom assim. era de marginal, drogado, e cada vez mais ela foi elitizada. Maria.

Com os dois objetivos apresentados anteriormente, segue a busca em compreender, dentro desta carreira, quais os elementos que fazem com que estas pessoas entendam sua atividade como “profissão”, já que ela não o é, segundo pressupostos legais ou teóricos. Quanto aos primeiros, a profissão “tatuador(a)” não existe, sendo necessário que trabalhem como autônomos, sem direitos básicos, como seguro desemprego e aposentaria, ou acesso a financiamentos bancários, por exemplo. Quanto ao segundo, com base em Hughes (1958), a profissão seria algo para além da ocupação, contemplando diploma e mandato.

A dificuldade em perceber a própria ocupação como uma profissão vem de reflexões das próprias pessoas, principalmente daquelas há mais tempo na atividade: “se não registraram até hoje, não vão conseguir registrar... a profissão” [Bruno]. A dificuldade se acentua quando o Bruno questiona a arte:

Então eu acho que.. se eles tentarem transformar em profissão, é uma profissão, mas... Eu acho que eles não vão ter controle de nada, eles não tem como ter controle disso. Se tem médico que passa por médico e não é médico... Imagina no esquema de tatuagem, que tu não pode dizer “tu não sabe fazer”. Que é arte. Qual o critério duma arte? [Bruno]

No entanto, como exposto no início deste trabalho e como ponto de partida de toda esta pesquisa, estas pessoas reconhecem sua atividade como “profissão”, sendo percebidos elementos que os fazem entender e argumentar quanto a isso. Tais elementos podem ser diferentes dos elementos estabelecidos, mas, nem por isso, poderiam ser descartados. Nesse sentido, é válido trazer a análise de Maroto (2011). A autora busca compreender as estratégias

dos grupos para legitimarem-se, utilizando a temática do desvio. Para isso, a autora se embasa no conceito de jurisdição, colocando que só é possível ser uma profissão a partir dele, para buscar compreender aquelas ocupações diferentes das “estabelecidas”, mas que também deveriam receber atenção das pesquisadoras.

Meu argumento é de que podemos manter o conceito de profissão de Abbott como um tipo ideal. Profissões existem como uma ocupação única capaz de controlar seus membros e suas atividades, o que dá aos profissionais alguns benefícios não abertos a outros. No entanto, a variedade de profissões atualmente requer uma nova perspectiva. Dessa forma, eu sigo o trabalho de Freidson (2001) que incorpora o profissionalismo, mas foca nos mecanismos de ordem e controle que emergem dele. Indo para além do conceito de profissão permite aos sociólogos estudarem uma gama maior de ocupações (...). Incorporando essa estratégia, a disciplina poderá continuar com uma teoria “geral” sobre profissões que seja útil para além de estudos caso a caso (MAROTO, 2011, p. 103).⁴⁵

A autora defende que mesmo as pessoas com contratos autônomos, ou em profissões que poderiam ser *desviantes*, também lutam por regulações e controle em seus mercados. O que passa a acontecer é que os(as) tatuadores(as) passaram a perceber (e “vender”) seu trabalho como arte, o que aumenta a legitimidade perante a sociedade “estabelecida”, argumentando que o trabalho não pode ser simplesmente aprendido – precisa ser praticado e incorporado. Porém, ainda não é considerada uma profissão objetivamente e, legalmente, são encaixados como serviços variados pessoais, tomando como referências os Estados Unidos. Por fim, a conclusão de Maroto (2011) é que os(as) participantes se utilizam de estratégias formais e informais para controlar a entrada de novas pessoas e do próprio trabalho.

É com esta introdução teórica que Maroto (2011) traz o tema da tatuagem ainda como algo desviante, que, de um lado, exclui, e de outro, permitiu aos envolvidos que formassem um grupo social unido. Disto, e com o tempo, tanto a tatuagem como o *piercing* passaram a ser melhor aceitos, tendo transformado o estigma em arte (BECKER, 1982; KOSUT, 2006). Vinculando a reflexão sobre desvio e profissão às tatuagens, Maroto (2011, p. 108) diz que

⁴⁵ Tradução livre de “I argue that we can maintain a definition of a profession, similar to Abbott’s, as an ideal type. Professions do exist as unique occupations able to control membership and activities in particular areas, which allows professionals certain benefits not available to other workers. However, the variation among professions today requires a new perspective. In this manner I follow Friedson’s (2001) work that incorporates professionalism but focuses on the mechanisms of social control and order that it promulgates. Moving beyond the concept of a profession allows sociologists to study a wide array of occupations in reference to various informal and formal strategies used by so-called full and partial professions. By incorporating these strategies, the discipline can then continue with a “general” theory about professions that is useful beyond a caseby-case application” (Maroto, 2011, p. 103).

A ocupação de *body art* não consiste mais num pequeno grupo de marginalizados que provê serviços a um grupo específico da sociedade. Antes, a maioria dos clientes eram entusiastas e membros da comunidade, mas tatuadores e *body piercers* têm, hoje, clientes de diferentes grupos. A *body art* está se transformando de uma subcultura desviante em um grupo ocupacional de serviços à sociedade, o que levanta questionamentos sobre, justamente, este processo.⁴⁶

No cerne da busca destas pessoas está o valor de originalidade, principalmente vinculado à tatuagem, em comparação a outras modificações corporais, que é gráfica, já que “o reconhecimento da qualidade do trabalho, o prestígio profissional são muito importantes na carreira de um tatuador” (OLIVEIRA, 2012, p. 16). De fato, estão sendo reconhecidos(as), principalmente por meio de revistas de arte e eventos artísticos multidisciplinares.

“Ter nome” neste meio significa ter qualidade, ser um artista naquilo que faz, executar bons trabalho e, simultaneamente, ter um estúdio conhecido, que vem logo à lembrança de quem deseja fazer uma tatuagem. Contudo, essa relação não é linear, o reconhecimento feito pelos consumidores de tatuagem pode não ser o mesmo dentro do *Art Wolrd Tattooo*. (OLIVEIRA, 2012, p.18).

Oliveira (2012) não mostra tanto otimismo. Alguns(mas) tatuadores(as) acreditam que há certa banalização da tatuagem. Os(as) novatos(as) esquecem da demora do desenho, da prática, da esterilização. Assim, jovens querem entrar neste mercado de trabalho porque pensam que é fácil, o que foi bastante falado pelo Bruno, há 25 anos no meio. A profissão, segundo estas pessoas mais antigas na área, precisaria de uma maior regulamentação, ainda que a prática já tenha passado por um processo de institucionalização, até por regras sanitárias e jurídicas para a abertura das empresas. Isso contribuiu para a imagem da pessoa que tatua como profissional (OLIVEIRA, 2012), ressaltando que deixaram de ser amadores(as) (no sentido pejorativo da palavra) para serem profissionais. A tatuagem passou a ser uma arte, não apenas um símbolo.

Neste campo, portanto, como foi observado, essas pessoas entendem a si próprios(as) como profissionais, e são reconhecidos(as), em consenso, pela família como tal. Assim como os trabalhos citados, aqui também o reconhecimento como arte e a construção de um “nome”, seja pela arte, seja pela experiência ou especialização técnica, também foram vislumbrados.

⁴⁶ Tradução livre de “The body art occupation no longer consists of a small, marginalized community that provides services to a specific group in society. Previously, most clients were enthusiasts and members of the community, but tattooists and piercers now service clientele from all backgrounds. Body art is evolving from a deviant subculture into an occupational group that services more of the population, which raises questions about this process” (MAROTO, 2011, p.108).

Além destes, outros elementos também foram percebidos como suportes para tal argumento. Nesse sentido, busca-se compreender quais elementos que fazem ter esta percepção, em busca de uma contribuição teórica para compreender “profissões” para além das estabelecidas e alinhadas às normas *a priori* impostas para seu *status* de profissional.

Os elementos que foram percebidos como fontes de confirmação quanto à própria ocupação então inseridos em toda a trajetória apresentada, seja por algum *status*, por algum papel social, instituição, fator de influência ou processo de vivência, individual ou contextual. São elementos pontuais, via de regra passíveis de demonstração, de modo que seja possível “provar” ao(à) interlocutor(a) a força da profissão.

6.3.1.1 A experiência

O diploma e mandato servem para impessoalizar as relações, tornando-se recursos objetivos para troca de um serviço. Sem eles, há a ideia de que é necessário conhecer o(a) prestador(a) de serviços antes para comprar um. Sem eles, as relações pessoais e o “boca a boca” tornam-se fundamentais para haver disseminação da prática entre pessoas que não se conhecem profundamente, pois as pessoas que vão comentando sobre as outras geram uma confiança, mesmo entre quem não se conhece.

Então você tem que estar utilizando proteções né, pra não adquirir nem transmitir doenças. Tem uma série de procedimentos que a própria população deveria saber. Como saber se o estúdio é regulamentado? Você tiraria o dente com um dentista sem dente? Não né? Então porque você entra num ambiente de *piercing* e tatuagem e se deita em uma maca sem saber o histórico de aprendizado da pessoa? Então a coisa ainda é muito boca a boca, entendeu? [Snoopy]

Esse “boca a boca” só é possível com o mínimo de experiência (comprovada) pela pessoa que tatua. A “experiência” aparece como uma comprovação da necessidade de um aprofundamento técnico nessa ocupação, inclusive nos momentos de seleção de novas pessoas para trabalhar:

A gente procura.. captar... pra seleção.. ver onde trabalhou, qual experiência, pede *portfolio*, pra trazer uns dois clientes, pra montar bancada, como monta a bancada, o processo de higienização, todo o processo de trabalho né. A gente pede pra fazer isso aqui. [Maria]

Comprovar experiência não se resume a trabalhos já existentes. Por vezes, é necessário fazer um trabalho no local, para comprová-la:

Daí ele fez um teste, eu me lembro. Ele “tá, traz alguém e tatua na minha frente”, daí levei uma amiga minha, tatuei, e ele tá, beleza, tá dentro. Daí comecei a tatuar lá. [Keka]

Para se ter experiência, precisa se ter tempo de trabalho. Falar que trabalha há 10, 15, 25 anos na área aparece nas falas dessas pessoas, reforçando seu profissionalismo. Com ela, a pessoa também pode passar a escolher os trabalhos que quer fazer, já que é uma profissional:

As pessoas acham que é egocentrismo as vezes quando eu digo “ah, não vou fazer tal coisa”. Só que ninguém sabe que eu to há 17 anos fazendo de tudo e chegou num momento que eu quero escolher. Eu tenho esse direito né. Então hoje em dia eu priorizo que eu vá fazer um trabalho que eu vá gostar de fazer, pra ter mais qualidade e eu ficar mais feliz. Pra todo mundo ficar mais feliz. [Toledo]

Além disso, a “aprendizagem” e suas formas também é descrita, recorrentemente, como parte dessa experiência, tornando-as imbricadas:

Existem diferenças de aprendizado. Dependendo do estúdio que tu aprende, tu tem um selo diferente de qualidade. Mas, se teu *portfolio* for ruim, não adianta. É um casamento de comprovação de experiência, *a priori* e *a posteriori*. Tu precisa de um *portfolio*, tu precisa ir pra um estúdio, mas tu precisa manter o desenho, melhorar, manter uma reputação. Uma construção constante de *portfolio*, no desenho e na atitude. [Excerto Diário de Campo]

A experiência, que contempla tempo de prática, relacionamentos, “boca a boca” e aprendizagem, aparece como um elemento de argumento forte para demonstrar perante outras pessoas o profissionalismo da atividade. Isto porque, para trabalhar, é preciso ter esta experiência, que deve ser comprovada por trabalhos passados e presentes.

6.3.1.2 A aprendizagem

Como dito, o período de experiência também contempla o período de aprendizagem. São necessários anos de prática, treinamento, proximidade com pessoas mais experientes, tentativa e erro e dedicação – constantes.

Eu acho que sempre tem condições de ir mais. É que como toda profissão.. como toda área, sempre tem aqueles que se destacam mais. Não que os outros não tenham talento, mas esses nasceram com um dom. Aptidão, uma visão diferente... porque o Hera tem uma base de pintura. A vó dele ensinou ele a pintar, então ele pintava quadros... então ele tem um desenho diferente, uma técnica diferente, e ele passa isso pra tatuagem. O Hera ele mistura estilos de desenho e transforma aquilo numa pintura, em uma arte de desenho. Acho que o diferencial dele é esse, ele não reproduz só. [Maria]

Por mais que exista uma técnica, a pessoa precisa estar constantemente aprendendo, pela compreensão da complexidade do trabalho. Afinal, não é qualquer pessoa que possa ou deva desempenhá-lo, como os diversos relatos demonstraram.

6.3.1.3 O *portfolio*

O *portfolio* é o conjunto de trabalhos que a pessoa já realizou, podendo ser físico ou virtual, ou seja, pode estar em um álbum de fotografias, na recepção do estúdio, em uma pasta da pessoa, que inclua seus desenhos em papel; e nas redes sociais ou no próprio celular. O *portfolio* surge quando a pessoa procura demonstrar a qualidade do trabalho e o tempo de trabalho.

Enquanto entrevistava o Juliano, ele passou a me mostrar os trabalhos que fez no celular. Eram apenas os trabalhos premiados e reconhecidos. Perguntei se aquilo era um *portfolio* e ele me respondeu que sim, que isso ajuda na credibilidade com o(a) cliente. [Excerto Diário de Campo]

O Felipe também reforçou a importância de construir um *portfolio*, ainda que ele, somente, não seja suficiente para demonstrar qualidade de trabalho:

E quando falei como Hera trouxe *portfolio* e trouxe amigos também com as minhas, uma cicatrizada, uma cicatrizando, uma recém feita. E acho até que isso não é praxe.. acho que normalmente as pessoas vem só com *portfolio*. Mas como eu tinha esse recurso, eu achei melhor... porque eu também nunca tinha pedido emprego em outro lugar. [Felipe]

Nesse sentido, ao invés de existir um “diploma” existe um *portfolio*:

Gabriela: Então quando pede emprego o cara não pede um diploma pra ti?
Stefani: Não, ele vai te pedir teu *portfolio*, que é os teus trabalhos. E dependendo do nível do teu trabalho ele vai achar que tu vale ou não. Talvez faça... se eu chegar assim ah eu fiz curso com o fulano, que é conhecido, talvez ele te olhe diferente. Mas se ele olhar o teu trabalho e for horrível, ele vai pensar, ah, não acredito que o fulano te ensinou isso. [Stefani]

Faz parte do *portfolio* o estúdio em que a pessoa trabalhou. É normal no pedido do emprego já ser conhecido o estúdio anterior da pessoa. Na verdade, a maior probabilidade é que já tenha sido indicada para o trabalho. De qualquer modo, saber que a pessoa vem de um ou de outro ajuda a dar credibilidade à sua experiência e seu *portfolio*.

6.3.1.4 A especialização da técnica da tatuagem

Não somente como arte, mas como especialização técnica. Muito do que foi observado traz a ideia de que o desenvolvimento da técnica, que torna-se mais e mais complexa, aparece como fonte de comprovação de que a tatuagem somente pode ser produzida por alguém que seja profissional.

Se o outro faz melhor, é ele que tem que fazer, e o cliente vai sair com algo melhor... [Bruno]

Somada a ela, também acontecem as especializações por tipo de desenho, tornando cada pessoa especialista em uma área “disciplinar”, por assim dizer, o que também ajuda a distribuir a demanda do mercado:

6.3.1.5 As premiações

As premiações, que já aparecem como uma forma de instituição, retornam como outro elemento para demonstrar a profissionalização durante a carreira. O prêmio serve como uma objetificação do reconhecimento do meio e de jurados(as) mais experientes. Além disso, ao serem expostas em redes sociais e no próprio estúdio, ajudam a fazer com que o público também entenda essa atividade como profissional e passível de regulamentação e diferenciação técnica dentro do campo.

O primeiro que eu ganhei foi com um trabalho meu maori com polinésio, textura e sombra. Todos os prêmios que eu tenho são pontilhismo e tribal. (...). Concorrer é irado porque é bom pra ti ter um prêmio pro teu cliente, porque ele gosta de saber que tu ganhou um prêmio, entendeu. Mas eu vou mais, eu vou comercialmente falando né. Pra competir pro meu cliente. Pra ter esse certificado assim. O cliente pensa assim: o cara que me tatua ganhou um premio de melhor. [Juliano]

Depois de recebido o prêmio, na convenção, a pessoa expõe o troféu em sua sala ou na recepção do estúdio em que trabalha. Quando isso, o estúdio expõe os prêmios recebidos, em um local de destaque, de modo a tangibilizar a qualidade do trabalho, que não tem um diploma que o faça. Assim, novos(as) e antigos(as) clientes já podem ter uma ideia da qualidade daquele trabalho nas primeiras impressões que faz.

6.3.1.6 A associação

Ter um sindicato parece, no primeiro momento, ser uma demonstração de que existe uma classe trabalhadora daquela ocupação. No entanto, neste campo, o “sindicato” não foi bem sucedido:

O sindicato.. é uma incógnita. Ele já foi muito mais ativo.. hoje em dia ele já não é mais tão ativo. O porque vou dizer... quando é sindicato sempre pensa “ah, se eu pegar o sindicato vou ganhar uma grana”, então o presidente vai ter acesso a esse dinheiro. Mas na época, quando tinha 200 mil tatuadores, que era 2008... de 200 mil, 200 eram associados. Então era um sindicato que nunca funcionou muito bem. Se sabia que existia, todas convenções tava.. mas não era .. o pessoal não aderiu muito. O próprio tatuador tem esse esquema de ah, não vou entrar. Porque muitos até preferem ficar na ilegalidade. E talvez seja até bom. [Snoopy]

Pensando nisso, o Snoopy diz estar organizando uma “associação”, utilizando comparações com a classe médica. Ele reiterou a necessidade de uma organização, principalmente para buscas frente ao governo, como a própria regulamentação da profissão. De qualquer modo, estas organizações de “classe trabalhadora” reforçam a ideia de que há um grupo organizado desempenhando aquela atividade – um grupo que, inclusive, busca regulamentações.

6.3.1.7 A regulamentação sanitária

Apesar de não haver a regulamentação da atividade, há regulamentação dos instrumentos e espaços nos com os quais ela é desempenhada. A falta de uma associação estabelecida ou da própria profissão faz estas pessoas questionarem a regulamentação sanitária que já existe.

Porque eu vi que não era uma coisa.. porque as vezes não adianta ser só arte, só bonito, se não parece seguro. E quando eu era adolescente eu tinha essa sensação de que não era uma coisa assim segura. [Stefani]

Como já apresentado, recorrentemente retornam os questionamento quanto à regulamentação sobre um ambiente e instrumentos de trabalho para uma ocupação que não existe no mesmo nível de legalidade. De qualquer modo, se por um lado emergem tais questionamentos, por outro serve como “prova” de que seja uma profissão, em parte, reconhecida por instituições governamentais.

6.3.1.8 O reconhecimento como arte

Por fim, o reconhecimento como arte. Se antes era menor o grupo que reconhecia essa ocupação como profissão, era também diferente o contexto e percepção externos, inclusive sobre ser arte.

Hoje todo mundo me pede cartão na rua. Tá bem melhor. Me acham legal, vem puxar papo. Mas há 20 anos era bem diferente a historia. Era terrível, ninguém te olhava. Não consideravam uma coisa profissional. E hoje é profissional. Tanto que tá na mídia. Uma hora tem que aparecer. Mas ainda tá crescendo. Ai vem o lance da divisão dos estados. Brasil. O sul ainda tá engatinhando na matéria de preconceito, ainda que tenha profissionais bons. [Itamar]

O reconhecimento da prática como arte carrega os desafios desse outro campo, como a definição de critérios para estabelecer que um trabalho é “melhor” que o outro.

O problema é que os critérios para ser arte é que precisa estar exposta num museu. Ainda assim, disse que existem varias obras diferentes, modernas, que são consideradas arte. Porque não a tatuagem? Começamos a falar sobre o reconhecimento do tatuador como artista. [Stefani]

O reconhecimento é, via de regra, intra grupo, acontecendo entre os pares:

Eu acho que é um reconhecimento do meio, dos outros profissionais da área. Acho não um reconhecimento de mídia, de crítico de arte, de moda... ah, fulano cresceu. Acho que é mais... tu vai crescendo. [Maria]

O cara nunca sabe [se o trabalho melhorou ao longo do tempo]. Os outros que falam. Os outros que falam quando teu trabalho tá melhorando. [Juliano]

No entanto, parece estar se estendendo para outros meios, como a mídia, o que reforça o caráter responsável e sério que o campo tem ganhado. Além disso, os altos preços cobrados

são justificados pela complexidade artística, e recorrentemente divulgados nas redes sociais, inclusive por páginas que mostram o que um trabalho mal feito – ou feito por um não profissional – pode resultar.

É um nível alto de artista. Porque se tu erra um quadro, não tem problema. A *tattoo* não tem, não pode errar. Tem que pagar caro mesmo, tem que pagar o olho da cara. [Itamar]

O “tem que pagar caro” reforça, enfim, essa profissionalização, bem como o reconhecimento, por parte de quem paga, desse desenvolvimento.

Com tudo isso, busquei demonstrar que existem elementos, para além dos estabelecidos, que reforçam o entendimento do “tatuar” como profissão. Estes elementos poderiam ser compreendidos como “diplomas” e “mandatos”, mas também podem ser compreendidos como um conjunto de aspectos que abrangem o rótulo “profissão”. O portfólio e as premiações podem ser entendidos como “diplomas”; a “experiência”, “aprendizagem” e “reconhecimento como arte”, como “mandatos”; por fim, a “especialização técnica”, a “associação” e a “regulamentação sanitária”, como instituições que profissionalizam.

7 CONSIDERAÇÕES GERAIS

*Encontrar por trás das brumas as próprias estradas, que, na maioria das vezes, estão entrecortadas por encruzilhadas, entroncamentos, bifurcações e toda sorte de desvios.
Lúcia Joviano*

Em suma: como a pessoa que tatua vivencia sua profissão ao longo de sua carreira? A começar, (1) entendendo sua ocupação como profissão, determinando elementos, ao longo do percurso de vida, que comprovam a sua atividade como profissional. Além disso, (2) entendendo que há etapas pelas quais deve passar, bem como (3) *status*, papéis e instituições. Também, essa pessoa (4) passa por conflitos e dilemas frequentes durante a carreira e de um (5) mercado de trabalho característico, que podem influenciar, também, na forma em (6) *zig zag* que ela acaba se delineando. Enfim, parece formar uma “carreira padrão” (HUGHES, 1937), devido à repetição de algumas faixas temporais e vivências.

Antes de mais nada, a pessoa entende que passando por anos aprendendo e treinando a prática, desenvolvendo e adquirindo uma técnica, pagando impostos e cumprindo com regulamentos sanitários, participando de eventos que avaliam qualidade e, enfim, sendo remunerada por isso – e bem – a faz entender sua ocupação como profissão (1). Ou seja, passa a ter uma consciência profissional (FERREIRA, 2012, p. 67), passando a ser reconhecida como tal por seus(suas) produtores(as), clientes e governo. Nesse sentido, mesmo não tendo um diploma nem uma instituição que o forneça, parece que já existe um mandato (HUGHES, 1958), ou seja, o conjunto de normas morais estabelecidas no grupo para desempenhar a atividade. Assim, a profissão em processo (BUCHER; STRAUSS, 1961) emerge de modo saliente, já que é possível observar as transformações dela, bem como as segmentações internas que vão se construindo e destruindo neste processo (ABBOTT, 1988), como a separação em relação aos(às) modificadores(as) ou entre formais e informais. Por fim, assim como Bucher e Strauss (1961) apontaram, manter o grupo profissional heterogêneo permite haver as mudanças da profissão.

Para reforçar esse pensamento, a pessoa utiliza outras como exemplo de trajetórias profissionais (2), que podem ser seguidas ou não, mas que acabam resultando em um caminho parcialmente claro sobre quais passos dar para seguir nessa profissão. Longe de significar uma carreira universal, tal qual pretendeu Abbott (1988), também não significa que

cada carreira seja completamente diferente da outra. Na verdade, o que existe é a possibilidade de repetição de um caminho amplo de vida, singular, que pode vir a criar *status* e cargos objetivos (HUGHES, 1937). Da mesma forma, as carreiras das pessoas que tatuam, mesmo singulares, apresentam similaridades que permitem visualizar uma “carreira ideal” que, na realidade, reforça o argumento de que sua ocupação é uma profissão – pois outros(as) também a viveram.

Os pontos (1) e (2) vinculam o argumento de Bucher e Strauss (1961) quanto ao trânsito da pessoa, ao longo da carreira, entre segmentos intra profissão, que podem influenciar (e ser influenciados) pelas transformações das carreiras e profissão. Esse caminho detém, assim como outros, *status*, papéis sociais e instituições (3), e parece estar se direcionando para trajetórias mais padronizadas, como seguindo os rumos das carreiras de ocupações muito estabelecidas. Nesse sentido, ainda que hoje não existam diplomas, parecem estar em emergência.

Seja ocupação ou profissão, a pessoa se depara com momentos de decisão, devido a diferentes fatores, que a fazem questionar a própria vida, entre dilemas e conflitos (4), além de estarem previstos “pontos de inflexão” nas profissões na obra de Hughes (1958), quando a aponta como meio de iniciação, conversão e socialização. Como dito, haveria três mecanismos de socialização, sendo o intermediário a instalação da dualidade entre o mundo ideal imaginado e o mundo vivido naquela ocupação. De maneira ampla, este momento marcaria a permanência ou não nessa carreira, bem como para qual segmento essa pessoa irá se direcionar. Essas pessoas também percorrem campos peculiares ao tipo de trabalho e ao tipo de mercado de trabalho (5). O desenvolvimento desse contexto as influencia, tanto em suas trajetórias como em suas escolhas.

Por fim, o entendimento de que ainda ocupam uma atividade não estabelecida, é possível perceber movimentos de *zig zag* (BOYLSTEIN; MAGGARD, 2013), ainda que menos proeminentes. Nesse sentido (6), por não haver cargos e carreira pré determinadas, possibilita que a pessoa vá e volte nos *status*, papéis e instituições, como no caso dos intercâmbios, buscando aquilo que mais importa nesse campo: qualidade técnica e especialização de trabalho. Por outro lado, a presente falta de impessoalidade profissional, obtida fortemente através de um diploma, ainda mantém a percepção, por parte da sociedade, como uma ocupação não profissional.

Com isso, diferente de carreiras mais estabelecidas, a carreira no campo da tatuagem é horizontal: eles passam a escolher o que tatuar, são reconhecidos pelo trabalho e, alguns, abrem seu próprio estúdio (OLIVEIRA, 2012). Neste ponto, devo ressaltar que a

“horizontalidade” não significa homogeneidade. Como dito, o estabelecimento de relações intra grupo podem ajudar na inserção e trânsito no mercado

Crucial para a entrada nesta profissão é o contacto prévio com um tatuador. Ter contacto pessoal com um tatuador permite aos indivíduos terem consciência das oportunidades oferecidas pela carreira de tatuador e, simultaneamente, fornece conhecimentos técnicos e outros, fundamentais para se tornarem profissionais (OLIVEIRA, 2012, p. 28).

Neste sentido, o contexto português demonstra similaridades com o contexto brasileiro e observado para este trabalho. Muitas vezes o(a) tatuador(a) mais antigo(a) motiva o(a) outro(a) a virar aprendiz, quando percebe algum talento ali. Dentro dos estúdios essa hierarquia fica clara, mesmo com pouco níveis diferentes. Mesmo depois de finda a relação com o(a) mestre, ocorrida com a saída do estúdio, parece permanecer uma obrigatoriedade em retribuir a aprendizagem e o apoio recebidos. Os(as) mestres acabaram se tornando *gatekeepers* para novatos(as) (DEMELLO, 2000). Fenômeno já observado, aparece inédito no sentido de que o papel destes(as) *gatekeepers* passa a ser compartilhado com os reconhecimentos obtidos individualmente, através dos *workshops* e escola em emergência, os quais permitem a entrada, já com qualidade técnica, interdependente de uma relação pessoal mestre-aprendiz.

Por último, as pessoas passam a elencar elementos que comprovem sua percepção quanto à própria ocupação de maneira mais objetiva. Por não haver uma certificação impessoal (diploma), estabelece-se a importância das relações pessoais e do boca a boca para aumentar a possibilidade de rede de consumo – estendendo os laços pessoais para impessoais.

Parece que a lógica de inscrição se esclarece no imbricamento dos campos de vida dessas pessoas, tornando suas carreiras suas vidas inteiras. Quando Itamar diz que “tu é um álbum de fotografias, tu é teu álbum, tu é a tua história. (...) Eu sou um livro, eu tô escrevendo um livro, só que em mim. é uma historia viva”, parece que o processo da tatuagem passa para a vida e para as relações deles(as). Elas são tão ligadas, tão conectadas, que estão inscritas, subscritas, tatuadas. E como não entender, com isso, a unidade da vida com da profissão?

O mesmo Itamar fala sobre quando se tornou um profissional – o que chama a atenção, já que, fossem os critérios estabelecidos, ele, nem as outras pessoas, compreenderiam a si mesmas dessa forma. No entanto, não são estes critérios que fazem a pessoa compreender sua carreira como profissional, mas um conjunto de elementos, compartilhados por um grupo, e que foram expressos na seção dedicada a eles. Nesse sentido, afasta-se de um possível

relativismo que a orientação à arte poderia levar, devido à dificuldade de impor critérios hierárquicos entre os *status* de ocupação.

Ser uma profissão, portanto, não significa cumprir com critérios normativos estabelecidos para isso, pois o que ocorre se a universidade, como instituição, declina? As profissões deixariam de existir caso os diplomas acabassem? Os mandatos? As carteiras de trabalho? Ao que parece, a profissão se constrói nas relações, assim como outras formas de sociação (SIMMEL, 2006), interações entre as pessoas dentro do grupo ocupacional e fora dele, e das formas pelas quais essas pessoas concebem determinada atividade, visualizando e interagindo com seus aspectos objetivos.

Por fim, ao se retomar os aspectos paradoxais nas pesquisas de carreira, apontados por Moore, Gunz e Hall (2007) em um *Handbook* dedicado à temática, como sendo: agência *versus* determinismo, processo *versus* fixidez, funcionalidade da carreira, fenômeno social *versus* história individual; é possível entender que eles somente são apontados devido às lentes usadas para observá-los. A título de exemplo, retomo o trabalho de Prasad, D'Abate e Prasad (2007), no mesmo *Handbook*, que trata de carreiras dos “socialmente marginalizados” (p. 169). Nele, os(as) autores(as) apontam aspectos estruturais e funcionalistas, como se a marginalidade, a qual utilizam Becker (2008) para conceituar, não fosse um conceito que, na prática, se relativiza! Por isso, chamo e aplico, aqui, uma base interacionista direcionada à influência simmeliana mais que a pragmatista, para observar essas “dualidades” apontadas. Fazendo isso, poderia ser dito que tais dicotomias ou paradoxos somente existem quando vistos com lentes funcionalistas. Com isto quero dizer que a carreira é um processo individual e social, em constante mudança, porém capaz de aparentar fixidez, a qual possibilita que possamos discuti-la.

Como dito na introdução deste trabalho, o campo da profissão tatar, vinculado às carreiras, demonstra uma grande riqueza de reflexão conceitual, além da possibilidade de revisão teórica do que tem sido produzido sobre o tema. A partir de um esforço teórico empírico, pretendi apresentar tal riqueza, trazendo os conceitos existentes para a observação destas narrativas. Neste percurso, deparei-me com reflexões que vão para além da proposta desta dissertação, mas que julguei pertinentes para conclusão do trabalho. Por isso, o último capítulo é dedicado a elas, com vistas a elaborar uma agenda de trabalho que, apenas, se inicia aqui.

8 CONSIDERAÇÕES PARA O FUTURO

Quando se apreende o ritmo e o quadro geral dessa vida em perpétua metamorfose, percebe-se nesses conteúdos contraditórios e ilógicos a mais maravilhosa unidade. Por meio desses estágios, desses altos e baixos, dessa afinidade entre o que é o mais afastado, uma “forma dada ao viver se desenvolveu.”
Georg Simmel

Assim como trabalhos sobre usuários(as) de maconha (BECKER, 2008), vagabundos⁴⁷ (ANDERSON, 1923), dançarinas (CRESSEY, 1932) entre tantos outros da Escola de Chicago do início do século levaram a teorias conceituais e metodológicas relevantes, como das carreiras e profissões (HUGHES, 1958) e da rotulação (BECKER, 1977, 2008), acredito que esta pesquisa junto às pessoas que tatuam seja um primeiro passo para um desenvolvimento teórico, metodológico e empírico mais profundo, já que o estudo de “desviante” ou de “estrangeiros” pode levar a estes esclarecimentos como demonstrou Robert Park (1928). O estudo de Park sobre estrangeiros(as) faz uso justamente de lentes simmelianas para mostrar como aquilo que percebemos como um distanciamento eram, na verdade, estratégias de aproximação, demonstrando as interpretações errôneas quanto à ecologia urbana. Na verdade, o entendimento é de uma conjunção estruturalmente instável e heterogênea (JOSEPH, 2005).

Primeiramente, a pesquisa com pessoas que desempenham atividades de ocupações ainda não institucionalizadas, tal qual Hughes (1958) aponta, leva a reflexões e entendimentos sobre as transformações da definição de profissão, bem como dos elementos que fazem uma atividade ser ou não ser profissão. Assim, estudar estas ocupações “desviantes” pode levar a um esclarecimento, também, sobre as “estabelecidas” (BECKER, 2008), bem como também apontou Maroto (2011), que chama por estudos de outras profissões como da tatuagem, que também se utilizam de estratégias para tornarem-se “estabelecidas”. Estes trabalhos poderiam, inclusive, explorar tais estratégias, apontadas como: a padronização de treinamento, a formação profissional por meio de organizações e a incorporação de regulamentações (MAROTO, 2011, p. 106). Como consequência, é possível uma revisão dos elementos apontados por Hughes (1958) como característicos de profissões, fazendo uma releitura atualizada de suas teorias – como a que se pretendeu aqui.

⁴⁷ Tradução livre de “hobos” (ANDERSON, 1923).

Em segundo lugar, trazendo a reflexão das profissões para as bases teóricas interacionistas e enfocando no “idealismo alemão” de Georg Simmel (BARLEY, 1989), pode se traçar uma hipótese de que a profissão seria uma forma de socição, tal qual a sociabilidade, o conflito ou a prostituição (SIMMEL, 1971), para citar algumas das formas apresentadas por Simmel (1983; 2006; 2013). Utilizando como base o questionamento de Simmel (1910) de “como a sociedade é possível”, entender a possibilidade da profissão pode também ser a partir de seu recurso metodológico de “formas” (Simmel, 2006), tomando-a como existente, e, com isso, analisar uma ocupação que, *a priori*, não seria considerada como tal, para ver os pontos em comum com as teorias existentes. É dessa forma que poderia se compreender quais as formas pelas quais a profissão passa para se tornar tal qual o conceito e, com isso, responder, enfim, a pergunta de como ela é possível. Sendo assim, a sugestão reside em traçar paralelos entre as teorias das profissões interacionistas (HUGHES, 1958; ABBOTT; STRAUSS, 1961) e das formas de socição de Georg Simmel (1971), de modo a refletir quanto à hipótese da profissão como forma de socição pós moderna

Em terceiro lugar, disseminar a potencialidade teórica, metodológica e filosófica dos estudos de carreira e, de fato, trazer a interdisciplinaridade para a temática, para além da economia, sociologia e psicologia, mas também antropologia, filosofia e história. A carreira é uma temática das ciências humanas (DILTNEY, 2010) e pode ser trabalhada interdisciplinarmente. Nela, a História teria papel fundamental, de modo a colaborar para estabelecimento de métodos capazes de captar todas nuances de uma pesquisa humana e não passível de experimentação ou de uma análise utilitária-explicativa. Nesse sentido, um trabalho que aponta para este esforço é o de DeLuca, Rocha de Oliveira e Chiesa (2014), no qual se apresenta as perspectivas teóricas na temática de carreiras fazendo uso de conhecimento antropológicos de Gilberto Velho. Além desta contribuição teórica, parece ser plausível a sugestão metodológica da *verstehen*, mais especificamente da *verstehen* histórica, baseada em Georg Simmel (2011), para uma investigação aprofundada da carreira (no sentido retrospectivo), no aspecto de contribuição metodológica. Na verdade, as reflexões quanto a essa possibilidade estão contempladas, como um esboço, no Apêndice B deste trabalho.

Em quarto lugar, o acompanhamento do grupo e, principalmente, de Heráclito, ao longo de quase dois anos possibilitou a percepção sobre a transformação das subjetividades e objetividades do campo e da vida. Por isso, parece plausível a sugestão de estudos longitudinais, para perceber estas transformações ao longo de uma carreira, além de possibilitar a visão da transformação em sentido ampliado – grupos, organizações e instituições. Além disso, mais tempo em campo também possibilita investigações históricas

mais tradicionais, buscando carreiras de pessoas no passado, bem como a história da ocupação que se está investigando, tal qual pretendi fazer neste trabalho.

Em quinto lugar, Abbott (1992) coloca que não há uma sequência padrão de passos para o desenvolvimento de uma profissão. Parece que nas trajetórias profissionais acontece o mesmo, sejam institucionalizadas ou não. O que parece é haver uma sequência ideal⁴⁸ nas trajetórias profissionais que levam a pessoa a perceber-se como profissional – subjetivamente - e objetivamente como tal. Nesse sentido, novamente, é plausível a sugestão de realizar um maior número de pesquisas empíricas com ocupações ainda não institucionalizadas, utilizando um quadro teórico aproximado, de modo a construir um mosaico sociológico (BECKER, 1997) que sirva de base para o entendimento das profissões na atualidade.

Em sexto lugar, a partir de Ferreira (2012), que aponta o ofício de quem tatua transformado em arte, levanto o questionamento se seria este o fato ou o contrário. A apresentação de Ferreira (2012) pode causar a falsa ideia de que esta ocupação já foi regulamentada e passou para o campo da arte, como sendo um nível superior de qualificação. Na verdade, ao menos no Brasil, parece que a ocupação é mais reconhecida como artística que como profissional, não tendo, nunca, passado por esta última qualificação. Sendo assim, ainda que haja a demanda de um foco de investigação a partir da arte deste campo, aponto para o fato de que, tal qual a carreira individual de Heráclito, a carreira da ocupação também aguarda por uma profissionalização institucional, ainda que tenha esse reconhecimento subjetivo – menos que o artístico. Nesse sentido, também seria possível explorar comparações entre as carreiras de quem tatua e de artistas, *stricto sensu*, como pintores(as), escultores(as), etc., como sugeriu Abbott (1988) a respeito da análise plausível das relações entre profissões.

Em sétimo lugar, a temática da ocupação de quem tatua também parece ser rica para outros vínculos teóricos, como os de economia e indústria criativa, *embodiment*, territorialidade e de aprendizagem. Trabalhos como de Coupland (2013) já exploram “*embodiment careers*”, nas quais o corpo tem papel fundamental na trajetória profissional, podendo ser estendido às tatuagens, como caso empírico. A última, presente em todo percurso de vida, pode servir para um entendimento de aprendizagem constante, e sua importância em ocupações não institucionalizadas. As primeiras, para a peculiaridade de processos de trabalho e carreira que envolvem o aspecto criativo.

⁴⁸ No sentido ideal tipo weberiano, ou seja, não encontrado na realidade mas como ferramenta metodológica e teórica apenas.

Por fim, saliento a importância da consideração de elementos como gênero, sexualidade, classe social e raça nas trajetórias de vida. Para este trabalho, não contemplei estes aspectos devido ao objetivo amplo de compreensão da trajetória profissional. No entanto, busquei contemplar, na escrita, homens e mulheres totais, de modo a não colaborar para a reprodução de uma possível dominação masculina (HOOKS, 1989), seja neste campo ocupacional, seja em outros. Para além disso, ressalto que foram percebidos sinais de dominação e que estes podem ser explorados em futuros trabalhos – novamente: seja nesta ocupação ou em outras.

*Enquanto isso, vou continuar a viagem
normalmente, e esperar que as coisas melhorem.
Não desperdice nada nesta vida. Nunca, jamais
desperdice nada.
Robert Pirsig*

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABBOTT, Andrew. Of time and space: The contemporary relevance of the Chicago School. **Social Forces**, Vol. 75, No. 4, 1997, pp.1149-1182.

ABBOTT, Andrew. The Sociology of work and occupations. **Annual Review of Sociology**, Vol. 19, 1993, pp.187-209.

ABBOTT, Andrew. **The system of professions**. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

ALCADIPANI, Rafael. Confissões Etnográficas: Fracassos no Acesso a Organização no Brasil. Brasília: **Anais do EnPQ**, 2013.

ANGELIN, P.E. Profissionalismo e profissão: teorias sociológicas e o processo de profissionalização no Brasil. **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**. Araraquara, Vol.3, n.1, 2010.

ANDERSON, N. **The Hobo: The Sociology of the Homeless Man**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1923.

ANVISA. **Resolução RDC nº 306, de 7 de dezembro de 2004**. Recuperado em 22 de setembro, 2013, de http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2004/res0306_07_12_2004.html

ANVISA. **Resolução nº 55, de 6 de agosto de 2008**. Recuperado em 22 de setembro, 2013, de http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2008/res0055_06_08_2008.html

ARAUJO, Leusa. **Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

ARTHUR, M.B. Examining contemporary careers: A call for interdisciplinary inquiry. **Human Relations**, 61, 2008, pp.163–186.

ARTHUR, M.B.; HALL, D.T.; LAWRENCE, B.S. Generating new directions in career theory. In: Arthur, M.B., Hall, D.T.; Lawrence, B.S (Eds.). **Handbook of Career Theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, pp.7-25.

ARTHUR, M.B; ROUSSEAU, D.M. The boundaryless career as a new employment principle. In: M.B. Arthur; D. M. Rousseau (Eds.). **The boundaryless career**. New York: Oxford University Press, 1996, pp. 3-20.

BARLEY, S. R. Careers, identities, and institutions: the legacy of the Chicago School of Sociology. In: Arthur, M.B., Hall, D.T.; Lawrence, B.S (Eds.). **Handbook of Career Theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, pp. 41–65.

BARNES, Jonathan. **Os filósofos pré socráticos**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BECKER, Howard S. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BECKER, Howard S. A história de vida e o mosaico científico. In: _____. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. Editora Hucitec: São Paulo, 1997a, pp.101-116

BECKER, Howard S. **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977b.

BECKER, Howard S. The professional dance musician and his audience. **The American Journal of Sociology**, Vol. 57, No. 2, 1951, pp. 136-144

BECKER, Howard S.; GEER, Blanche; HUGHES, Everett C.; STRAUSS, Anselm L. **Boys in White: student culture in medical school**. Chicago: The University of Chicago Press, 1961.

BLUMER, Herbert. **Symbolic Interactionism: perspective and method**. London: University of California Press, 1969.

BOYLSTEIN, C.; MAGGARD, S.R. Small-Scale Marijuana Growing: Deviant Careers as Serious Leisure. **Humboldt Journal of Social Relations**, Issue 35, 2013.

BRUNER, Jerome. The Narrative Construction of Reality. **Critical Inquiry** Vol.18,1991, pp.1-20.

BUCHER, R.; STRAUSS, A. Professions in process. **American Journal of Sociology**. Chicago: The University of Chicago Press, Vol. 66, No.4, 1961, pp.325-334.

CÂMARA. **Projeto de Lei**, 2007. Recuperado em 22 de setembro, 2013, de http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=5CEB5D0A97E0513CB5BA6C9C100FB6A6.node1?codteor=476238&filename=Tramitacao-PL+1444/2007

CÂMARA. **Projeto de Lei**, 2013. Recuperado em 22 de setembro, 2013, de http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=5CEB5D0A97E0513CB5BA6C9C100FB6A6.node1?codteor=1096375&filename=Tramitacao-PL+1444/2007

CAT, J. **The Unity of Science**. In: **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**., 2013. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/scientific-unity/> Acesso em: 5 de setembro de 2014.

CAVEDON, Neusa R. **Antropologia para administradores**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

CHIESA, Carolina Dalla; DELUCA, Gabriela; CAVEDON, Neusa R. Paths of deviance: biographical narratives of an artisan. Trabalho apresentado no **30th EGOS Colloquium Reimagining, Rethinking, Reshaping: Organizational Scholarship in Unsettled Times, 2014**.

CRESSEY, P.G. The Taxi-Dance Hall. **A Sociological Study in Commercialized**

Recreation and City Life. Chicago: The University of Chicago Press, 1932.

CHUDZIKOWSKI, K.; MAYRHOFER, W. In search of the blue flower? Grand social theories and career research: The case of Bourdieu's theory of practice. **Human Relations**, 64, 2011, pp.19-36.

CLOSS, L.Q., ANTONELLO, C.S. O Uso da História de Vida para Compreender os Processos de Aprendizagem Gerencial. **Revista de Administração Mackenzie**. Vol. 12, 2011, pp. 44-74.

COULON, Alain. **A Escola de Chicago**. Campinas: Papirus, 1995.

COUPLAND, Christine. Embodiment Careers for Rugby Players. Trabalho apresentado no **30th EGOS Colloquium Reimagining, Rethinking, Reshaping: Organizational Scholarship in Unsettled Times**, Rotterdam, 2014.

CZARNIAWSKA, B. **Narratives in Social Science Research**. London: Sage, 2005.

DELUCA, Gabriela; CAVEDON, Neusa R. Estética e Arte: no objeto, no corpo, nas relações". **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, Vol.3, N.3, pp. 123-124, 2014.

DELUCA, Gabriela; ROCHA DE OLIVEIRA, Sidinei; CHIESA, Carolina D. **Projeto e Metamorfose: Contribuições de Gilberto Velho para os Estudos sobre Carreiras**. Rio de Janeiro: Anais do EnAnpad, 2014.

DEMELLO, Margo. **Bodies of inscription: a cultural history of the modern tattoo community**. Duke University Press, 2000.

DENZIN, N.K. **Interpretative interactionism**. California: Sage Publications, Inc, 2001.

DENZIN, N. K. Interpretando a vida de pessoas comuns: Sartre, Heidegger e Faulkner. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, Vol.27, n 1, 1984, pp. 29-43

DILTHEY, W. **Introdução às ciências humanas: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história (Primeiro Livro)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DOMECKA, Markieta; MROZOWICKI, Adam. Professional biographies in transition: comparing experiences of workers and business people in post-socialist Poland. **37th World Congress of the International Institute of Sociology**, 2005.

DUBAR, Claude. **A socialização**. Paris: Armand Colin, 2005.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.

FERREIRA, V.S. Do Renascimento das marcas corporais em contextos de neotribalismo juvenil. In: Pais, José Machado, Org.; Blass, Leila Maria da Silva, Org. **Tribos urbanas: produção artística e identidades**. São Paulo: Annablume, 2004, pp.71-102.

- FERREIRA, V.S. Das belas-artes à arte de tatuar: dinâmicas recentes no mundo português da tatuagem. In: Almeida, M.I.M. & Pais, J.M. (Orgs.). **Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- FINE, A.G. O triste espólio, o misterioso desaparecimento e o glorioso triunfo do interacionismo simbólico. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas. V.45, n.4, 2005, pp.87-105.
- FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FLORES, M.T.P. **Cultura Organizacional, Corpo Artefato e Embodiment: etnografia em uma livraria de shopping center**. 215 f. Tese (Doutorado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. São Paulo: LTC, 2008.
- GILBERT, Steve. **Tattoo history: a source book**. USA: Juno Books, 2000.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.
- HALL, D. T. Protean careers of the 21st century. **Academy of Management Executive**, 10, 1996, pp.8-16.
- HEATH, C. Everett Cherrington Hughes (1897-1983): a note on his approach and influence. **Sociology of Health and Illness**, Vol.6, No.2, 1984, pp.218-237.
- HERVA, S. The Genesis of Max Weber's Verstehende Soziologie. **Acta Sociologica**, Vol. 31, n.2, 1988, pp.143-156.
- HOOKS, B. Choosing the margin as a space of radical openness. **Yearnings: Race, Gender and Cultural Politics**, 1989, pp. 203-209. Disponível em: <http://sachafrey.files.wordpress.com/2009/11/choosing-the-margin-as-a-space-of-radical-openness-ss-3301.pdf> . Acesso em 10 de dezembro de 2013.
- HUGHES, Everett C. Ciclos, pontos de inflexão e carreiras. **Teoria e Pesquisa**. N.46, 2005, pp.163-173.
- HUGHES, Everett C. Careers. In: Harper, D.; Lawson, H.M. **The cultural study of work**. Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2003, pp.130-138
- HUGHES, Everett C. **Men and their work**. Chicago: The University of Chicago Press, 1958.
- HUGHES, Everett C. Institutional office and the person. **American Journal of Sociology**, 43, 1937, pp. 404-413.
- HYPENESS. **Máquina faz tatuagem automática**, 2014. Disponível em <http://www.hypeness.com.br/2011/03/maquina-faz-tatuagem-automatica/> . Acesso em: 23 de junho de 2014.

HYPENESS. **O trabalho do artista que cria incríveis máquinas de tatuagem artesanais**, 2013. Disponível em <http://www.hypeness.com.br/2013/09/curta-conta-a-historia-do-homem-que-faz-maquinas-de-tatuagens-a-mao/>. Acesso em: 23 de junho de 2014.

HYPENESS. **Aba: Tatuagem**, s/d. Disponível em <http://www.hypeness.com.br/?s=tatuagem>. Acesso em: 23 de junho de 2014.

KHAPOVA, S. N.; ARTHUR, M. B. Interdisciplinary approaches to contemporary career studies. **Human Relations**, 64, 2010, pp.3–17.

KOSUT, M. Mad artists and tattooed perverts: deviant discourse and the social construction of cultural categories. **Deviant Behavior**, 27, 2006, pp. 73-95.

LAWRENCE, B. S. Careers, social context and interdisciplinary thinking. **Human Relations**, 64(1), 2011, pp.59-84.

LEITÃO, D.K; ECKERT, C. À flor da pele: estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos. **Revista Iliminuras**. V.5, n.10, 2004.

LIMA, R.C.P. Sociologia do desvio e interacionismo. **Tempo Social**. São Paulo: Revista de Sociologia. 13(1), 2001, pp.185-201.

LITTLE, Daniel. Philosophy of History, 2012. In: **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/history/> Acesso em: 5 de setembro de 2014.

MALINOWSKI, B. K. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos no arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAROTO, M.L. Professionalizing body art: a marginalized occupational group's use of informal and formal strategies of control. **Work and Occupations** 38(1), 2011, pp. 1–138.

MARQUES, Toni. **O Brasil tatuado e outros mundos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MEISENHELDER, T. An exploratory study of exiting from criminal careers. **Criminology**, 15(3), 1977, pp. 319-334.

MENDONÇA, J.R.C. Interacionismo Simbólico: uma sugestão metodológica para pesquisa em administração. **REAd**, Ed 26 Vol. 8 No. 2, 2002, pp.1-23.

MILLS, C. W. On Intellectual Craftmanship. In: MILLS, C. W. **The Sociological Imagination**. New York: Oxford University Press, 1959.

MOORE, Celia; GUNZ; HALL, Douglas. Tracing de Historical Roots of Career Theory in Management and Organization Studies. In: Hugh P. Gunz & Maury Peiperl (eds.). **Handbook of Career Studies**. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2007, pp. 19–38.

MYCOOL. **The true vegan tattoo**, 2012. Disponível em: <
<http://www.mycool.com.br/ptg/2012/07/the-true-vegan-tattoo/>> . Acesso em 23 de junho de 2014.

NAYAK, Ajit. Heraclitus (540-480BC). In: HELIN, Jenny; HERNES, Tor; HJORTH, Daniel; HOLT, Robin. **The Oxford Handbook of Process Philosophy and Organization Studies**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2014.

OLIVEIRA, Ana Mónica Palinhos. **A tatuagem como profissão: um ofício tornado arte?** Dissertação Mestrado em Sociologia: Especialização em Comunicação e Cultura. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. 61p. Lisboa, 2012.

ÖELZE, Berhold. A percepção das essências em Simmel – um estudo metodológico. In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berhold. **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005, pp.219-233

OUTHWAITE, W.; BOTTORMORE, T. **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1996.

PEREZ F., Andrea Lissett.. **Tatuar e ser tatuado, “Etnografia da Prática Contemporânea da Tatuagem”, Estúdio: Experience Art Tattoo – Florianópolis, Brasil**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

PRASAD, Pushkala; D’ABATE, Caroline; PRASAD, Anshuman. Organizational Challenges at the Periphery: Career Issues for the Socially Marginalized. In: Gunz, H. & Peiperl, M. (Eds.). **Handbook of Career Studies**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2007, pp. 169-187

QUEIROZ, M.I.P. De. Retratos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: Von Simson, O. M. (1988). **Experimentos com histórias de vida: Itália- Brasil**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988, pp.14-43

RAMMSTEDT, O.; DAHME, H.J. A modernidade atemporal dos clássicos da sociologia: reflexos sobre a construção de teorias de Émile Durkheim, Ferdinand Tönnies, Max Weber e, especialmente, Georg Simmel. In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berhold. **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005, pp.187-218

RAMOS, C.M.A. **Teorias da tatuagem: corpo tatuado: uma análise da loja Stoppa Tatoo da Pedra**. Florianópolis: UDESC, 2001.

REIS, José Carlos. **Wilhelm Dilthey e a autonomia das ciências histórico-sociais**. Londrina: Eduel, 2003.

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Analysis of personal narratives**. To appear in Handbook of Interviewing, edited by J.F. Gubrium and J.A. Holstein, Sage Publications, 2001, 2000. Disponível em: <http://alumni.media.mit.edu/~brooks/storybiz/riessman.pdf> Acesso em: 1 de outubro de 2014.

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Narrative Analysis**. In: **Narrative, Memory & Everyday**

Life. University of Huddersfield, Huddersfield, pp. 1-7, 2005.

ROCHA, Everardo. Trabalho, Identidade e Mundo Relacional. In: ROCHA, Everardo. **Jogo de espelhos: ensaios sobre a cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad, 1996, pp. 29-46.

RODRIGUES, A. **Tatuagens: Dor. Prazer. Moda. E muita vaidade**. 1. Ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome: Mostarda Editora, 2006.

ROLLE, V. **L'art de tatouer**. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 2013.

SCHEIN, E. H. Career anchors revisited: Implications for career development in the 21st century. **The Academy of Management Executive**, Vol. 10, n.4, 1996, pp.80-88.

SENNETT, R. **O artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, A. P.; BARROS, C. R.; NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, V. A. "Conte-me sua história": reflexões sobre o método de História de Vida. **Mosaico: estudos em psicologia**, vol. 1, n. 1, 2007, pp. 25-35.

SILVA, Alexandra Nascimento; SARAIVA, Luiz Alex Silva. Contornando o Estigma: uma análise dos estúdios de tatuagens de Belo Horizonte. **Teoria e Prática em Administração**, v.4, n.1, 2014, pp.123-155.

SIMMEL, Georg. How is society possible? **American Journal of Sociology**, Vol. 16, No. 3, 1910, pp. 372-391.

SIMMEL, Georg. **On individuality and social forms**. London: The University of Chicago Press, 1971

SIMMEL, Georg. **Ensaio sobre teoria da história**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

SOUZA, Jessé. Introdução. In: SOUZA, Jessé; BERTHOLD, Öelze. **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

SULLIVAN, Sherry E., BARUCH, Yehuda Advances in Career Theory and Research: A Critical Review and Agenda for Future Exploration. **Journal of Management**, v.35, 2009, pp.1542-1571.

SUPERINTERESSANTE. **Tatuagem high tech não deixa marcas**, 2009. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/tatuagem-high-tech-nao-deixa-marcas-620373.shtml>>. Acesso em 23 de junho de 2014.

VASCONCELOS, Isabella; MASCARENHAS, André O; PROTIL, Roberto M. Paradoxos culturais na Gestão de Pessoas: cultura e contexto em uma cooperativa agro-industrial. **RAE-eletrônica**, v.3, n.1, Art.11, 2004, pp. 1-19.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração**. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

VELHO, Gilberto (Org.). **Desvio e divergência: uma crítica da patologia social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972.

VENUTO, A. **A Astrologia como Campo Profissional em Formação**. Rio de Janeiro, Vol. 42, n.4, pp. 761-801, 1999.

VIEIRA, A. **Professores de violão e seus modos de ser e agir na profissão: um estudo sobre culturas profissionais no campo da música**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 179f, 2009.

WEBER, Max. **Sobre a Teoria das Ciências Sociais**. Lisboa: Editorial Presença, 1977.

ZACARELLI, Laura M.; GODOY, Arilda S. Narrativas de Aprendizagem em uma Comunidade de Prática. **Anais do VII Encontro de Estudos Organizacionais**, Curitiba, 2012.

WOLFF, Kurt H. The challenge of Durkheim and Simmel. **American Journal of Sociology**, Vol. 63, No. 6, 1958, pp. 590-596.

APÊNDICE A - A ATIVIDADE DE TATUAR ONTEM E HOJE: UM APROFUNDAMENTO HISTÓRICO

Tal qual a pessoa, a ocupação tem uma carreira. Sua história permanece presente e, de certa forma, também pode influenciar quem percorre carreiras que perpassam tal atividade. Por isso, apresento o que chamei de “carreira da ocupação”, salientando os momentos que considere cruciais para a análise das narrativas e desvelamento das questões colocadas no início desta aventura.

Quando Marques (1997) inicia seu livro questionando “porque se tatuar”, ao invés de “porque tatuar”, materializou, em palavras, uma percepção: a ênfase histórica é dada aos tatuados e tatuadas, seus gostos, seus motivos, seus desenhos, seus corpos, deixando as pessoas que tatuam obscuras. Ainda assim, a partir da leitura de diversos trabalhos, é possível extrair a figura do(a) tatuador(a), na tentativa de traçar uma carreira dessa ocupação – ou, no mínimo, um quadro que contextualize os elementos que influenciaram e foram influenciados durante este percurso. Assim, inicio a apresentação com os primórdios registrados dessa atividade; em seguida, a aparente mudança de percepção com as Navegações; depois, a Revolução Tecnológica, que também veio a influenciar os rumos dessa atividade; e, por fim, a situação mais atual, com foco no Brasil, principalmente a partir de 1959.

Antes de iniciar esta aventura histórica, faço o convite à leitora e ao leitor em despir-se de suas amarras modernas. Minha tentativa aqui é, dentro do possível, percorrer esta carreira percebendo as peculiaridades de cada época e cada cultura. Sei que é um objetivo pretencioso ou, ainda, impossível, mas tendo a utopia como horizonte, estabeleço que um objetivo inalcançável faz do percurso o verdadeiro resultado.

PRIMÓRDIOS

A tatuagem faz parte de um amplo espectro de modificações corporais, que incluem um conjunto de práticas ornamentais do corpo, as quais o incorporam e marcam sua superfície há centenas de anos (FERREIRA, 2004; LEITÃO; ECKERT, 2004; ARAÚJO, 2005). Tatuagem, *body piercing*, *cuttin* (ou escarificação, ou seja, cortes que criam uma cicatriz), *branding* (queimadura com ferro), *stretching* (ou dilatação, ou seja, alargamento de orifícios),

colocação de implantes subcutâneos, cisão da língua e amputação de membros (FERREIRA, 2004), formam o conjuntos de modificações corporais mais conhecidas, sendo a tatuagem encarada como a mais artística delas. Apesar de poucas possibilidades de verdadeira compreensão acerca de quem tatuava nos primórdios do tempo, como no caso do Otzi, ou o Homem do Gelo (MARQUES, 1997; RAMOS, 2001; LEITÃO; ECKERT, 2004; ARAÚJO, 2005), corpo mumificado com idade de, aproximadamente 5200 anos, com marcas corporais nos braços e pernas, faz-se um breve apanhado dos registros posto que, a partir da funcionalidade dada às marcas, é possível “imaginar” o papel de quem as inscrevia.

De um lado, múmias egípcias de mulheres, com marcas corporais atribuídas à fertilidade (LEITÃO; ECKERT, 2004; RAMOS, 2001; MARQUES, 1997) fazem crer que as inscrições eram feitas em rituais. Também, nos corpos de Citas, de 2500 anos, haviam totens⁴⁹ de carneiro, peixe e ovelhas, descritos por Heródoto (ARAÚJO, 2005) e comprovadamente revelados em escavações soviéticas, as quais encontraram seus corpos pintados e datados do mesmo período (MARQUES, 1997). O mesmo Heródoto, em sua História, detalha os ritos não só dos Citas, mas dos Trácios e Tebanos, descrevendo procedimentos que incluíam esquemas de tatuagens e figuras de animais. Como explicita Marques (1997, p. 18), “o cita era um animal enfeitado de animais enfeitados”. Plutarco investiga as marcas corporais de escravos, durante a Guerra do Peloponeso, do século V a.C, que, como propriedades dos(as) senhores(as), tinham os corpos tatuados com o nome de seu(sua) dono(a). Também raspavam a cabeça do(a) escravo(a) e tatuavam uma mensagem secreta: quando o cabelo crescia, enviavam o(a) escravo(a) à pessoa de destino (RAMOS, 2001). Neste formato, a tatuagem tem papel estritamente funcional – e quem tatuava provavelmente o fazia sem nenhum sentido simbólico ou ritualístico para além da propriedade e comunicação utilitária. Além destes, o romance de Gustave Flaubert, *Salambô*, de 1862, também descreve marcas durante as Guerras Púnicas, já usando a palavra *tatouage*, as quais seriam um artifício para assustar adversários(as). Nestes tempos, portanto, pode ser percebido um sentido ritualístico e místico, que colocaria a pessoa que tatua em uma posição, no mínimo, reconhecida, e, também, um sentido puramente funcional, de propriedade ou estratégia de guerra.

A tatuagem passou a ser proibida com Constantino I, por volta do ano 300, sob o argumento de que “o homem não pode danificar a criação de Deus” (MARQUES, 1997, p. 31), ideia também encontrada no Alcorão. Dava-se início a um longo percurso desviante e

⁴⁹ Totem é um desenho ou objeto que representa um animal ou planta, o qual tem significado para determinado grupo.

estigmatizante, tanto sobre quem carregava a tatuagem no corpo, como sobre quem a inscrevia.

Bíblia e Alcorão justificavam marcas corporais por injúrias (FERREIRA, 2004). Na Bíblia, o primeiro “tatuado”, ou melhor, o primeiro a ter uma inscrição no corpo foi Caim, depois de assassinar seu irmão, Abel, recebendo um sinal para demarcá-lo como criminoso (MARQUES, 1997; RAMOS, 2001). Estando isto no Velho Testamento, as religiões Cristã e Judaica passam a proibir a prática. O corpo é entendido como um objeto sagrado, que não poderia ser tocado por ninguém: precisava se manter íntegro, para a ressurreição. Além disso, cristãos tinham medo de tocar corpos impuros (RAMOS, 2001).

Dessa forma, a Idade das Trevas também foi sombria para a tatuagem. Desse período até o Renascimento são raros os registros sobre modificações corporais no continente europeu. Ainda no período medieval e renascentista, grupos pagãos, ligados à ciência, ou seja, não à Igreja (médicos, astrônomos, alquimistas...) utilizavam essas marcas, pois acreditavam que “as marcas eram investidas de significados mágicos e protetores, cumprindo a função de amuleto sagrado e ancestral” (FERREIRA, 2004, p. 74). Povos guerreiros da cultura *wiccan*, como celtas e *vikings*, os quais não eram católicos, já tinham maior incorporação das marcas corporais na sua cultura.

A (RE)DESCOBERTA DA TATUAGEM E DA PESSOA QUE TATUA

A partir das viagens de Marco Polo, no século XIII, tem-se maior documentação do passado das tatuagens. Ao visitar regiões que hoje são a Birmânia e a Tailândia, Marco Polo descreveu como era comum os habitantes cobrirem o corpo com totens de animais (LEITÃO; ECKERT, 2004), descritos em seu Livro das Maravilhas (MARQUES, 1997). É com as viagens marítimas, a partir do século XVI, que a história da tatuagem passa a ser realmente contada por quem a vivenciou⁵⁰.

Das navegações, a tatuagem deixa de ser um mito ou história relatada verbalmente ou escrita e passa a ser contada nos diários dos(as) navegadores(as). Isto porque, se na Europa a Igreja ainda decidia sua posição quanto às tatuagens, limitando sua prática, no resto do mundo elas permaneciam presentes – o mundo “selvagem” iria ser descoberto com esta prática

⁵⁰ Neste ponto, faço a ressalva de que, antes disso, a maior parte da documentação é a partir de pesquisas realizadas, por pessoas que viviam em outra época ou outro espaço (social e cultural) da prática a qual relata.

(MARQUES, 1997). Povos nas Américas foram “descobertos” com corpos nus e pintados. Tribos do norte já imprimiam imagens nos(as) recém-nascidos(as), de acordo com seu clã. As técnicas incluíam cortes nos quais introduziam cinzas e manteiga na pele, e também o *branding*, ou seja, marcas de desenhos feitas com ferro (RAMOS, 2001). Este mesmo método foi utilizado por índios Caduveos, no Brasil, com brasões que representavam níveis hierárquicos sociais. Ramos (2001, pp. 35-36) detalha dizendo que

Para esses povos todos, a tatuagem faz parte da percepção corporal, quer seja ela estética, física ou espiritual. São as peles tatuadas, escarificadas ou laceradas que dão significado ao corpo, embelezam-no, deixam-no saudável, bonito, atraente, desejado, humano. Um corpo sem marcas não existe culturalmente ou mesmo espiritualmente, não pertence a uma tribo, etnia ou grupo social. Está dissociado do mundo e não encontra algum prazer ou respeito.

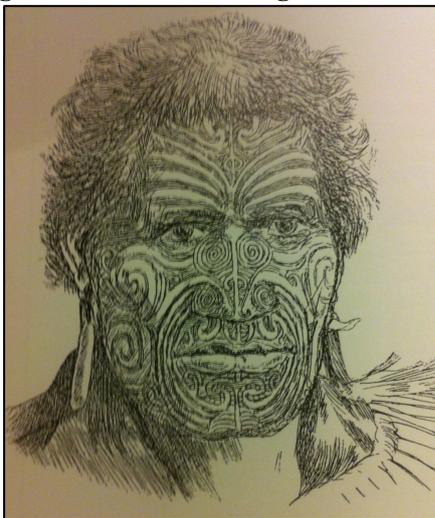
É, portanto, fonte de identidade social e espiritual, retornando o lugar da pessoa que tatua para participar da inscrição destes papéis sociais. As técnicas, nessa época, eram rudimentares e exigiam um forte envolvimento tanto de quem as praticava como de quem era inscrito(a).

A primeira grande revolução em relação à tatuagem se dá com o Capitão James Cook, no século XVIII (DEMELLO, 2000; FERREIRA, 2004; LEITÃO, 2004), a partir das viagens ao Pacífico (MARQUES, 1997) – ainda que haja quem refute essa explicação, como é o caso do Príncipe Jeoly, o qual colocava a tatuagem como um fenômeno cultural também do Mediterrâneo, Europa e América do Norte (FERREIRA, 2004), um século antes de Cook partir em seu Endeavor. Em 1769, é James Cook quem “descobre” a tatuagem – ou talvez “simplesmente” o primeiro a ter finalmente estabelecido um nome para o fenômeno: *tattoo* (LEITÃO, 2004; MARQUES, 1997).

Apesar da maior ênfase nos documentos sobre a tatuagem como produto (e consumo), foi a técnica que deu base para seu nome. James Cook foi o primeiro a ouvir a palavra *tattoo*, que as tribos Maori, do Pacífico, usavam para designar a arte de pintar a pele. Era o som do cabo de madeira batendo no ancinho de dentes afiados (ARAÚJO, 2005). Apesar desta explicação em onomatopeia, há quem explique o nome *tattoo* a partir das palavras taitianas e samoanas ta-tah e ta-tah-tow, que significam marcar o corpo (DEMELLO, 2000; LEITÃO, 2004; RODRIGUES, 2006). Antes disso, as inscrições eram chamadas, no Ocidente, de “picadas” ou “marcas” (DEMELLO, 2000, p. 45).

O navegador revelou a tatuagem *moko*, dos Maori da Nova Zelândia que era desenhada na face (*makule* ou *moko*), simbolizando, basicamente, *status* social (DEMELLO, 2000), ilustrada na figura abaixo.

Figura 9 - Rosto de um guerreiro Maori



Fonte: Retirada de Gilbert (2000)

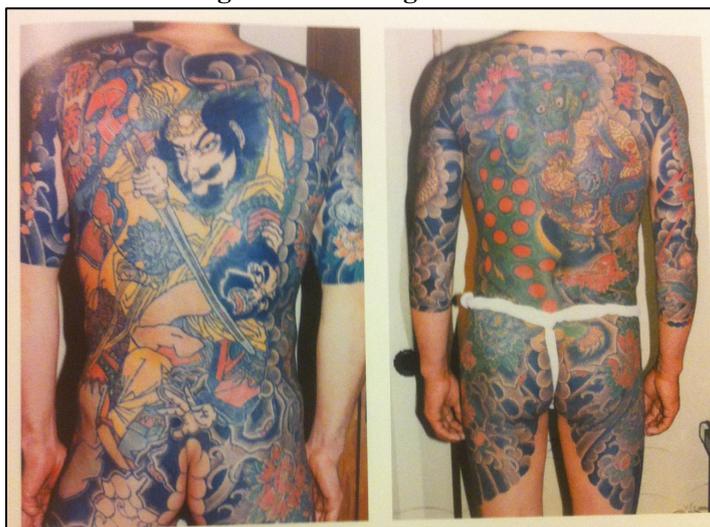
É dito que quando ocidentais pediam aos maoris para assinarem documentos, faziam desenhos semelhantes aos pintados em seu corpo, ou seja, “significavam para os nativos seus nomes, quem eles eram” (LEITÃO, 2004, p. 4). Quando James Cook retorna a Europa, entre 1774 e 1775, traz consigo Omai, homem polinésio com todo o corpo tatuado, que leva a uma transformação da compreensão da tatuagem, passando a ser considerada um acessório da nobreza e da aristocracia – ampliando sua prática entre os(as) nobres que passam a tatuar símbolos de nobreza (MARQUES, 1997; FERREIRA, 2004). Três anos depois, os(as) maori já estavam tatuando os(as) tripulantes europeus (DEMELLO, 2000).

No mesmo período, as pessoas da Europa passaram a colecionar cabeças Maori e de seus(suas) inimigos(as) (FERREIRA, 2004), o que se tornou um rico comércio para os povos polinésios – inclusive com chefes Maori tatuando seus escravos para depois decapitá-los com fins de comercialização (RAMOS, 2001), transformando o que era antes um ritual, com significado mágico, em uma atividade mercantil (DEMELLO, 2000) – até que o governo inglês decidiu proibir a importação de cabeças humanas (LEITÃO, 2004). Nesse momento me parece que surge a figura da pessoa que tatua com um intuito além da prática ritualística em si – mas com o objetivo instrumental em ter ganhos (diretos e indiretos).

Como avistado por Charles Darwin, a motivação dos povos aborígenes (subentende-se “primitivos”) pela inscrição é entendida devido a rituais e crenças transcendentais. Na Tailândia, monges fazem inscrições em rituais (MARQUES, 1997). Na Índia, mulheres

tatuam o corpo com *henna*, no dia do casamento, e escondem as iniciais do marido ali, em um ritual de descoberta do homem em sua mulher. Nativos(as) havaianos(as) tatuam a língua em sinal de luto, permanecendo em silêncio temporário, até que a ferida cure (RAMOS, 2001; ARAÚJO, 2005). No Japão, tatuar os *suikoden* era como uma identificação da classe trabalhadora – representada na figura abaixo, sendo banida em 1812 -, ainda que ocidentais viessem ao Japão para terem essa arte reconhecidamente diferenciada em seu corpo (ARAÚJO, 2005).

Figura 10 Tatuagem de *suikoden*



Fonte: Retirada de Gilbert (2000)

Primeiro em relação às navegações, tatuagem e brinco passaram “a constituir uma importante parcela simbólica da experiência de navegação” (FERREIRA, 2004, p.74), não só entre tripulantes, mas entre seus grupos de relações. Com isso, se criou um contexto social que permitiu estigmatizar a tatuagem, não mais pela religião, mas pela posição social (FERREIRA, 2004) – uma posição à margem. Eram marinheiros(as), prostitutas(as), criminosos(as) e moradores(as) de rua, em geral, em portos.

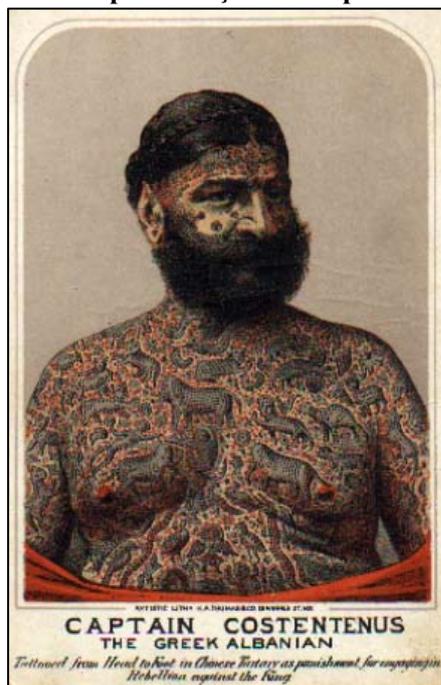
Caracterizadas como selvagem, primitiva, pagã ou exótica pela burguesia branca europeia, aliando ao interdito religioso, essa parcela da sociedade, que marcava e era marcada corporalmente, significou “o ônus da distância cultural e social na percepção ocidental das marcas corporais, na medida em que passaram a representar, sobretudo, um encontro com o Outro” (FERREIRA, 2004, p. 75), sendo esse “outro” tanto o colonizado como o marginal. A diferença ficava explícita na pele: cor, textura, modificação, inscrição.

A noção de “outro(a)” por meio da tatuagem fica ainda mais clara com a prática de utilizar as pessoas tatuadas, seja de onde fossem, em atrações de entretenimento no próprio

Ocidente (DEMELLO, 2000), na forma de *freak shows*: nativos(as) capturados(as) e marinheiros(as), por exemplo, contavam histórias de suas viagens e eventuais raptos, nos quais teriam sido tatuados(as) e, ao retornarem a seus países, se apresentavam em espetáculos (de circo, por exemplo), como atração *freak*⁵¹ (FERREIRA, 2004). De alguma forma, foram shows que reforçavam o discurso da superioridade do homem branco ou, no mínimo, um esforço em justificar o colonialismo da época (DEMELLO, 2000).

Formaram-se super estrelas tatuadas, como o irlandês James F. O'Connell, que se exibiu em circos americanos entre 1835 e 1854 e também escreveu um livro de suas aventuras; e Georg Constantin, que viajou pelo mundo entre 1872 e 1888 contando “causos” de tatuagem que passou (MARQUES, 1997), porém havendo maior popularidade o Captain Costentenus, a quem é acreditado hoje que tatuou o próprio corpo com o intuito em se exibir.

Figura 11 - Apresentação do Cap. Costentenus



Fonte: Retirado de The Human Marvels (2007)

Nos mesmos bairros boêmios desses shows começaram a se concentrar os primeiros estúdios de tatuagem, nos quais os(as) clientes eram, principalmente, as atrações dos shows (FERREIRA, 2004), formando eminentemente a tatuagem como um mercado – o mercado circense, de oferta e procura crescentes (MARQUES, 1997). Disto, o público que consumiu as tatuagens também vai se transformando. Araújo (2005) coloca marinheiros(as), soldados e prostitutas como principais adeptos(as). Muitos(as) soldados tatuam seu nome ou seu número

⁵¹ A palavra *freak* vêm da língua inglesa e faz referência a algo estranho, bizarro, fora do comum.

de regimento, para serem reconhecidos(as) em caso de morte em batalha ou ação. No entanto, a partir da absorção da prática por “homens brancos, de classe média e ocidentais”, a ideia de marginalização passaria a ser diluída (DEMELLO, 2000). Assim como Araújo (2005), DeMello (2000) aponta que a transição do “primitivo” para o “marginalizado” se daria, principalmente, por meio dos(as) marinheiros(as), e, portanto, seria disseminada sob o rótulo de “prática de aventureiros(as)”. Tatuadores(as) eram agora cúmplices e viventes destas “aventuras”.

Em paralelo, ainda no final do século XIX, dois estudos de criminalistas, analisando características corporais de criminosos(as), trazem a tatuagem como um indício de crime, ou seja, como uma patologia criminal (foram eles o italiano Césare Lombroso e o francês Alexandre Lacassagne). Ainda hoje alguma literatura médica associa a decisão pela tatuagem a uma patologia social, como problemas de adaptação às normatividades sociais ou sexuais (FERREIRA, 2004). Coincidentemente, o estudo de Lombroso foi publicado no ano de 1876, mesmo ano marcado por um artigo publicado na revista Strand Magazine, que contava a história da tatuagem e a defendia como arte.

O vínculo com o crime não se explica pelo ato de o criminoso se tatuar, e portanto ser tatuagem coisa de criminoso. Como sinal distintivo de grupo social, historicamente, no Ocidente, ela é, com frequência, coisa de homens apartados do mundo, confinados numa cela, num convés, na trincheira da batalha ou no picadeiro. O mesmo se poderia dizer dos dirigentes, nobres ou plebeus: os tatuados do poder, apartados de súditos e cidadãos (MARQUES, 1997, p. 63)

Neste extrato Marques (1997) resume bem a ideia de marginalidade vinculada à tatuagem, fosse nos mais baixos ou nos mais altos níveis da hierarquia social. Em suma, ainda no final do século XIX resistiam as marcas corporais como marcas explícitas de selvageria, marginalidade e estigma, sendo estendidas a quem as tatuava.

REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA: TRAÇO FINO DA MUDANÇA

É no final do século XIX que emerge, junto à Revolução Industrial, um movimento em prol das tatuagens: a máquina de tatuar, que permitiu a reprodutibilidade das inscrições (ARAÚJO, 2005). Se antes era um processo demorado, com ferramentas manuais, a partir de

1891, com a invenção da máquina elétrica por Samuel O'Reilly, o processo se tornou rápido e menos dolorido (DEMELLO, 2000; LEITÃO; ECKERT, 2004). A máquina elétrica foi inventada pelo irlandês, morador da cidade de Nova Iorque, recanto borbulhante em tatuagens, com marinheiros convertidos à atividade, que deram espaço à máquina de 3 mil batidas por minuto – contra as 120 da prática japonesa. O'Reilly chamou sua invenção de *tattaugraph*⁵². A forma de seu funcionamento pode ser resumida a partir da descrição de Rodrigues (2006, pp. 27-29):

As agulhas são colocadas em máquinas de bobinas giratórias (...) ou eletromagnéticas, que funcionam como um eletroímã. Quando ligadas na eletricidade, um pedacinho de ferro chamado batedor é que aciona o mecanismo. (...) São vários tipos de agulhas, com diversas especificações de largura e fios mais fortes, próprios para injetar maior quantidade de tinta. Para cada traço, preenchimento ou efeito, usa-se uma diferente. Elas são montadas numa haste soldada em forma de pincel e perfuram a pele, todas juntas, de uma só vez. Em trabalhos pequenos, utilizam-se agulhas menores; nos grandes, maiores. A pressão quem dá é o tatuador, dependendo do modelo escolhido.

Com isso, além da facilidade que a máquina, ou tatuógrafo, possibilitou, surgem as lojas de tatuagens, que vendiam desenhos facilmente copiados e que não necessitavam tanto das habilidades dos artistas. Apesar da máquina elétrica, os procedimentos ainda eram precários, com poucas práticas de esterilização e limpeza, antes, depois ou durante o processo de criação. Iniciava-se um processo de desenvolvimento de uma técnica, munida de instrumentos, ferramentas e conhecimentos que podiam ser compartilhados – e padronizados.

Agulhas não eram trocadas entre uma sessão e outra, mas somente quando estavam desgastadas a tal ponto de não fazerem um desenho corretamente (DEMELLO, 2000). A falta de higiene e cuidados levaria a casos de hepatite entre tatuados(as), o que acabaria na proibição da prática em diversas cidades americanas. O esforço daí seria em legitimar a atividade, o que haveria de ser feito pelos(as) próprios(as) tatuadores(as) (DEMELLO, 2000). Ainda assim, permanece a percepção de exotismo, com pessoas tatuadas tornando-se atração de circo, parques de diversões e feiras. As mulheres tatuadas eram mais “valorizadas”, assim como existiam espetáculos de famílias inteiras tatuadas (LEITÃO, 2004).

O segundo salto desses tempos modernos é também devido a uma mudança tecnológica, demarcado, segundo Marques (1997), por um linha, literalmente. A transformação tecnológica permitiu que as linhas de desenho fossem mais finas, além de

⁵² Em 1909, George Burchett, tatuador, aperfeiçoou a invenção, renomeando de instrumento de tatuagem elétrica. A forma como é conhecida hoje se deve a Paul Rogers, também tatuador (Marques, 1997).

maior número de cores para as tintas. Ao encontro disso, toda uma liberação de costumes, a partir da década de 1960, traria novos desenhos e motivações.

As marcas corporais passam a ser recursos estéticos, fazendo parte de uma indústria de *design* e caracterizadas como bens de consumo. Além da proliferação dos estúdios, tatuagens passaram a ser feitas em outros ambientes, como salões estéticos, mais amigáveis ao público “novo”. Devido a isso, as ferramentas e processos de higienização tornaram a prática menos arriscada, bem como diminuíram a dor e o tempo, o que também ajudou na disseminação (FERREIRA, 2004).

Estamos em meados do século XX. Mesmo tomando mais e mais corpos, a tatuagem ainda era estigmatizada. As motivações para o ato ainda eram justificadas, segundo os(as) “estabelecidos(as)”, com problemas psicológicos, com crimes ou com um estilo de vida, no mínimo, “peculiar” (MARQUES, 1997). Este período também foi marcado por guerras, e, segundo a reflexão de DeMello (2000), assim como para outros mercados, a guerra também impulsionou a disseminação de tatuagens, por seu uso pelas forças armadas, mudando as temáticas dos desenhos e trazendo as lojas de tatuagem para zonas portuárias (DEMELLO, 2000). Importante lembrar que a autora analisa o contexto americano e traz o período entre guerras como a *Golden Age* da tatuagem, já que, a partir das temáticas de amor, saudosismo e patriotismo, a tatuagem passou a ser mais bem aceita, como prova de comprometimento com a nação. Ao que parece, o Era de Ouro brasileira viria somente nos anos 2000.

A tatuagem e, mais tarde, o *body piercing*, tornam-se símbolos de revolta juvenil, o que suscita certo pânico entre os pais, principalmente pelo seu valor simbólico, como marcas atribuídas aos(às) socialmente desviantes, aos(às) psicopatológicos(as) e aos(às) criminosos(as). A partir da Segunda Guerra Mundial, as marcas corporais ficam disseminadas entre micro grupos, ou contraculturas, tribos, cenas juvenis (FERREIRA, 2004).

Estes contextos correspondem a espaços de sociabilidade amical eminentemente urbanos, de estrutura flexível, voluntarista e convivalista, baseada em laços mais afectivos e emocionais que vinculativos e institucionais, ainda que frequentemente mobilizados com propósitos estéticos e/ou ideológicos dissidentes (FERREIRA, 2004, p. 81).

Ou seja, não para fazerem parte do grupo, mas por simplesmente acharem bonito, como uma forma de singularizar seus visuais pessoais. Assim como Ferreira (2004), Araújo (2005) também atribui a tribos frequentemente urbanas seu uso, trazendo os rótulos de *hippies*, *punks*, motoqueiros(as) e surfistas, fazendo parte do movimento contracultura, para transformar o mundo, ainda que hoje sejam difíceis de serem reconhecidos(as).

Resumidamente, ainda nos anos 1950, a tatuagem pertencia aos povos marginais. Nas décadas de 1960 e de 1970, a tatuagem se insere no mundo da contra cultura e *pop* – tendo seu berço a Califórnia (MARQUES, 1997). *Hippies* e roqueiros(as) passaram a aderir à prática e a tatuagem, embora mais disseminada, continuava como marginal, agora símbolo de protesto social (LEITÃO, 2004). Assim, no final dos anos 1960, a tatuagem passou a fazer parte desses diferentes grupos, não mais vinculada aos(às) “antigos(as) selvagens(as)”, mas a estes(as) “novos(as) selvagens” (DEMELLO, 2000, p. 70).

Nesta mesma época, surge a *Body Art* como um movimento artístico do final dos anos 1960. Seus artistas vivificam o corpo, explorando suas formas de comunicação. Tornam o corpo o suporte da arte, agora sem um sentido religioso ou ritualístico. Não há intenção de comércio nisso, mas de vivência (em contrapartida aos anteriores *freak shows*). A arte existe quando experienciada, segundo este movimento. Nascia a possibilidade da tatuagem e de quem a produz receberem o reconhecimento como arte e como artista, respectivamente.

Crucial, mas não suficiente, a partir da década de 1960 a tatuagem passa a integrar outros mundos, saindo de grupos tidos como marginais, para ocupar diferentes profissões, classes sociais e idades (LEITÃO, 2004), o que acontece entre a década de 1970 e 1980, período chamado de Renascimento por DeMello (2000). Assim como o Renascimento Italiano, DeMello (2000) coloca que a partir dessa década, há um aperfeiçoamento artístico na prática da tatuagem.

Na última década do século XX, o uso das marcas se intensificou, agora sob novo formato, ainda que reivindicada como herança cultural de sociedades “primitivas”. As ferramentas, a higiene, a técnica, os desenhos sofrem modificações. Hoje, as marcas deixam de ser signos estatutários, para serem signos identitários, ou seja, uma decisão pessoal e não coletiva, tornando-se um “recurso expressivo que ambiciona marcar e demarcar corporalmente um mundo de singularidades identitárias, portanto, e já não legitimar colectivamente um dado corpo social” (FERREIRA, 2004, p. 82). Ou seja, fontes de diferenciação, levando à aceitação social e, logo em breve, colaborando para a profissionalização (OLIVEIRA, 2012).

Mesmo em contextos tidos como “não estigmatizados”, ainda hoje a tatuagem parece um “tabu”, como sinônimo de mutilação, patologia psíquica, marginalidade e contestação social, ao menos aos olhos de Ferreira (2004) observando o contexto português. Ferreira (2004), ao entrevistar tatuadores(as) em Portugal, verifica que clientes já são médicos(as), executivos(as), engenheiros(as), ou seja, um público não mais tido como marginal pelo *status quo* vigente. Por outro lado, não se pode cair no erro de que seja tão bem aceita, ainda que os

esforços sejam nesse sentido, principalmente vinculando a seu valor estético. Neste ambiente, artistas conhecidos(as) pelo público geral passam a exibir tatuagens, o que colabora para sua desestigmatização (LEITÃO, 2004). Com isso, o uso da tatuagem passa a ser entendido como movimento estético: “uso porque quero ficar mais bonito(a)” (MARQUES, 1997).

Por ser uma prática mundial, não seria possível trazer aqui toda a profundidade de sua história, suas motivações, seus desenhos. Além disto, é uma história, em geral, contada por ocidentais, de práticas não ocidentais, descobertas em um período de colonização, o que pressupõe grandes possibilidades de parcialidade etnocêntrica. O estigma, por exemplo, que de alguma forma permeou todo o processo de transformação, é uma percepção ocidental, e poderia ser compreendida como uma forma de dominação – visto que, se perguntássemos a um Maori sobre suas tatuagens faciais, ele provavelmente sequer entenderia a relevância da pergunta. Por isso, há de se ter em mente que, ao menos na história antes do século XX, principalmente, a tatuagem é contada por não tatuados(as).

TEMPOS ATUAIS NO BRASIL

Para o contexto brasileiro, a quantidade e profundidade de documentos a respeito da atividade de tatuar e tatuar-se é menor que a apresentada anteriormente. Os primeiros grupos a marcarem os corpos foram os indígenas (ARAÚJO, 2005). Brevemente apresentado anteriormente (ARAÚJO, 2005), as tatuagens, *piercings* e adornos funcionavam como um documento de identificação e também marcavam rituais de passagem.

Marques (1997) conta uma história mais detalhada da formação da produção e consumo de tatuagens neste país. Os primeiros relatos, de Pero Vaz de Caminha, apontam tupis-guaranis com os corpos pintados, em tom elogioso, apesar da surpresa quanto a não cobrirem “suas vergonhas”. Nesta época, relatos de navegadores(as) e de religiosos(as) descreviam rituais indígenas e as funcionalidades das pinturas. Entre meados e final do século XVI, relatos descreveram o ritual pós batalha, no qual índios(as) faziam incisões sangrentas pelo corpo, colocando um pó negro que as tornava permanentes – nestes casos, o número de incisões marcava a quantidade de vítimas sacrificadas. Além destes, incisões com encantamento e condenação, de rituais de iniciação de guerreiros(as), os quais duravam meses, devido ao inchaço na pele pela incisão de carvão nos cortes (MARQUES, 1997).

Nesse contexto, é provável que as primeiras pessoas brasileiras a tatuar foram pajés ou mestres de magia.

Os tupinambás utilizavam tatuagem para iniciação, hierarquia, magia, luto e sacrifício. Alguns utilizavam a tatuagem para diferenciar as tribos, portanto, como identidade. Ainda como rito feminino de iniciação na puberdade, tivemos tatuados os gês, os tupis, os cainguás, os guaraios, os cabilas. Como instrumento mágico-medicinal, os auetés, os camarrituras. Como distintivo, os caribas, os guanás. Como ornamento sexual, os guanás e os cadiueus (MARQUES, 1997, pp. 128-129)

As técnicas e recursos empregados variavam de tribo a tribo. Resumidamente, utilizavam materiais de origem animal, vegetal ou mineral, incluindo bico de tucano, ossos afiados de animais, espinhos de gravatá e dentes de peixe. Para a pigmentação, utilizavam sumo de jenipapo, extraído pela mastigação, cinzas de animais, barro amarelo misturado com sumo e cinza vegetais e urucum. Ainda, os guaicurus utilizavam diamantes para a perfuração (MARQUES, 1997).

Os desenhos eram quase sempre geométricos, da cabeça aos pés. Depois da colonização, algumas tribos pintavam o corpo imitando as roupas europeias. Em seguida viriam brancos e caboclos que, por processos antropofágicos, também aderiram aos mesmos rituais, possivelmente por encantamento – mas expressavam seus objetivos diante da Igreja inquisitória em se aproximar ao povo indígena, por meio da imagem do corpo (MARQUES, 1997).

Diferente deles, os(as) africanos(as) utilizavam a escarificação sem pigmentação, o *cuttin*. Tecnicamente, introduziam um espinho sob a pele, para fazer os desenhos previamente imaginados. Disso, a pele que se levantava era cortada por uma lâmina feita de pedra ou metal. O ritual era feito em momentos de transição da vida ou devido ao clã que pertenciam. Vindos ao Brasil, as práticas se perderam quase que por completo: apenas mantiveram as marcas corporais como sinal de posse, castigos, condições de trabalho e de saúde deteriorada (MARQUES, 1997), passando a pessoa que tatuava como uma verdadeira carrasca. Como marca de posse, se tornou lei em 1519, que fossem marcadas as mercadorias (portanto, também escravos(as)) a ferro quente, nos ombros, peito, barriga ou braços, como o nome do(a) senhor(a). Surgia a profissão “marcador(a) de escravos,” marcando não só como sinal de posse, mas de pagamento das taxas de importação (RAMOS, 2001).

Neste mesmo século é que o Brasil cresce como mercado, principalmente frente à Inglaterra. Ao longo do século XIX, o Brasil recebeu diversos “mundos” em seus portos.

Destes, a Inglaterra tinha forte presença, trazendo não só mercadorias, mas palavras, costumes, práticas e... a tatuagem. Foram tatuagens inglesas e escandinavas, primeiramente, e depois americanas que chegaram ao Brasil. A disseminação é imaginada por Marques (1997) da seguinte forma: “do marinheiro estrangeiro para a prostituta, e da prostituta para o freguês brasileiro; do marinheiro estrangeiro que se mete em confusão e vai preso para os brasileiros colegas de cadeia” (MARQUES, 1997, p. 140). Fora uma época em que não existiam tatuadores(as) fixos no Brasil – eles(as) iam e vinham junto com os navios.

Nesta mesma época a palavra “tatuagem” se consolida na Língua Portuguesa, registrada no Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Candido Figueiredo, editado em 1889 em Lisboa (LEITÃO, 2004). Marques (1997) também traz esta referência, porém datando de 1899:

Tatuagem, [substantivo] feminino. Conjunto dos meios com que se introduzem debaixo da epiderme substancias corantes, vegetais ou minerais, para produzir desenhos duradouros e aparentes.
Tatuar, verbo transitivo. Fazer tatuagens em (de tatan, traduzido do Taiti) (MARQUES, 1997, pp. 142-143).

No mesmo período a tatuagem ainda era símbolo de criminalidade, e considerada prova de culpabilidade, de acordo com as teorias de médicos, como as de Lombroso (LEITÃO, 2004). No início do século passado, existia um Rio de Janeiro violento, o qual demandava estratégias das autoridades para controlar violência. Para identificar criminosos(as), surgia o interesse pela tatuagem, com um projeto dirigido por Alphonse Bertillon, um dos pais da polícia científica, baseado no método francês de identificação que só viria a ser substituído pela impressão digital (MARQUES, 1997).

O vínculo à criminalidade ou a um extrato marginal da sociedade também veio na literatura. Na obra de João do Rio⁵³, de 1908, os tatuadores eram meninos jovens de não mais que 13 anos, que saíam às ruas oferecendo os seus serviços. O autor conclui que tal profissão era mais interessante que a do burocrata – fazia mais dinheiro que este (MARQUES, 1997). Nesta mesma obra, o autor coloca que os(as) consumidores(as) delas seriam, via de regra, de classes marginalizadas, como meretrizes, estivadores(as), trabalhadores(as) braçais e criminosos(as) (RAMOS, 2001).

Ao fim da década de 1960 o Brasil receberia os dois impulsionadores da tatuagem – e da atividade – verdadeiramente nacional. De um lado, o grupo de surfistas do Rio de Janeiro,

⁵³ O manuscrito desta obra está disponível digitalmente na Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital> . Acesso em: 20 de novembro de 2014.

simbolizado por Petit, o menino do Rio, da música de Caetano, cantada por Baby Consuelo. Adquirindo adeptos, passou a se formar um grupo de tatuadores(as), a partir dos anos 1970, entre Rio e São Paulo. O cinema e a televisão também colaboraram para a disseminação, principalmente na década de 1980. Ao longo do tempo os(as) tatuadores(as) e tatuados(as) foram sendo representados(as) de forma mais bem aceita que em tempos anteriores.

De outro, o primeiro tatuador se estabelece no Brasil: dinamarquês, apelidado de Mr. Tattoo ou Lucky Tattoo. Seu nome era Knud Harald Likke Gregersen e, filho de um tatuador reconhecido internacionalmente, foi marinheiro e conhecia o Brasil desde 1946. Em Santos, Lucky teve duas lojas e, depois, foi ao Rio de Janeiro, cidade onde viria a falecer em 1983. Tatuou mais de 45 mil pessoas ao longo de 30 anos. O mesmo Lucky fazia parte de um círculo de tatuadores em formação: Jimmy, Ana Velho, Carlinhos, Cario, Thiés, Alemão e Stoppa (MARQUES, 1997) – os dois últimos apresentados no trabalho de Ramos (2001).

A partir do movimento conjunto entre interessados(as) em tatuar e em tatuar-se vão se formando tatuadores(as) brasileiros(as), tal qual os meninos do João do Rio: estavam dispostos(as) a desenhar e precisavam encontrar pessoas dispostas a serem seu suporte - quando não, tatuavam a si mesmos(as). Ou seja, tatuariam quem quer que fosse, onde quer que fosse. Pepito, Thiés e Caio iniciaram assim, tatuando com agulha e nanquim. O chileno Boris passaria por Porto Alegre, mas ficaria no Rio. Alemão e Stoppa ficariam nos arredores do ABC paulista e, depois, em Santa Catarina. O sonho do Stoppa era ser marinheiro, mas trabalhava numa oficina de *choppers*. Lá havia revistas de motos e de concursos de tatuagens, o que impulsionou seu encantamento pelo desenho da pele (RAMOS, 2001).

Dock, outro tatuador, viajava o mundo e voltaria ao Brasil nos anos 1980 para revender material profissional – ainda havia o grupo da agulha caseira. Já estamos na década de 1970, a mesma da efervescência surfista do Rio de Janeiro e do Menino do Rio. Nesta década, a tatuagem vira mania no Rio de Janeiro, ligada ao estilo de vida do surfe, fazendo com que Lucky ganhe a freguesia também desses(as) jovens. Os grandes veículos de comunicação da época eram os corpos de surfistas cariocas e a Revista Pop (LEITÃO; ECKERT, 2004).

Em seguida, viria a “revolução industrial brasileira” para o mundo da tatuagem. As primeiras máquinas eram “invenções a *la brasileira*”. O primeiro fabricante (artesanal) viria a ser Mr. Rudy, que era cliente de Lucky e passou a fabricar e revender máquinas. Depois viriam Júnior e Vítor, cariocas que também passaram a fabricar as máquinas (MARQUES, 1997). Atualmente, já existem fábricas bem estabelecidas, ainda que se mantenham as

práticas de produção artesanal, como Jabá (HYPENESS, 2013), brasileiro e tatuador conhecido no mundo por suas máquinas de tatuar artesanais.

Se o Brasil não passou pela virada que a invenção da máquina deu ao contexto da tatuagem no mundo, a década de 1970 foi seu marco para estabelecer um grupo de tatuadores(as) brasileiros(as), em formação.

Com o aumento excepcional da procura pelo serviço de tatuadores, mais profissionais estrangeiros chegam ao país, assim como tatuados brasileiros aprendem o ofício, alguns ainda tatuando através do processo manual, com agulha e nanquim. É a década de oitenta que marca a profissionalização dos tatuadores (LEITÃO, 2004, p. 8).

A aparente profissionalização no Brasil seguiu um movimento na década de 1980, ao lado de artistas, atores(atrizes), músicos(as), surfistas e tantas outras profissões (MARQUES, 1980). A primeira loja de tatuagem no Rio de Janeiro é de uma mulher, no ano de 1980: Ana Velho (MARQUES, 1997; LEITÃO, 2004). Bem localizada e decorada, no bairro Ipanema, do Rio de Janeiro, a loja de Ana Velho ajudaria a tirar o estigma da prática. Ela foi pioneira também em estabelecer sua loja legalmente: tanto insistiu que conseguiu um registro de tatuadora e uma declaração do conselho médico dizendo que sua loja tinha condições higiênicas. No mesmo ano, já existiam pelo menos seis pontos de tatuagem no Brasil. Foi a década do ouro para a tatuagem, muito impulsionada pela canção de Caetano (MARQUES, 1997).

Em 1982 um italiano abre uma loja, em São Paulo, chamada Tattoo You. Formado em artes em Bolonha, teve um papel importante na importação de artistas e materiais para este ramo no Brasil. Fundou o Tattoo Clube do Brasil, no mesmo ano, e realizou a primeira Convenção Internacional de Tatuagem do Brasil, em 1990. O artista traria um toque de realismo, para além dos carimbos. Como concorrente, Leoni tinha Sergio Sonsino, da Tattoo Time, o qual investiu em publicidade. Se antes os(as) clientes viajavam pelo Brasil para buscar a tatuagem, no final dos anos 1980 foram as pessoas que tatuavam que passaram a viajar, buscando novos mercados (MARQUES, 1997).

O parcial reconhecimento da prática acontece apenas em 1990, quando já há em todo Brasil estúdios qualificados e, também, tatuadores(as) informais, que ainda utilizavam nanquim e agulha (LEITÃO, 2004). Institucionalizada parcialmente, só em 1992 viriam regras para se estabelecer um ambiente para tatuar (MARQUES, 1997). Foi neste ano que a revista Metalhead, (especial Tattoos, ano I n 5, p.25) publicou a regulação para a prática de tatuagens, conforme Ramos (2001):

D.oE.; Seç I, São Paulo, 102 (150), Sábado, 8 de agosto de 1992

Centro de vigilância Sanitária, Portaria CVS-13, de 7-8-92.

Artigo 2º – Gabinete de tatuagem e o local onde se desenvolve a prática da tatuagem.

Artigo 3º – Os gabinetes de tatuagem somente poderão funcionar com o respectivo alvará de funcionamento emitido pela autoridade sanitária.

(p) 1º – É expressamente proibida a realização de tatuagens em locais não regulamentados por esta portaria;

(p) 2º – É obrigatória a fixação de cópia desta portaria e cartaz de orientação, cujo texto será aprovado pela autoridade sanitária, de modo legível e de localização visível à clientela.

Artigo 4º – Serão considerados requisitos mínimos para o funcionamento de Gabinete de Tatuagem:

I – Os locais em que se instalarem Gabinetes de Tatuagem deverão possuir áreas mínimas de 10 metros quadrados, com largura mínima de 2,50m, paredes impermeáveis até 2m de altura, pé-direito mínimo de 2,50m, piso revestido de material liso e impermeável, ambos facilmente laváveis e terão também pia com bancado e água corrente;

II- A pessoa que executa a tatuagem, antes da colocação das luvas, deverá realizar a assepsia das mãos, com água potável e sabão, escovando a região entre os dedos e sob das unhas, seguida da desinfecção com álcool etílico iodado a% ou álcool etílico a 70%.

III – A pessoa que executa a tatuagem utilizará máscara cirúrgica e luvas descartáveis, de uso único, para cada cliente;

IV – A atividade deverá ser realizada em boxes individuais com dimensões mínimas de 1,50m x 1,50m;

V – O instrumental utilizado deverá ser submetido a processos de desinfecção e esterilização, com exceção das agulhas e laminas barbeadores, que serão descartáveis de uso único;

VI – A desinfecção citada no inciso anterior deverá ser iniciada por lavagem criteriosa dos instrumentos com água e sabão e seguida de sua imersão completa por 30 minutos em qualquer das seguintes soluções:

solução aquosa de hipoclorito de sódio a 1%;

solução de glutaraldeído a 2%;

solução de álcool etílico a 75%.

VII – Após a desinfecção descrita no inciso anterior, deverá ser realizada a esterilização do instrumental com estufa térmica, equipada com termostato e ventilador, à temperatura a 170oC durante 120 minutos no mínimo, contados após a temperatura atingir 170oC e já com os instrumentos colocados.

VIII – As tintas utilizadas serão atóxicas e deverão ter sua fabricação específica para uso em tatuagens;

IX – O resíduo das tintas usadas será desprezado ao término de cada procedimento;

X – A limpeza da pele do cliente deverá ser realizada com água potável e sabão (tipo coco, glicerina ou sabonete);

XI – Após a limpeza da pele descrita no inciso anterior, proceder-se-á a assepsia da pele, devendo ser realizada empregando-se álcool iodado a 2% ou álcool etílico a 70%, com tempo de exposição mínima de 3 minutos, acondicionados em garrafa ou frasco plástico específico.

Artigo 5º – É expressamente proibida a realização de tatuagem em menores de 21 anos de idade, sem autorização por escrito do pai ou responsável legal.

Artigo 6º – Não poderá ser realizada tatuagem em áreas cartilaginosa tais como orelha, nariz, entre outras, bem como em órgãos sexuais.

Artigo 7º – O não-cumprimento desta Portaria constituir-se-á em infração nos termos da legislação sanitária, sem prejuízo das demais sanções legais.

Artigo 8º – Esta portaria entrará em vigor na data de sua publicação, revogando-se as disposições em contrário.

Apesar de haver regras para estabelecer um estúdio de tatuagem e compras de instrumentos, a profissão, em si, ainda não existe legalmente. Muitas das regras estão vinculadas aos esforços de tatuadores(as) brasileiros(as) em se estabelecerem como profissão e mercado reconhecido – ou da indústria fornecedora em demarcar parcelas de mercado. O tatuador Polaco pode ser trazido neste sentido. Elcio Sorrentino Sespel, o Polaco, conhecido tatuador paulista (RODRIGUES, 2006), também idealista e proprietário hoje do único museu da tatuagem no Brasil: o Museu Tattoo Brasil, estabelecido em 2004 no mesmo local de seu estúdio. Além dele, Rodrigues (2006) também cita Lins Marco Antônio Gonçalves Arroyo, na época vice-presidente do Sindicato das Empresas de Tatuagem e Body Piercing. Incluo, ainda, Ronaldo Sampaio, o Snoopy, que estabeleceu seu trabalho com *piercings* mas tem forte atividade na busca por reconhecimento profissional deles(as) e dos(as) tatuadores(as). Apesar de apresentar o referido sindicato, não aprofunda o tema. Atualmente, não há forte atuação da entidade citada, mas há um esforço do Snoopy em criar uma associação profissional, que busque formalizar as práticas e reconhecimento objetivo.

A partir do trabalho de Ramos (2001), próxima ao tatuador Stoppa, é possível ter uma ideia do que é ser uma pessoa que tatua, no início dos anos 2000. Stoppa relata a tatuagem como uma micro cirurgia uma vez que se retira/extrai o sangue de outro(a). Cada vez mais regulado, Ramos (2001, p. 139) continua:

Atividade estética exercida como meio de vida, o tatuador, em nossa sociedade, é um profissional pago, que se apresenta como um artista comercial e que se propõe a embelezar o corpo do outro. Stoppa sugere desenhos e locais do corpo a ser tatuado, mas não impõe nada.

Em seu depoimento emerge, novamente, o dilema da pessoa que tatua entre arte e comércio de seu trabalho. Stoppa se coloca como um artista, apesar do desenho ser escolha do(a) cliente. A pessoa que tatua é responsável pela técnica, mas é o(a) cliente irá escolher o desenho, o local e cuidará da cicatrização. Assim, torna-se, também, responsável, de alguma forma, pela arte. Como criador(a) e precificador(a) do produto, é artista. Devido ao compartilhamento do desenho, não. Por isso, grupos de tatuadores(as) estabelecem critérios internos de qualidade, de forma a diferenciar os trabalhos bons e ruins.

Atualmente o Brasil apresenta uma cena organizada – o que não significa legitimamente ou institucionalmente profissionalizada e/ou reconhecida. No ano de 2014

aconteceu a quarta edição do Tattoo Week SP⁵⁴, ou Encontro Internacional de Tatuadores e Body Piercings do Brasil. O evento reúne tatuadores(as) brasileiros(as) e estrangeiros(as), e promove a cena da tatuagem com *workshops* e trocas de conhecimento, além de mídia promocional. Em 2013 ocorreu o terceiro Tattoo Art Festival⁵⁵. Similar ao Tattoo Week, o Art Festival se apresenta mais como forma de união da categoria, como fica bem exposto em entrevista concedida por Saddam ao Estadão (2010). Ali, Saddam traz a importância da organização dos(as) profissionais para reconhecimento de seu trabalho. Neste sentido, o Sindicato das Empresas de Tatuagem e Body Piercing do Brasil haveria de ter um papel significativo. Ainda que apareça em documentos e reportagens relacionados ao tema, no entanto, não parece ter amplitude de ação, ao menos ao chegar no Rio Grande do Sul – o que viria a ser confirmado nas entrevistas. De qualquer forma, demonstra o empenho em transformar a categoria.

Além destes esforços, ao encontro dos mesmos realizados nos EUA e Portugal, há no Brasil, desde 2007, um Projeto de Lei (1444/07), que busca regulamentar a profissão relacionada à tatuagem e *piercing* (CÂMARA, 2007), idealizado pelo Sr. Jorge Tadeu Mudalen, suportado por Snoopy. Nele ficam explícitas o que seria o trabalho, a regulamentação, critérios, enfim, práticas que já são feitas, porém não ainda institucionalizadas. O projeto ainda está em vias de aprovação. Em 2013, a Comissão de Seguridade Social e Família, a partir do Relator Deputado Eleuses Paiva (CÂMARA, 2013) rejeitou os pedidos relacionados à prática da tatuagem, justificando que já são tratados pela ANVISA. No entanto, esta entidade tem estabelecido critérios de estrutura física, instrumentos e procedimentos relacionados à prática – mas não de profissão. De fato, existem alguns regulamentos sobre os procedimentos, nacionais, regionais e municipais (ANVISA, 2004; 2008; CONAMA, 2005). Porém, mesmo que estes documentos incluam a prática da tatuagem, não há previsto a profissão de “tatuador(a)” no Ministério do Trabalho.

A história é longa e, ao que parece, com um grande percurso pela frente. Principalmente em relação à formação do “tatuador” como profissão de fato, ainda está em um momento de transição, provável na maior parte do mundo e, certamente, no Brasil. Entre os anos de 2013 e 2014, da realização deste trabalho, pude acompanhar, principalmente pela internet e convenções, a presença mais e mais forte de reportagens e depoimentos a favor da tatuagem. A mais representativa, a título de exemplo, foi o Censo de Tatuados realizado pela revista Superinteressante, em 2014 (SUPERINTERESSANTE, 2014). Nele, o foco é

⁵⁴ Para mais informações, acessar o site do evento em <<http://tattooweek.com.br>>.

⁵⁵ Para mais informações, acessar o site do evento em <<http://tattooartfestival.com.br>>.

tatuados(as) e a classificação do perfil dos(as) praticantes. Além dele, sites de tendências, como o Hypheness, também apresentam tatuadores(as) como “artistas”, dedicando boa parte do editorial à sua divulgação (HYPENESS, s/d). Os aspectos mais atuais e regionais dessa carreira são vislumbrados no corpo deste trabalho, visto que foram entendidos como parte do cenário em que as pessoas entrevistadas estavam – e estão – inseridas, mais que com esta memória, apresentada neste Apêndice.

APÊNDICE B – “VOCÊ SÓ ESTUDA?”: UMA CRÔNICA SOBRE O PERCURSO DA DISSERTAÇÃO

*Na real, a tatuagem em si é uma loucura, né?
Bruno.*

O desenvolvimento deste trabalho trouxe reflexões metodológicas provenientes de desafios do percurso que, presumo, não sejam singulares à minha vivência. A começar, quando questionada sobre “o que tenho feito da vida” e, ao responder, “mestrado”, tenho me deparado com o desconforto que, por empatia, presumi ser o mesmo das pessoas que tatuam. Ora, meu trabalho é o mestrado! Além de bolsista, dediquei mais tempo que imaginava e trabalhei como nunca antes nestes dois últimos anos. Somado a isso, conversas com meu orientador, além de colegas, demonstram que as transformações metodológicas e teóricas durante um trabalho, como uma dissertação, não são exclusividades minhas. Na verdade, o texto de Van Maneen (2014) explicita de maneira sublime um vínculo entre confissão e carreira que faz descrevendo a sua própria. Nesse sentido, julguei necessário compartilhar algumas peripécias desta ocupação “Mestranda”. Pensando nisso e na dificuldade em encontrar trabalhos que exponham as dificuldades de pesquisa, dos quais o de Alcadipani (2013) é um bom exemplo – também embasado em Van Maneen – optei por incluir uma “crônica livre” de apontamentos, reflexões e sugestões de desenvolvimento que surgiram durante esta dissertação, mas que não cabem em seu escopo. A intenção é, além da apresentação (ou desabafo), a demarcação de pontos que devem ser aprofundados.

Uma das coisas mais irônicas deste trabalho é que, em dado momento, eu percebi que, de fato, um(a) pesquisador(a) pesquisa aquilo que o(a) perturba. Em um dos primeiros diários de campo, tenho o seguinte: “Durante o período que visito, fico pensando também sobre a minha vida, minhas escolhas de vida. Estudar eles tem feito questionar minha própria vida.” [Excerto Diário de Campo]. Ora, eu estudo carreiras, sobre uma perspectiva analítica que enfatiza os pontos de inflexão, caracterizados por dilemas e conflitos. Lembro perfeitamente o momento em que eu lia “Outsiders”, de Howard Becker, e quando entendi a minha situação. O autor descrevia o dilema vivido por músicos de jazz que precisavam optar entre ser um *jazzman* ou um músico comercial. Segundo Becker (2008), estas pessoas, que sem saber lidar com esse dilema e sem conseguir fazer uma opção, por vezes abandonavam a carreira

profissional em que se encontravam. Confesso que muitas vezes pensei em abandonar a minha. E, aviso: não fui, nem serei, a única.

A construção de uma dissertação, ao meu ver, é mais penosa que a tese. Na tese, você já passou pelo choque psicológico do mestrado. No mestrado não, e é pensando nisso que defendo sua manutenção. De qualquer modo, é pensando nisso também que compreendi que a convivência entre iguais é fundamental – o que Simmel (2006) chamaria de sociabilidade. Vi colegas abandonarem o barco e afirmo: foram pessoas que não estiveram presentes na Escola, que não se misturaram muito, ou que, simplesmente, não compartilharam seus medos. E veja bem: não basta “compartilhar” os medos. Dizer para a família ou para o grupo de amigos e amigas que o mestrado é difícil, não adianta. Aprendi que compartilhar a dor tem que ser entre iguais porque só serão estas pessoas que vão realmente entender o que você está dizendo. E só será com elas que você entenderá que está sendo ouvida(o), de fato.

Um dos momentos mais inflamados da pesquisa foi a decisão metodológica do trabalho – e ela ainda me perturba hoje. Na verdade, bem como ouvi, o trabalho não termina, ele “é terminado”, em um ponto de decisão levado à exaustão, porque a dúvida se está correto, se está profundo o suficiente, se é digno de uma banca, sempre permanece. Ainda que eu tenha permitido que o campo e a teoria apontassem os procedimentos metodológicos, decisões precisavam ser tomadas: estudo de caso ou história de vida? Análise compreensiva, interpretativa ou indutiva? Como representar e apresentar tudo isso? A impressão que eu tinha é que, no final das contas, eu não tinha um rigor metodológico porque não conseguia acreditar que eu realmente estivesse fazendo uma pesquisa à risca. Bem, na verdade, ninguém consegue. Essa angústia me foi amenizada meses depois, com a leitura de “Boys in White” (BECKER *et al*, 1961). Este livro, preeminente entre seus autores e leitores(as), inicia com um capítulo introdutório no qual expõem que o trabalho não carregava um desenho metodológico. Ao invés de descreverem um método, eles descreveram o que foi feito, sem se preocupar com rótulos técnicos. Ao contrário de retirar valor, parece que o acrescentou, pois aproxima quem lê da pesquisa e, mais que isso, faz esta pessoa entender as decisões que foram tomadas.

E, inegavelmente, decisões serão tomadas (DOUGLAS, 2009).

A inserção em campo também aparece como recorrente desafio, ainda que não tenha sido o maior, para mim. O fato de eu, Gabriela, ter tatuagens e saber o mínimo a respeito, definitivamente facilitou a inserção no campo, como bem apontado por DeMello (2000), apesar de, mesmo assim, haver momentos de sensação de não reconhecimento. Nesse sentido,

como pesquisadora, também não seria possível estar o tempo todo como *insider* daquele campo, o que não configurou, desta forma, uma dificuldade para a pesquisa.

Para iniciar as visitas, foi marcado, primeiro, um encontro com Heráclito, por meio de amigos em comum. A primeira vez que estive lá, ele não estava. Tive que remarcar e voltei outro dia. Já estava ansiosa, ao menos o suficiente para me preocupar com as roupas que vestiria para o encontro. Era abril de 2013.

Na segunda visita, aguardei por volta de trinta minutos, sentada no sofá – um sofá de couro preto, estilo retrô, com espaço de três lugares e em frente a um espelho grande o suficiente para admirar a si mesma. Nesse meio tempo, diversas pessoas circularam, sorriram para mim, apesar de ninguém puxar conversa. O Heráclito me chama, então, e vamos para uma das salas de tatuagens, para conversar. Início a descrição do trabalho e falo sem parar – ele não demonstra emoções. Eu queria fazer lá meu trabalho. Precisava que ele aceitasse. Estava ansiosa. Ao fim, ele disse “sem problemas”: simples assim. Em dez minutos apertamos as mãos e combinamos a próxima visita.

No segundo encontro, cheguei pontualmente as 14 horas e aguardei com outras pessoas na recepção. Neste meio tempo, o Itamar também desceu, brincou e puxou papo. Ele pareceu o mais aberto no primeiro momento. Percebi que uma das pessoas, um homem, era cliente do Heráclito. Ele saiu, chamou o cliente e, somente depois, me chamou para entrar. Apesar da boa recepção, eu ainda estava desconfortável, ainda tinha certo receio por sermos “tão diferentes”, por não saber como agir.

A Keka, outra tatuadora, estava trabalhando em uma tatuagem escrita na mesma sala. Logo eu aprenderia que existe uma diferenciação de *status* (ou nível de técnica) das tatuagens. Aprendi isso com leituras, mas mais pelas conversas com as pessoas dos estúdios. A tatuagem escrita seria a mais simples, por ser apenas traços, apesar de haver diferenciação entre elas, entre a força e firmeza do traço. Nesse primeiro momento, o barulho da máquina se torna quase que enlouquecedor. Com o tempo, ele se torna parte da paisagem. Todo o material que ele, Heráclito, utilizou, estava com plásticos em volta, claramente limpos e organizados. Admito que me surpreendi com este esmero – funcional – assim como o esmero artístico, quando ele passou a estudar o corpo do cliente, as referências, as cores, através de seu olhar e mãos. Finalmente ele pega o tatuógrafo na mão, o testa e o ajusta diversas vezes, e inicia o processo. O processo é basicamente o mesmo entre todas pessoas que trabalham nesse estúdio, com tatuagem, iniciando com uma música, já que “dá cadência”.

Todo material (mesa, máquina, fios, mãos e boca) protegidos. Heráclito conversou com o cliente sobre como seria. E começou a colocar as tintas em uma vasilha com divisões para cada cor. Cada cor era procurada na gaveta, sacudida e despejada. Olhava a tatuagem, a cor, escolhia e sacudia e despejava. Foram diversas cores, com o mesmo processo. Depois, testou a máquina umas sete vezes, ajustou e, finalmente, ficou satisfeito. (...) Fiquei ao lado, calada, observando. (...) Tudo parece cuidado e limpo. Você não sabe se pode trabalhar. A máquina tem uma agulha, então a pele do cliente sangra. Ele pinta com ela e passa o papel. O papel parece cheio de sangue e tinta. Pega tinta, pele, papel limpa na água, tinta, pele, papel. Limpa. Papel no lixo. Limpa novamente, novo papel. Água, tinta, pele, papel. E assim vai. Trocou o papel muitas e muitas vezes. As luvas, três ou quatro vezes. [Excerto de Diário de campo]

Ainda, no tempo da seção, por volta de três a quatro horas, as outras pessoas que trabalham lá entram para pegar algum instrumento ou apenas conversar, e sempre vêm olhar qual desenho está sendo feito, como está sendo feito e, via de regra, elogiar o trabalho. Por vezes, o(a) cliente também conhece as outras pessoas que trabalham lá, o que gera boas (e engraçadas) conversas na sala. Ao final da tatuagem, uma foto era normalmente tirada, com muito cuidado e, via de regra, publicada em redes sociais, como *Instagram*⁵⁶. Existe uma certa mágica no processo: ao colocar as agulhas, a tinta se espalha e você não consegue ver o que exatamente se está riscando. Quando passa o papel para limpar, fica visivelmente bonito e coerente.

Já com meses de vínculo, as entrevistas surgiram como um problema, o qual persistiu na escolha do tipo de análise, bem exposto por Riessman (2000), dizendo que os incidentes da vida real demonstram o *gap* existente entre eles e as orientações metodológicas da pesquisa social. Veja bem: eu entrei em campo em maio de 2013. Até o final desse ano, ainda não sabia ao certo como seria a dissertação. A decisão pelo campo veio meio sem querer, a partir de um trabalho de disciplina, e fechava perfeitamente com a corrente teórica que eu havia me interessado. Não podia ser melhor! Com a defesa do projeto de dissertação, em fevereiro de 2014, as coisas ficaram mais complicadas. O prazo começou a perturbar minha mente, ainda que estivesse bem afastado, além de toda a informação trocada na defesa do projeto, que também fervia em mim. Na indecisão do método, sabia que entrevistas seriam feitas aos moldes de histórias de vida e resolvi partir para elas, iniciando por tentar marcá-las. E foi aí o desespero: ninguém podia nunca. Depois de perceber que eu realmente estava sendo enrolada, comecei a refletir sobre a minha inserção naquele campo, naquele momento com pouco mais de um ano. Eu havia ouvido que quanto mais tempo em campo melhor, mais intimidade,

⁵⁶ Aplicativo virtual no qual os usuários podem compartilhar fotografias em tempo real, através de uma rede social.

ainda mais com história de vida! E o que eu me deparava era com o contrário: a intimidade permitia àquelas pessoas a me enrolarem. O maior problema foi com o próprio Heráclito. Ao tentar fazer entrevistas descobri sua verdadeira timidez, que já me havia sido avisada. Nas primeiras tentativas, o momento de ligar o gravador significava o silêncio do tatuador. O que fazer? Ele era a figura principal do trabalho. ELE não poderia fugir!

No dia da entrevista, sabendo da importância daquela entrevista, Heráclito sugeriu que eu gravasse a entrevista sem avisá-lo. Alertei que eu não faria aquilo, por questões éticas, e que deveríamos tentar mais. Depois de algum tempo, resolvi arriscar. Marquei um horário para falar de um desenho e mantive o gravador ligado. O entrevistei. Foi uma das melhores conversas que tivemos. Ao final, contei tudo a ele. Depois de um minuto de silêncio, que ainda não sei exatamente o que se deveu, ele riu. Perguntei se ele gostaria de ouvir a gravação e ele disse que não. Perguntei se estava tudo bem, e ele disse que sim. Depois disso, tivemos outras conversas sobre falar em público, sobre a timidez. De qualquer modo, ele me autorizou a utilizar todo o material e se dispôs, sempre, a ajudar no que fosse necessário. A repetição de entrevistas também parece confundir a pessoa. Na terceira entrevista com o Heráclito, no dia 23 de outubro, algumas perguntas que eu fiz fizeram ele me questionar se a gente já não tinha conversado sobre isso. Expliquei que sim, mas que alguns detalhes tinham faltado e era isso que eu buscava. Ainda assim, depois desse comentário precisei realmente refletir sobre quais perguntas fazer. Com isso, objetivou-se o desafio dos roteiros de entrevistas. Ainda que fossem narrativas, havia pontos que eram necessários para o entendimento e exposição do trabalho. No entanto, de acordo com as observações e conversas informais, além do acúmulo de leituras, tais roteiros mudaram ao longo do tempo, de acordo com o que aparecia e com o que eu sentia da pessoa entrevistada. Ao contrário de ser pouco rigorosa, esta atitude pareceu adequada pelo seu real foco neste campo, neste tempo, neste quadro teórico – uma redução metodológica que permeou todo este trabalho, do início ao fim.

Por fim, das entrevistas, é válido comentar sobre uma pessoa, que, no primeiro momento, parecia ser pouco relevante para o trabalho. A entrevista com a Maria, que não é tatuadora nem *body piercer*, parecia ser mais uma fonte de informações objetivas – tanto que, para ela, havia um roteiro de antemão. No entanto, ela foi fundamental. O que parece é que entrevistar alguém de “fora”, mas que tenha intimidade com o campo, traz uma perspectiva profunda e diferente sobre o tema. A entrevista com ela me fez enxergar coisas que nenhuma das outras pessoas iria falar: acontecimentos de depressões, angústias e desistências, que parecem ser escondidas por quem as vive.

Outro ponto que vale comentar, para trabalhos que incluem observação participante, preceitos etnográficos ou conteúdo prolongado com os(as) pesquisados(as): como se afastar? Isso é preciso? Isso... acontece, como perguntaria o mesmo Van Manen (2012)? Eu confesso que tive verdadeiras dificuldades em me afastar do campo, no momento da escrita do trabalho. Julguei não ser necessário, julguei saber separar as coisas, julguei ainda estranhá-los. Ainda que durante a disciplina de Antropologia a Professora Neusa tivesse, frequentemente, lembrado do estranhamento e da necessidade do afastamento do campo, ele é encantador demais para deixar-se levar por orientações ainda abstratas para mim. No final do ano de 2014, encontrei ao acaso uma colega do Programa que admiro muito e quem muito me ajudou: Camilla Zanon Bussular. No almoço, comentamos dos trabalhos e falei que ainda estava em campo. Com olhos de repreensão, a Camilla me orientou a sair de campo, que facilitaria minha escrita e me ajudaria a ver as coisas. Realmente pensei naquelas palavras, mas julguei não ser necessário. No sábado desta semana, fui ao estúdio, visitá-los e tirar algumas dúvidas. Nesta visita, um dos tatuadores me disse que já tinha conversado com outros dois, para eu entrevistá-los. Congelei. Realmente, havíamos falado, meses atrás, dessa possibilidade eu tinha esquecido completamente. O que fazer? Ele estava disposto a me ajudar e eu já estava na fase final de escrita. No mesmo instante, lembrei dos olhos delicadamente repreendedores de Camilla e decidi: não voltaria lá antes de terminar a escrita.

Devido à riqueza das demais entrevistas, surgiu outro questionamento. A princípio, foi Heráclito o principal foco de estudo. No entanto, a dúvida metodológica aumentava a medida que se estreitavam as relações com as outras pessoas e eu percebia que além de similaridades, haviam diferenças em suas histórias. Tais diferenças me pareciam mais enriquecedoras que conflituosas, me fazendo repensar a análise de uma história de vida, para muitas. Ainda assim, onze histórias seria um número grande para o período que restava à dissertação, além de não parecer necessário. Por isso, a opção acabou sendo o foco em uma história de vida, a de Heráclito, como coluna vertebral, mas a análise partindo das dez narrativas complementares, com o objetivo de enxergar a carreira de quem tatua do modo mais abrangente possível.

Depois das entrevistadas “coletadas”, em aspas, vinha outro desafio: a análise. Como fazer uma análise que permitisse a amplitude interpretativa de uma narrativa e, ainda assim, um rigor científico? Uma profunda dificuldade foi, optando por técnicas de viés antropológico, determinar qual seria a técnica de análise de dados a ser utilizada. Essa dificuldade se mostrou clara ao aprofundar os estudos sobre história de vida: já em Queiroz (1988) havia um esforço em colocar a História de Vida como um instrumento de coleta, e não

como método. Ora, é compreensível desta forma que não haja vínculo direto entre história de vida e uma técnica de análise.

Surgiram diferentes possibilidades como a Análise Comparativa de Dados, a Lógica Indutiva, *softwares* como o N-Vivo, Análise do Discurso, Análise do Conteúdo e Retratos Sociológicos, para citar alguns. No entanto, todos pareciam “quantitativos” demais para o quadro teórico e metodológico utilizado. Em discussões com meu orientador, segui a sugestão em buscar trabalhos no campo da antropologia. No entanto, estes também não explicitavam a técnica de análise de dados: faziam a análise narrativa ao longo do trabalho, incluindo o quadro teórico neste processo fluido de escrita e leitura – para a Administração, esta não parecia ser uma escolha lúcida.

Novamente seguindo as sugestões de meu orientador, segui em busca de artigos no *Journal Qualitative Inquiry*, que pudessem, de algum modo, me ajudar. Sinceramente, não me recordo exatamente como me deparei com Catherine Riessman, mas ela foi uma salvadora da pátria. Suas orientações metodológicas, que puxavam para uma análise mais histórica que explicativa, se vinculavam com a pesquisa que eu mantinha em paralelo, sobre a *verstehen* de Simmel (2011). Optei pela primeira devido ao caráter dissertativo deste trabalho. Ainda assim, mantive a pesquisa compreensiva, por verdadeiramente acreditar em seu potencial. Dessa forma, pretendo explicitar as potencialidades do método exposto por Simmel (2011) e que parece ser uma possibilidade de análise de carreiras, a partir do Interacionismo Simbólico, além de ser coerente com novas perspectivas, como nossa sugestão no campo (DELUCA; ROCHA DE OLIVEIRA; CHIESA, 2014).

Principalmente a partir da noção de carreira de Hughes (1937), é inegável entendê-la como um fenômeno “histórico” – passado. Sendo assim, buscar métodos para sua compreensão poderiam vir desta disciplina, fosse ou não com preceitos sociológicos, psicológicos ou filosóficos. Pensando nisso e com a energia da curiosidade, deparei-me com a *verstehen* de Simmel (2011), pensador que fez parte do mesmo grupo de Dilthey na luta pela separação teórica e metodológico entre ciências humanas e ciências naturais, do século passado (HERVA, 1988; REIS, 2003; LITTLE, 2012; CAT, 2013; OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996).

Uma das caracterizações da *verstehen* é “a relação entre duas mentes” (SIMMEL, 2011, p. 27). A noção de “relações entre” poderia ser resumida em “reciprocidade”, conceito fundamental para Simmel, que reforça a importância das interações nas análises humanas, seja entre conteúdos históricos, sociais ou humanos.

Segundo Simmel (2011, pp. 28-29), a estrutura de toda *verstehen* é “a síntese íntima de dois elementos *a priori* distintos”: o fenômeno real dado, que ainda não é compreendido; e o “pensamento em via de compreender”. Esses dois elementos são resumidos pela ideia de objetivo (dado) e subjetivo (interpretação), que vão ao encontro dos aspectos de mesmo nome nas carreiras de Hughes (1937). A compreensão, portanto, precisa de um “sujeito metódico” (SIMMEL, 2011) para compreender o objeto dado, um sujeito que dará fluidez e vida aos conteúdos compreendidos.

Os conteúdos são “os pontos de cristalização” (SIMMEL, 2011, p. 20), os átomos de um acontecimento histórico, o qual é o conjunto de conteúdos relacionados. São os tipos de relações recíprocas entre esses conteúdos que irão definir os três diferentes tipos de compreensão. Segundo Simmel, a compreensão não é somente uma construção, que dá uma forma estática, mas um processo contínuo de criação (recíproca) – ela é viva (SIMMEL, 2011).

O desenvolvimento de uma *verstehen* levariam a unidades de compreensão, que vem a representar a “forma” da história. Segundo Simmel (2011, p. 40), a história “é uma forma ou uma soma de formas pelas quais o espírito, por meio da observação e da síntese, domina a matéria e percebe seu sentido”.

Eis aí a especificidade da história como conhecimento. Eis o que a distingue do caráter vivido dos conteúdos e também de sua sistematização puramente objetiva, indiferente à sua natureza de experiência vivida: ela traz os conteúdos da vida para fora do tecido e do movimento contínuo, nos quais estão presos, e os combina para formas com eles novas séries específicos, subordinadas a conceitos objetivos e respondendo às exigências do conhecimento. (SIMMEL, 2011, p. 67).

A História, como ciência, portanto, capta a fluidez da vida vivida, sabendo da impossibilidade de sua total semelhança com o que aconteceu. Ela permite realizar uma justaposição de elementos, a partir, não de relações causais, mas relações recíprocas, que mais lembram a imagem de objeto geométrico tridimensional, que de uma linearidade.

Ao fim, o que se poderia visualizar, portanto, é uma forma histórica, mas também pode contemplar o presente – ou futuro. A diferença fundamental entre eles é que, o primeiro, baseia-se nas consequências para compreensão; o segundo, nas causas.

A forma intelectual que se chama história está fundada no valor, tornado autônomo, do passado: em vez de ele servir a vida, é a vida que, como espírito, está a seu serviço (...). para a vida atualmente vivida e sua

compreensão (...) as condições que antecedem cada momento têm significado dominante. (SIMMEL, 2011, p. 91).

Em suma, não acredito que a *verstehen* simmelianas possa ser transposta, fielmente, às análises de carreira. Isso se deve, principalmente, ao caráter puramente histórico de seu método, além de ter sido pouco explorado como método nas ciências humanas. Já as carreiras contemplam um aspecto futuro, principalmente quando vistas por novas perspectivas, baseadas na ideia de “projeto”, traduzidas por Gilberto Velho (DELUCA; ROCHA DE OLIVEIRA; CHIESA, 2014). Assim, parece nascer uma nova ideia de análise, em caráter ainda embrionário. Minha opção por não usar foi que, ao meu ver, o melhor procedimento seria unir estes dois métodos em uma prática única, contemplando, na análise, a *verstehen*, com caráter profundamente qualitativo. No entanto, visto que este trabalho se presta a “verificar” teorias e métodos existentes, não o fiz. Ainda assim, persiste esta vontade, que haverá de ser feita em trabalhos futuros. Ainda que não esteja desenvolvida, esta sugestão deveria estar aqui de modo a demonstrar a riqueza reflexiva possível durante o período de mestrado – como também aconteceu quanto às Profissões como formas de sociação.

Com tudo isso, pretendi apresentar, do modo breve, as reflexões e angústias que emergiram neste processo. O objetivo fundamental de exposição pode ser encarado, dada a situação atual, também como posicionamento político: o período do mestrado é essencial para a formação da pessoa como pesquisadora, como reflexiva, como empreendedora, como cientista e como professora! Além disso, dados os conflitos e dilemas que emergem, também possibilita a pessoa a fazer uma escolha antes de adentrar em um desafio mais profundo: a tese.

APÊNDICE C – ROTEIRO PRIMEIRA ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Escola de Administração

Programa de Pós Graduação em Administração

Dissertação de Mestrado Acadêmico

Gabriela DeLuca

2014

Roteiro de Entrevista Narrativa Biográfica

Primeira Entrevista – Aproximação de interlocução

1. Questão gerativa de narrativa

Estou fazendo um trabalho a respeito das pessoas que tatuam e todo esse universo. Por você estar envolvida(o) nisso, gostaria de saber algumas coisas sobre sua vida. Mas, pra começar, gostaria que você me contasse a sua história. A melhor maneira de fazer isso seria começar por seu nascimento, pela criança pequena que você foi um dia, adolescente e vida adulta. Podes me contar como as coisas foram se desenrolando em sua vida até hoje. Você pode levar o tempo que quiser e pode me dizer o que quiser!

APÊNDICE D – ROTEIRO SEGUNDA ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Escola de Administração
Programa de Pós Graduação em Administração
Dissertação de Mestrado Acadêmico
Gabriela DeLuca
2014

Roteiro de Entrevista Narrativa Episódica (Temática)
Segunda Entrevista – Hera *a posteriori*

1. Conte um pouco de sua infância e adolescência.
 - a. Quais as profissões do pai e da mãe?
 - b. Quais as referências que tinha? O que lia, via, ouvia, conversava?
 - c. Tu sabe porque teu nome é Heráclito? Porque virou “tio hera”?
2. Quando era pequeno, o que queria ser?
3. Quando decidiu pela tatuagem?
4. Teus pais aceitaram bem?
5. Como começou a fazer tatuagens?
 - a. O que mais te motivou a seguir esse caminho?
 - b. O que foi mais difícil? Quando tu decidiu isso?
 - c. Como foi sair do estúdio pra abrir o teu?
6. Pensando na tua vida, qual foi a decisão mais difícil?
7. E a mais fácil?
8. E hoje, quais mudanças você vê para quem quer fazer tatuagem?
9. Gostaria que algo mudasse em relação a como essas pessoas fazem a tatuagem?
10. Como você vê essa profissão hoje?
11. Como os você acha que quem consome vê?
12. Quais os planos para o futuro?
13. Porque tu acha que tão rolando esses *workshops* agora?
14. Tu fez algum *workshop* como aluno?
15. E como professor, como é? Tu é chamado? Porque tu acha que te chamam?

APÊNDICE E – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM ÁREA ADMINISTRATIVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Escola de Administração
Programa de Pós Graduação em Administração
Dissertação de Mestrado Acadêmico
Gabriela DeLuca
2014

Roteiro de Entrevista Narrativa Episódica (Temática)
Primeira Entrevista - Maria

1. Conta um pouco de ti, como tu chegou até aqui?
2. Como tu vê o desenvolvimento da carreira das pessoas que tatuam, no geral?
3. E do Hera?
4. O que tu acha que é mais difícil nessa carreira?
5. O que tu acha que é motivo pra continuar?
6. E um motivo pra desistir?
7. Vem muita gente pedir emprego aqui?
8. Quem pede emprego é mais velho(a) ou mais novo(a)?
9. Como é a legislação para tatuadores(as)? Tem como assinar carteira?
10. Como são os cursos? Tipo o de higienização?
11. Como é a relação com a prefeitura? Com o governo?
12. Qual a importância das convenções, na tua opinião?

13. Como tu vê o futuro dessa profissão?
14. Como tu vê o futuro do estúdio?